

Quantos cristãos há que não se sentem à vontade refletindo sobre a própria fé! Preferem, por isso, não pensar no caso, resolvendo dessa forma o problema da falta de preparação. Achar que, pensando muito, acabariam por "perder a fé".

Mas na escola, no escritório, na fábrica, outros lhes fazem **perguntas sobre religião**.

Pois bem, crer não é um ato de pura razão, mas não é sequer um ato irracional e arbitrário. Como homens, ou seja, criaturas que pensam, não podemos aceitar o absurdo. Para crer, honestamente, **é preciso ter razões para tal**.

Finalidade deste livro é **mostrar as razões para crer em Deus**.

O problema é enfrentado sob dois pontos de vista: o da **negação** e o da **afirmação** de Deus.

O problema da negação de Deus é de extrema atualidade, até pelo prestígio de que gozam algumas correntes de pensamento com matriz atêa. É por isso que examinamos amplamente o ateísmo, como é visto por uma das filosofias mais agueridas e divulgadas nas Nações católicas e latinas: o marxismo.

Após provarmos o não fundamento teórico e a falência prática do humanismo ateu, apresentamos os argumentos de razão que nos levam a crer em Deus.

Tivemos presente sempre a relação entre fé em Deus e ciência, de grande interesse para o homem de hoje. Trata-se de uma questão por vezes mal colocada, quer pelos crentes quer pelos não crentes, e que exige, portanto, o devido esclarecimento.

No final do livro, uma seleção de "**textos e documentos**" oferece garantia e objetividade ao leitor e permite um contacto, embora rápido, com alguns grandes homens do passado, cujo pensamento, ainda hoje, espalha luz.

PORQUE CRER EM DEUS - DESIDÉRIO PIROVANO

DESIDÉRIO PIROVANO

PORQUE CRER
EM

DEUS

RECADO

VOL. I

ÍNDICE DAS ABREVIATURAS BÍBLICAS USADAS NESTE LIVRO

Am	Amós	Lc	Lucas
Ap	Apocalipse	Ml	Malacias
1 Cor	1ª Coríntios	Mc	Marcos
Ex	Êxodo	Mt	Mateus
Ez	Ezequiel	Nm	Números
Fl	Filipenses	1 Pd	1ª Pedro
Gn	Gênesis	Pr	Provérbios
Jr	Jeremias	Rm	Romanos
Tg	Tiago	Sl	Salmos
Jó	Jó	Sb	Sabedoria
Jo	João	Eclo	Eclesiástico
1 Jo	1ª João	2 Ts	2ª Tessalonicenses
Is	Isaías	1 Tm	1ª Timóteo

INTRODUÇÃO

Muitíssimos de nossos cristãos não se sentem à vontade quando refletem sobre sua fé, ou simplesmente preferem não fazê-lo. Resolvem, assim, o problema de seu despreparo religioso, até porque temem que, se refletirem, correm o risco de "perder a fé".

Na escola, porém, no trabalho e na vida social, as pessoas lhes fazem perguntas a que, infelizmente, não sabem responder. Embora seja doloroso, deve-se admitir que muitos não sabem responder sobre religião nem mesmo às perguntas dos filhos.

Deste modo, sua fé não apenas se acha em perigo constante, por estar desprovida de todo apoio da razão, como também não tem condições de ser comunicada aos outros.

Ora, se crer não é um ato de pura razão, por outro lado não pode ser um ato irracional. Ou seja, crer não é inibir a função do cérebro, mas escolher racionalmente as verdades de Deus.

Este livro deseja apresentar as justificativas para se crer em Deus. Analisaremos o problema sob um duplo aspecto: o da **negação** e o da **afirmação** de Deus. Num clima de acentuada secularização, o problema da negação de Deus é muito atual, até mesmo pelo prestígio de que usufruem algumas correntes de pensamento de cunho ateu. Por isso, começaremos com um amplo exame do ateísmo, como se manifestava numa das filosofias mais agueridas e espalhadas nos países católicos e latinos: o marxismo. Depois de provar a não-fundamentação teórica e a falência prática do humanismo ateu, passaremos a examinar os argumentos de razão que induzem a crer em Deus.

capítulo primeiro

A NEGAÇÃO DE DEUS

A tendência à negação da existência de Deus vem acen-
tuando-se de tal modo que o fenômeno do **ateísmo**, há pouco
mais de um século de todo excepcional, tornou-se atualmente um
fato de destaque.

Dentro do ateísmo, distinguimos o **ateísmo prático**, que é o
posicionamento da pessoa que, embora admitindo que Deus
existe, vive como se ele não existisse, abstenendo-se de toda
referência da própria vida ao Criador.

Há também o **ateísmo teórico** que, por sua vez, se divide em
negativo e positivo. O **ateísmo negativo**, que na verdade
corresponde a um **cepticismo**, nega que se possa provar a
existência de **DEUS**. Já o **ateísmo positivo** afirma expressa-
mente que Deus não existe. Esta é a forma de ateísmo mais
agressiva, que procura afirmar-se e difundir-se, pois considera a
negação de Deus um valor positivo, uma conquista da cultura
moderna.

Entre as diversas formas de ateísmo positivo, a mais espa-
lhada, e que ainda exerce uma forte atração nos países católicos
e latinos, é a **marxista**.

Muitas pessoas, especialmente entre os jovens, aproximam-
se dos movimentos de inspiração marxista, pelo conteúdo de seus
programas políticos e sociais. Mas logo, dado seu despreparo
cultural, terminam aderindo também aos pressupostos filosóficos
do marxismo e, em particular, à sua negação de Deus.

Outros se encontram em situações que os obrigam a colaborar
com os marxistas no plano prático, com o perigo de transformar
uma colaboração concreta, muitas vezes útil e necessária, em
capitulação ideológica, em lugar de ocasião de diálogo.

Por este motivo de caráter prático, parece oportuno que nos
detenhamos mais sobre esta forma de ateísmo. Por outra parte,
veremos no fim, que as diferentes expressões do ateísmo positivo
têm todas uma raiz comum, pelo que o exame de uma pode
esclarecer o problema todo.

Ao falar de Deus, sublinhemos sua transcendência,
pois, com frequência, os crentes são tentados a
representar o absoluto e a falar sobre ele em termos
muito rudes e impróprios, prestando assim um mau
serviço a sua causa. Uma perspectiva que sempre
tivermos presente é a da relação entre fé e ciência,
pois é de grande interesse para o homem moderno.
Este é um problema que, muitas vezes, foi mal
enfocado, tanto pelos crentes como pelos não cren-
tes, e que, por isso, exige um esclarecimento honesto
e adequado.

A maior dificuldade de um trabalho como este
consiste em ser ele o mais completo e o mais objetivo
possível e, ao mesmo tempo, simples e breve.
Procuramos conciliar estas exigências, detendo-nos
sobre os problemas mais importantes, omitindo as
questões secundárias, e tratando os temas mais
difíceis com uma **linguagem acessível e clara**.

No fim do volume, colocamos uma coletânea de
“**textos e documentos**” que são indicados com
números entre colchetes.

Não nos contentamos com breves anotações no
rodapé das páginas, tanto por motivo de objetividade,
como para favorecer ao leitor o sentido crítico, isto é,
a disposição a nada aceitar que não seja com-
provado. Tratando-se de uma obra que deseja ser de
manuseio prático, evitou-se torná-la pesada com
uma ampla bibliografia que, como a experiência
demonstra, geralmente permanece sem uso. Preferiu-
se, ao invés, recolher num elemento todos os livros
citados no decurso do trabalho. Ele será útil para se
ter ao alcance a referência completa dos livros que,
citados mais vezes, depois da primeira, o serão de
forma abreviada.

Fazemos votos que estas páginas possam não
apenas iluminar e fortalecer a fé nos leitores, mas os
torne também “sempre prontos a responder a quem
quer que seja... que peça explicações” (1 Pd 3,15) de
ua adesão ao Evangelho.

O AUTOR

I. O ATEÍSMO MARXISTA

O marxismo é, simultaneamente, um movimento revolucionário, uma doutrina econômica e social, e uma filosofia. Aqui tratamos unicamente de seu aspecto filosófico, e mais exatamente do ateísmo, que é sua parte integrante. Esse tipo de ateísmo, a despeito das reservas de alguns pensadores marxistas ocidentais, continua vivo e vital, e constitui o fundamento de toda a antropologia marxista, ou seja, de toda a sua concepção do homem. Karl Marx (1818-1883), que com Friedrich Engels (1820-1895) é o fundador desta corrente de pensamento, foi antes de tudo um filósofo, porque estudou filosofia e nela se doutorou em 1841. Embora com o passar do tempo seus interesses se tenham voltado sempre mais para a economia e a sociologia, toda a sua reflexão permaneceu sempre solidamente ancorada sobre algumas premissas filosóficas, em particular sobre a doutrina que traz o nome de **materialismo histórico**.

1. O MATERIALISMO HISTÓRICO

1. A Inspiração Hegeliana

A filosofia de Marx muito deve a Georg Hegel (1770-1831), muito influente, especialmente na Alemanha, na primeira metade de Oitocentos. Marx, com efeito, aos vinte anos, passou a fazer parte de um grupo de jovens estudantes que pertencia à assim chamada "esquerda hegeliana", que se inspirava nas linhas essenciais do pensamento hegeliano, mas procurava superar seus rígidos esquemas.

A Hegel remonta o interesse do jovem Marx pela história, bem como sua convicção de que é possível dar-lhe uma explicação racional. Também a Hegel remonta a concepção "dialética" da realidade, concebida como um contínuo devir, um incessante realizar e crescer, por meio de choques de momentos contrastantes, que tendem a resolver-se numa síntese superior. Esta realidade, que está em contínuo devir, e que é a única realidade existente, é para Hegel o Espírito, a *idéia*. Daí o nome de "idealismo" dado à sua filosofia. Tanto a matéria como a natureza que nos circundam, em última análise, nada mais são do que uns momentos do desen-

volvimento do Espírito, aquela fase na qual o Espírito ainda não alcançou o nível da consciência.

Naturalmente, a história do homem também é movida pelo Espírito, ou melhor, é o teatro de seu desenvolvimento, porque nela o Espírito busca formas sempre novas e mais ricas de autoconsciência e racionalidade. E é aqui que se manifesta o proceder "dialético" do Espírito, enquanto do choque de uma situação (tese) com o seu oposto (antítese), nasce uma situação nova (síntese), a qual, por sua vez, se chocará com uma nova antítese, dando lugar a uma nova síntese, e assim por diante.

Como se vê, trata-se de um pensamento "monista" e "panteísta". Monista, porque reduz tudo, homem e natureza, pensamento e matéria, a uma única realidade, o Espírito; panteísta, porque este Espírito, que é a essência de cada coisa, é o Absoluto, o Substistente, o Eterno; numa palavra, é o Divino.

2. A Inversão de Hegel

Marx, que aceita a visão geral do pensamento hegeliano, repete, porém, um ponto fundamental. Sob o influência do amigo Ludwig Feuerbach (1804-1872), assessor de um materialismo vitalista, contradiz a pretensão de Hegel de fazer do Espírito a única realidade, e de atribuir-lhe o desenvolvimento da história.

Realizando, assim, a "inversão" de Hegel, para recolocar sobre os pés o mundo que Hegel quisera apoiar sobre a cabeça, Marx afirma que a realidade, **toda a realidade, é matéria**. Também a história da vida.

Este elemento material determinante e unificador da história, que está na base de todo o desenvolvimento da civilização, é dado, para Marx, pelo "trabalho" e pela "produção" dos bens materiais.

Essa produção baseia-se, antes de tudo, sobre as assim chamadas "forças produtivas", isto é, sobre aquelas realidades sem as quais não existiria a produção. São a terra e o mar, os animais selvagens e os peixes, os cereais e as hortaliças, os instrumentos de trabalho, de caça e de pesca, as diversas técnicas de trabalho, sua organização, etc.

Mas os homens não trabalham sozinhos. Agindo em vista da produção, entram em relacionamento entre si, seja para produzir e seja para trocar os frutos da produção. Todo objeto que adquirir-

mos no mercado, desde o mais simples ao mais complexo, é sempre o resultado de uma colaboração entre mais pessoas. Um pé de alface, por exemplo, comporta não só o trabalho do horticultor, mas também o do hidráulico que faz a instalação da irrigação da horta, e consequentemente da indústria que produz tubos e bombas, da indústria que perfura poços, etc., as quais, por sua vez, são coligadas e dependem de outras atividades, e assim por diante.

Há ainda outro aspecto do problema, isto é: em cada uma destas atividades não sempre quem trabalha é o mesmo que possui os meios de produção, ou seja: a horta, a fábrica, a loja, etc. Surgem assim relações não apenas entre horticultor e artesão, entre artesão e técnico, etc., mas no interior de cada atividade, entre proprietário e assalariado. Ora, todas estas relações, que são chamadas por Marx de "relações de produção", estão na base das diferenças existentes entre os diversos tipos de sociedade. A sociedade industrial e tribal, a sociedade feudal e a moderna são diferentes entre si, porque diferentes neelas são também as relações de produção. Naturalmente, essas relações são estritamente dependentes das forças produtivas. Mudando uma técnica ou um tipo de produção, mudarão as mesmas relações de produção. "As relações sociais - afirma Marx - são intimamente conexas com as forças produtivas. Apoderando-se de novas forças produtivas, os homens mudam seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, e mudam todas as suas relações sociais. O moinho movido a braços dar-vos-á a sociedade com o senhor feudal, e o moinho a vapor a sociedade com o capitalismo industrial".

3. Base Real e Superestrutura

Mudando o tipo de produção, não mudam apenas as relações sociais, mas muda, segundo Marx, algo mais, mudam também as idéias, a mentalidade, o modo de sentir e de julgar dos homens. "Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais em conformidade com sua produtividade material - diz ele - produzem também os princípios, as idéias, as categorias, de acordo com suas relações sociais".

É este o ponto central de toda a filosofia marxista, que recebe o nome de **materialismo histórico**. Para ele, toda "produção",

também a do espírito, depende, em última análise, da produção material, da atividade econômica. Conforme o tipo de sociedade em que vive, o homem é levado a ter certa sensibilidade artística e moral mais que outra, a buscar determinadas leis em lugar de outras, a praticar uma religião em lugar de outra, etc.. Mas, dado que, por sua vez, o tipo de sociedade em que vive depende do tipo de produção, tudo no fim depende do processo produtivo material.

"A produção das idéias, das representações, da consciência... a produção espiritual, como se manifesta na linguagem da política, das leis da moral, da religião, da metafísica, etc. de um "povo", depende, para Marx, dos homens, mas dos "homens reais... condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelas relações que lhes correspondem" [1].

Daqui a conclusão de que o mundo do espírito não é autônomo, mas depende do econômico, de que, no fundo, é o reflexo. "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida (econômica) que determina a consciência" [1].

Alhures [2], Marx dará o nome de "base real" ao "conjunto das relações de produção que constitui a estrutura econômica da sociedade" e que depende do "grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais", enquanto chamará "superestrutura" tudo o que pertence àquele mundo que se costuma definir "espiritual", inclusive a religião. Esta terminologia, que será mais usada nas obras de maturidade de Marx, tornar-se-á a terminologia clássica do marxismo.

2. DEUS E A RELIGIÃO

Em sua juventude, Marx sentiu muito o problema de Deus e da religião, problema muito debatido entre seus amigos da esquerda hegeliana. Alguns deles, como David Strauss (1808-1874), Bruno Bauer (1809-1882) e Ludwig Feuerbach, dedicaram mais de um escrito ao argumento.

1. A Religião segundo Feuerbach

Quem exerceu neste campo a maior influência sobre Marx foi Feuerbach, o qual, exatamente no ano em que Marx preparava sua tese de doutorado, apresentava em **A essência do cristianismo**

nismo a própria crítica à religião, crítica que suscitou um grande entusiasmo no jovem doutorando.

Segundo Feuerbach, a ideia de Deus tem origem num processo de "projeção" inconsciente, em base ao qual o homem atribui suas próprias qualidades positivas a um ser superior a si, ou melhor, as qualidades positivas de toda a humanidade, purificadas dos limites próprios de cada indivíduo. Deus, portanto, não é nada mais do que o homem "objetivado", é "o ser humano que passa a ser conhecido como outro ser" [3]; é "o conceito da espécie, da humanidade, expressão em forma mística" [3]. Isto seria provado pelo fato de que, por uma parte, todas as qualidades que julgamos presentes em Deus, como a bondade, a inteligência, a justiça, etc., estão presentes também no homem, e que, por outra, Deus é considerado como um "ser pessoal", ou seja, como a imagem de nós mesmos, embora "distinto do homem e dotado de uma existência autónoma" [3].

Esta projeção de si mesmo para fora de si é, para Feuerbach, um fato negativo, porque priva o homem da consciência do próprio valor, atribuindo-o a "um ser externo e inconcebível" [3], como também o priva da estima pela humanidade, e da solidariedade para com os outros. Daí decorre que a religião é "a separação do homem de seu semelhante, a abolição do vínculo comum" [3] entre os homens; que ela "desumaniza o homem e é, portanto, uma verdadeira ciência destrutiva".

2. Alienação Religiosa e Alienação Social

Marx apropria-se destas ideias. Também para ele a religião é "o conhecimento e a consciência do homem que ainda não conquistou ou perdeu a si mesmo" [4], porque manifesta sua incapacidade de reconhecer a própria dignidade e o próprio valor, projetando em "outro" o que há de melhor em "si mesmo".

Mas vai além. Quer oferecer uma justificativa mais sólida do que a de Feuerbach, e o faz recorrendo aos princípios do materialismo histórico, procurando "deduzir as relações concretas de vida... suas formas etéreas", de acordo com o que ele gosta de deduzir com seu "método materialista e, portanto, científico".

O homem torna-se vítima do engano religioso, - diz ele - em consequência da sociedade em que vive. São as "relações sociais" e, mais precisamente, é a desordem que está presente

nelas que dá lugar à "superestrutura" que é a religião. "Este Estado, esta sociedade, produzem a religião, uma consciência ao inverso do mundo, exatamente porque eles são um mundo ao inverso" [4].

Se, portanto, a construção fantástica de Deus é alienante, tal alienação é apenas o reflexo de outra: a económica e social.

A sociedade fundada na propriedade privada dos meios de produção (terra, animais, fábricas, etc.) e na divisão do trabalho (trabalho manual e intelectual), a sociedade que é composta de servidores e de patrões, de quem manda e de quem obedece, é uma sociedade alienante.

"Alienar", no vocabulário marxista, quer dizer privar, subtrair, roubar. A sociedade atual é alienante porque rouba do homem os frutos de seu trabalho e o seu mesmo trabalho. Mas, dado que é no trabalho que o homem se realiza, que se gera como homem, afastar o homem de seu trabalho significa afastá-lo de si mesmo.

E é exatamente por essa sua condição de espoliado de si mesmo, de tornado afastado de si mesmo, que o homem tende a projetar fora de si, num ser superior e distante, toda a riqueza de que foi privado.

Por isso, Marx pode definir a religião como "a teoria geral deste mundo (de cabeça para baixo), o seu compêndio enciclopédico, a sua lógica em forma popular, a sua questão de honra espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral, o seu completamente solene, a sua fundamental razão de consolação e de justificação" [4].

Não se pode ser mais claro. "Aos olhos de Marx, a alienação religiosa constitui o modelo e a quinta-essência de toda alienação, de tal modo que os dois termos, alienação e religião, são para ele quase sinónimos".

3. O Ópio do Povo

A confirmação de que a religião é o fruto de uma sociedade injusta e alienada é apontada por Marx no fato de que ela desenvolve uma ação de consolo para aqueles que sofrem os males sociais. O homem alienado tem uma necessidade desesperada de conforto, que encontra na religião. Por isso, diz ele: "A miséria religiosa exprime a miséria real na medida em que protesta contra a miséria real" [4].

O homem protesta contra a própria condição de alienado, procurando um consolo no mundo fantástico da religião, com a fé numa vida ultraterrena, onde reina amor e paz, mas se trata de um protesto sem sentido, de um remédio ilusório, ao contrário, prejudicial. Daí a definição da religião como "ópio do povo" [4].

Como o álcool e a droga podem oferecer um conforto ao homem que sofre, assim também se dá com a religião. Mas como o álcool e a droga são um conforto ilusório, que não tira o mal, ao contrário o agrava, assim acontece com a religião. Ela agrava o mal porque induz a suportar uma situação alienada, a qual, ao invés, poderia ser eliminada com a rebelião e a luta. É, por isso, necessário que o homem se liberte da religião em que vive. "A supressão da religião enquanto felicidade ilusória do povo é o pressuposto de sua verdadeira felicidade" [4].

4. A Superação da Religião

O caminho mais seguro para eliminar a religião não é o do choque frontal - que, como notará mais tarde Engels, por fazer mártires, pode arriscar prolongar-lhe a existência - mas sim a luta indireta. "A luta contra a religião" deverá, portanto, ser conduzida "indiretamente", por meio da luta "contra aquele mundo do qual a religião é o aroma espiritual" [4].

Marx é fiel aos cânones do materialismo histórico. Para ele, os homens "não deveriam suprimir a própria limitação religiosa, para poder suprimir seus limites terrenos... Eles suprimirão sua limitação religiosa, somente quando tiverem suprimido seus limites terrenos" [5]. Será "a efetiva supressão da propriedade privada" e, "portanto a efetiva supressão de toda alienação" que conduzirá o homem "da religião, da família, do Estado, etc.", à sua existência humana, isto é, social" [6].

¹ Marx parece querer dizer que na sociedade socialista não haverá lugar para a família, e que, na vida comunitária que se instalará, será instaurado também o uso em comum das mulheres.

O Estado, por sua vez, é visto por Marx como um instrumento de opressão. Será eliminado na sociedade socialista plenamente concretizada. Existirá apenas na fase transitória do socialismo, a da "ditadura do proletariado", quando a classe operária conquistará o Estado e o usará para chegar à fase final (Cf. G. Cottier - Karl Marx - em *Aleixo Contempâneo* - vol. II - SEI, Turin). Note-se também a redução do humano ao social. Trata-se de um aspecto fundamental do marxismo: "a essência do homem é identificada pura e simplesmente com o gênero humano".

5. O Advento da Sociedade Socialista

O fim da religião será inevitável, porque inevitável será o advento da sociedade socialista. A certeza de Marx fundamenta-se no fato de que "o comunismo" é uma necessidade histórica, é o término fatal da sociedade burguesa. Estudando a sociedade em que vive, ele entende que, de um lado, o capital tende a concentrar-se sempre mais nas mãos de poucos, e que, por outra parte, "aumenta e se torna mais forte a miséria, a paixão, a escravidão, a degeneração, a exploração da classe operária", pelo que "se agrava o seu senso de rebelião" [8].

Além disso, o mesmo "progresso da indústria", concentrando nas fábricas um número sempre maior de trabalhadores, "substitui ao isolamento dos operários... a sua união revolucionária mediante a associação". Daí a conclusão: "O desenvolvimento da grande indústria tira de baixo dos pés da burguesia o mesmo terreno sobre o qual ela produz e se apropria dos produtos. Ela produz antes de tudo seus próprios sepultores. A sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis" [9].

É lógica, por isso, a previsão de que os sempre mais ricos e os poucos burgueses não poderão sufocar por muito tempo a revolta das massas sempre mais numerosas e compactas de proletários, os quais, afinal, abaterão a sociedade burguesa, para instaurar a socialista. E com o advento do socialismo, o homem livre da alienação social será livre também da alienação religiosa.

Marx prevê, porém, uma objeção. Dado que no curso de milênios mudaram tantas organizações sociais, sem que por isso tenha desaparecido a religião, por que ela deveria terminar com a chegada do socialismo? Porque, responde ele, em todas as formas de vida social do passado, "o destrutamento de uma parcela de sociedade por parte de outra é um fato comum", pelo que nunca faltou a "base real" que gera a alienação religiosa. Mas, acrescenta, "a revolução comunista é a mais radical ruptura com as relações tradicionais de propriedade, nenhuma estranheza, portanto, se no curso de seu desenvolvimento ocorre a ruptura mais radical com as idéias tradicionais" [10].

É importante destacar como para ele a revolução almejada e esperada dará lugar à sociedade e a um mundo **totalmente** novo, totalmente diferente do passado. Passar-se-á de uma condição infantil da humanidade, que Marx chama de sua "pré-história", à condição adulta de sua "história", que se exprimirá na sociedade

sem classe, uma sociedade não mais atingida pelas lutas e pelos antagonismos que até o presente têm acompanhado todo tipo de convivência, pois será "uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos".

Nessa sociedade, entre outras coisas, será eliminada também a divisão do trabalho, pelo que o homem não será mais obrigado a especializar-se em um trabalho e a fazê-lo durante toda a vida, mas, ao invés, será possível "aperfeiçoar-se em qualquer ramo, de acordo com o próprio gosto... a fazer hoje isto, amanhã aquilo, pela manhã ir à caça, à tarde ir pescar, à noite tratar dos animais... sem se tornar nem caçador, nem pescador, nem pastor" [11]. Daí resulta que na sociedade socialista será eliminado "também o contraste de trabalho intelectual e corporal", de maneira que ela poderá "escrever em suas bandeiras: Cada qual segundo suas capacidades; a cada qual segundo suas necessidades" [12].

Enfim, eliminado o "antagonismo das classes no interior da nação", desaparecerá também a "hostilidade entre as nações". Daí a instauração de um "comunismo único e mundial" e um mundo de homens totalmente livres e também totalmente pacificados entre si e com a sociedade.

Tudo isso será possível porque na sociedade socialista não só mudará nosso modo de pensar, mas as nossas mesmas paixões não terão mais a possibilidade de "fixar-se", ou seja, de se tornar, "uma força exclusiva sobre nós"; em outras palavras, perderão a capacidade de dominar-nos e de induzir-nos a ações anti-sociais.

Quando as "circunstâncias materiais" não permitirem "satisfazer normalmente estas paixões", quando vivermos num mundo que nos consentirá "uma atividade sem restrições e, portanto, um desenvolvimento de todas as nossas disposições", então as paixões indignas de uma "existência humana, isto é, social" desaparecerão, deixando o lugar a uma livre convivência de homens livres.

Assim, "aquilo que o cristianismo jamais conseguiu" fazer, com seu apelo "à simples lei moral, destituída de resultados práticos" com sua evocação à "lei moral do autodomínio", expressão dos "sentimentos mais típicos do pequeno burguês", será a sociedade socialista que o fará, mudando as "circunstâncias materiais" da existência. Nela, o homem, livre de toda forma de escravidão, não será mais escravo nem sequer das suas paixões.

Como se vê, encontramos-nos à frente de uma visão futurística, autenticamente messiânica: uma promessa apocalíptica de "um novo céu e uma nova terra" (Ap 21,1), de um novo "paraíso na terra", como dirá explicitamente Lênin, onde não apenas as dificuldades econômicas e sociais, mas também as psicológicas e morais, serão superadas definitivamente.

E na verdade, a evocação a um paraíso perdido está presente nesta perspectiva, pois ela se afirma na convicção de que em tempos remotos os homens viviam e trabalhavam em forma comunitária, fora da lógica do direito de propriedade. A sociedade socialista seria, pois, a "restauração" de um mundo ancestral perdido, embora realizada "em um modo infinitamente inferior".

O desenvolvimento da humanidade passaria, portanto, por uma "grande triade histórica" de sabor hegeliano; "comunidade originária com propriedade comum; negação desta comunidade graças à propriedade privada... e, enfim, negação da negação, isto é, sociedade comunista". É claro que esta sociedade livre de homens livres jamais poderá conhecer a "miséria religiosa".

Estas, em breve, são as idéias de Marx sobre a natureza da religião, sua origem e seu futuro. Sobre este assunto se ocupou principalmente em suas obras juvenis, porque, a partir do Manifesto, ou seja, desde 1848, seus interesses se tornaram sempre menos filosóficos e sempre mais econômico-sociais.

Seu pensamento sobre Deus e a religião, todavia, nunca sofreu mudanças substanciais. Encontramo-lo intacto em ocasionais acenos nas obras de sua maturidade, como também numa célebre página de Engels de 1878, que apresentamos entre os "textos e documentos" [13], e que pode ser considerada como a síntese do pensamento marxista sobre a religião.

1. O ensino de K. Marx... transfere para uma classe (o proletariado), a idéia messiânica do povo hebreu como povo eleito. Houve um tempo em que Israel era o povo eleito, agora o novo Israel é a classe trabalhadora, ou seja, o povo eleito de Deus chamado a libertar e salvar o mundo. Todas as características da eleição, todas as características messiânicas são agora transferidas para esta classe, toda a dramaticidade a paixão, a intolerância gravadas então no povo de Israel, passam agora para o proletariado" (N.A. Berdjáev, *O Sentido da História*, Jaka Book - Milão)

II - CRÍTICA DO ATEÍSMO MARXISTA

1 - A COMPARAÇÃO COM OS FATOS

A primeira coisa a ser feita para se verificar a veracidade de uma teoria é compará-la com os fatos. Precisamos, portanto, ver se o marxismo explica adequadamente o fenômeno religioso em todos os seus aspectos, ou se lhe fogem alguns, embora de fundamental importância. Neste caso, devemos concluir que ele tem uma visão parcial e incompleta ou até distorcida da religião.

1. A Religião como Fato Consolador

Uma das bases da religião é, para Marx, a sua capacidade de oferecer um conforto ao homem, imerso num mundo de injustiça e de exploração, por meio da esperança numa realidade ultraterrena feliz.

Embora, em certo sentido, isto seja verdade, devemos, porém, dizer que não é toda a verdade. Em seguida, mostraremos, de fato, que na origem da religião há também sentimentos e aspirações que nada têm a ver com a necessidade de conforto, e que, além disso, nem todas as religiões professam a té numa felicidade ultraterrena.

a) A religião não nasce só da necessidade de um conforto

Quem é religioso, ou está apenas num estágio infantil, é levado a pensar na oração somente como uma súplica, limitada aos momentos de necessidades. Deste modo, o relacionamento com Deus parece-lhe fundado unicamente na fraqueza da criatura e em sua necessidade de uma ajuda do alto. Mas a oração de pedido não é a única oração, nem sequer a mais importante. Há também a oração de adoração, de louvor e de agradecimento, que revela a possibilidade de uma relação diferente com Deus, uma relação feita de admiração e de amor.

Quem não conhece o *Cântico das criaturas* de São Francisco, tão cheio de entusiasmo pelo autor de um mundo tão rico de harmonia e de beleza? A religiosidade do "povello" que nasce rica e cresceu no meio da juventude dourada de Assis, mostra que não depende tanto de uma necessidade de conforto,

quanto de um elán de amor para com o autor do mundo. Também é verdade que não nos encontramos perante um caso isolado. Poderíamos lembrar os Salmos - as mais célebres orações da Bíblia - muitos dos quais são cantos de louvor ao Criador.

"Louvai o Senhor dos céus, louvai-o do alto dos céus... louvai-o sol e lua, louvai-o vós todas, estrelas brilhantes... louvai o Senhor da terra... fogo e chuva de pedras, neve e neblina, vento de tempestade que obedece à sua palavra... porque somente o seu nome é sublime, asua glória resplandece na terra e nos céus".

São as palavras do Salmo 148, que evocam tão de perto aquelas do *Cântico* de São Francisco.

Expressões semelhantes encontram-se no pensador e matemático Pascal [14], no filósofo Kierkegaard [15] e no cientista Kepler, o qual conclui o seu tratado astronômico *Armonices mundi* com uma citação livre do Salmo 148 [16]. Podemos afirmar com toda tranquilidade que não há pessoa autenticamente religiosa que não se sinta atraída para Deus, por ser bondade, beleza e sabedoria infinitas.

Em particular, no que se refere a homens de ciência, como Kepler, veremos nos próximos capítulos que eles afirmam a existência de Deus pela experiência que têm da ordem, da harmonia presente e atuante no universo.

Ora, quem reflete com atenção, percebe com clareza que o mesmo fato está na base tanto da poesia do místico quanto da prosa do cientista. Com a diferença que no canto místico é dominado e tomado por um processo de intuição poética, enquanto na prosa o cientista é tomado por um processo de reflexão lógica.

Mas também o homem da ciência chega ao divino pela "admiração estática perante as leis da natureza", admiração que, para prosseguir com as palavras de Einstein, é um sentimento "muito próximo ao que experimentaram os espíritos religiosos de todos os tempos" [17].

Esse sentimento que, obviamente, nada tem a ver com os problemas da alienação social, não é exclusivo dos grandes espíritos, mas está presente, em medida mais ou menos relevante, em toda experiência religiosa. Sobre este assunto, poderíamos lembrar uma pesquisa feita tempos atrás entre os jovens de um colégio de Roma. Convidados a dizer em que circunstâncias especiais tinham "sentido" a presença de Deus, muitos responderam que a tinham sentido na contemplação da beleza do mundo [18].

Qualquer pessoa dotada de experiência religiosa pode reencontar a própria experiência interior, seja nas páginas profundas de um pensador ou de um místico, como nas simples e ingênuas de um adolescente. Isto o levará à conclusão de que o sentimento religioso não nasce apenas da consciência de nossas infirmitudes e fraquezas, mas também da admiração perante um mundo que não cessa de deixar-nos encantados por sua perfeição.

Para dizer a verdade, Marx não ignorava a existência deste sentimento, mas se negava a levá-lo a sério. A admiração perante a criação é considerada por ele como uma "atitude infantil", e definida como "idílio imbecil do camponês" [19]. A única atitude válida perante o universo é para ele a "da ciência moderna da natureza que, em coligação com a indústria moderna, revoluciona toda a natureza" [19] e que, diríamos, nos presentearia com a poluição.

Como é próprio de seu estilo, Marx não considera os fatos que não se enquadram em seu sistema, limitando-se a fazer deles motivo de desprezo. Isto, porém, não basta para negar-lhe a existência.

b) Não sempre a religião pressupõe uma felicidade eterna

Para Marx, toda religião, além de fruto de alienação, é por sua vez alienante, porque afasta o homem do compromisso com os problemas reais, orientando-o à conquista de um mundo ultraterreno irreal. Na realidade, ele não fala com muita frequência do ultraterreno, mas o supõe sempre presente em toda religião, como seu elemento constitutivo. Isto porque faz sua crítica da religião de Feuerbach, para a qual Deus é redutível ao "conceito da vida celeste", de tal modo que para ele "Deus e o reino dos céus se identificam". É nesta dica que a religião lhe parece como o ópio do povo*.

* "Deus é o reino dos céus em potência, o reino dos céus é Deus em ato. Enquanto estivermos nesta terra, Deus é o reino dos céus, no futuro, o reino dos Céus é Deus. ... Portanto, Deus nada mais é que o conceito ou a essência da vida absoluta, feliz, celestial, que, porém, aqui, não resumimos em uma personalidade ideal".

"Deus é a realização, o cumprimento de meus desejos. Mas a existência conforme os meus desejos, a minha aspiração, é exatamente o reino dos céus: Deus e o reino dos céus, portanto, identificam-se".

(L. Feuerbach, "A essência do Cristianismo" - Feltrinelli - Milão)

A realidade, porém, é outra. Muitas religiões não conhecem a existência de uma nova vida após a morte. Nas religiões chinesas tradicionais, por exemplo, não se encontra referência alguma a uma vida ultraterrena. E nas religiões hindus, como o bramânismo e o budismo, se existe a esperança de uma salvação em um mundo que não este atual, não se trata propriamente de um paraíso, ou seja, de uma vida feliz pessoal e eterna. Trata-se, ao invés, de uma libertação do ciclo dos nascimentos, por meio da anulação de si mesmo, da própria individualidade, que para o bramânismo se realiza perdendo-se no mar de Brahma, e para o budismo alcançando a extinção de todo desejo no nirvana.

Se estas religiões desvalorizam os valores e as realidades terrenas, não o fazem por estarem à espera de um céu que ofereça a visão beatificante da divindade, de uma divindade da qual o budismo originário não se interessa e que o bramânismo entende de maneira impessoal, mas apenas porque espelham a milenária experiência de nulidade de muitos valores mundanos. Outra religião que desconhece a felicidade eterna é a greco-romana. Nela havia um reino dos mortos, o *ades*, que era, porém, um reino melancólico de sombras, cheio de tristezas e de saudades da vida passada na terra. Leia-se sobre isso o canto décimo primeiro da *Odisséia* ou o canto sexto da *Eneida*.

Enfim, há a religião de Israel, que Marx deveria ter conhecido, pois era a religião de seus pais, que também desconhece qualquer tipo de felicidade eterna. Com efeito, é somente a partir da metade do segundo século antes de Cristo, que aparece no judaísmo a idéia de uma ressurreição e com ela a esperança de uma nova vida de glória para os justos. Até então, o além-túmulo bíblico, o "sheol", não se distanciava muito do *ades* greco-romano, sendo como "um lugar de trevas e de silêncio", como uma "prisão" habitada por um povo de "sombrias".

Deus e o ultraterreno feliz não se confundem, nem se identificam entre si, como queriam Feuerbach e Marx. Portanto, se nem todas as religiões oferecem a esperança de um "reino dos céus", também nem todas as religiões podem ser "ópio do povo".

2. As Religiões como Fato Alienante

Marx afirma que a esperança numa felicidade ultraterrena é alienante, porque afasta o homem das realidades terrenas e, em

particular, do compromisso de promover uma sociedade mais livre e justa. Será isto verdade?

Para se dar uma resposta, é preciso distinguir, antes de tudo, uma religião da outra, o que Marx não faz. Parece, com efeito, um fato inegável que as grandes religiões do Oriente, como o hinduísmo e o budismo, têm uma visão do mundo que favorece o não compromisso com suas realidades.

Para o budismo originário, a única forma de vida que leva à salvação é a do monge, desapegado de qualquer interesse terreno. Para o hinduísmo, o mundo visível é uma pura aparência. A verdadeira realidade é o invisível, Brahma e o *atman* interior. Por outra parte, considerando-se que o nascimento numa casta inferior é considerado um castigo merecido por uma vida passada de pecados, deve-se reconhecer que o hinduísmo é responsável não só pelo atávico desinteresse do povo indiano pelos problemas do desenvolvimento, mas também pela sua limitada sensibilidade com a solidariedade social.

Deve-se, portanto, admitir que algumas religiões podenter, de algum modo, favorecer o desinteresse pelas realidades do mundo, e que a raiz de muitas formas de subdesenvolvimento se encontra numa passiva e fatalística resignação. Deve-se notar, no entanto, que entre as grandes religiões mundiais, as mais alienantes parecem ser as que não têm a idéia clara, nem de um "paraíso", nem de um Deus pessoal, exatamente ao contrário daquilo que se poderia esperar da análise marxista da religião.

Se existem religiões alienantes, o mesmo se pode afirmar também a respeito do cristianismo?

Em primeiro lugar, deve-se esclarecer que o cristianismo não é uma doutrina voltada para a solução dos problemas da organização e do desenvolvimento da sociedade, mas uma religião. Seu objetivo imediato é livrar o homem do pecado, reconciliando-o com Deus e com o próximo, por meio do amor.

Seus princípios morais e sua visão do homem, todavia, tendem naturalmente a refletir-se no âmbito das relações sociais. Mas estes princípios favorecerão a resignação perante as injustiças e o desinteresse perante as misérias?

a) A doutrina do cristianismo

Desde o Antigo Testamento vemos que os profetas acusam a classe dirigente por "oprimir o povo" e "pisar a face dos pobres" (Is

3,14-15) calcar "como o pó da terra a cabeça dos pobres" (Am 2,6-7), fazendo favoritismos e cometendo injustiças (cf Am 5,10-12,15). Isto, dizem eles, é um grave pecado, é uma ofensa feita a Deus (Pr 17,5), uma profanação de seu nome (Am 2,7), que merece um justo castigo (Is 10,1-4; Ml 3,5; Sb 6,5-6), porque os pobres são "seus" (Sl 74,19), são o objeto do seu amor (Is 49,13; 66,2). Por isso, Deus recusa os atos de culto (Jr 7,5-15) e os jejuns rituais (Is 58,4) de quem falta de respeito e de amor para com os outros. O verdadeiro "jejum", a verdadeira homenagem prestada a Deus, consiste no exercício da justiça e da solidariedade fraterna (ver Is 58,4,6-7).

Quanto ao Novo Testamento, pode-se dizer que estas idéias constituem como que o seu motivo de fundo. "Toda a lei e os profetas" se resumem para Jesus em dois mandamentos: o primeiro é o amor a Deus e o segundo, que é "semelhante ao primeiro", é o amor ao próximo (Mt 22,37,40 e par.). Nem sequer um copo de água passará despercebido aos olhos de Deus (Mc 9,41). Em vista disso, seremos julgados exatamente em base à ajuda oferecida aos irmãos que sofrem (Mt 25,31-33). O relacionamento com Deus é condicionado ao relacionamento com os outros (ver Mt 5,23-24).

Os pobres, os doentes, os marginalizados, que o judaísmo considerava de algum modo culpados pela sua situação (Jo 9,2), não apenas são liberados desta acusação (Jo 9,3), mas se tornam objeto de predileção de Cristo. "Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus" (Lc 6,20), é a primeira das "bem-aventuranças" evangélicas. E quando Jesus quer resumir para os discípulos de João Batista o sentido de seu mistério, o faz com estas palavras: "Os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados" (Mt 11,5).

A igreja apostólica assumirá a mensagem de seu fundador. Paulo dirá aos cristãos que eles são "o corpo de Cristo", no qual, "os vários membros" deverão cuidar "uns dos outros" (1 Cor 12,24-27). Além disso, ele os exorta a não ficarem de braços cruzados à espera da vinda do "reino", mas a "comer o próprio pão trabalhando em paz", porque, acrescenta, "quem não quer trabalhar, nem deve comer" (2 Ts 3,10-12).

Tiago, por sua vez, declara que a fé é nula sem as obras do amor fraterno (Tg 2,14-26). Para ele, a "religião pura e sem mancha perante Deus nosso Pai é esta: socorrer os órfãos e as

vivas em suas atitudes" (Tg 1,27). Entende-se, assim, como a exploração do trabalhador é, a seus olhos, um pecado que clama vingança perante Deus (Tg 5,1-6).

A religião cristã, portanto, longe de diminuir a importância das realidades terrenas perante as realidades sobrenaturais, condiciona o acesso ao céu ao compromisso com a justiça e com a solidariedade fraterna nesta terra. Logo, não se pode dizer que seja "alienante".

b) Cristianismo: religião do egoísmo?

Este, contudo, não é o parecer de Marx. Para ele, a religião cristã é "a essência da religião", porque realiza ao máximo a definição de "religião". Por isso, deve ser considerada "como uma das mais imorais". Ele chega mesmo a acreditar que os cristãos imolaram verdadeiramente homens e comeram carne humana e beberam sangue humano, celebrando a Eucaristia, tal a sua posição para com eles.

Isto porque, para ele, "o cristianismo é a religião específica do capital". Os pagãos, a seu ver, ainda eram principiantes no ramo da exploração e da escravidão. "Para pregar a escravidão das massas... faltava-lhes - com efeito - o sentimento específico da caridade cristã" [20].

Marx vê no cristianismo a religião "que exterioriza ao homem todas as relações" e que por isso permitiu à sociedade da burguesia "lacerar todas as ligações do homem com a espécie", criando "um mundo de indivíduos atomísticos, hostilmente contrapostos uns aos outros". No Estado burguês e liberal, com efeito, que eliminou a religião de Estado para admitir a liberdade de consciência, a religião cristã perdeu toda parência de função social e comunitária, para voltar a ser "aquilo que ela era originalmente", isto é, "o espírito... da estera do egoísmo, da guerra de todos contra todos", "a expressão da separação do homem de sua comunidade", "o reconhecimento... do capricho privado do arbítrio" [21].

São palavras que, antes ainda de ofendê-lo, deixam o cristão estupefacto. Como é que Marx se deixou levar por semelhantes ataques? Por que tão grande ódio e tamanho desprezo para com o cristão?

Uma primeira e parcial resposta poder-se-ia encontrá-la na situação em que as igrejas cristãs se achavam na época. Marx,

como era de seu estilo, olhava mais aos fatos do que às palavras, e observando os resultados práticos de 18 séculos de pregação cristã, observando a sociedade cristã como se apresentava a seus olhos, na versão protestante da primeira metade de Oitocentos, achava que ela tinha falido.

Os princípios sociais do cristianismo - escrevia em "Deutsche Brüsseller Zeitung" - tiveram mil e oitocentos anos para se desenvolver; e o que produziram? "Justificaram a escravidão antiga, exaltaram a servidão da gleba medieval, e se declararam dispostos a defender a opressão do proletariado" [22]. Daí a condenação desses princípios "que igualam... todas as infâmias no céu e justificam com isso a continuidade dessas infâmias na terra" e "que pregam a vileza, o desprezo de si mesmo, a humilhação, o servilismo, a humildade, em síntese, todas as qualidades do canalha" [22].

c) As Igrejas da Santa Aliança

Para tentar compreender o estado de ânimo de Marx, convém reportar-se ao contexto histórico em que ele viveu. Ora, as igrejas cristãs da primeira metade do século passado não se encontravam nas melhores condições para merecer estima e respeito de quem, como Marx, era filho da cultura leiga de seu tempo.

A partir da segunda metade de Seiscentos, com efeito, nascera a ciência no sentido atual do termo, e a cultura europeia gradualmente adquiriu uma autonomia cada vez maior em relação à teologia e ao tradicional pensamento cristão. Este, por sua parte, passava por um momento de estagnação, que o fazia perder cada vez mais o prestígio e a credibilidade aos olhos dos homens de cultura.

Esta situação levou as Igrejas, por um lado, a fechar-se em si mesmas para refugiar-se num pietismo muitas vezes beato, acenando assim o tema da fuga do mundo, e, por outro, a procurar proteção e apoio no poder do Estado, nas velhas monarquias absolutas, também elas, em vias de extinção.

São as Igrejas da Santa Aliança, que o jovem Marx tinha de mira, entrincheiradas em posições de defesa, fechadas. Era uma situação mais que apropriada para alimentar desconfiança e aversão ao cristianismo, um dos traços característicos da cultura do século passado.

Assim, as Igrejas cristãs não estavam preparadas para compreender o que estava amadurecendo também no plano social; e em particular escapava-lhes o novo e grave "problema operário", que vinha se apresentando por toda parte onde havia desenvolvimento industrial.

No que se refere à Igreja católica, foi preciso esperar 43 anos, desde a publicação do **Manifesto**, para que se chegasse ao primeiro documento pontifício sobre a questão social: a encíclica **Rerum novarum** de Leão XIII. Por muito tempo o único remédio para o sofrimento do proletariado foi a beneficência, enquanto que não faltavam vozes "cristãs" que apelavam para a religião como a única defesa válida da propriedade privada⁴.

Estas observações, de algum modo, poderão fazer-nos entender a aversão de Marx para com o cristianismo, embora não sejam suficientes para justificá-la.

Antes de tudo, ele faz remontar aos "inícios" do cristianismo uma decadência concreta ocorrida num período de sua longa história.

Além disso, responsabiliza o cristianismo por todas as culpas da sociedade burguesa, nascida do iluminismo e da revolução francesa, isto é, de matrizes não propriamente cristãs. Enfim, ele não vê e não quer ver os méritos históricos do cristianismo no campo social, que também são um fato inegável.

d) Cristianismo: religião do amor

Também nos tempos de Marx não faltavam testemunhos de autênticos espíritos evangélicos. Para limitar-nos apenas a alguns acenos, podemos lembrar Antônio Rosmini, o qual, exatamente no ano em que surgia o **Manifesto**, publicava sua obra "**Das cinco chagas da santa Igreja**", que é um ardente apelo à reforma da vida e das instituições eclesásticas. Entre outras coisas, condenava como "chaga" da Igreja, a convivência com o poder leigo, em prejuízo da autêntica liberdade evangélica, em troca de

alguns privilégios materiais, e a má aquisição e uso dos bens eclesásticos. Ao lado do homem de pensamento que traça as linhas de uma reforma, havia também homens de ação que se dispunham ao total serviço dos humildes.

Na Itália, podemos lembrar, entre outros, São José Cottolengo e São João Bosco. Cottolengo, quando Marx ainda era um jovem estudante do segundo grau, fundou em Turim uma obra que logo adquiriu grandes proporções, para socorrer os doentes e os inválidos de todo tipo, que então não gozavam de nenhuma assistência pública. Dom Bosco, quando Marx iniciava sua atividade de publicitário, fundava seu primeiro "oratório" para a educação cristã e humana da juventude trabalhadora, ou seja, das novas gerações do proletariado urbano, então em vias de formação.

Note-se que, num tempo em que a escola era privilégio de poucos, ele fundou numerosas escolas profissionais, para dar a seus meninos a possibilidade de um trabalho qualificado e, portanto, de uma promoção social.

Na Alemanha, sob os olhos de Marx, o sacerdote Adolf Kolping encaminhava, em 1845, as primeiras "associações de garçons" para a assistência e a formação profissional dos jovens trabalhadores, enquanto, exatamente no ano em que surgia o **Manifesto**, nasciam as primeiras sociedades operárias católicas de Dom Ketteler, que toram o germe do sindicato católico alemão.

Observe-se que Ketteler, contrariamente à mentalidade liberal do tempo, desejava desde então a intervenção legislativa do Estado no campo social.

Embora se devesse admitir um generalizado atraso na compreensão dos problemas novos, por parte dos cristãos, muitas vezes fixos em posições de relutância, não se pode negar nem a boa vontade de muitos, nem a inteligência de alguns, que colocaram as premissas de muitas iniciativas sociais que floresceram pelo fim do século. Sociedades de ajuda mútua, cooperativas de produção e de consumo, caixas rurais, sociedades operárias, e assim por diante, surgiram pelo esforço dos cristãos para aliviar as duras condições dos trabalhadores, e desembocaram, no início de nosso século, nos movimentos sindicais de inspiração cristã.

É, pois, difícil justificar os graves juízos de Marx contra o cristianismo, mesmo limitando-nos a seu tempo. Além disso, esses juízos se revelam ainda mais injustos se considerarmos que o cris-

4 - "Qual é o problema de hoje? É o de inspirar respeito pela propriedade naquelas que não são proprietárias. Pois bem, eu não conheço que uma receita para impor tal respeito, para levar a acreditar na propriedade os que não são proprietários, levá-los a acreditar em Deus! E não no Deus vago do ecletismo, deste ou daquele sistema, mas no Deus do catolicismo que dilou o Decálogo e que castiga eternamente os ladrões. Eis o único credo realmente popular que pode proteger eficazmente a propriedade" (C. F. Montalembert, *Discurso à Assembléia Nacional*/20-IX-1948

tianismo tinha então 18 séculos, e deveria ser julgado em toda a sua longa história e não apenas em um breve período.

Ora, a história cristã, se é história de erros e de pecados, é também história de sabedoria e de bondade, de coerência evangélica e de santidade.

A santidade é a atuação plena do evangelho e, embora seja de poucos, representa um fermento precioso no tecido social, isto é, representa aquela "sal da terra" e "aquela luz do mundo" (Mt 5.13-14), que são capazes de exercer uma vasta e benéfica influência.

a) **Os santos.** Infelizmente, o fenômeno da santidade, em geral, é desconhecido, quando não é distorcido por um devocionismo e por um milagreísmo deteriorados. Homens de grande valor e cultura, como por exemplo São Tomás Moro, são ignorados pela maioria das pessoas.

É sintomático que, enquanto todos conhecem a vida escandalosa do Papa Bórgia, ninguém sabe que Francisco Bórgia (1510-1572), seu sobrinho segundo, foi um grande santo. Duque de Gândia e Vice-Rei da Catalunha, se fez pobre e humilde religioso, para colocar-se ao serviço dos irmãos.

Igualmente, setodos sabem que São Francisco de Assis abandonou uma vida de bem-estar, para tornar-se pobre entre os pobres, poucos sabem que exemplos como o seu não são únicos nem raros.

Lembraremos alguns destes homens, nascidos ricos e que viveram pobremente por amor dos outros: trata-se de um dos sinais mais evidentes da eficácia atuante do evangelho.

Nos primeiros séculos da Igreja, nos tempos dos grandes "padres", encontramos São Cipriano (210-158), de classe nobre e que estava muito bem de vida. Tendo-se tornado cristão e bispo de Cartago, dedicou seu tempo e seus bens à assistência aos pobres e às pessoas atacadas pela epidemia da peste. Outro grande santo, também ele descendente de família nobre e rica, São Basílio de Cesareia (330-379), construiu com recursos próprios um grande hospital aberto a todos, uma autêntica novidade para aqueles tempos, e quis que a iniciativa fosse imitada por todas as circunscrições eclesásticas sob sua jurisdição. E como esquecer, entre os grandes "padres" da Igreja latina, santo Ambrosio (339-397), bispo de Milão? Proveniente de riquíssima família senatária de Roma, tornou-se bispo, colocou todos os seus bens ao serviço da comunidade cristã de Milão, e quando alguns de seus

fiéis foram capturados numa investida dos bárbaros, fez vender os objetos de valor das igrejas, para pagar seu resgate.

Depois da queda de Roma, uma grande figura de patricio romano iluminou o obscuro horizonte daqueles tempos: São Bento de Núrsia (480-546). A ordem religiosa fundada por ele, inspirada na regra "ora e trabalha", tem o mérito de ter salvado a cultura clássica e de ter promovido o desenvolvimento da agricultura durante a alta Idade Média. Foram, com efeito, os filhos de São Bento que conservaram em suas bibliotecas e que transcreveram de séculos para séculos as obras dos antigos clássicos, como foram eles também que realizaram vastos trabalhos de recuperação e saneamento agrário em toda a Europa. Nos séculos mais escuros da Idade Média, os mosteiros beneditinos foram faróis não só de fé, mas também de civilização.

Quando os Árabes começaram a infestar o Mediterrâneo, capturando os cristãos e exigindo resgates, nasceram as Congregações dos Trinitários (1198) e dos Mercedários (1218). Estes religiosos providenciaram a libertação dos prisioneiros, não só recolhendo as somas necessárias para os resgates, mas também oferecendo-se a si mesmos como reféns. Entre eles, podemos lembrar São Raimundo Nonato (1200-1240), nobre castelhano e parente dos viscondes de Córdova, que tendo-se tornado mercador, ofereceu-se como prisioneiro aos muçulmanos, sofrendo atrozes suplícios. Entre as mulheres mais insignes por motivo de caridade, vamos recordar Santa Brígida (1303-1373), que tendo nascido numa das mais ricas famílias da Suécia de seu tempo e sendo aparentada com a casa real sueca, colocou prestígio e dinheiro a serviço dos miseráveis; a riquíssima Santa Francisca romana (1384-1440), que dedicou toda a vida ao cuidado dos doentes, e que, depois da morte do marido, transformou sua casa em hospital dos pobres; enfim, Santa Catarina de Gênova (1447-1510), da nobre família dos Fieschi, que tendo-se convertido a Deus depois de um longo período da vida brilhante, dedicou o resto de sua existência ao cuidado dos doentes mais repugnantes.

Entre a densa fileira dos santos da Contra-Reforma, podemos lembrar São Caetano, da nobre família dos Thiene (1480-1547), fundador de um hospital em Veneza, da Congregação dos Teatinos, dedicada, entre outras atividades, ao cuidado dos doentes. Ele se dedicou também a arrancar os necessitados da especulação dos usurários. Assim São Gerônimo Emiliani (1486-1537),

da antiga nobreza vêneta e descendente dos Dodges, que abriu sua casa aos órfãos dos quais se tornou o apóstolo incansável.

Figura marcante deste tempo é São Carlos Borromeu (1538-1584), sobrinho do Papa Pio IV e cardeal aos 22 anos, que não só nunca abusou de sua afortunada posição, mas tendo-se tornado arcebispo de Milão, consumiu literalmente a própria vida pelo nascimento religioso e moral de sua diocese. Entre as obras de caráter social devidas à sua generosidade, podemos lembrar a Universidade de Brera, um albergue noturno para os mendigos e uma casa para a recuperação das prostitutas. Em 1572, para ir ao encontro das necessidades dos pobres, vendeu o Principado de Ória, e por causa da epidemia da peste, em 1576, desvelou-se pessoalmente nos cuidados para com esses doentes.

Enfim, um aceno a São Luiz Gonzaga (1568-1591), dos marqueses de Castiglione, que aos 15 anos renunciou a um futuro brilhante, para tornar-se jesuíta. Encontrando-se em Roma como estudante durante a epidemia da peste de 1591, ofereceu-se como voluntário para cuidar dos doentes, contraiu a peste e morreu aos 23 anos.

Detenhamo-nos aqui, pois não é possível ser mais completo. Também não vem ao caso prolongarmos-nos na repetição de exemplos que se assemelham muito. Trata-se, na verdade, sempre de pessoas que, tendo nascido em condições privilegiadas, renunciaram a tudo para colocar-se ao serviço dos pobres e dos infelizes, movidos unicamente pelo amor de Deus e pelo exemplo de Cristo. Suas vidas seriam suficientes por si mesmas para desmentir os pesados juízos de Marx sobre o cristianismo.

Certamente, os santos canonizados pela Igreja não são muito numerosos, mas eles são como que a ponta de um "iceberg", que não emergiria das águas, se não se apoiasse sobre uma vasta plataforma submersa. Os santos, com efeito, não nascem do nada, mas são o fruto de um ambiente santo e social cristão. Também as suas realizações não teriam sido possíveis, sem a contribuição em trabalho e em dinheiro de muitos outros cristãos. E dado que eles eram pessoas que, de acordo com o ensinamento de Cristo, não "tocam a trombeta" quando fazem o bem (Mt 6,2-3), sua vida passou despercebida.

Restam, porém, as obras, que não se fazem por si mesmas, e que afirmam a generosidade e o desempenho de serviços ao próximo de muitos obscuros discípulos de Cristo.

b) **As obras.** Uma coisa é certa: onde quer que tenha chegado o cristianismo, sempre surgiram obras sociais para ajuda dos fracos, a recuperação dos transviados, a promoção dos humildes.

E são obras desconhecidas pelo mundo da antiguidade pagã e por grande parte do mundo não cristão.

Temos como exemplo o caso da lepra. Na Palestina de Jesus não existiam leprosários, e os leprosos, excluídos das aldeias, eram constrangidos a viver na mendicância, sem nenhuma forma de assistência pública. Depois de muitos séculos, quando os missionários encontraram a lepra em terras não cristãs, as condições dos doentes desses países eram mais ou menos as mesmas daquelas dos palestinos do tempo de Jesus: desprezo, solidão e abandono. Não por mero acaso foram os pregadores do evangelho, os missionários, que assumiram os cuidados daqueles infelizes, de outro país, de outra religião, de outra raça, que seus mesmos concidadãos e parentes deixavam de assistir.

Em todos os lugares por onde passou o cristianismo, surgiram hospitais, leprosários, orfanatos, Ordens e Condições dedicadas ao serviço dos peregrinos, prisioneiros, moribundos, etc.; surgiram instituições para defesa dos pobres contra o sucoto imposto pelos usuários (os "Montepios", para o empréstimo de dinheiro a baixos juros, os Bancos de grãos, para o empréstimo de sementes para plantar aos agricultores pobres); institutos para a reeducação das prostitutas e dos ex-detentos, para a educação dos filhos dos encarcerados, para a assistência aos emigrantes, etc..

No plano cultural, são criações cristãs as Ordens religiosas, fundadas para a instrução gratuita dos pobres, as escolas episcopais, freqüentemente gratuitas, e as Universidades, uma instituição cultural totalmente original, da qual a Igreja tem todo o direito de orgulhar-se.

Ainda hoje em dia os cristãos estão presentes no mundo do subdesenvolvimento com hospitais e leprosários, escolas e universidades, para a promoção humana, além de todas as barreiras de nação ou de raça. E é sintomático que, na extrema pobreza de Calcutá, tenha sido exatamente uma irmã missionária católica,

1. João Batista Vico faz a seguinte observação acerca da mentalidade "pagã" dos japoneses de seu tempo: "Os padres missionários que para lá (Japão) foram referem que a maior dificuldade encontrada para converter aqueles gentios à religião cristã, é que os nobres não se convencem de que os plebeus têm a mesma natureza humana que eles" ("A Ciência Nova", - Letizia - Bari)

Madre Teresa, que testemunhou a plena participação nos sofrimentos dos mais miseráveis daquela cidade.

Como é possível, então, definir o cristianismo religião "da estera do egoísmo", da "guerra de todos contra todos", do "capricho privado e do arbítrio" [21]? É verdade que o mundo conheceu aventureiros e colonialistas, escravagistas e estragadores, tiranos e exploradores, mas é a estes que se deve referir quando se fala de "cristianismo", ou é ao Cottolengo, a Madre Teresa, a Raoul Follereau⁷, e a tantos e tantos outros apóstolos da caridade de todos os tempos e de todos os lugares? Quem concretiza o nome de cristão, o aventureiro ou o missionário, o escravagista ou o santo? Marx, portanto, é injusto quando profere suas invectivas contra a religião cristã, quando quer reduzir toda a obra social de 1800 anos de cristianismo à única "beneficência", entendida "como jogo, como satisfação do próprio egoísmo, como cócegas ao próprio orgulho, como divertimento" [23]. São palavras que não o honram, porque extrapolem a realidade dos fatos, reduzindo-os a caricaturas ridículas. Longe de representar uma crítica séria, revelam somente uma atitude gratuita de ódio e de desprezo por tudo o que tem o nome cristão.

O cristianismo não é, nem no plano teórico nem no prático, a religião do desencargo, da espera passiva de uma felicidade celeste, mas a busca atuante do reino de Deus, reino de "justiça, paz e alegria" (Rm 14,17), invocado a cada dia pelo cristão no Pai Nosso, com as palavras "venha a nós o vosso reino... assim na terra como no céu" (Mt 6,10)

e) Cristianismo à luz do materialismo histórico

Surge, porém, espontânea, a pergunta: "Como se explica todo este desprezo de Marx para com o 'cristianismo'?" A resposta última e radical aparecerá em seguida. No entanto, podemos dizer que uma das causas de sua atitude se encontra na doutrina do materialismo histórico.

Fundado nele, Marx "sabe" que as únicas verdadeiras mudanças das idéias, de costumes, de relações sociais são as que nascem das mudanças das relações de produção, e sabe também

⁷ - Raoul Follereau (1903-1977) poeta, dramaturgo, apóstolo incansável dos pobres e, de 1943 em diante, dos leprosos. A ele devemos o Dia Mundial dos Leprosos e a Associação Amigos dos Leprosos, que restituíram a dignidade e a saúde a milhares de infelizes.

que essas relações mudarão na sociedade socialista, à qual o desenvolvimento da sociedade burguesa levará inevitavelmente.

Disto ele está "cientificamente" certo, pelo que as únicas coisas que ele está disposto a considerar com seriedade são orientadas a mudar a estrutura econômica da sociedade, "base real" de qualquer outra transformação. Quem não trabalha neste sentido perde tempo, ou até desvia as energias do único empreendimento com possibilidade de sucesso: a revolução socialista.

Dá a sua oposição a todos os que acreditam poder melhorar o mundo, apelando para "infantildades absurdas sobre os deveres de solidariedade social" [22], e que não aceitam seu programa revolucionário, o único válido, porque fundado no conhecimento da estrutura da sociedade e do mecanismo de seu desenvolvimento.

Dá também suas áspers polêmicas em relação aos que discordam dele, não poupando sequer os velhos amigos de juventude, como Proudhon, Bauer, Kriege e o mesmo Feuerbach.

Entende-se também como as obras voltadas a diminuir os sofrimentos dos pobres e a elevar seu teor de vida aparecem como estéréis panacéias, ou até como verdadeiras traições, porque ameaçam desacelerar o processo revolucionário, pois diminuem o "sentido de rebelião" [8] das massas. Por isso ele considera nelas a obra de Dom Kettler em favor dos trabalhadores e chama de "cães" aqueles padres que "se pavoneiam com a questão operária".

À luz do materialismo histórico, Marx está certo de que a sociedade do amanhã ignorará todo tipo de exploração e de alienação, porque nela "o livre desenvolvimento de cada qual" será "a condição para o livre desenvolvimento de todos". Perante esta, qualquer outra perspectiva empalidece. O que é, de fato, tudo o que fez o cristianismo em 1800 anos de história, perante o que o socialismo fará? Os esforços, as fadigas, os sofrimentos dos santos cristãos parecem-lhe patéticas ingenuidades, pois não operam lá onde se pode trabalhar com eficácia para a renovação do homem, ou seja, sobre as estruturas econômicas e sociais.

⁷ - Durante este roteiro pela Bélgica, parada em Aquisgrana e a viagem subindo o Reno, convenci-me de que se deve agir com toda a energia contra os padres, especialmente nas regiões católicas. É o que farei, por meio da Internacional. Aquelles cães pavoneiam-se com a questão operária, onde acham conveniente. Trabalhemos realmente para eles em 1948, e eles só gozaram dos frutos da revolução, durante o período da reação" (K. Marx, *Carta a Engels* - 25-IX-1869)

Acertas certas premissas, o raciocínio mantém-se. Há somente um ponto fraco: é que a sociedade socialista dele, exatamente por ser do futuro, ainda não existe, e portanto não é "real". Pode ao máximo ser considerada como uma hipótese. E mesmo aceitando que se trata de uma hipótese "científica", como qualquer hipótese científica, ela não tem nenhum valor, enquanto não for verificada.

Marx, ao invés, faz dela uma certeza absoluta; a sociedade socialista do amanhã é para ele uma "realidade", ofuscado por seu esplendor, fica cego perante todo o resto. E é bem compreensível que seja assim: no confronto entre a esperança e a realidade, entre o mundo ideal e o mundo real, é sempre o mundo real que leva a pior.

Mas a hipótese da sociedade socialista, de uma sociedade livre, de homens livres, e também profundamente solidária entre si, em que cada um reencontra e realiza a si mesmo como "ser genérico", ou seja, como membro da comunidade e não em contraste com ela; depois de quase um século e meio de sua formulação, a hipótese dessa sociedade teve porventura resposta nos fatos, ao menos em parte?

3. O Humanismo Ateu à Prova

Vários países são dirigidos por um regime de inspiração marxista. Portanto, é possível tentar-se um confronto entre a sociedade socialista prevista por Marx e as outras realizadas concretamente.

Fazendo isto, levaremos em consideração sobretudo o lugar que o homem ocupa nessas sociedades, visto que o marxismo quer ser um "humanismo", ou seja, um pensamento e uma ação voltada para a libertação do homem de toda forma de escravidão.

Entre as sociedades existentes, vamos examinar de modo especial a União Soviética, porque é a mais antiga, porque foi e continua sendo considerada por muitos como o modelo de toda sociedade de inspiração marxista, pelo menos até à recente abertura que a levou, e aos países do Leste europeu, a formas mais modernas de socialismo e até de capitalismo declarado. Além disso, sobre ela é possível dispor de uma suficiente informação, o que não seria fácil em relação à China e outros países do terceiro mundo.

Já vão longe os tempos em que V. Kravcenko era acusado de mentira pelos jornais comunistas ocidentais por ter revelado a face do regime de Stálin*. Desde a morte de Stálin, mas especialmente de 20 anos para cá, isto é, desde quando foi se tornando mais forte e corajoso o desentendimento interno na Rússia, um número sempre maior de notícias sobre aqueles países passou através das malhas da "cortina".

A credibilidade dessas notícias era garantida, antes de tudo, pela sua concordância. Homens de diferente formação cultural, de idéias políticas e religiosas diversas nos ofereciam o mesmo quadro da vida soviética, quadro este que concordava com a melhor informação jornalística.

Há também o fato de que, por terem falado claro, todas essas pessoas pagaram por isso, pessoalmente. Que motivo teria levado uma celebridade como Sakharov a comprometer-se para defender os direitos humanos na Rússia, condenando-se à morte civil e ao confinamento, se esses direitos não fossem desprezados? E por que Solzenitsin teria feito o mesmo, "merecendo" assim a expulsão da União dos escritores, a perseguição e o exílio? Por que a KGB teria feito de tudo para apoderar-se do manuscrito do Arquipélago de Gulag, a ponto de levar ao suicídio uma ex-colaboradora de Solzenitsin, se tivesse sido possível desmentir seu conteúdo? Se se tratava de calúnias de alguns exaltados ou de "agentes do imperialismo", por que não abririam para todos o território interior da Rússia, oferecendo assim total possibilidade de desmentido?

Ao contrário, nos países socialistas, e na Rússia em particular, tudo era segredo; eram "segredos de Estado" não apenas as estatísticas de penas oficiais, mas todas as estatísticas não preparadas expressamente para o público, as notícias de calamidades naturais, sobre o aumento de preços ou sobre o salário dos dirigentes, etc., enquanto que de 1500 cidades, apenas 39 eram "abertas ao estrangeiro". Só com Gorbachev se começou a falar em "glasnost" (transparência) e se fez real progresso nesse sentido.

* - Isto aconteceu em 1946, com a publicação em Paris do livro "Escolhi a Liberdade". As acusações da imprensa comunista, Kravcenko respondeu processando por difamação o jornal *Humanité*, quotidiano do partido comunista francês, e ganhou a causa.

Existem ainda outros motivos para se criar nos dissidentes. Antes de tudo, as frequentes fugas dos países socialistas. Fugiam as pessoas de alto nível, como cientistas, artistas, escritores, etc., que tinham tudo a perder, deixando sua pátria. Fugiam massas de simples trabalhadores, e isto de todos os países onde era posto em prática o marxismo. Da Rússia e da China, do Vietnã e de Cuba, da Etiópia e do Afeganistão; a despeito das "corrinhas" e dos "muros", fugiram milhões de pessoas, criando por toda parte o problema dos fugitivos. Este impressionante fenômeno não se explicaria se o sistema de vida destes países não apresentasse graves problemas.

Existe ainda a presença de um evidente descontentamento no íntimo do mundo marxista. Dubchek, propondo a introdução de um "socialismo de expressão humana" na Tchecoslováquia, não reconhecia com isso que até então a sua expressão não fora das mais conformes a um autêntico humanismo? Infelizmente, sua tentativa falhou, e a expressão do socialismo real permaneceu a mesma até fins de 1989.

E a conversa que, há alguns anos, escutamos sobre "eurocomunismo" não está indicando que o comunismo posto em prática em outros lugares se demonstrou insatisfatório? O esfacelamento dos partidos comunistas do Leste europeu é a melhor prova. A derrubada do "muro de Berlim" em 1989 arrancou a máscara das "democracias populares".

Depois de um exame dos fatos que nos levarão a uma avaliação negativa sobre o **humanismo marxista** como era e é posto em prática nos países do socialismo real, veremos que esta situação não é devida ao acaso ou a motivos contingentes, mas é a **consequência prática de alguns princípios teóricos da doutrina marxista, e não por último o seu materialismo ateu.**

a) O socialismo real

-Os crimes de opinião.

A primeira característica dos países socialistas, é que neles não é favorecida a livre circulação das idéias, como é costume de nossa civilização, a partir do Iluminismo e da Revolução Francesa. Em todos os regimes de inspiração marxista vigora, ao invés, um só pensamento: **discordar é, legalmente, crime punível.**

Solzenitsin, por exemplo, foi condenado a 10 anos de trabalho correto e ao confinamento perpétuo, por ter escrito, numa carta particular, juízos críticos sobre Stálin. Isto ocorreu em 1945, mas em 1974 o escritor M. Kheifets "foi julgado culpado de instigação e propaganda "anti-soviética" e condenado a 4 anos de campo de trabalho correto em regime duro e a dois anos de exílio, por ter levado 13 pessoas a lerem o rascunho de um ensaio sobre a poesia de J. Brodski.

Dois artigos do Código Penal, 190/1 e 190/3, introduzidos em 1966, eram formulados de modo que um juiz zeloso condenava a 3 anos de reclusão até mesmo só por uma piada "anti-soviética".

A **Amnesty International** refere que na Rússia, nos anos sessenta, "dezenas de detentos foram punidos... por terem feito tatuagens de slogans anti-governo sobre o corpo, e que na China um criminoso político chamado He Chunshu, em 1978 foi condenado à morte por ter escrito e distribuído um folheto "contra-revolucionário".

-A administração da justiça.

Durante os primeiros quatro anos do regime soviético, processou-se e também se condenou à pena capital, sem que existisse código penal, e portanto a pleno arbítrio dos juizes. Tendo entrado em vigor o primeiro código penal, a 1ª de junho de 1922, entrou em vigor também o famigerado artigo 58, concebido de tal modo que permitia a incriminação de qualquer pessoa. "Dai-me Santo Agostinho - exclama Solzenitsin - e o farei entrar neste artigo!" O novo código de 1960 suprimiu o artigo 58, substituindo-o com os artigos 64, 70, 72, 142, 227, não muito diferentes do 58 na substância, ainda que mais brandos nas penas.

De qualquer modo, afirma ainda Solzenitsin, nem ele nem ninguém mais dos muitos presos com os quais entrou em contato durante 10 anos de prisão, jamais pôde consultar ou ter em mãos uma cópia do código penal. Também ele fazia parte dos numerosos "segredos de estado", e, portanto, não poderia oferecer nenhuma garantia ao cidadão.

* A ANISTIA INTERNACIONAL é um movimento mundial em defesa dos direitos do homem, com sede central em Londres, independente de qualquer governo, facção política ou credo religioso. Faz levantamentos e publicou pesquisas sobre prisões políticas na Espanha (1973) no Vietnã do Sul (1973), sobre a tortura no Brasil (1974), no Chile (1974), sobre a tortura no mundo (1975), sobre os prisioneiros de consciência na URSS (1975), na China (1978) e sobre a União Soviética (1980).

Além disso, faltava ao imputado de crimes políticos a possibilidade de uma defesa eficaz. Dado que os advogados, em grande parte, eram inscritos no partido, e dado que isto exigia a total obediência às suas diretrizes, a defesa nos processos políticos se reduzia, com frequência, a mera formalidade. Assim, acontecia que o advogado, depois de ter sustentado a inocência do imputado, não pedia a sua absolvição, mas só uma condenação leve, enquanto nos tempos de Stálin, o "defensor" podia até "acusar" o imputado.

O defensor de um político que levasse muito a sério sua tarefa, arriscava ser expulso do partido e do colégio dos advogados, por ter conduzido a defesa "a-partidária e não-soviética". O mesmo sucedia aos "peritos" dos tribunais. O psiquiatra que não avaliasse a proposta de internação no manicômio de um dissidente podia receber 7 anos de punição, em campos de concentração, por "calúnias anti-soviéticas", e isto em 1972, dezoito anos depois da morte de Stálin.

Como se vê, "a função do tribunal era puramente decorativa", e os processos não tinham o objetivo de apurar a verdade, mas obedeciam a uma lógica diferente: a utilidade política ou econômica do momento.

Os processos dos tempos de Lênin, em geral dirigidos contra categorias específicas de pessoas (eclesásticos, intelectuais, técnicos, socialistas-revolucionários etc.) obedeciam a objetivos prevalentemente políticos. A justiça era entendida como arma de classe nos anos de luta do novo estado soviético", pelo que pertencer a uma "classe" social ou a uma categoria profissional que naquele momento era necessário intimidar, constituía motivo suficiente de condenação. Mais tarde, nos tempos de Stálin, o primeiro motivo de condenação será a necessidade de mão-de-obra a baixo custo.

Nesta visão justifica-se até o uso da tortura durante a formação processual de culpa. Ela tem o objetivo de dobrar a vontade do imputado e induzi-lo a declarar-se culpado, para legitimar a condenação.

A prova de que os processos obedeciam à lógica de fornecer condenações, e não de apurar a verdade, está no fato que raríssimos são os casos de absolvição de imputados políticos, enquanto para os crimes comuns "a incidência da absolvição é bem elevada".

Este modo de proceder deu lugar, em 1962, a um episódio grotesco. A crônica de um processo político foi publicada inteiramente numa revista... antes mesmo que o processo se desenrolasse! Um jornalista conseguiu do procurador, ainda antes do julgamento, o texto da formação processual de culpa, contendo já a condenação: a morte. O processo, porém, fora adiado, sem que se comunicasse ao jornalista, e assim a notícia da execução saiu antes da execução. O título da revista que apresentava o artigo, **Legalidade Socialista**, "dava um tom pitoresco todo especial ao acontecimento".

Também na China os processos políticos têm obedecido por anos a essa mesma lógica da utilidade do momento, mas com especial atenção para o efeito propagandístico e educativo das massas. Os processos são mera formalidade, ou seja, reuniões convocadas para anunciar uma sentença, e neles tem peso decisivo a classe de proveniência do incriminado.

Podem desenrolar-se a "portas fechadas", ou ser "abertos ao público". Neste caso, chegam a envolver até "dezenas de milhares de pessoas" e são "organizados para mobilizar a população e educá-la por meio de exemplos negativos". Este tipo de processo é, em especial, contra criminosos políticos que ainda não admitiram completamente seus crimes", e tem por objetivo "lutar contra" os incriminados, para fazê-los considerar-se culpados. Processos e formação de processos se baseiam nestas sessões de "luta", que comportam todo tipo de humilhação, e às vezes até o pisoteamento, podendo durar muitos dias, até se chegar à plena "confissão" do incriminado [24].

Em todo caso, o incriminado tem todo o interesse em admitir a própria culpa, para não piorar sua situação. A obstinada oposição a fazê-lo pode custar-lhe penas completamente desproporcionadas, como aconteceu com He Chunshu.

Na China, enfim, os processos seguem o andamento das campanhas políticas, a cujo sucesso são orientados, e têm lugar quando o impulso para descobrir "inimigos de classe" é mais intenso. Segundo as declarações de dirigentes chineses, os processos se inspiram no princípio de que a lei deve ser administrada segundo a linha política do Estado, e o Partido Comunista é o organismo que mais está em condições de decidir esta linha política. É supérfluo dizer que tais princípios minam pela base qualquer possibilidade de conduzir com equidade uma ação judiciária.

-O sistema de detenção.

Os prisioneiros políticos soviéticos podiam descontar a pena no cárcere ou nos campos de trabalho correivo, os assim chamados "larger" ou "campos de concentração". A vida que aí se levava era muito dura. Eram 12 ou até 14 h. de trabalho, quando não se trabalhava quase ininterruptamente.

Embora obrigados a trabalhos tão pesados e frequentemente insalubres, os detentos recebiam cotas alimentícias muito pequenas. Além do trabalho, a fome era uma das maiores torturas dos campos de concentração, e com um caráter punitivo. *Amnesty International* publicou impressionantes tabelas sobre a alimentação dos prisioneiros soviéticos. Gritante o caso daquele detento que morreu em 1967 por ter comido muitas batatas cruas que conseguira roubar. Aos detentos que não respeitavam a "norma" de trabalho, freqüentemente porque extenuados, a razão de alimentos era reduzida ainda mais. O mesmo sistema era adotado também na China. Os mais fracos entravam assim num círculo vicioso: "sua produção diminuía com a sua saúde, e em consequência as rações de alimentos iam sendo reduzidas".

Para que estas condições de vida ordinária, particularmente cruéis, pudessem tornar-se eficazes, deviam existir as "punições". Elas iam da normal cela de rigor, onde o recluso era mantido com alimentação reduzida, freqüentemente sem cama, nem cobertas, nem aquecimento no gelo siberiano, aos procedimentos mais extravagantes, como amarrar o detento nu, despejando-lhe baldes de água gelida, ou deixando-o ser picado pelos pernilongos do verão. Uma punição muito usada era a transferência para o cárcere de Vladimir, "o mais severo instituto penal da Rússia", comparado com o qual o regime dos campos de concentração podia até parecer confortável. Entre as punições para quem tentava a fuga, havia o costume de multiplicar por dez a condenação, recorrendo-se, às vezes, ao fuzilamento.

Uma consideração à parte mereciam as freqüentes transferências de um local de pena para outro, feitas em tais condições de tornar invejável o campo de concentração. Elas ocorriam, em geral, em carros ferroviários especiais, chamadas *stolypin*, quase sempre num estado de incrível acúmulo de pessoas, sem a suficiente ventilação, sem possibilidade de usar banheiro por 24 ou 48 horas e sempre com o tormento da sede. Mais raramente, o transporte era feito em carros de mercadorias, em condições

não melhores que as dos *stolypin*. A conclusão é que nas viagens se verificavam diversos casos de morte.

Prova destas duras condições de vida é o desespero de muitos reclusos, que se manifestavam em freqüentes greves de fome, em incríveis atos de auto-lesão, que chegavam aos limites da loucura, e numerosos suicídios.

Dois fatos, enfim, tornavam particularmente odioso o tratamento dos prisioneiros políticos soviéticos: promiscuidade com os criminosos comuns e a internação em hospitais psiquiátricos "especiais".

A promiscuidade dos presos políticos, em geral profissionais, intelectuais, "crentes", etc., isto é, pessoas de uma elevada sensibilidade espiritual, com os criminosos comuns, fazia parte da prática ordinária, e constituía um de seus piores tormentos. Ela permitia aos ladrões a espoliação dos políticos de tudo o que pode representar um mínimo de conforto, tornando sua vida insuportável. Como sempre acontece, os malfetores desprezavam os honestos, submetendo-os a toda espécie de sofrimento, incluindo-sepancadarias e morte. Solzénitsin assim resume a situação: "Aos bandidos mais caçados e matriculados era concedido um poder limitado nas ilhas do Arquipélago, nos campos de concentração e em suas diversas secções, o poder sobre toda a população da aldeia, sobre os cidadãos, sobre os pequenos burgueses e sobre a inteligência, um poder que ninguém jamais teve na história, em nenhum Estado, um poder que sequer tinham sonhado quando estavam livres: todos os outros estavam em suas mãos como escravos".

Enfim, a internação forçada em hospitais psiquiátricos "especiais" para pessoas cuja única doença consistia em discordar da ideologia, ou mesmo só da política oficial, era coisa certa e está bem documentada. Os mesmos psiquiatras, conversando com os pacientes, às vezes, deixavam entender que a verdadeira razão de sua permanência nos manicômios estava em suas opiniões. Isto significa que podiam ser mantidos lá "indefinidamente", ou seja, enquanto não mudassem de idéia, "desaparecendo assim virtualmente da sociedade".

Podem-se imaginar suas condições, considerando-se que eram submetidos a tratamentos farmacológicos que, freqüentemente, equivaliam a verdadeira tortura. Além disso, não existindo nesses institutos um regulamento próprio, os internados ficavam à mercê dos empregados, normalmente criminosos comuns.

Dado que a ele "é concedida notável autoridade para garantir que os internados respeitem a disciplina", bem se pode imaginar qual o tratamento reservado a estes infelizes, que eram desprezados, insultados, surrados, às vezes até a morte, sem nenhuma possibilidade de defesa. Sendo "loucos", seus protestos não encontrariam ressonância.

-Clima geral de crueldade

Embora o sistema judiciário e carcerário sejam muito indicativos, por si mesmos não exprimem todo o "espírito de crueldade e indiferença em relação aos sofrimentos humanos", que se respirava na União Soviética. Alguns exemplos nos ajudarão a fazer uma idéia.

O limite de idade para ser considerado de maioridade e, portanto, processado e condenado, foi de 12 anos de 1935 até à morte de Stálin. Aconteceu assim que milhares de crianças, pelo período de quase 20 anos, cresceram e se educaram nos campos de concentração.

Vigora a obrigação de denunciar os "inimigos do povo", mesmo tratando-se de parentes próximos. Não foram, pois, raros os casos de crianças que, instigadas pelo mestre, denunciavam e fizeram condenar seus pais. Um desses, P. Morozov¹¹, foi considerado um herói e apontado como exemplo às novas gerações. A mesma coisa se verificou exatamente também na China e no Camboja. Naturalmente a omissão de denúncia era punível. Assim, uma mulher podia ser condenada a 10 anos de prisão por não ter denunciado o marido.

Sempre a respeito dos parentes, é tradição do regime perseguir as pessoas relacionadas com os presos políticos. Houve tempo em que "o terror... não poupava sequer as famílias dos condenados, os filhos, as mulheres, os irmãos". Era suficiente ser mulher de um condenado a 25 anos para receber a condenação de 10 anos; era suficiente que uma mulher se casasse com um condenado para ser também uma confinada. Em todo caso, as esposas dos condenados viviam sempre no terror: "Qualquer pessoa que as considerasse incômodas, podia expulsá-las do departamento, do trabalho ou da cidade".

¹¹ - P. Morozov (1918-1932), de 14 anos, denunciou os pais por terem escondido trigo, pelo que foram fuzilados. Foi assassinado por alguns camponeses, como vingança, e é glorificado pelo partido como herói e mártir. (Solzenitsin em GULAG)

A existência de um clima de crueldade é confirmada também pelo fato de o serviço de guarda dos detidos não ser executado, normalmente, por um corpo especial de polícia, mas pelos soldados do Exército Vermelho. Formados numa escola de ódio contra os "inimigos do povo", contra os "agentes do capitalismo e do imperialismo", oprimiam ao inversosíml os presos nas celas, deixando-os sem comida, sem água e sem o uso da privada; roubavam os alimentos dos famintos, atiravam sem pré-aviso nos presos que davam um passo em falso, etc.. Estes homens não eram voluntários fanáticos que optaram pela idéia de servir num corpo especial de polícia, como eram, por exemplo, os homens do S.S. nacional-socialista. Eram jovens que prestavam serviço militar normal.

Este clima de crueldade é ainda mais injustificado, se pensarmos que desde o fim da guerra civil (1920) não houve na União Soviética uma oposição armada. Não existiram "nacionalistas" como na Europa de Hitler, nem "tupamaros", como na América do Sul. Nem terroristas, como em outras partes do mundo. Não havia, portanto, um regime que, atacado com a força, com a força devesse defender-se. O único que usou a força foi sempre o regime, e o fez contra seus mesmos adeptos.

É impressionante constatar quantas personalidades do primeiro plano da revolução bolchevista foram suprimidas pelas mãos de Stálin [26]. "Segundo os dados fornecidos por Kruschev, dos 138 membros do Comitê Central do partido eleitos no XVII Congresso, 98 pessoas, isto é, 70%, foram presas e fuziladas (a maior parte em 1937-1938)", enquanto "sobre 1966 delegados, 1108 foram presos sob acusação de delitos contra-revolucionários! Dos 33 líderes que entre 1919 e 1938 tinham feito parte do Escritório Político ou do Politburo, à morte de Trotski tinham sobrevivido apenas 10".

Por ironia da sorte, foram eliminados também muitos responsáveis pelas "limpezas estalinianas", - começando por Béria, durante 15 anos chefe da NKDV - destruídos pela mesma máquina que tinham construído para destruir os outros [27]. Um fato análogo, embora de menores proporções, aconteceu também na China [28] e parece confirmar uma tendência geral neste sentido nos partidos comunistas. Mesmo que nos últimos anos tenha sido instaurada uma praxe de governo feroz, o que aconteceu e continua acontecendo é muito significativo.

-Tradição russa ou novidade soviética?

Do lado marxista, tende-se a atribuir os aspectos negativos do socialismo real ou à malvadeza dos indivíduos, como no caso de Stálin, ou à rudeza dos povos. Com efeito, contrariando as previsões de Marx, o sistema socialista não se impôs nos países desenvolvidos, como "superação" da sociedade burguesa, mas nos mais atrasados, onde a sociedade burguesa nunca se afirmara, e onde subsistia ainda uma sociedade mais ou menos feudal.

Pelo que se refere à malvadeza de cada indivíduo, pode-se responder, antes de tudo, que o peso dos indivíduos sobre o caminho da história, ainda que indiscutível, não é exclusivo. Os homens não se improvisam: nascem de determinado ambiente, e não conseguem posições de comando sem o consentimento de outros. Um marxista não deveria ter dúvidas sobre isso.

Como é, então, que, em poucos anos de revolução, a figura de Stálin pôde emergir e dominar sem controle? Seria realmente embaraçoso para um católico se o 2º Papa da Igreja tivesse sido o Borja Alexandre VI. Além disso, como é que um homem como Stálin pôde estar entre os mais íntimos colaboradores de Lênin, enquanto ele vivia, e tornar-se secretário do partido? Como é que, exatamente ele, sucedeu a Lênin, como guia da União Soviética, permanecendo no cargo até à morte?

Tampouco se podem atribuir a Stálin todas as crueldades do sistema. É certo, porém, que em seus tempos o fenômeno assumiu proporções colossais. Foi então que houve, simultaneamente, até 15 milhões de presos, foi então que pereceram nos campos de concentração cerca de 20 milhões de homens, e que foram deportadas cidades inteiras. Foram deportados, e praticamente aniquilados, 15 milhões de cultivadores diretos, os assim chamados **Kulaki**, para coletivizar a agricultura. Foram deportados de um lado para outro da União Soviética, e com o mesmo método usado com os **Kulaki**, estirpes inteiras, nacionalidades inteiras: cecenos, ingussos, bálcaros, calmuços, curdos, tártaros, lituanos, ucranianos, etc..

Tudo isso é verdade, mas é verdade também que muitos dos fatos a que nos referimos, freqüentemente datando-os, são precedentes ou sucessivos ao período de Stálin. Por outra parte, no Camboja, a milhares de quilômetros da Rússia, e a 22 anos da morte de Stálin, não se repetiu por obra dos **Khmer vermelhos** a deportação em massa de "milhões de cidadãos, incluindo os

moribundos, os pacientes preparados para uma intervenção cirúrgica, as puérperas e os recém-nascidos"?

Também não é justo afirmar que tudo depende da rudeza dos povos entre os quais o socialismo marxista se estabeleceu. O Camboja, por exemplo, era um país pacífico, de tradições budistas, a cuja história e espírito de tolerância é difícil atribuir a ferocidade dos **Khmer vermelhos**.

A mesma Rússia dos czares, como observa repetidamente Solzenitsin, tinha costumes muito mais brandos do que os dos soviéticos. "Era menos perigoso conservar dinamite em casa nos tempos de Alexandre III - diz ele - do que hospedar nos tempos de Stálin um órfão de inimigos do povo". Nas instruções criminais não se conhecia a tortura e, desde 1864 para diante, os processos eram públicos e os julgamentos confiados a jurados do povo. A partir da segunda metade de Oitocentos, as condições dos cárceres tinham melhorado notavelmente, os presos políticos escreviam a quem queriam e iam o que queriam, até mesmo livros e revistas revolucionárias, contavam o quanto era necessário, a ponto de sobrar para dar aos porcos; sempre separados dos criminosos comuns gozavam, em relação a eles, de um tratamento privilegiado.

Nenhum parente dos presos políticos era submetido a discriminação ou vexames. O filho de um condenado podia tornar-se oficial da guarda imperial. O irmão de quem atentou contra a vida do czar não sofria nenhuma repressão. Lênin, por exemplo, no mesmo ano em que seu irmão atentou contra a vida de Alexandre III, pôde livremente inscrever-se na Universidade. É verdade que, após suas atividades revolucionárias, foi condenado, mas a um confinamento cômodo, podendo viajar livremente, gozando de um generoso subsídio do Estado; pôde viver sem trabalhar, dedicando-se ao estudo de Marx, confortado pela presença da esposa e pelos serviços de uma servente. O contraste com os métodos soviéticos não pode ser mais clamoroso.

11 - Dado o total isolamento em que viveu o Camboja, não é fácil dizer quantos milhões de mortos custou a revolução marxista naquele país de apenas 6 milhões de habitantes. Cálculos confiáveis dão 800.000 mortos durante os cinco anos de guerra (1970-1975) e de 800.000 a 1.200.000 no primeiro ano de regime socialista (Cfr. Pe Gheudo em "Camboja, revolução sem amor" SEI - Turim).

O mesmo se pode dizer do pacífico Tibete, centro do lamaísmo, uma particular forma de budismo, invadido em 1951 pela China de Mao e perturbado radicalmente em suas tradições religiosas e culturais. Seu chefe espiritual, o Dalai Lama, por sua luta pacífica e perseverante contra o regime marxista e em defesa de seu povo, mereceu o Prêmio Nobel da Paz em 1989.

Sem dúvida, a Rússia dos czares era um país atrasado; em um país como a Inglaterra, teria sido impossível uma experiência do tipo soviético; mas exatamente por isso, na Inglaterra, onde Marx também viveu por longo tempo e morreu, sua doutrina não prosperou. Um povo habituado a viver num clima de liberdade e de mútuo respeito sentiu uma instintiva repugnância por essa doutrina, e soube levar as condições de vida dos trabalhadores aos mais elevados níveis, sem apelar para ela.

É verdade que cada país tende a agir à sua maneira, segundo um "caminho" próprio, dentro dos princípios teóricos do marxismo, mas é inegável que a doutrina em si exerce uma grande influência sobre as pessoas que a acolhem.

Creemos que exatamente a essa influência se devem as "constantes" negativas do socialismo real, presentes em todos os lugares onde ele é posto em prática¹². É o que procuraremos demonstrar nas páginas seguintes, evidenciando os aspectos da doutrina marxista que estão à base dos males lamentados.

b) As raízes ideológicas do socialismo real

- Os direitos do homem "egoísta"

Muitos males do socialismo real se devem ao desprezo que Marx nutria pelos "direitos do homem".

Nascidos durante o Setecentos iluminista e sancionados solenemente pela Revolução Francesa¹³, eles pretendem tutelar o homem em relação aos outros, e mais ainda, em relação à autoridade. Entre as liberdades está a de **pensamento e de expressão**; entre as garantias, asseguradas, há a de que a pessoa não pode ser presa ou detida, exceto nos casos contemplados pela lei,

¹² - Até hoje, o socialismo significou, em toda a parte, um sistema de monopartido, o poder de uma burocracia ávida e incapaz, a expropriação de toda a propriedade privada, terror da CECA ou de seus sinónimos, a destruição das forças produtivas e sua sucessiva reconstrução, o desenvolvimento à custa de sacrifícios incalculáveis do povo, a violência sobre a liberdade de consciência e de convicções. Assim foi na URSS, nos países da democracia popular, na República Popular da China, em Cuba¹⁴. (A. Sakharov - *O Meu País e o Mundo* - Bompiani - Milão)

A propósito de burocracia, é divertido saber que Marx havia definido os burocratas de "jesuitas do Estado", ou mais pitorescamente, de "meiões do Estado" (Cfr. L. Perinotto em *Karl Marx - A Religião* - La Nuova Italia - Florença)

¹³ - "Os direitos naturais e imprescritíveis do homem - conforme a declaração de 26/7/1789 - são: a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.

a qual, além disso, deve ser "igual para todos". Estes direitos e estas garantias concedidos ao cidadão passaram a fazer parte das Constituições dos Estados modernos, os quais, exatamente por se apoiarem em normas jurídicas e não no arbítrio do chefe, denominam-se Estados "de direito".

Marx não foi amável referindo-se a esses direitos. Em **Sobre a questão hebraica**, critica "os assim chamados direitos do homem", porque, "não são nada mais que os direitos do membro da sociedade civil (burguesa), isto é, do homem egoísta, do homem separado do homem e da comunidade... do homem enquanto mônada isolada e voltada para si mesma" [29].

Tendo em vista que ele evidência, em modo quase exclusivo, o aspecto social e comunitário da vida, e que o homem é por ele "entendido como espécie" [29], como "um ser que se relaciona com o gênero como seu próprio ser", podem-se entender as razões da sua pouca simpatia para com estas garantias oferecidas à "pessoa" em relação à coletividade.

Por outro lado, considerando-se o espírito com o qual foram formulados, os direitos do homem da Revolução Francesa se prestavam à crítica e, de fato, foram criticados de vários modos.

Queremos aqui lembrar a crítica feita por Mazzini¹⁴, severo adversário do papado, por motivo político, e muito sensível ao problema do operário. Escreveu em 1860 um opúsculo intitulado **Os deveres do homem**, no qual observa que "há cinquenta anos... tudo se realiza em nome dos Direitos do homem, em nome da liberdade como meio e do bem-estar como finalidade da vida", com o resultado, acrescentava, que "a condição do povo... piorou e piora em quase todos os países". É isso por quê? Porque "cada pessoa passou a preocupar-se com os próprios direitos e com melhoria de sua condição, sem se interessar pelos outros... A liberdade de ciência rompeu toda comunhão de fé. A liberdade de educação gerou a anarquia moral. As pessoas, sem vínculo comum, sem unidade de crença religiosa e de finalidade, chamadas apenas a ter vantagens, cada qual tentou o próprio caminho, sem olhar se caminhando por essa estrada pisavam em cabeças dos seus irmãos. Irmãos de nome e inimigos de fato" [30].

¹⁴ - José Mazzini (1805-1872), patriota italiano de ideais republicanos, triunfou da República Romana de 1849, feroz adversário do Papado por motivos políticos, foi muito sensível aos problemas do operariado e colaborou na fundação da União dos Operários Italianos, a primeira associação operária da Itália.

Para eliminar estes inconvenientes, prossegue Mazzini, "é necessário convencer os homens de que eles, como filhos de um só Deus, devem ser aqui na terra executores de uma só lei - que cada um deve viver não para si, mas pelos outros". Isto não significa que se deve renunciar aos próprios direitos, mas sim que eles "são apenas uma consequência dos deveres cumpridos". Dirigindo-se aos operários italianos, Mazzini os exortava a procurar também o bem-estar, mas a "procurá-lo por motivo de dever, não unicamente por direito; procurá-lo para vos tornardes melhores, não só para vos tornardes materialmente felizes. Caso contrário, que diferença há entre vós e vossos tiranos?" [30].

Como se vê, a crítica de Mazzini é muito diferente da de Marx, que não considerava os direitos do homem como valor parcial a ser integrado numa visão mais ampla de solidariedade fraterna, mas simplesmente como um não-valor. Em sua obra "**A Sagrada Família**" chega a dizer que "o reconhecimento dos direitos do homem por parte do Estado moderno não tem diferente sentido do reconhecimento da escravidão por parte do Estado antigo" [31].

A aversão que ele nutre pela sociedade burguesa não lhe permite ver nela nada de positivo, nada que se possa salvar, menos ainda por meio de apelos patéticos às "absurdas infantilidades sobre os deveres da solidariedade social" [22].

Mais uma vez o motivo desta negação deve ser procurado em seu materialismo histórico, isto é, em sua convicção de que a única solução de todos os males se encontra na revolução socialista, ou seja, na transformação da "base real" da sociedade, de sua "estrutura" econômica. Realizando-se esta transformação, realizar-se-á também a radical mudança do homem, sua radical libertação, que a proclamação dos direitos do homem não soube efetuar. Esses direitos, observa Marx, "não livram o homem da religião, mas lhe dão a liberdade religiosa, não o livram da propriedade, mas lhe concedem a liberdade da propriedade, não o livram da soridez do ganho, mas lhe concedem a liberdade da atividade direta para ganhar" [31]. Por isso, são instrumentos de opressão.

Não admira, assim, que as sociedades de inspiração marxista se tenham apressado em libertar os seus membros de todas estas liberdades, de todos estes direitos, entre os quais o direito à "segurança" pessoal, que para Marx outra coisa não é, senão a "afirmação do egoísmo" [29]. Prisões, torturas e condenações arbitrárias enquadraram-se nesta visão das coisas.

-A violência revolucionária.

Uma das raízes do clima de crueldade dos regimes socialistas deve ser procurado na exaltação da violência feita pelo marxismo. "A história de toda sociedade que até agora existiu - assim começa o **Manifesto** - é história de luta de classes". Isto significa que o elemento constitutivo essencial da história é a "luta", a qual tem seu momento culminante nas "revoluções", ou seja, nas mudanças violentas de assentamento social que Marx chama "as lutas comotivas da história".

O resultado é o que se diz na conclusão do mesmo **Manifesto**: "Os comunistas apoiam em toda parte todo movimento revolucionário contra as condições sociais e políticas existentes... Os comunistas não escondem suas intenções. Declaram abertamente que seus objetivos não podem ser alcançados a não ser com a destruição violenta de toda ordem social existente. Tremam, pois, as classes dominantes perante uma revolução comunista. Nela os proletários nada têm a perder, exceto seus grilhões. E têm um mundo para ganhar. **Proletários de todos os países, uni-vos!**".

Também a aversão de Marx para com o cristianismo encontra aqui uma de suas motivações mais profundas. Num texto que já conhecemos [22], depois de ter afirmado que os princípios sociais do cristianismo se demonstraram estéréis por 18 séculos, acrescenta: "Os princípios sociais do cristianismo pregam a vileza, o desprezo de si mesmo, a humilhação, o servilismo, a humildade, em resumo, todas as qualidades do canalha". O proletariado, ao invés, "tem muita necessidade de seu orgulho", exatamente por ser "revolucionário".

Isto significa a negação da não-violência evangélica, enquanto obstáculo à revolução proletária. O texto citado prossegue, ironicamente: "O evangelho recomenda muitíssimas coisas, entre elas também a castração como começo da reforma social" (Mt 25).

Marx teve oportunidade de tratar difusamente deste assunto numa pequena obra, o **Anti-Kriege**, escrita em parceria com Engels em 1846 na polémica contra Hermann Kriege, um seu ex-amigo e colaborador, que tendo-se transferido para os Estados Unidos, andava propagando "um comunismo baseado no amor sentimentalidade e esvaído". Além da discussão passageira e das possíveis razões de Marx em relação a Kriege, cujas idéias talvez fossem mais ricas de "patos declamatório" que de "crítica com-

petente das condições sociais do tempo", o escrito é um valioso documento do pensamento marxista sobre o amor cristão, para o qual bem ou mal Kriege apelava.

Ainda uma vez se retorna à idéia de que 1800 anos de história demonstram como "este amor que não pode vencer o ódio, não tem a força de impulso necessária para as reformas sociais", e que ao contrário "ele enfraquece o homem com o mingau quente de sentimento com que o nutre" [32]. Não se deve confundir o "Comunismo com a Comunhão", ou seja, com a fraternidade universal no Espírito Santo, "com a velha fantasia religiosa... que contrasta diretamente com o comunismo. A fé verdadeira no "Espírito Santo da Comunidade" é a última coisa que se deseja para a realização do Comunismo" [32].

Com suas idéias, Kriege mostra, ao invés, que cultiva "um sentimento sempre mais repleto de religião", enquanto repro põe "a completa abnegação que o cristianismo exige do homem". Ele, de fato, "apresenta-se como padre, em nome de outros, isto é, em nome dos pobres", mostrando assim, "que não tem para consigo mesmo nenhuma necessidade do Comunismo, e que entra em luta simplesmente para imolar-se com generosidade, com abnegação, com espírito de sacrifício para com os pobres, os infelizes e os abandonados" [312].

Marx e Engels reitavam essa atitude de espírito. Bem outra é, para eles, a "fonte da concepção socialista que jorra fartamente". Ela nasce do "áspero contraste... entre o capital e o trabalho", na necessidade "do coração verdadeiro, profano... exacerbado pela necessidade". A doutrina de Kriege como a do evangelho, "que prega a delícia da humilhação e do desprezo de si mesmo, é inteiramente adaptada para monges", capazes de "castrar seu mesquinho **eu individual**", "mas jamais para os homens enérgicos e menos ainda num tempo de luta" [32].

Não se pode ser mais claro do que isso ao posicionar-se a favor do ódio contra o amor, a favor do método da violência contra o da não-violência.

Não é de estranhar, portanto, que a atuação do marxismo tenha sido intrínseca e cruel. E em conformidade com a escolha de Marx que Lênin, à vigília da revolução, propõe "esmagar implacavelmente as forças reacionárias", mediante "a supressão da minoria dos exploradores por parte dos escravos assalariados de ontem", e que a revolução procura "purificar a

terra russa de toda espécie de insetos nocivos", admitindo como justo e legítimo até o uso sistemático do terror.

É em conformidade com a escolha de Marx que Mao verá na revolução um "ato de violência", que "não se pode fazer com muita elegância", e considerará como "primeira função da "ditadura democrática popular" a "de exercer a repressão... sobre as classes e sobre os elementos reacionários".

Nada, portanto, aconteceu ou acontece por acaso nos países do socialismo real, mas tudo se relaciona com as escolhas fundamentais de Marx, entre as quais a da violência revolucionária.

O cristão, à luz de sua fé, sabe que se trata de uma escolha errada. Mas também quem não é cristão, à luz da experiência histórica, pode chegar à mesma conclusão. Na passagem citada de Mazzini, ele afirma que "uma ordem de coisas estabelecidas com a violência é sempre uma tirania", e acrescenta que uma coisa é "levantar-se e derrubar os obstáculos", outra é "fundar fortemente e de um modo durável a harmonia de todos os elementos que compõem a Nação" [30]. Se para a primeira coisa pode ser útil a violência, para a segunda é sempre perniciosa.

Antes dele, Proudhon, numa carta de 1846, exortava Marx a não confiar na "ação revolucionária", no "apelô à força", tão fácil de degenerar no "arbitrio". Além de tudo, observava, a violência em quem sofre é instintiva, pelo que "o povo não necessita para isso de nenhuma exortação". Em nossos dias, até um pensador longe do Cristianismo, como Bertrand Russell, notava a respeito do marxismo que "apelar para o ódio pode ser uma coisa psicologicamente boa para vencer uma guerra... mas não é coisa psicologicamente boa para a sucessiva reconstrução".

De fato, nos países socialistas, o poder conquistado com a força e não pelo consentimento, precisou ser conservado, em seguida, com a força: uma sociedade que surgiu num clima de ódio e de violência, acalentou "reações" violentas em seus opostos, e um costume de violência interna.

Sem dúvida, o caminho do amor, da tolerância e da colaboração é longo e difícil, mas o atalho do ódio não vai longe.

11. "Com seu apelo ao ódio proletário, o marxismo perdeu muitos eventuais aliados importantes. Ao mesmo tempo, sendo o ódio a mais dinâmica das paixões humanas, gerou um movimento mais enérgico e decisivo do que se tivesse tido um grau menor de violência. Esta violência foi totalmente proposital desde o princípio... Apelar para o ódio pode ser psicologicamente uma boa estratégia para vencer uma guerra... mas não é uma estratégia psicologicamente boa para a reconstrução que vem depois" (B. Russell, *História das Idéias do Século XIX*, Mondadori - Milão)

-A moral.

Outro dado de fundamental importância para a compreensão do socialismo real é a negação do conceito tradicional de moral, própria do marxismo. Num texto já citado do **Manifesto** [10] lê-se que "o comunismo suprime as verdades eternas, suprime a religião, a moral, em lugar de lhes dar uma nova forma". Simultaneamente e em conexão com a eliminação da religião, Marx prevê, também, a eliminação da moral, ao menos no sentido comum do termo.

Em sua obra a "**Ideologia Alemã**" este mesmo conceito é amplamente exposto: "Os comunistas não pregam moral nenhuma". Com efeito, "em determinadas condições, o egoísmo, bem como a abnegação, é uma forma necessária para a afirmação dos indivíduos" [33]. Este modo de expor as coisas, que não somente a Stirner, a quem é dirigido, mas também a outras pessoas pode parecer "puramente incompreensível", se compreende, ao invés, à luz do materialismo histórico.

Numa outra passagem da mesma obra afirma-se, com efeito, que "os pensamentos... dos homens aparecem como emanção direta de seu comportamento material... Isto vale... para a produção espiritual como se manifesta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião... Em consequência, a moral e a religião... não conservam nada mais que a parvença da autonomia... Não é a consciência que determina a vida, mas a vida (econômica e social) que determina a consciência" [1].

É à luz deste princípio que o marxismo não ataca o egoísmo contra a abnegação nem a abnegação contra o egoísmo, mas demonstra a "origem material" de uma e de outro [33]. A consciência moral, sendo também ela uma "superestrutura" que depende da "estrutura" econômica da sociedade, não tem nenhum valor autônomo: em si e por si, nada significa. E de fato, dirá Engels mais tarde, toda a moral que até agora existiu, "foi sempre uma moral de classe", que "ou justificou os interesses da classe dominante", ou "representou... os interesses futuros dos oprimidos". Não existe, pois, uma "moral como lei eterna, definitiva, imutável", como não existem princípios permanentes que estejam acima da história" [34]. Assim, a moral, no sentido comum do termo, é negada.

Ora, essa negação se relaciona diretamente com a negação de Deus. Só um Deus transcendente, imutável e eterno pode fundar

mentar a distinção objetiva entre o bem e o mal. Bem é aquilo que é conforme à vontade de Deus, seus "mandamentos", ou, em outros termos, conforme à ordem por ele estabelecida no universo; mal, aquilo que é contrário. Naturalmente, não é sempre igual o modo como o homem, nos diferentes tempos e lugares, percebe esta ordem divina, pelo que se dão de fato diversas interpretações do imperativo moral, embora as diversidades não devam ser exageradas. Essas diferenças, contudo, não destroem o princípio de que a ordem moral é um valor objetivo, "dado" por Deus e não "criado" pelo homem.

Negada a existência de Deus e afirmado o materialismo histórico, cai também a moral como valor objetivo e universal. O comportamento, então, não será mais dirigido por um "ideal" moral, mas pela "ciência", em particular a econômica, quando não terminará dependendo apenas da utilidade prática, do interesse concreto do momento.

E neste sentido que se desenvolverá o pensamento marxista em quem o colocou em prática. Lênin, por exemplo, será explícito em negar "a moral pregada pelos burgueses, deduzida dos mandamentos de Deus". E acrescentará: "Nós negamos todas estas morais que são extraídas de uma concepção extra-humana, de fora das classes. Dizemos que são enganos, engodo... no interesse dos proprietários fundiários e capitalistas". [35].

Eliminada a moral que se relaciona a uma ordem divina, que está "fora da sociedade humana", ela é substituída pela nova "moral de classe", que, "surge dos interesses da luta de classe do proletariado". A afirmação categórica: "Não, cremos na moral eterna e desmentamos toda espécie de fábulas imaginárias sobre a moral", corresponde outra categórica afirmação: "Nós dizemos: a moral é aquilo que serve para destruir a velha sociedade exploradora e para reunir todos os trabalhadores ao redor do proletariado" [35].

Também o fenômeno do terrorismo é visto à luz destes princípios. Lênin repudia o terrorismo individual, mas apressa-se em esclarecer, "somente por motivos práticos", somente por ser ele contraproducente. Quanto às "pessoas que gostam de condenar por princípio o terrorismo", elas se cobrem, a seus olhos, "de ridículo e de vergonha" [36].

Como se vê, é a moral utilitarista do sucesso: bem é "aquilo que serve" para alcançar o próprio objetivo, mal, aquilo que o dificulta. Mao Tse-Tung retomará pontualmente os mesmos conceitos:

justo é "aquilo que favorece o fortalecimento da ditadura democrática popular", verdadeiro é aquilo que "concorde com os interesses do povo" [37].

Com estes princípios, tudo se torna lícito, tudo se torna possível. A condenação de um inocente, no sentido "velho burguês" do termo, torna-se um ato de justiça de classe se for ditada "por motivações de oportunidade" e se corresponder ao "ponto de vista da convivência de classe".

Certamente ninguém é tão ingênuo a ponto de acreditar que, fora do campo marxista, a vida política seja dirigida pelos ideais mais nobres e se conforme aos mais elevados ditames da moral. Mas quando se elimina até mesmo a fé em "algo de superior a todos nós", substituindo-a pela fé messiânica na história, quando se faz da política, que é sempre política, o instrumento privilegiado da salvação global do homem, o resultado só pode ser uma total amoralidade e um completo cinismo.

-O absoluto.

A negação da moral não nasce somente da negação de Deus, ou seja, de um Absoluto transcendente, mas também da sua substituição por outro absoluto: um absoluto imanente.

Para entender o pensamento marxista sobre este ponto, é necessário referir-se mais uma vez a Hegel, ao qual Marx é devedor.

Para Hegel, que é panteísta, o absoluto é o Espírito, presente e operante em todas as realidades, mas sobretudo nos homens, enquanto seres conscientes e pensantes. Esse Espírito, não sendo distinto do que é criado, não é imutável, mas está em contínuo devir, e torna-se no mundo mesmo, em particular na história, teatro do desenvolvimento junto ao homem e ao Espírito. Este devir realiza-se, para Hegel, em modo "dialético", isto é, por meio da oposição dos contrários. Do contraste de duas realidades contrapostas nasce uma realidade nova e superior, "síntese" das duas, que realiza um "desenvolvimento" do mesmo Espírito. Assim acontece o crescimento do Ser e se dá o devir da história.

Cada momento dialético desse desenvolvimento tem um valor positivo: uma afirmação e o seu contrário, com efeito, são ambos momentos dialéticos de uma mesma verdade em devir. Por esta razão, a verdade de ontem não será a de hoje ou de amanhã, o bem de ontem não será o de hoje ou de amanhã. Tudo se

relativiza; resta, porém, a história em seu conjunto, o seu desenvolvimento, o seu progresso, que assume o valor de um absoluto imanente ao mundo, e ocupa o lugar deixado livre pela negação de um Absoluto transcendente.

Marx toma de Hegel esta visão das coisas. Também para ele o absoluto é a história, somente que ela não é movida pelo Espírito, mas pela produção, e tende necessariamente para a sociedade sem classes, ponto de chegada da mesma história.

O advento da sociedade socialista torna-se, assim, o novo absoluto, aquilo a que tudo se refere, pelo que tudo é medido; torna-se pois, como se viu, o critério do bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Bom e verdadeiro é tudo o que é conforme ao desenvolvimento da história, o que conduz à sociedade socialista; mau e falso, tudo o que é contrário.

"A verdade - observa Berdjáev - mesmo quando se refere a fatos indiscutíveis, torna-se mentira quando dificulta a vitória da revolução proletária; e vice-versa, a mentira pode tornar-se um momento dialético necessário do luta do proletariado" [38].

a) O partido. Dado que o critério de ação é fornecido pelo "mito da história", e dado que a porta de lança da história é "a classe messiânica do Proletariado", e a porta de lança do proletariado é o partido comunista, o partido torna-se o "porta-estandarte da história" [39], transferindo para si mesmo o valor do absoluto que é próprio da história e de sua realização final.

A este ponto é natural que "o critério da verdade" e da moralidade seja "a ação mesma do Partido" [39], e que ele, aos olhos do marxista militante, assuma o caráter de uma autêntica realidade divina, da qual tudo depende e à qual tudo é devido.

Gramsci exprime com uma imagem muito feliz este caráter dialético do partido, referindo-se à figura do "Príncipe" de Machiavelli, o soberano absoluto ao qual tudo é consentido e a cuja vontade tudo deve dobrar-se. Para ele, com efeito, o partido é o "moderno Príncipe", e, como tal, é a medida do bem e do mal, o ídolo que "toma o lugar da divindade, nas consciências", e que realiza assim a "laicização da vida toda".

É, pois, natural que nos países socialistas se viva neste clima de total dependência do partido. Não é raro aparecerem nos

¹⁴ - N.A. Berdjáev (1874-1948), filósofo russo, em jovem aderiu ao marxismo, do qual se afastou bem cedo (1902), convertendo-se ao cristianismo. Expulso da URSS em 1922, morreu exilado em Paris.

jornais frases como: "O partido é nosso apoio em cada passo", "ele vem sempre em nossa ajuda", "como uma boa mãe vigia sobre nós continuamente" [40], etc.

Assim, no *Livro Vermelho* de Mao, se diz que o partido é a "espinha dorsal do povo" e que, embora sendo composto de "uma mínima parte da população do pai", deve ser seu "núcleo dirigente". A ele se deve plena e total "submissão", a ele se deve uma devoção absoluta. "O interesse do Partido é o interesse supremo", dirá Liu Shao-Chi, por 10 anos presidente da República Popular Chinesa. "Sacrificar o interesse pessoal, sacrificá-lo até a custo da própria vida sem a mais leve hesitação... é a mais elevada manifestação da moral do comunismo" [41].

Por ironia da sorte, ele mesmo foi chamado a pôr em prática estes princípios, quando, em 1968, foi destituído e mandado para uma "colônia agrícola", para ser "re-educado". É provável que tenha sabido suportar sua desventura e a morte que pouco depois lhe sobreviveu, "com um sentimento de orgulho pela causa do Partido" [41], do mesmo modo que muitos comunistas soviéticos, caldos em desgraça.

Solzenitsin afirma que não foram poucos, entre os seus companheiros de prisão, os ex-membros do partido, que, nas injustas condenações sofridas, se obstinavam em reconhecer somente "erros", negando-se a "interpretar criticamente a experiência vivida", conservando-se a "interpretar criticamente a experiência vivida", conservando a integral e total a "fé no partido". Muitos deles chegaram a justificar todas as brutalidades sofridas, a depor falsamente contra si mesmos e a fazer-se odiar até mesmo pelos próprios filhos, contando que não "se odiasse o poder soviético". É ainda esta total e absoluta fidelidade ao partido a primeira explicação para as numerosas "autocríticas que os militares caldos em desgraça souberam fazer nos processos contra si próprios e que tanta admiração suscitaram no resto do mundo. Parece que também os grandes dirigentes obedeceram a este impulso, quando se acusaram dos piores crimes durante os "expurgos stalinianos" (1936-1938), colaborando para a própria destruição não só física, mas também moral [42].

Deste modo o marxismo, tendo negado a Deus para livrar o homem de todo o tipo de sujeição, terminou por divinizar uma

11. * É preciso reafirmar a disciplina do Partido ou seja: 1) submissão do indivíduo à organização; 2) submissão da minoria à maioria; 3) submissão do grau inferior ao grau superior; 4) submissão do conjunto do Partido ao Comitê central" (Mao Tse-Tung - *O Livro Vermelho*)

instituição, o partido, colocando o homem a seu serviço. O partido transformou-se assim, por sua vez, numa "religião".

Gramsci é muito explícito a este respeito. Para ele, "o socialismo é exatamente a religião que deve matar o cristianismo. Religião no sentido de que também ele, o socialismo, é uma fé, que tem seus místicos e seus práticos; religião, pois substitui nas consciências o Deus transcendental dos católicos" [43].

Mas trata-se de uma religião idólatra, e portanto verdadeiramente alienante, pois absolutiza valores que não são absolutos, pondo o homem a seu serviço.

b) A doutrina. Ao lado da tendência a dar um valor absoluto à história, situa-se também a tendência a dar um valor absoluto à doutrina que da história é a única intérprete válida.

Assim a doutrina marxista assume o caráter do absoluto e do intalível, a ponto de, na União Soviética, ser sintoma de desequilíbrio mental colocá-la em dúvida [44].

O dogmatismo, já presente em Marx, como Proudhon tinha justamente notado, tornou-se um dos traços característicos dos países socialistas, e pesa fortemente sobre todos os aspectos de sua vida. Não só os cultores da arte e das "ciências vivem sob uma pressão ideológica tão monstruosa que causa admiração se a arte e as ciências humanísticas ainda não desapareceram do nosso País" [45], afirma Sakharov, mas o mesmo campo das "ciências exatas" e da técnica sofre esta pressão, que dificultou e dificultou o progresso da União Soviética [45]. Chegou-se, por exemplo, a contestar a física de Einstein, porque suspeita de ser "idealista", ou seja, não conforme aos cânones da ideologia oficial.

O caso do geneticista Lysenko é sintomático. Suas teorias, absolutamente "fantásticas", agradaram a Stálin, porque pareciam conformes com os princípios filosóficos do marxismo e, por essa razão, setornaram doutrina oficial da União Soviética por 33 anos. Toda obediência contária foi truncada pela força, e assim a genética soviética permaneceu bloqueada por decênios, sobre posições inconsistentes. Somente com a queda de Krushchev foi posto de lado, continuando Lysenko, no entanto, a sentar-se com os seus amigos nos sofás da Academia" até a morte (1977).

O peso da "doutrina oficial" fez-se sentir, não só sobre a cultura e a ciência, mas também sobre a vida concreta, sobre a economia e os costumes dos países socialistas. Embora haja, em seu meio, um sério empenho em desenvolver a produção, tal empenho

passa a segundo plano perante as exigências da ideologia. Assim, na Rússia, ainda que a coletivização agrícola se tenha manifestado falida, ninguém podia dar-se a liberdade de colocá-la seriamente em discussão. Preferia-se importar toneladas de trigo do que renunciar ao dogma do coletivismo. Do mesmo modo, na China, podia-se perder até uma semana de trabalho, contanto que se organizasse uma "sessão de luta" contra alguém que se estivesse desviando da ideologia.

Também o tratamento de favor dado aos criminosos comuns, em relação aos políticos, na Rússia como na China, era um reflexo desta mentalidade. Na Rússia, os ladrões eram considerados transviados, não "inimigos", como os políticos. Somente estes, com efeito, eram criminosos em sentido próprio, porque inimigos da coletividade. Tanto isto é verdade que, a partir dos anos 20, nos institutos penais soviéticos, os ladrões foram oficialmente chamados "socialmente vizinhos", em contraposição aos políticos.

Se, portanto, o governo dos czares concedia um tratamento de favor aos políticos, o governo soviético o concedia aos criminosos comuns: um feliz retorno ao espírito da Idade Média. Naquele tempo, na verdade, os ladrões eram presos, os assassinos julgados e os "heréticos" queimados vivos!

-A utopia

O humanismo marxista, à prova dos fatos, desilude, e isto não por motivos accidentais, mas em consequência dos mesmos princípios sobre os quais se funda, não por último a negação de Cristo e de Deus.

A negação de Cristo se relaciona com a exaltação da violência, enquanto a negação de um Deus transcendente se relaciona com a rejeição da moral e com a submissão incondicionada ao partido.

A este ponto se poderia objetar que as sociedades socialistas ainda não alcançaram a fase final prevista por Marx, "na qual o livre desenvolvimento de cada indivíduo é a condição para o livre desenvolvimento de todos", podendo-se escrever em suas bandeirolas: "Cada qual segundo suas capacidades; a cada qual segundo suas necessidades" [12]. Os aspectos desumanos do socialismo real seriam o prego doloroso, mas necessário, que se deve pagar para chegar a essa meta.

A objeção não tem fundamento.

Em primeiro lugar, porque fazendo assim, o marxismo se coloca no mesmo nível do capitalismo, para o qual a miséria das

massas é o prego que se deve pagar para o acúmulo do capital e, conseqüentemente, para o desenvolvimento global da sociedade, da qual um dia também o proletariado poderá tirar proveito.

Em segundo lugar, porque existem vários países, como a União Soviética, por exemplo, que são socialistas há muito tempo, e nos quais ainda não se antevê a atuação da fase final. A última afirmação oficial a esse respeito remonta a 1962, quando o novo "programa do partido" prometia para 1980 "a sociedade comunista edificada na União Soviética", fundada sobre o princípio "de cada qual segundo suas capacidades, a cada qual segundo suas necessidades". O ano de 1980 passou, e "não se menciona mais aquela promessa... porque aquelas palavras adquiriram, com o passar do tempo, um sabor sempre mais irônico".

Efetivamente, a cada dia que passa, se torna sempre menos provável a realização daquele mundo radicalmente novo que Marx previra, e aparece sempre mais claramente seu caráter de utopia. Todos podem constatar que, embora tenha sido coroada de sucesso, "a luta revolucionária da classe oprimida para construir para si um paraíso na terra", o homem novo, perfeitamente pacificado consigo mesmo e com a sociedade, livre da "subordinação servil à divisão do trabalho" [12], e da "fixação das paixões anti-sociais, custa a nascer, e assim custa a nascer também o esperado paraíso na terra.

E tudo leva a crer que não nascerá nunca, porque a experiência demonstrou, como era de se prever, que não basta mudar as estruturas econômicas e sociais para mudar a consciência do homem.

Tudo leva a crer ainda que a história procederá no futuro como procedeu no passado, e que a difícil caminhada rumo a formas de vida mais justas e humanas, jamais terá um "ponto de chegada" válido uma vez por todas, mas implicará sempre um empenho incessante, custará sempre um alto preço de sacrifícios e sofrimentos, e exigirá sempre uma alta dose de dedicação e de amor, isto é, aquelas virtudes tão pouco apreciadas por Marx, e que, ao invés, estão no centro da mensagem do Evangelho.

Ora, se o marxismo é uma utopia, ele é prejudicial como todas as utopias, pois atastando o homem das possíveis realizações concretas, orienta-o para metas tanto fascinantes quanto ilusórias. Sob este prisma, aparece com trágica evidência o drama de tantos milhões de pessoas sacrificadas pela práxis revolucionária marxista sobre o altar de um sonho.

E perante a utopia marxista manifesta-se o valor do realismo do evangelho, que não promete paraísos na terra, ao contrário, faz da cruz o instrumento privilegiado da salvação. Trata-se de uma salvação que, na realidade, já está presente e atuante neste mundo, onde quer que reine o amor de Cristo, mas que se cumprirá plenamente só quando, participando de sua ressurreição, entrarmos numa dimensão diferente da atual, necessariamente marcada por pesados condicionamentos da matéria.

4. A Religião na União Soviética

De acordo com a visão de Marx, visto que a religião nasceu de uma situação de injustiça social, própria das sociedades do passado e da capitalista em particular, ela está destinada a desaparecer com a vinda da sociedade socialista.

Ora, existe um país, a União Soviética, onde se realizou, há mais de 70 anos, uma profunda revolução social de inspiração marxista. Lá, portanto, a religião já deveria ter desaparecido, ou ao menos ter sido reduzida a uma sobrevivência do passado. Acrescente-se que o espírito prático de Lênin e de seus sucessores procurou acelerar a extinção da religião, impondo-lhe pesadas limitações, opondo-lhe a propaganda capilar do ateísmo.

Procuraremos, antes de tudo, conhecer os esforços feitos pelo poder soviético para eliminar a religião. Em seguida, veremos se, e em que medida, ela ainda sobrevive atualmente.

a) Os limites impostos à vida religiosa

A Constituição soviética, no artigo 52, afirma: "As cidadãos da União Soviética é garantida a liberdade de consciência, isto é, o direito de professar qualquer religião ou de não professar nenhuma, de praticar os cultos religiosos e de fazer propaganda ateísta".

A expressão "liberdade de consciência", tão solenemente afirmada, não deve iludir ninguém. Ela não é entendida pelos dirigentes soviéticos no sentido "burguês" do termo, mas no "proletário".

Ora, se a liberdade de consciência não é nada mais que a tolerância de todos os gêneros possíveis de consciência religiosa, a proletária "exprime-se na libertação da consciência de todos os trabalhadores da anestesia religiosa" [46]. Esta particular interpretação da liberdade de consciência, de sabor marxista [31], que

reafirma quase à letra um famoso texto de Marx [47], estava na base de toda a ação do Estado Soviético em relação à religião. A libertação do "anestésico religioso" ocorria antes de tudo através de uma série de restrições impostas à vida religiosa, já vislumbradas pelo artigo citado da Constituição, o qual, enquanto permitia aos fiéis "praticarem os cultos religiosos", reservava somente aos ateus a faculdade "de fazer propaganda" de suas idéias.

Essas restrições eram em parte contempladas pela lei, e em parte dependiam de providências administrativas que extrapavam a mesma lei.

-A lei.

A mais recente legislação soviética em assuntos religiosos remonta a 1975. Um decreto do Presidium do Soviet Supremo da RSFSR, ao qual se refazem análogos decretos de outras repúblicas da União Soviética, regulava o exercício do religião no País. Damos amplas passagens nos "textos e documentos" [48].

Nota-se, antes de tudo, que não se nomeiam a Igreja, ou as Igrejas, como tais, mas somente as "sociedades religiosas" e os "grupos de crentes", ou seja, na prática, aquelas instituições que nós chamamos de "paróquias". A cada paróquia em particular eram concedidos os direitos, não às Igrejas: tanto é verdade que as "reuniões gerais das sociedades religiosas" (art. 12) bem como os "congressos" e as "conferências religiosas" (art. 20), ou seja, as reuniões de várias comunidades de crentes, não podiam realizar-se sem a permissão explícita da autoridade competente.

A vida dessas sociedades religiosas era regulada por normas exatas ditadas pelo Estado. Em primeiro lugar, elas "só podiam iniciar sua atividade depois da decisão de registro... por parte do Conselho para os assuntos religiosos perante o Conselho dos ministros da União Soviética" (art. 4). Para se obter esse registro, era necessário que pelo menos 20 cidadãos fizessem o pedido à autoridade local, e que esta o transmitisse, dando parecer positivo, à autoridade regional (art. 5). Esta, por sua vez, devia remetê-lo, sempre com parecer positivo, à autoridade central, a qual "adotava uma decisão para o registro ou para o indeferimento do registro da sociedade religiosa" (art. 7). Portanto, esse registro sempre podia ser negado, sem que se devesse justificar o motivo.

A sociedade religiosa registrada devidamente e dirigida por um órgão executivo aprovado "podia receber, em base a uma decisão do Conselho dos ministros da União Soviética, um edifício especial de oração" seja para usá-lo, gratuitamente, ou "a título de aluguel" (art. 10). A entrega desse edifício era essencial para a vida da sociedade religiosa. Somente nele era possível reunir-se livremente para orar. Para fazê-lo em "locais não propositalmente indicados para esse fim", exigia-se a notificação às autoridades (art. 57), enquanto para fazê-lo "a céus abertos, e também nos apartamentos e nas residências dos fiéis", exigia-se uma "autorização especial, que devia ser solicitada vez por vez" (art. 59).

Tal edifício, além do mais, podia sempre ser retirado da sociedade religiosa, a critério inapelável da autoridade, "no caso de ser necessário para finalidades sociais e estatais" (art. 36), e o mesmo registro podia ser revogado, caso as sociedades religiosas "tenham violado a legislação sobre os cultos" (art. 43).

A atividade do pároco era limitada ao exercício do culto: "a pregação propriamente dita... somente era admitida se constituísse parte integrante da liturgia, pelo que se excluía qualquer outra forma de pregação". Cada pároco devia limitar sua atividade à sua sociedade religiosa (art. 19) não podendo fazer parte de seu conselho executivo, mantendo-se como simples assalariado.

Em conclusão, era concedida aos fiéis uma liberdade de culto, limitada por normas bem exatas e restritas, sempre sujeita a ser revogada pela autoridade, a seu julgamento inapelável.

Qualquer outra atividade era rigorosamente proibida. O artigo 17 do supracitado decreto assim falava:

"As associações religiosas é proibido:

a) criar caixas de mútuo auxílio, cooperativas, associações de produção, etc.;

b) prestar assistência material aos seus membros;

c) organizar, quer reuniões de oração, ou outras destinadas em modo especial às crianças, aos jovens e às mulheres, quer reuniões bíblicas comuns, literárias, para trabalhos manuais, para trabalho (em geral), para ensino da religião e semelhantes, grupos, círculos, sessões, como também organizar excursões e jogos para crianças, abrir bibliotecas e salas de leitura, organizar sanatórios e assistência médica. Nos edifícios e locais de oração podem ser guardados somente os livros necessários para a celebração do respectivo culto."

Nesta confusa descrição, nota-se que aos fiéis era proibida qualquer atividade cultural e recreativa e, o que é pior, qualquer atividade assistencial e caritativa, bem como catequética, especialmente para os jovens e as crianças.

O que resta de uma igreja que não pode exercer a caridade nem sequer em sua vida interna, e que não pode instruir na fé nem sequer os filhos de seus membros?

Sobre este último ponto, tão vital, e sobre o qual o artigo citado é tão genérico, deve-se dizer que na União Soviética a instrução religiosa das crianças sempre foi consentida, quando feita pelos pais, enquanto sempre foi proibida quando "em grupo", em forma de aula de catecismo. Durante os anos 20 houve certa atenuação desta proibição. Assim, enquanto uma instrução do Comissariado do Povo dos assuntos internos, de 22/12/1923, proibia a instrução religiosa aos menores feita a mais de três pessoas por vez, uma interpretação dessa forma, com data de 16/3/1924, admitia a possibilidade de "ensinar aos próprios filhos a assim chamada lei divina... mesmo servindo-se de pessoas convidadas para casa".

Mas também estas limitadas possibilidades foram suprimidas com a determinação de 08/4/1929, na qual aparece pela primeira vez o texto do atual artigo 17, tal e qual o citamos. Uma "nota explicativa" da determinação supracitada esclarecia também que "o ensino da religião aos menores pode ser efetuado somente pelos pais, limitada aos próprios filhos". Esta norma ainda está em vigor, e a instrução religiosa aos menores é passível de punição, seja criminal como administrativamente.

É supérfluo dizer que limitar a instrução religiosa dos jovens apenas ao que os pais podem fazer, em geral despreparados, sem nenhum texto de catecismo, e até sem a Bíblia e o Evangelho, significa na prática condenar a juventude à total ignorância religiosa. É este, com efeito, o objetivo do legislador.

-A prática administrativa.

Os limitados espaços de liberdade concedidos pela lei, ulteriormente foram reduzidos por intervenções arbitrárias da autoridade. Ela, na verdade, podia ir muito além da lei, sem que fosse dada aos fiéis a possibilidade de opor-se.

No que se refere às igrejas, por exemplo, muitas foram fechadas, arbitrariamente, durante as várias campanhas anti-

religiosas. Foi assim que as 54.000 igrejas e 25.000 capelas existentes no território da União Soviética em 1914, a partir da revolução, e sobretudo nos anos 1929-1941, foram drasticamente reduzidas em número, a tal ponto que, em 1941, entre igrejas e capelas restaram "4.225 edifícios de culto deixados à igreja ortodoxa".

De 1943, e durante todos os anos 50, caminhou-se por um rumo oposto e foram reabertas ou reconstruídas mais ou menos 15.000 igrejas, de tal modo que se chegou a um total de aproximadamente 20.000 igrejas. No tempo de Kruschev, e mais exatamente de 1959 a 1964, foram novamente fechadas ou destruídas mais de 12.000. Dado que desde então não surgiram mais mudanças significativas nesse setor, hoje em dia se fala em pouco mais de 7.000 igrejas ortodoxas abertas ao culto. Um exemplo característico da situação é oferecido pela cidade de Leningrado, que em 1917 tinha 2.200.000 habitantes e 425 igrejas, e em 1961, 3.200.000 habitantes e 17 igrejas.

No que se refere à vida das sociedades religiosas, isto é, das paróquias, é preciso dizer que ela estava realmente submetida às diretas dependências da autoridade civil, que não se contentava em proibir, de acordo com a lei (art. 14), o acesso ao órgão executivo de pessoas que não lhe fossem agradáveis, mas com frequência conseguia inserir membros de sua confiança e de sentimentos hostis à religião, às vezes até membros da KGB, que se infiltravam com o objetivo específico de destruir a sociedade religiosa por dentro.

Uma série de pesadas intervenções administrativas restringia a já limitada atividade do clero, limitando-se em todos os aspectos de sua vida. Antes de tudo, procurava-se impedir aos jovens mais dotados o acesso ao seminário, como também se dificultavam de vez em quando as ordenações sacerdotais dos melhores elementos. No caso de sacerdotes muito zelosos, o órgão executivo da sociedade religiosa podia ser constrangido pela autoridade civil a pedir a sua transferência.

Às vezes eram os mesmos bispos que deviam providenciar o afastamento de suas paróquias, ou suspendê-los de suas funções sacerdotais. A tradicional dependência da igreja ortodoxa do estado e o clima geral de intimidação existente na União Soviética, com frequência tornavam os bispos dóceis instrumentos nas mãos da autoridade civil, que exercia sobre eles um firme controle.

Mesmo sem chegar ao servilismo, como o caso do bispo Joann de Kirov¹¹, os bispos, em geral, obedeciam. Eles sabiam que toda tentativa de resistência, como a do bispo Ermogen de Kaluga, conduzia inevitavelmente à destituição.

Um modo de limitar a atividade dos sacerdotes era a obrigação de registrar os dados de quem pedia os sacramentos do batismo e do matrimônio. Esse registro devia ser feito por um membro do órgão executivo da sociedade religiosa e entregue à sociedade civil local. Tal registro não era previsto pela lei, mas foi imposto pela autoridade a partir de 1961, confirmado por uma disposição do patriarca de Moscou de 1964, e permaneceu em vigor até à perestroika de Gorbachev, por volta de 1986. Procurava-se, assim, dissuadir os cristãos de receber esses sacramentos, pois fazê-lo significava expor-se, em seguida, a graves vexames. Outras limitações ao ministério sacerdotal podiam ser impostas mediante "disposições secretas" e "ordens orais". Foi assim que se proibiu aos sacerdotes de admitir aos sacramentos os menores de 18 anos, e de pedir licença, não prevista pela lei (art. 58 e 59), e de fato em geral negada, de levar a unção e o viático aos enfermos, ou celebrar as exéquias nos cemitérios.

Como se vê, estamos perante uma igreja que se tornou "como que um apêndice do Estado", na qual "nenhum bispo, sacerdote ou diácono podia ser ordenado, transferido, nem mesmo mandado repousar, sem a permissão preventiva do Soviet para os assuntos da religião". Estamos perante uma igreja submetida a "uma constante obra educativa" do estado, uma igreja enfim, como diz Solzenitsin, "guiada em modo ditatorial pelos ateus; espetáculo que nunca se viu em dois mil anos!"

Tudo isso não seria possível sem o clima de intimidação, ou de autêntica perseguição contra os fiéis. Estes, desde a infância, viviam no ambiente hostil de uma escola atéia, freqüentemente objetos de zombarias e de maus tratos. A mesma situação encontravam em seguida, fatalmente, nos locais de trabalho, onde sofriam as pressões e o desprezo dos colegas, bem como as medidas vexatórias e discriminatórias dos dirigentes.

¹¹. Mandou fechar uma igreja dizendo que ela não tinha recursos suficientes; as autoridades, de noite, destruíram-na. Obrigou também os sacerdotes a apresentarem, por vezes, os textos de suas pregações aos órgãos locais do partido para prévia aprovação e proibiu as celebrações litúrgicas das 5 às 20 horas nos meses de verão - de meados de maio a meados de novembro - para não dificultar os trabalhos agrícolas (Cfr. Coderville, *As Comunidades Religiosas na URSS, La casa di Mattona - Milano*).

Sabiam ainda que se, casualmente, se arriscassem a reclamar, podiam abrir precedentes para graves represálias, a começar pelo afastamento do trabalho, uma medida particularmente grave na União Soviética, onde não existe o subsídio de desemprego, e onde quem foi dispensado "por ordem superior", ou não encontra mais trabalho, ou encontra uma ocupação de fome. Condenado à miséria, quem não tem trabalho corre também o risco de uma condenação penal. Com efeito, em base ao artigo 109 do Código Penal da RSFSR, um cidadão que não tenha trabalho "socialmente útil (ou seja, na prática, indicado pelo Estado), por mais de 4 meses seguidos, ou por períodos que chegam a um ano", pode ser condenado por "parasitismo" a um ano de trabalho correccional, ou até dois, se for recidivo.

À perda do lugar para quem trabalha, correspondia a expulsão da escola para quem estuda, quer seja na Universidade quer seja na escola superior. A expulsão da escola elementar era considerada uma excepção extraordinária, mas os filhos dos fiéis dificilmente tinham acesso à escola superior, na qual, além de tudo, era obrigatória a inscrição à *Konsomol*, associação juvenil do partido, de carácter acentuadamente antirreligioso.

"Uma das formas mais atrozes de perseguição religiosa era a de tirar os filhos dos pais, com o objectivo de salvaguardá-los da perniciosa educação religiosa". Com efeito, o partido não pode aceitar que pessoas cegas e ignorantes eduquem seus filhos à própria imagem e semelhança, e os deformem". Foi por isso que os filhos dos fiéis mais obstinados foram, por vezes, subtraídos à família, para ser colocados em institutos especiais, e educados de acordo com a ideologia oficial. Para dar uma parvença de legalidade a estas determinações, recorreu-se ao artigo 142 do Código Penal referente à "violação das leis sobre a separação da Igreja do Estado", que obviamente nada tem a ver com o caso em questão, ou ao artigo 52 do Código de direito matrimonial, que oferece melhores pretextos.

Enfim, havia também para os fiéis a internação nos hospitais psiquiátricos, uma decisão sempre arbitrária, pois tomada por uma comissão de peritos, às dependências directas dos órgãos policiais. Os fiéis, portanto, viveram por longos anos num clima de intimidação e de verdadeira perseguição.

Com a perestroika de Gorbachev, a situação melhorou, ainda que, pelo momento, seja difícil dizer em que medida.

b) A propaganda do ateísmo.

As difíceis condições da vida religiosa correspondia o empenho do Estado em promover o ateísmo. Este empenho foi e continua sendo um dos pontos firmes da polícia interna soviética. De Lênin [50], a Stálin [51], e a Kruschev [52], ele sempre foi retomado, como é retomado no Estatuto do partido, ainda em vigor. Assim diz: "O partido utiliza os meios de influência ideológica para educar os homens no espírito de uma concepção científica e materialista do mundo, para superar os preconceitos religiosos sem admitir que se ofendam os sentimentos dos fiéis. É necessário explicar pacientemente a inconsistência das crenças religiosas nascidas em épocas precedentes em condições de sujeição do homem às forças cegas na natureza e ao jugo social, em vista da ignorância das verdadeiras causas dos fenómenos naturais e sociais. Este trabalho deve ser baseado nas realidades da ciência moderna que oferece uma visão sempre mais completa do universo, reforça o poder do homem sobre a natureza e não deixa espaço para as fábulas fantásticas da religião sobre as forças sobrenaturais".

A este programa se refaz toda a propaganda oficial e toda a obra dos meios de comunicação social, a começar pela imprensa. Existem periódicos especializados na propagação do ateísmo, e uma rica produção de livros sobre o assunto".

O instrumento mais valioso e eficaz da propagação ateísta foi a escola do Estado. Ela estava empenhada em "fazer com que a doutrina do ateísmo científico entre a fazer parte das convicções pessoais dos alunos".

Os professores eram obrigados a uma activa propaganda anti-religiosa, pelo que não se podiam "admitir ao trabalho em qualidade de educadores e de professores pessoas contaminadas pela religião". Era natural, portanto, que descobrindo que um professor era crente, ou que mandou batizar um filho, fosse imediatamente dispensado. Os livros de texto eram inspirados na doutrina marxista, e se refaziam às páginas de Marx, Engels e Lênin sobre a religião que eles aprenderam a conhecer.

11. Nos anos 1922-23, imprimiram-se anualmente livros e opúsculos anti-religiosos com tiragem total de 170.000 exemplares. Em 1954, imprimiram-se 119 livros e opúsculos com uma tiragem total de 1.944.000 exemplares. Em 1962 chega-se aos 355 títulos com tiragem de 5.422.000 exemplares. Estes dados, de fonte oficial, estão publicados em *Rússia Cristiana*, n. 126

Nas escolas superiores existia um curso obrigatório do ateísmo científico, que pretendia oferecer uma fundamentação teórica ao clima de irreligiosidade em que por longos anos o aluno viveu. Não se deve esquecer que, na maior parte dos casos, o Estado soviético assumiu o cuidado da criança desde a idade de dois meses, isto é, quando a mãe, devendo voltar ao trabalho, o confiava à creche-ninho, e que a partir de então ela crescia respirando o ar materialista dos institutos estatais.

Numa situação em que há mais de 70 anos "os ateístas têm o direito de propagar às custas do Estado as próprias idéias, enquanto aos fiéis não era reconhecido o direito de responder a essa propaganda nem sequer às próprias custas", na qual os fiéis sofriam graves limitações e discriminações e onde, em geral, vigorou uma sociedade que, de acordo com os cânones do materialismo histórico, deveria por si só levar à extinção de qualquer religião, não deveria existir nenhuma esperança para a vida religiosa.

c) A persistência da religião.

Existem bons motivos para se acreditar que a religião da União Soviética não está morta, nem ameaça morrer. O fato de que "a julgar pela frequência com que se fazem referências a eles nas narrações e declarações de detentos e ex-detentos, os presos religiosos devem constituir uma grande parte do número total de prisioneiros de consciência", já é por si um valioso indício de que ainda existem muitos fiéis na União Soviética.

Além disso, a partir da metade dos anos 60, verificou-se uma retomada de vigor e coragem por parte dos fiéis. Entre outras provas, devemos acenar às sempre mais frequentes manifestações contra a autoridade, no intuito de obter um maior respeito pelas convicções religiosas. Nasceram até periódicos clandestinos de caráter religioso como o *Boleim do Conselho dos prisioneiros católicos* e o *Boleim do Conselho dos prisioneiros católicos*, publicados desde 1971, e a *Crônica da Igreja Católica na Lituânia*, que é impressa desde 1972. Os ortodoxos, ao invés, se servem como meio de informação da revista confessional *Crônicas dos acontecimentos do momento*, que sai desde 1968, e recolhe numa síntese muito seca os dados relativos às repressões e às violações dos direitos humanos na União Soviética.

Nota-se, além disso, uma retomada da prática religiosa por parte da juventude, e um despertar do interesse religioso por parte dos homens de cultura. Foi exatamente "nos círculos de intelectuais e artistas" que se partiu para a redescoberta dos valores religiosos.

É difícil, portanto, interpretar a perseverança da religião na União Soviética como um fenômeno de sobrevivência, ligado à ignorância das camadas menos evoluídas do povo, se depois de mais de 70 anos de "ateísmo científico" o cristianismo está voltando a ser "a religião da aristocracia espiritual".

Lembremos os prêmios Nobel da literatura Boris Pasternak [53] e Aleksander Solzenitsin [54], ambos crentes; bem como os célebres nomes da cultura russa contemporânea, A. Galic, E.S. Ginzburg, A.E. Levitinkrasnov, D.M. Maksimov, D.M. Panin, I.R. Safarevik, A. Sinjavskij, todos eles crentes.

Há também um florescimento da poesia religiosa. É muito interessante constatar que pessoas, nascidas e crescidas numa sociedade socialista, reencontrem Deus, em contato com a realidade simples da natureza [55], e que, como sempre aconteceu, pela contemplação da criação se sintam levadas à oração [56] de louvor e de agradecimento [57]. O sentimento de admiração para com o Criador, que Marx definia como "imbecil idílio camponês", sobrevive, portanto, também na sociedade socialista, e se revela como uma tendência insuprimível e radical de espírito.

Enfim, parece que nem a classe dirigente, nem os homens do aparato e do partido, estão privados de certo interesse religioso. Eles andam "peregrinando pelos mosteiros e igrejas antigas ainda abertos na Rússia, com a desculpa de recolher antigas estátuas ou estudar a arquitetura", mas, na realidade, levados por um interesse religioso. Assim, "sempre com maior frequência... os filhos dos comunistas galonados solicitam e recebem o batismo". Fala-se até de conversões de juizes instrutores e de agentes da KGB, e a coisa não é tão incrível, se se recorda que entre os nomes dos convertidos se encontra um célebre, embora discutível, da filha de Stálin, Svetlana Alilúieva [58].

Este retorno à religião, embora não sendo um fenômeno de massa, é relevante, detal modo que as mesmas fontes oficiais são obrigadas a admiti-lo. No *Relatório Il'icev*, por exemplo, podemos ler: "Uma não pequena parte da população soviética, de um modo ou de outro, ainda continua sob influência da religião e continua a frequentar as igrejas e a observar os ritos religiosos".

Assim, não é raro ler-se na imprensa soviética: "Os preconceitos religiosos conservam-se tenazmente na consciência de uma notável parte da população". "Infelizmente, uma considerável parte dos trabalhadores continua a crer em Deus". "A religião... não foge da luta, como alguém pensa, mas às vezes, até passa ao ataque", etc. [59].

Também o renovado interesse da juventude pela religião encontra análoga confirmação [60]. Sempre pela imprensa, é possível saber que a frequência à igreja e aos sacramentos está aumentando nesta ou naquela região, e que na Rússia existem ainda mais ou menos 70 milhões de fiéis ortodoxos, ou seja, quase uma terceira parte da população.

Portanto, a vida religiosa na Rússia ainda não se apagou. As previsões de Marx não se averiguaram. Mais um dado que contraria a análise marxista da religião e confirma a sua inconsistência.

Vimos, mediante fatos comprovados, que a religião não está ligada, de maneira essencial, à estrutura econômica da sociedade, e que os pensamentos e sentimentos das pessoas com a divindade não são apenas o reflexo da sua vida material.

A afirmação de Lênin que "a opressão religiosa do gênero humano nada mais é do que o produto do reflexo da opressão econômica no meio da sociedade", não é senão o reflexo da "impotência total perante as forças cegas do capitalismo", foi desmentida exatamente na sociedade socialista fundada por ele.

Nela, com efeito, a religião não morre, mas se alimenta dos mesmos sentimentos e das mesmas intuições com que sempre se alimentou.

Pode-se, pois, concluir com toda a tranquilidade que o materialismo histórico não está em condições de explicar o fenômeno religioso, exatamente porque faz da religião uma avaliação incompleta e distorcida e porque é uma chave de interpretação redutora e errada da realidade.

2. OS ERROS TEÓRICOS

Depois de uma extensa análise baseada nos fatos, torna-se fácil sintetizar os erros de princípio da filosofia marxista.

de onde provém, como consequência lógica, seus juízos errados a respeito da religião.

Ao fazer isto, teremos a oportunidade de evidenciar também as falhas de outras filosofias que têm relações de parentesco com o marxismo, e de nos aproximarmos da raiz mais verdadeira e profunda não apenas do ateísmo marxista, mas de toda forma de ateísmo positivo.

1. O Enfoque Geral

Na base dos erros de Marx, está, antes de tudo, um engano de metodologia de enfoque. Ele espera chegar à verdade "derubando" a filosofia de Hegel. Mas será que para chegar à verdade basta acabar com um erro? Se para Hegel tudo é espírito, basta afirmar que tudo é matéria, para estar na verdade?

Hegel, além disso, é criticado só por um aspecto de seu pensamento, enquanto as linhas gerais do marxismo permanecem hegelianas. É hegeliano o lugar designado para a história, primeiro e, na prática, único centro de interesse da filosofia, como também é hegeliano o esquema "dialético", segundo o qual se pensa que a história caminha.

No pensamento de Marx, com efeito, a história se desenvolve em forma triádica, pelo choque de duas forças opostas, que em nossos tempos são representadas pela burguesia e o proletariado, e deveria resultar em uma realidade, a sociedade sem classes, superação e síntese das duas precedentes. Além disso, a idéia de que a história procede segundo esse esquema dialético é imposta aos fatos como um modelo de interpretação preconstruído, como uma rígida forma na qual os fatos "devem" entrar. Este modo de proceder torna impossível uma leitura realista e desapassionada das vicissitudes humanas, aberta a sempre novas possibilidades de interpretação, e é o oposto de um modo verdadeiramente científico de fazer história.

Mas a herança de Hegel pesa negativamente em Marx, sobretudo no monismo, ou seja, na tendência a reduzir ao uno toda a realidade. Na verdade, derrubando Hegel, Marx tornou-se monista: tudo para ele é matéria, tudo deve ser reconduzido à matéria, inclusive o homem e a história. Daí a idéia do materialismo histórico, ou seja, a idéia de que a história depende, em última análise, da vida econômica.

Ver em tudo a presença e a ação de uma única realidade significa, em primeiro lugar, reduzir o real, que é múltiplo e conexo, somente a um de seus aspectos. Acontece, assim, que o homem é entendido somente como **homo faber** (homem que produz), como trabalhador e produtor, e que até mesmo a natureza não merece atenção, a não ser enquanto campo de trabalho humano. E dado que o homem não produz, a não ser relacionando-se com os outros, resulta daí a sua redução à dimensão social.

Reduzir uma realidade complexa a um só de seus aspectos, significar ter deles uma visão distorcida e, portanto, falsa. Porventura não é uma visão falsa do homem considerá-lo essencialmente apenas um produtor de bens materiais? Não é falso, além de perigoso, desprezar os valores espirituais como não autônomos, por não terem uma história, "superando" assim a moral, eliminando a necessidade de autodomínio, e confiando só na capacidade salvífica da ciência? Não é errada a pretensão de fazer do homem, substancialmente, um ser social, esquecendo que, diferentemente das abelhas e das formigas, ele é também uma "pessoa"? Não é falso considerar que, em última análise, o único mal é a pobreza econômica e o único bem a revolução social?

O monismo redutivo, portanto, é sempre deformador e conduz a uma imagem falseada da realidade.

Enfim, o monismo, considerando um só aspecto do real e fazendo tudo depender dele, termina dando um valor absoluto a esse aspecto. É por isso que a história, o partido, a política se tornam "absolutos" a ser atingidos com intransigência e fanatismo. Moral, arte, ciência, tudo deve ser subordinado a eles.

Ora, esta atitude de reduzir, deformar e absolutizar pode dar a impressão, exatamente porque simplifica, de esclarecer tudo e tudo resolver, mas na realidade não esclarece e não resolve nada.

O fascínio do marxismo consiste exatamente na pretensão de ter encontrado o fio da meada da história, que permitia compreender o passado, prever o futuro e atuar infalivelmente na sua linha de ação. Essa presunção é um sentimento muito agradável para a vaidade, mas infelizmente destituído do fundamento.

O materialismo histórico, coração da filosofia marxista, que tudo reduz ao fator econômico, fazendo dele o motor que arrastava a história, ao máximo pode ser afirmado "a título de postulado ou de axioma", mas não pode ser demonstrado de modo algum.

2. A Crítica da Religião

Marx elabora uma crítica da religião que, à prova dos fatos, sempre se mostra errada. Vamos agora examiná-la por dentro, para ver quais são seus erros teóricos, analisando os três conceitos ao redor dos quais ela se articula: o da "projeção", o do "ópio" e o do "reflexo".

a) Projeção

Antes de tudo, para Marx, a religião nasce por um processo de "projeção" no sentido que o homem tenderia a atribuir a um ser fantástico e celeste as melhores qualidades que estão nele, mas das quais se sente defraudado por uma sociedade injusta e exploradora. Deus seria, portanto, a imagem do homem alienado de si mesmo.

Que dizer desta hipótese?

Podemos, antes de tudo, admitir que em todo nosso conhecimento, e em particular em nosso conhecimento de outras pessoas, está sempre presente um aspecto subjetivo. Quando queremos conhecer a personalidade de alguém, o fazemos interpretando seu comportamento, à luz de nossa personalidade, de nossa experiência anterior, ou seja, procurando identificá-los com essa pessoa. Fazendo isso, é inevitável que se projete no futuro algo de nós mesmos. Isto não implica, no entanto, que os nossos juízos sobre os outros sejam totalmente subjetivos, ou sejam puras projeções de nós mesmos.

Do mesmo modo, não se pode excluir que também no conhecimento de Deus intervenha um processo de projeção, especialmente quando se trata de "representá-lo" com imagens concretas que talnem à nossa fantasia e ao nosso coração. Isto, todavia, não significa que este conhecimento seja fruto de pura projeção. Ele tem, sem dúvida, outras raízes.

Como veremos no próximo capítulo, o homem que busca uma explicação do porquê da existência do universo, e por que aparece ele dirigido por uma ordem racional, chega a afirmar que deve existir um Ser absoluto, infinito e inteligente, que esteja na sua origem. Este processo pertence à esfera da razão discursiva, não à da fantasia e da projeção psicológica.

Por outra parte, todo o argumento de Feuerbach, do qual Marx depende, em favor de uma construção de Deus por via de pro-

jeção, apóia-se no fato de que Deus é concebido "como uma pessoa", isto é, dotado de todas as melhores qualidades da pessoa humana. Mas sabemos também que há religiões, como por exemplo o taoísmo e o bramanismo, que não representam a Deus como "pessoa", e somente este fato bastaria para desmentir Feuerbach e Marx.

b) Ópio do povo

Um segundo conceito ao qual Marx recorre para explicar a religião é o de "ópio do povo". A religião seria uma droga espiritual com o objetivo de consolar, necessária em vista das injustiças da sociedade classista.

A este respeito podemos fazer duas observações.

A primeira é que nossos sofrimentos, frustrações e alienações não dependem só da exploração econômica e da opressão social, mas de muitos outros fatores, pelo que, se a religião fosse um ópio, não dependeria exclusivamente da sociedade classista, nem estaria destinada a desaparecer com ela.

As forças da natureza, por exemplo, não se podem subjugar totalmente, como Marx acreditava com ingênua presunção. Terremotos, temporais, aluviões, etc., fogem ao nosso domínio, e mesmo onde esse domínio é realizável, ele tem suas consequências negativas. Basta pensar no problema ecológico, presente em todos os países industrializados. Existem ainda as doenças e as mortes, dois males insuprimíveis, que não dão toda a medida de nossa precariedade. Marx nunca enfrentou o problema teórico da morte, nem se mostrou muito sensível perante ela, mesmo quando esta bateu à porta de sua família. Isto, no entanto, não elimina o problema, que é de primeira importância.

Existem, enfim, outras fontes de frustração e de dor, também elas independentes da situação econômica e social. São as limitações, frequentemente muito pesadas, que nascem de nosso caráter e das dificuldades que encontramos em aceitar o caráter dos outros; são as dores causadas pela vida afetiva: a falta de afetos, um afeto não correspondido ou traído, um conflito de afetos, etc.; são as decepções perante os sonhos não realizados e as derrotas sofridas. Há, enfim, todo o mundo interior que a psicologia moderna revelou e que o pensamento marxista não considera.

Ainda que a religião fosse um fator de consolação, suas raízes se estenderiam bem além do campo econômico e social. Ela não seria, somente a "consciência do mundo de cabeça para baixo," não seria só "o gemido do oprimido, o sentimento de um mundo sem coração e, ao mesmo tempo, o espírito de uma condição destituída de espiritualidade". Ela não seria, portanto, mais "o ópio do povo" [4] no sentido de Marx.

A segunda observação é que, mesmo admitindo-se que a religião possa nascer de uma necessidade de conforto, não significa que deva fundar-se nessa necessidade. Já vimos, de fato, que procede também de outras exigências, e que existem religiões que não oferecem a promessa de um além feliz.

Além do mais, nada prova que aquilo que serve de conforto, por isso mesmo, deva ser ilusório. Nesse caso, também aí deia de progresso, bem como de uma sociedade melhor no amanhã, deveria ser ilusória, pois também ela é motivo de conforto.

Enfim, por que os membros de classes possuidoras de bens deveriam ser religiosos, às vezes até ao heroísmo da santidade, se a religião fosse só um conforto para aqueles que não estão bem de vida socialmente?

Para se explicar o fato religioso é necessário, pois, colocar-se sobre um terreno bem mais sólido do que o oferecido pela teoria do ópio do povo.

c) Reflexo

O terceiro conceito ao qual Marx recorre para explicar a existência da religião é o do "reflexo". A religião seria reflexo na mente das pessoas da situação de servilismo em que vivem na sociedade classista. Isto porque ela humilha e torna as pessoas escravas, do mesmo modo que o capital as humilha e as escraviza.

O cristão, ao invés, está convencido de que a fé exalta a sua dignidade, fazendo dele um filho de Deus, uma criatura pela qual a segunda Pessoa da Trindade se encarnou, e na qual o Espírito Santo veio morar. Por que, então, a religião deveria ser o reflexo interior de uma situação humilhante e alienante?

Na verdade, Marx nem sequer leva em consideração a dignidade proveniente da fé cristã, porque de partida a considera ilusória e inconsistente. Ser filho de Deus, irmão de Cristo e templo do Espírito Santo, é para ele ser filho de nada, irmão de ninguém e templo de nada, porque Deus não existe.

Ora, supondo que Deus não existe, não é recorrendo à idéia de projeção, de ópio e de relexo que se pode provar a sua não existência.

Concluindo, a impressão geral que fica da crítica marxista à religião é que ela é conduzida de modo superficial. Não distingue entre religião e religião, não faz um estudo comparado das mesmas, não aprofunda bem sequer o cristianismo, que no entanto é o primeiro alvo de toda a crítica.

Tudo leva a crer que a religião não é levada com muita seriedade, e que por isso a sua crítica não é aprofundada. Parece, enfim, que Marx critica o que desconhece, e isto sem o mínimo senso de respeito, certo como está, *a priori*, de que se trata de uma realidade negativa. Pode-se, portanto, fazer-lhe a crítica que Pascal fazia aos inimigos da religião de seu tempo: "Antes de combatê-la, ao menos aprendam a conhecer a religião que combatem".

3. O Ateísmo

Este modo de criticar a religião deixa entender com clareza que não é sobre ela que Marx funda seu ateísmo, mas é, ao invés, o ateísmo que orienta a sua crítica da religião. Essa crítica teria, a seu ver, a tarefa de explicar como é que, embora Deus não exista, a maior parte da humanidade crê em sua existência.

Por outra parte, se é verdade que um estudo do fenómeno religioso pode esclarecer os processos psicológicos que lhe estão à base, pode esclarecer os condicionamentos sociais e culturais que se encontram nesta ou naquela religião, pode avaliar a incidência de uma religião nos costumes, na cultura e na vida social de um povo, não pode, todavia, estabelecer se Deus existe ou não existe. Mas ainda que se pudesse provar que as religiões históricas são todas fenómenos negativos, não estaria provado que Deus não existe, mas apenas que é necessário estabelecer um relacionamento diverso com Ele, ou seja, que é preciso fundar um novo tipo de religião. Portanto, a crítica da religião não é suficiente para fundar o ateísmo. Mas é possível fundar o ateísmo positivo? É possível provar que Deus não existe? Para isto, seria necessário estabelecer que a hipótese de Deus é absurda, ou seja, que "implica numa contradição interna e que contradiz uma lei metafísica certa. Não consta, porém, que alguma vez algum metafísico tenha conseguido dar tal demonstração" [61].

Na realidade, não há argumentos firmes para dizer que Deus não existe. Pode-se discutir, é certo, se há argumentos para dizer que Deus existe, e quem achar que não, permanecerá céptico, isto é, será um ateu negativo, mas não poderá ir além. Jamais poderá afirmar com certeza que Deus não existe.

Surge, então, a pergunta: Onde tirou Marx esta certeza? Em que argumento ele se baseia?

A respeito disso, há um fato muito esclarecedor. Acontece que o ateísmo de Marx remonta à sua juventude. Ele foi ateu antes ainda de fazer sua crítica da religião, antes ainda de formular seu materialismo histórico. O ateísmo nele foi um porto de partida, não de chegada.

De fato, numa de suas cartas ao pai, escrita quando tinha 19 anos, ele já fala sobre essa sua separação de Deus. Naquele mesmo ano, escreveu um romance humorístico, *Escorpião e Félix*, onde, entre outras coisas, zomba dos dois principais mistérios da fé cristã. "O conceito intuitivo da Santíssima Trindade", diz ele, é "não, nada, não" ou seja, é uma inconsistente absurdidade. Assim também, a encarnação do Verbo, como é descrita no evangelho de João, é entendida por Gretel, uma personagem do mesmo romance, de um modo muito... original. Ela, de fato, acreditou que o Verbo habitasse nas coisas (...) como Verbo que se tornou carne, ela via nas coisas a sua expressão emblemática, via a sua glória, e decidiu... livrar-se dela [62].

Deixando-se de lado qualquer tipo de consideração sobre o gosto de semelhante humorismo, ele permanece como um precioso testemunho do profundo desprezo que desde jovem Marx teve para com Deus e a religião. Seu ateísmo é, pois, uma "escolha inicial", um porto de partida, como o foi também para Lênin, ateu antes ainda de ser marxista.

E trata-se de uma escolha de carácter emotivo, ou seja, "anterior ao exercício da razão explicativa", uma escolha do coração, diríamos, "sem fundamento racional", uma negação instintiva que, porém, influíu profundamente sobre todo o desenvolvimento sucessivo de seu pensamento. Ele, de fato, "tentará incessantemente pedir à pesquisa científica que confirme um resultado já adquirido por outro caminho".

É este um dado de grande interesse, se pensarmos na pretensão "científica" do pensamento marxista, e no fato de nos países socialistas se continuar a falar, com toda a seriedade, de "ateísmo científico" e de inconciliabilidade entre religião e ciência.

III. RAZ DO ATEÍSMO POSITIVO

1. DEUS E O HOMEM

Se o ateísmo de Marx é fruto de uma atitude do coração, qual é o sentimento em que ele se funda? A resposta encontra-se já na introdução de sua dissertação doutoral, de quatro anos depois de **Escorpião e Félix**, na qual está escrito:

"A filosofia não faz segredo disto. A confissão de Prometeu: 'E para dizer a verdade, eu detesto todas as divindades' é a sua confissão pessoal, sua sentença pessoal contra todas as divindades celestes e terrestres, que não reconhecem a auto-consciência como suprema divindade. Ninguém pode ficar ao lado delas. As tristes lebres do início da primavera, que se alegam com a aparente queda da condição civil da filosofia, ela repete o que Prometeu diz ao servo dos deuses de Hermes: 'Euregaranto, não mudaria a minha triste sorte pela tua servidão. Muito melhor é para mim permanecer fiel a esta rocha, do que ser fiel mensageiro de Júpiter'. Prometeu é o maior sábio e mártir do calendário filosófico".

O sentido desta página é claro. Tarefa da filosofia é eliminar todo tipo de "divindade", para chegar "a reconhecer como suprema divindade a auto-consciência humana". Ao fazer isto, a filosofia encontrará obstáculos, sofrerá perseguições - estamos no tempo da "restauração" - e poderá sofrer até o mártírio. Mas como o mítico Prometeu, ela deverá permanecer fiel a seus ideais.

Prometeu roubara o fogo dos deuses para presentear-lo aos homens. E com raiva disso, Júpiter acorrentou-o a uma rocha, onde um abutre lhe devorava o fígado. Ora, diz Marx, melhor sofrer como Prometeu, permanecendo interiormente livres, do que tornar-se escravos de qualquer Divindade.

A filosofia para ele tem, como primeira tarefa, não tanto a busca da verdade, quanto a libertação do homem de toda lei e de toda autoridade superior. Todo o seu pensamento é dominado por forte necessidade de sentir-se, como escrevia numa poesia de sua juventude, "semelhante ao Criador", isto é, a "suprema divindade" de si mesmo.

Em outras obras juvenis, ele retoma e esclarece este pensamento, por detrás do qual está sempre a idéia de que Deus é um antagonista do homem. Marx, com efeito, está convicto de que "ou

é Deus o soberano, ou é o homem o soberano". A negação de Deus lhe parece, pois, necessária, para afirmar a soberania do homem sobre si mesmo e sobre o mundo.

Para ele, na verdade, ninguém é verdadeiramente independente se não "deve a própria existência a si mesmo". Ora, diz ele, se existe alguém "que criou a minha vida", que "é a fonte da minha vida", então "ela não é minha criação" [63].

A perspectiva de que a sua vida dependa de um Princípio superior se apresenta como intolerável para o jovem Marx, porque lhe parece que essa dependência faz do homem "um ser degradado, servil, abandonado e desprezível". Lênin retomará quase à letra estas expressões. "Qualquer construção de Deus - dirá - nada mais significa que o narcisismo de um espírito burguês... um frenético cuspir sobre si mesmo dos filisteus e pequenos burgueses "desesperados" e "cansados" [64].

De fato, quem admite Deus não pode mover-se "ao redor de si mesmo" como "de seu verdadeiro sol", não pode reconhecer em si mesmo "o ser supremo", "a mais elevada essência" de si. Portanto, no mundo de Marx não há lugar para Deus, porque o homem é quem deve ser Deus para si mesmo.

"Deus é o homem", dirá mais tarde Engels, e esclarecerá que para resolver qualquer problema seu, "basta que o homem reconheça a si mesmo", meça com seu metro todas as situações da vida", e "as julgue em função de si mesmo" [65]. Numa palavra, basta que se substitua a Deus.

Marx e Engels não são originais, nem estão sós. A tendência do homem a fazer-se Deus consta do Gênesis. "Torna-vos-eis iguais a Deus" (Gn 3,5), são as palavras da serpente tentadora, que exprimem a motivação do primeiro pecado.

Não estão sós, pois antes deles já dissera Feuerbach que o homem deve ser "o ser supremo para o homem" e, depois dele, todos os defensores modernos do ateísmo positivo o repetiram.

Lembraremos dois deles, que estão entre os mais explícitos em confessar a verdadeira raiz de seu ateísmo. Antes de tudo o nihilista Friedrich Nietzsche (1844-1900), assessor de um vitalismo fundado na vontade de poder, no qual o nacional socialismo de Hitler se inspirará. Ele proclamava que "Deus está morto", para que "o super homem viva", ou seja, o homem livre de todo tipo de dependência, "cheio" absoluto de si mesmo, que "matou" a Deus, para ele mesmo se tornar Deus, dando início, assim, "a uma história mais elevada do que todas as histórias que existiram até

hoje" [66]. Como se vê, retorna aqui a idéia de Marx, de uma nova era histórica fundada na negação de Deus.

Nietzsche é de uma extrema sinceridade sobre o motivo de seu ateísmo. Deus não existe, diz ele, porque eu não quero que exista, porque me impediria de me tornar um "super homem", porque o meu orgulho não o suportaria, como também a minha sede de liberdade não o suportaria. "Se existissem deuses - exclama ele - como eu poderia suportar o fato de não ser deus também? Portanto, não existem deuses" [66]. A argumentação é clara e não há necessidade de comentários.

Deus, que a seus olhos é algo de "misericórdia, absurdo e prejudicial", deve ser negado, porque "é um delito contra a vida", deve ser negado prescindindo-se de qualquer argumento de razão, deve ser negado mesmo "que este Deus... fosse demonstrado" pela razão²⁴.

Nesta mesma linha se situa Jean Paul Sartre (1905-1980), o mais célebre representante do existencialismo ateu. Também para ele a negação de Deus não se funda em motivos de ordem racional, mas numa mal entendida necessidade de liberdade.

Num diálogo sintomático entre Júpiter e Orestes, símbolos respectivamente da divindade e do homem, Júpiter repro põe os argumentos tradicionais em favor da existência de Deus e convoca Orestes à realidade das coisas, exortando-o a reconhecer aquilo que é: uma das muitas criaturas existentes no mundo, submetida como todas às leis da natureza. Mas a resposta de Orestes é negativa. Contra toda a tentativa de Júpiter de fazê-lo raciocinar, Orestes retoma a sua vontade de revolta: "Todo o teu universo não bastará para mostrar-me que estou errado - diz ele. Tu és o rei dos deuses, Júpiter, o rei das pedras e das estrelas, o rei das ondas do mar. Mas não és o rei dos homens" [67].

É a negação do homem em reconhecer qualquer realidade que lhe seja superior, de aceitar a sua condição de criatura, considerada ofensiva à sua dignidade, uma negação que não precisa de argumentos de razão, mas que, ao contrário, se afirma contra todos os ditames da razão e do senso comum.

Esta negação da razão e do senso comum é evidente na única

²⁴ - "Aquele que é venerado como Deus, nós sentimo-lo, não como 'divino', mas como miserável, absurdo, prejudicial; não só como erro, mas como delito contra a vida..."

Nós negamos Deus enquanto Deus... Se este Deus dos cristãos nos fosse demonstrado, saberíamos ainda menos acreditar nele". (F. Nietzsche, *O Anticristo*)

página em que Marx enfrenta explicitamente o problema da origem do mundo e da criação. Ele reconhece facilmente que "a criação é uma representação muito difícil de tirar da consciência popular. A subsistência por obra da própria natureza e do homem é **inconcebível**, porque contradiz todas as **evidências** da vida prática" [63]. Também para ele, portanto, está claro que o senso comum, que aqui é chamado de "consciência popular", e a existência, que aqui é chamada "evidência da vida prática", não podem admitir a tal subsistência por obra própria da natureza e do homem", mas exigem a existência de um princípio superior explicativo.

Ele, todavia, não se deixa impressionar por estas constatações. Depois de algumas afirmações um tanto obscuras, que são uma crítica à concepção de Hegel da origem do mundo, o nosso texto assim prossegue: "Dado que para o homem socialista, **toda a chamada história universal** nada mais é que a geração do homem pelo trabalho humano, o devir da natureza para o homem, assim ele tem a prova evidente, irresistível, do seu **nascimento** por si mesmo, do seu **processo de origem**" [63].

Estas palavras, se proferidas a respeito do problema das origens, de que havia partido, são simplesmente sem sentido.

Sabemos, com efeito, que Marx acreditava na evolução biológica e, então, na procedência do homem de outras espécies animais. Como pode, então, falar de seu **nascimento por si mesmo**?

Além disso, expressões como "auto-criação", "nascimento por si mesmo", etc., são em si desituidas de significado, são contradições nos termos. O que não existe não pode **fazer-se**, o que não existe não pode **nascer por si mesmo**.

Na realidade, Marx, encontrando-se perante um problema ao qual, como ateu, não sabe dar resposta, procura eludi-lo, "escorregando" para outro, isto é, para o do desenvolvimento da história e da civilização. Aqui pode ter sentido falar de nascimento do homem por si mesmo, enquanto é à inteligência e ao trabalho humano que se deve o aparecimento e o progresso da civilização e da cultura. Esta atitude de explicar um problema incômodo, dirigindo-se tacitamente para outro mais cômodo, mostra tanto a dificuldade de Marx de explicar o problema das origens, como a sua vontade de conservar-se ateu a despeito dessa mesma dificuldade, confirmando assim que, à base de seu ateísmo, há uma escolha do coração e não da mente.

2. UM ORGULHO LOUCO E DESTRUIDOR

Não há dúvida de que a religião comporta sempre uma atitude de humildade, pois inclui o reconhecimento de um limite. É o limite que procede do fato de sermos criaturas, ou seja, dependentes de quem fez o mundo e o governa com suas leis. Mas, por que pensar que esse reconhecimento degradante é incompatível com a dignidade humana?

Reconhecer um fato não é uma desonra, ou, pelo menos, não o é mais do que mentir a si mesmo. A verdade é sempre iluminadora, é sempre libertadora, e é uma verdade evidente que não somos Deus, mas criaturas, que apareceram em um mundo em evolução numa determinada época de seu desenvolvimento.

Mas o mundo também tem todas as características da precariedade e da contingência, pelo que não se explica a sua existência, a não ser admitindo que exista um Princípio último, absoluto e necessário, que o tenha criado: Deus. A sua pretensa "essencialidade", a sua "subsistência por si mesmo", não só "contradiz todas as evidências da vida prática", mas é insustentável também no plano teórico, como se verá mais adiante. Por outra parte, que tipo de filosofia é esta que contradiz as evidências da vida prática?

Poderíamos acrescentar que falar de "auto-criação", mesmo só a respeito do trabalho, é usar um termo ambíguo e pretencioso. De fato, por meio de trabalho, o homem não cria, mas transforma, e se dá vida a diferentes formas de civilização e de cultura, o faz em limites determinados pelas leis que regulam a sua existência e a do mundo.

Esta mania de ser "criadores", esta necessidade continuamente reafirmada de sentir-se deuses, esta recusa em aceitar o mundo existente com a pretensão de querer criar outro mundo novo, outra coisa não é senão uma grave forma de megalomania, uma desmedida manifestação de orgulho, que acaba na loucura. De fato, lendo estas páginas, não se tem, às vezes, a impressão de estar perante um pensamento delirante?

O caso de Nietzsche é sintomático. No início da crise nervosa que o levaria à loucura, assim escrevia a um amigo, professor da universidade de Basileia: "Prezado senhor professor, afinal de contas, eu teria sido professor de Basileia, com muito mais prazer, do que Deus; mas não ousei levar tão avante meu egoísmo a

ponto de omitir, por sua causa, a criação do mundo. Como vê, é preciso fazer sacrifícios, sempre e em qualquer lugar se viva". São palavras, é verdade, de um homem que chegou aos limites da loucura, mas que se enquadram perfeitamente na colocação geral de seu pensamento.

Atitude emotiva e irracional que chega aos limites da loucura, exaltação que faz do orgulho, o ateísmo positivo: é uma atitude negativa também no plano da vida prática.

Cada um de nós sabe, na verdade, por experiência pessoal, como é difícil lidar com pessoas cheias de si, que se julgam superiores aos outros, e como é fácil fazê-lo com os humildes.

Ampliando o horizonte de nossa análise, percebemos que os aspectos negativos de muitas ideologias modernas dependem exatamente desta atitude de orgulho, desta exasperada busca de si, que pode assumir diversos aspectos, e mascarar-se por detrás de diversos mitos, da pátria à classe, da liberdade ao bem-estar, da ciência à raça, etc..

A orgulhosa negação de Deus não está, portanto, destituída de consequências práticas negativas. De fato, até em Deus não é um luxo, um enfeite inútil de que podemos facilmente desfazer-nos. Ela é, ao invés, a base do nosso equilíbrio espiritual. Por meio dela o homem toma consciência dos próprios limites de criação e, ao mesmo tempo, procura superá-los na conquista de realidades e de valores que, embora sendo reconhecidos como finitos e relativos, conservam um autêntico significado, porque refletem a perfeição infinita de Deus, do qual são uma participação.

Liberdade, pátria, classe e trabalho, bem-estar e ciência, são valores que também o crente pode e deve procurar com entusiasmo sincero. Mas ele o fará sem fanatismo e sem exclusivismo, consciente de seus limites e de suas recíprocas complementariedades, no contínuo esforço de encontrar uma composição harmônica, porque sabe que eles não são nada mais que diferentes reflexos do Bem, que a todos transcende e ao mesmo tempo os contém - Deus.

Deus não é o concorrente do homem, mas o ponto de partida de sua existência, o ponto de referência de seu caminho e o ponto de chegada de seu desenvolvimento. A perda do sentido de Deus, aquela "completa laicização de toda a vida", da qual falava Gramsci, parece-nos que esteja na base de muitas formas de desequilíbrio de que padece a nossa sociedade, das ideologias mais loucas aos comportamentos mais aberrantes.

Carl Jung, que com Freud é considerado um dos fundadores da psicologia moderna profundo, escreveu que pôde constatar, depois de mais de 30 anos de experiência, que o problema central de seus pacientes, atingidos por perturbações psíquicas, era "o de descobrir uma visão religiosa para a vida". E acrescentava: "É razoável afirmar que cada um deles adoeceu, por ter perdido aquilo que as religiões de todos os tempos deram a seus seguidores" [8].

Ao término deste longo caminho, chegamos assim a uma conclusão de fundamental importância. O ateísmo positivo, que consegue tanto sucesso em nosso tempo, não é fruto do estudo, não nasce da razão, não está ligado à adiantada cultura da humanidade, mas é fruto de uma paixão antiga, tanto quanto o homem, e sempre funesta: o orgulho do coração. Efeito e, ao mesmo tempo, fonte de uma cegueira do espírito, ele afasta o homem da busca de seu verdadeiro bem, para voltá-lo para metas em geral efêmeras, e que às vezes levam à ruína.

capítulo segundo

A AFIRMAÇÃO DE DEUS

Se na raiz da negação de Deus se encontra uma atitude passional, e se é impossível provar que Deus não existe, surge espontânea a pergunta: É possível provar que Deus existe? Em outras palavras, Deus é uma realidade em que somente podemos "crer", levados por um sentimento ou apoiados na autoridade da Bíblia, ou a que podemos chegar também pela inteligência?

A esta pergunta responderemos que a nossa razão, observando o mundo dos homens e das coisas, chega à conclusão de que, além de nós mesmos e além da realidade que nos circunda, deve existir um Ser superior, um Princípio último, um Absoluto, de que tudo depende e que tudo explica: Deus.

Apresentaremos o caminho que a razão percorre para chegar a este resultado, partindo de uma constatação de fato: a humanidade, em seu conjunto, sempre acreditou na existência do divino, embora concebendo-o em maneiras diferentes. Posta esta premissa, passaremos a desenvolver o argumento central do teísmo, isto é, que Deus é o princípio explicativo necessário da existência e da ordem do mundo. Falaremos rapidamente da relação que existe entre o problema de Deus e da ciência, como também do modo com o qual Deus deve ser concebido em sua essência, para dissipar alguns falsos problemas que nascem de uma colocação errônea do assunto.

I. O CONSENSO DOS POVOS E DOS SÁBIOS

Sabemos que não há povo, por mais simples e primitivo, que não tenha uma religião, que não possua um conceito, embora rude e confuso, da Divindade. Perguntamos: Como se explica este fato? Por que o homem é uma criatura religiosa?

Supondo-se que Deus exista, é fácil responder. O homem é uma criatura religiosa, porque é uma criatura inteligente, e sendo,

como toda a realidade, orientado por Deus, o é de um modo consciente. Ele, portanto, "sente" a existência de um Ser superior, do qual provém e ao qual tende: teme-o, admira-o, honra-o e considera-o como bem supremo. O fato da existência de Deus é, portanto, a justificativa da religiosidade humana. Ela encontra a sua clássica expressão no célebre frase de Santo Agostinho: "Senhor... tu nos criaste para ti e o nosso coração estará inquieto, enquanto não repousar em ti".

Mas, se Deus não existe, como explicar o fenômeno religioso? A esta dificuldade o ateísmo sempre respondeu que a religião é um fato ilusório, ou até aberrante.

Perante esta tese, porém, pergunta-se como pode a humanidade ser vítima de um erro tão grave e de um engano tão universal. O que mais admira é que não são apenas os simples e os despojados que sofrem este tipo de engano, mas também os doutos, os maiores dentre eles, aqueles que deixaram um marco duradouro de sua passagem pelo caminho da história.

1. As Afirmações dos Sábios

Podemos iniciar recordando que alguns grandes personagens do passado, considerados com razão como gênios, foram também místicos, ou seja, homens de sensibilidade religiosa superior. O gênio poético de Francisco de Assis, o gênio organizador de Bento de Núrcia e de Inácio de Loyola, o gênio especulativo de Agostinho de Tagaste e de Tomás de Aquino, eram acompanhados por uma profunda sensibilidade religiosa que fez deles todos santos.

Entre os místicos encontramos também homens como o matemático Pascal [14], o filósofo Kierkegaard [15] e até políticos como Hammarkjöld [69] e Gandhi [70].

Como é possível, perguntamos, que personalidades de tal destaque tenham tido uma profunda sensibilidade religiosa, se a religião é um fato ilusório e aberrante.

Se considerarmos os **artistas**, veremos que eles se inspiram com frequência no sentimento religioso. Entre todos os povos, de fato, arte e religião se acham unidas na produção das grandes obras de arte. Na arquitetura, dos templos às igrejas, das mesquitas aos pagodes, são sempre os locais de culto que sobressaem, bem como, nas artes figurativas, as imagens das divindades e dos santos. Pense-se, além disso, na música sacra e na profunda inspiração religiosa de grandes músicos, como Bach e Beethoven.

Pense-se na literatura religiosa, desde a Bíblia aos textos sagrados de outras confissões, que frequentemente contêm autênticas obras de arte. Quanto à literatura profana, de Dante a Petrarca, de Tasso a Ariosto, de Metastasio a Manzoni, para nos limitarmos aos maiores representantes italianos, todos acreditaram em Deus.

Pode-se, portanto, afirmar, sem receio de sermos desmentidos, que o ateísmo na arte é uma flor exótica, enquanto a inspiração religiosa é de casa. E isto é fácil de entender, quando se pensa que arte e religião pertencem ambas ao mundo da intuição.

Mas não é somente o mundo da intuição que manifesta a Deus; também o do pensamento discursivo e da razão. É muito significativo que todos os que procuraram chegar a uma visão racional do mundo e do homem, tenham concluído com a afirmação de Deus. Não há dúvida, de fato, que os maiores filósofos foram teístas convictos.

Desde os inícios, a filosofia se pôs o problema de descobrir a explicação última do universo, e os maiores pensadores gregos, de Anasságoras [71] a Sócrates [72], de Platão [73] a Aristóteles [74] e Plotino [75], todos afirmam a existência de um Intellecto, de um Ordenador, de uma Causa primeira que possa justificar a existência e a ordem do mundo.

Deixando de lado a filosofia medieval, porque estritamente dependente da filosofia cristã, vemos que também os maiores representantes do pensamento filosófico moderno creem em Deus. De Francisco Bacon [76] a Descartes [77], de Lock [78] a Leibniz [79], de Vico [80] a Berkeley [81] e a Kant [82], todos militam no campo do teísmo. E também Spinoza e Hegel, que afastam a ideia de um Deus pessoa, são panteístas, é verdade, mas não são ateus. Também na filosofia, portanto, o ateísmo é uma flor exótica e não peculiar aos pensadores maiores.

Temos, enfim, o mundo da ciência, que hoje goza de muita autoridade, o qual, embora tenha tido, pelos motivos que veremos, certo número de representantes de tendências atéticas, ou pelo menos cépticas, tomado em seu conjunto, milita também no campo do teísmo.

Começamos notando que, entre os homens que dedicaram a sua vida à pesquisa científica, não poucos foram sacerdotes e religiosos. Entre os católicos podemos lembrar Nicolau Copérnico (1473-1543), primeiro formulador da teoria heliocêntrica; Lázaro Spallanzani (1729-1799) que, antes ainda de Pasteur, negou a

possibilidade de geração espontânea da vida; Renato Havy (1743-1822), fundador da moderna cristalografia; o astrônomo Angelo Secchi (1818-1878), iniciador da espectroscopia estelar; Eugênio Barsanti (1821-1864), inventor, com Matteucci, do motor a explosão; Gregório Mendel (1822-1884), primeiro formulador das leis de hereditariedade e pai da genética; Guilherme Schmidt (1864-1954), estudioso das civilizações primitivas e das suas religiões; Pedro Teilhard de Chardin (1881-1955), geólogo e paleontólogo de fama mundial, além de ardoroso formulador de uma nova apresentação da fé cristã. Isto para nos limitarmos aos nomes mais célebres, e apenas ao mundo católico.

Uma viva fé em Deus encontra-se também entre os mais ilustres cientistas leigos, desde os albores da ciência até o século XVIII. De Galilei [23] a Kleper [84], os grandes astrônomos e pioneiros da física foram convictos defensores de Deus, cuja grandeza viam refletida na admirável perfeição da criação. Crente em Deus foi Lamarck [86], primeiro formulador da teoria da evolução dos seres vivos; não só teístas, mas católicos praticantes, foram os pais da eletrologia: Volta [87] e Ampère [88].

Com o início de Oitocentos, o mundo da ciência, especialmente nos países anglo-saxônicos, sofreu o influxo da filosofia positivista, assumindo, com frequência, uma atitude negativa, ou ao menos céptica, em relação a Deus. No entanto, ao lado de alguns cientistas de orientação materialista, muitos outros, e não os menores, foram teístas.

É o caso do físico Faraday [89] e do químico Liebig [90]; é o caso do famosíssimo Pasteur [91], pioneiro da microbiologia e também favoroso cristão; de Fabre [92], grande estudioso dos insetos, e do físico e matemático William Thomson [93]. Em nosso século, podemos lembrar Max Planck [94], o físico que pôs as bases da teoria dos quanta; Alexis Carrel [95], iniciador da cirurgia dos transplantes; Guilherme Marconi [96], inventor do rádio; Albert Einstein [17, 97], formulador da teoria da relatividade, que embora se ligue ao panteísmo da Spinoza, nega toda a concepção do mundo puramente materialista e atêa; e enfim, Wehrner von Braun [98], inventor dos mísseis balísticos e espaciais.

É um resumo muito incompleto, limitado a algumas figuras mais conhecidas e representativas, mas suficiente para mostrar que também muitos homens da ciência, e não os menores, acreditaram em Deus.

2. O Valor de um Consenso

Que conclusões se podem tirar deste indiscutível dado de fato?

Antes de tudo, que para poder honestamente negar a existência de Deus seria necessário dispor de argumentos absolutamente comprovantes, que permitissem ignorar o pensamento da grande maioria dos homens, incluídos os sábios. Mas vimos que esses argumentos não existem.

Em segundo lugar, que um consenso tão amplo pode ser motivo de apoio para os que creem em Deus movidos por uma inclinação natural, mas que, por falta de uma preparação específica, não sabem justificar essa sua convicção com adequados argumentos de razão. Ora, o fato de se saber que tantos homens de inteligência superior encontraram válidos motivos para afirmar a existência de Deus, pode oferecer uma preciosa confirmação à sua fé.

De fato, o conhecimento indireto, fundado na autoridade de quem sabe mais, é a forma normal de conhecimento da grande maioria das pessoas. Não é verdade, que nós "cremos" na quase totalidade das noções que os sábios nos propõem, sem estarmos em grau de dar um juízo pessoal sobre elas? Hoje todos "creem", contra toda a aparência, que o sol esteja no centro de nosso sistema planetário, e que a terra gire ao seu redor, mas quantos conhecem os motivos que levaram Copérnico e Galileu a afirmar esta verdade?

E, pois, ilícito ao homem comum, que não tem o tempo e a cultura suficientes para enfrentar e resolver criticamente o problema de Deus, apoiar-se também na opinião dos sábios e no patrimônio comum da humanidade. Não se trata de "ir com o rebanho", mas de aderir a uma das mais profundas e universais intuições do gênero humano, sustentada pelos mais qualificados representantes do pensamento de todos os tempos.

Em terceiro lugar, o consenso de que falamos, confirma a existência de uma tendência natural que leva o homem a procurar e a afirmar Deus. Ora, nós constatamos que na criação não há tendência natural que não corresponda a uma realidade capaz de satisfazê-la. Vemos, por exemplo, que todo animal tende ao alimento, e a um alimento determinado, e que de fato ele existe e é capaz de nutrir esse animal. Assim vemos que onde há vida há

sede (necessidade de água), e que onde há sede há também água, caso contrário não haveria nem vida nem sede.

Do mesmo modo, vemos que, onde há homem, há pensamento, e onde há pensamento há sede de absoluto. Sem dúvida, uma exigência espiritual nunca é tão evidente como uma exigência física; a fome nota-se antes da necessidade de afeto. Não se pode dizer, contudo, que o homem, para um desenvolvimento completo de si mesmo, tenha menos necessidade de amor do que de alimento.

Um observador sereno e atento pode, portanto, chegar à conclusão de que o homem tem necessidade de Deus, como necessita de nutrição e de amor. A própria tendência que ele tem de criar ídolos, isto é, de transformar valores relativos em absolutos, por acaso não está também provocando a sua irreduzível necessidade de Absoluto?

Ora, podemos perguntar-nos, por que esta tendência ao Absoluto, se ele não existe? Onde provém esta "brincadeira" da natureza que nos orienta para o nada? Seria o único caso de uma tendência natural destituída do objeto correspondente. É, portanto, ilícito concluir que o Absoluto existe e que por isso a nossa vida pode ter um sentido²¹.

Uma confirmação, a propósito, nos é dada ainda por outra experiência interior, que se relaciona estreitamente com a religiosa, ou seja, a experiência moral.

Todos os homens, também os mais rudes, sabem que têm o dever de observar algumas normas do comportamento, das quais não se consideram os autores. Essas normas, com frequência, apresentam-se como contrárias ao interesse pessoal, e são entendidas sempre como uma obrigação, como um preceito que se impõe e que, mesmo que não se lhe preste atenção, fica no fundo da consciência.

Ora, perguntamo-nos, de onde vem este imperativo interior para fazer o bem e evitar o mal? De onde vem o conceito de bem e de mal, ausente no mundo infra-humano? Se a lei moral não vem de nós mesmos, se se apresenta como algo que nos supera e se

²¹ - "Qual o sentido de nossa existência, qual significado de existência de todos os seres vivos em geral? Saber responder a tal pergunta significa ter sentimentos religiosos. Vocês dirão: - Mas tem sentido fazer esta pergunta? Eu respondo: Todo aquele que julga que sua vida e a de seus semelhantes não tem significado, é não só inteliz, mas é apenas capaz de viver". (A. Einstein, *Como Vejo Mundo*, Newton Compton - Edit. - Roma)

nos impõe, é necessário admitir que ela vem de uma realidade superior, a mesma que fez o mundo e o ordenou com suas leis: Deus. Por outra parte, se Deus não existisse, que fundamento teria a moral? Se nada existe além da matéria bruta, por que colocamos problemas éticos? Por que não adotar a força e o sucesso como critérios únicos de ação? Não é esta, por ventura, a lei do mundo infra-humano onde predomina a razão do mais forte?

A experiência do senso moral, portanto, além do senso religioso, é um indício da existência de Deus.

II. A EXISTÊNCIA DO MUNDO

Cada um de nós, desde os primeiros anos de vida, possui uma dupla certeza: a certeza de existir e a de que, a nosso lado, existem pessoas e coisas que, aos poucos, vamos descobrindo. Nesta descoberta, não nos limitamos a registrar as sensações e a constatar os fatos, mas queremos também compreendê-los e explicá-los. É nisto que nos distinguimos dos animais, e é por isto que, desde crianças, colocamos tantos "porquês".

Os primeiros problemas que encontramos são concretos, estritamente conexos com as necessidades elementares da vida. A eles respondemos por meio das ciências práticas e técnicas, que tendem a moldar o mundo que nos circunda às nossas exigências de bem-estar e segurança.

Mas o nosso interesse não se limita ao campo prático. Há em nós uma necessidade de saber, um amor desinteressado de conhecimento que está na base das ciências puras, como por exemplo a matemática e a filosofia.

Pertence exatamente à reflexão filosófica o problema da origem do universo, da explicação última e suficiente de sua existência. A pergunta é: Como é que existe o mundo? Como é que existe algo, ao invés do nada? Onde foi que este algo recebeu a existência?

1. Um Mundo Contingente

Nós explicamos a existência das realidades da criação recorrendo a outras realidades das quais essas derivam. Explicamos assim a pedra com a rocha, a planta com a semente, nós com nossos pais, etc..

Isto acontece porque nenhuma das coisas que conhecemos tem em si mesma o fundamento da própria existência, nenhuma existe necessariamente, mas todas podem existir ou não existir, ou seja, são **contingentes**. Ora, se existe uma realidade contingente, ela existe somente em virtude de alguma coisa que a trouxe para a existência, que a **causou**. "Tudo o que é contingente tem uma causa - diz São Tomás - por que, estando por si em posição de indiferença respeito ao ser e ao não ser, é necessário, se vier a ter o ser, que isto aconteça por obra de alguma causa".

Mas, dado que a contingência é uma característica comum a tudo o que conhecemos - a realidade que nos circunda, de fato, poderia não existir - toda a realidade que é causa de alguma coisa é, por sua vez, causada por outra. O pai que é causa do filho é, por sua vez, causado pelo avô; a rocha que é a causa da pedra é, por sua vez, causada pelo magma, e assim por diante.

À simples pergunta "- Por que existo?" pode-se, pois, responder indicando uma série de causas que, no entanto, são todas parciais e insuficientes. Existo em virtude de meus pais; em virtude das gerações que os precederam; em virtude da evolução biológica que, das primeiras formas de vida, chegou até nós; em virtude do estriamento das crostas terrestres e da formação da superfície do globo, da atmosfera e da água; em virtude do nascimento de nosso planeta do sistema solar, etc.. Pode-se remontar, com a ciência, e com a fantasia também, até onde se quiser, mas neste caminho nada mais se faz do que deslocar o problema, sem o resolver. Remontar de uma causa contingente para outra, também ela contingente, de uma causa causada para outra, também ela causada, não significa dar a explicação "última e suficiente" da existência de qualquer realidade. Enquanto se permanecer no âmbito do contingente, nunca se encontrará a explicação adequada do fato, embora tão simples e certo, de que existo e de que o mundo existe.

Esta insuficiência de toda a explicação parcial das coisas, manifesta-se claramente nos "porquês", todos concatenados entre si - e cada um deles parte da solução do "porquê" precedente.

Ora, perante a existência do contingente, ou se responde, como se faz às vezes com as crianças, "é assim porque é assim", isto é, renunciando a qualquer explicação, ou então deve-se admitir que existe um ser não contingente, mas **necessário**, isto é, um Ser que não pode **não existir**.

A sua existência é exigida para explicar a existência do contingente que também é uma realidade **inegável**. Com efeito, ele, tendo em si mesmo o fundamento de sua existência, poderá fundamentar também a de todas as outras realidades que dele derivam como de sua **Causa primeira**.

Este Ser necessário, totalmente diferente de todas as realidades que conhecemos, exatamente porque não pode não existir, terá a plenitude do ser, será, portanto, **absoluto**, ou seja, "livre" de qualquer condicionamento e de todo limite. Será, também **infinito** no ser, e por isso, **uno**. Duas realidades infinitas no ser são **impensáveis**, porque uma limitaria a outra.

Ser necessário, absoluto, infinito, único, princípio e fundamento de qualquer outra realidade, é o que corresponde ao conceito filosófico de Deus.

2. Um Mundo Eterno?

A primeira objeção que se pode fazer a nosso argumento é que o universo poderia ser eterno, isto é, poderia ter sempre existido. Neste caso, não haveria necessidade de um Criador.

Esta objeção, porém, nada tem a ver com o que dissemos. De fato, é indiferente para nós que o mundo tenha tido início no tempo ou que tenha sido criado desde toda a eternidade, porque o conceito de **criação** não equivale ao de início, mas significa, ao invés, **dependência**.

Nós afirmamos somente que o mundo deve ter sido criado, isto é, que deve ter "recebido" o ser, porque é contingente, porque mostra que não tem em si mesmo o fundamento de sua existência. Que tenha sido criado no tempo, é um dado de fé, não de razão, que não interfere minimamente na questão da contingência.

3. Um Mundo Divino?

Outros, ao invés, objetam que o mundo parece contingente, mas que na realidade não o é. Com efeito, para lá das aparências, ele é uno, eterno, infinito e auto-suficiente, e por isso tem em si mesmo o fundamento último de sua existência.

É esta, por exemplo, a concepção marxista. Para essa concepção, a matéria, entendida em perpétuo devir, é eterna e necessária: não pode nem ser criada nem destruída. Possui a propriedade verdadeiramente divina da "subsistência por si mesma".

[63], pelo que se identifica com o conceito de Ser absoluto, infinito, eterno e necessário. O mundo material não precisa de Deus para ser explicado, porque ele mesmo é deus.

Que dizer deste modo de resolver o problema?

Antes de tudo, que ele não é mais autenticamente ateu, mas, em algum modo, panteísta. Divinizar a matéria significa fazer voltar pela janela o divino que se expulsara pela porta. E isto porque, quando se coloca seriamente o problema do mundo e da sua existência, o ateísmo puro e simples se torna insustentável. Não se pode prescindir de um absoluto, e então dá-se um valor absoluto à matéria que é, desse modo, transfigurada pela atribuição de características divinas que lhe é conferida.

Em segundo lugar, divinizar a matéria é cumprir uma ação arbitrária, porque o mundo, como o conhecemos, é destituído das características divinas que se lhe quer atribuir. Ele, como já notava Lock [78], é pluralidade de elementos que, quer se considerem um a um, ou como parte de um todo, não têm absolutamente a característica da necessidade e da absoluteza.

Nesta linha, assim escreve E. Gilardi: "A experiência coloca-me perante a constatação de muitos entes, um sistema de entes (que chamamos **mundo**)". São eles auto-suficientes? Observando-os um por um, é muito fácil perceber que nenhum ente experimental é auto-suficiente: todo ente experimental é dependente, é condicionado e ajudado por outros entes, etc..

Observando-os em seu conjunto, enquanto constituem um "mundo", é possível fazer **duas observações**.

Primeira observação: As ciências dizem-me que estes entes formam uma "cadeia" (ou seja, são ligados entre si por leis) e derivam uns dos outros, de modo que eu sou obrigado a retornar a um primeiro elemento (atualmente as ciências dizem que é o carbono; tudo deriva, por evolução, do carbono); mas, neste caso, estou no ponto de partida, porque cheguei a afirmar que há milhões de anos, antes de toda a grande variedade, havia um único elemento, um só, deixando de lado as questões científicas (carbono ou não), este elemento originário é um elemento único! Ou o carbono (este ente experimental que pomos no início da "cadeia evolutiva") é auto-suficiente, e então deveria sê-lo ainda agora, ou não é, e portanto nunca foi!

Segunda observação: Um ente plenamente auto-suficiente não tem limites, é infinito; ora, o infinito não é uma simples soma,

mas é algo diferente de uma soma. Mesmo multiplicando os entes experimentais (ou seja, considerando o mundo em seu conjunto), eu tenho uma série infinita de adendos, mas não tenho o infinito".

Portanto, não é possível afirmar que o universo material, em seu conjunto, é infinito no ser, é absoluto e necessário, pois ele não é que um conjunto de seres finitos, relativos e contingentes. Obviamente, não pode ter uma natureza diferente das realidades que o compõem. E dado que moléculas, átomos, partículas subatômicas, etc., não são entes infinitos, absolutos e necessários, não o poderá ser também a matéria, que é composta desta mesma realidade.

Falar de matéria auto-suficiente e necessária é brincar com as palavras. É um erro. Significa chamar com o mesmo nome de "matéria" duas entidades completamente diferentes. Uma, real, que se percebe com os sentidos e se estuda por meio da ciência, e outra, irreal, que se imagina com a fantasia e se afirma com palavras, quando se procura explicar a existência do mundo, sem recorrer a Deus. É esta a Matéria, a Natureza, com letra maiúscula, que tem as características da Divindade. Mas esta Matéria, esta Natureza, na realidade não existe.

Deve, sim, existir um Ser infinito e necessário, porque de outra forma não se compreenderia a existência da matéria "real" que nos circunda: mas não é honesto chamá-lo com o mesmo nome da Matéria e da Natureza, nomes com que indicamos a realidade do mundo sensível. Seu verdadeiro nome é Deus.

III. A ORDEM DO MUNDO

Não é só pelo fato de existir que o mundo pede uma explicação, mas também pelo fato de se apresentar tão maravilhosamente organizado e ordenado, em conjunto e em cada uma de suas partes. Esta característica da ordem é a que mais facilmente impressiona o nosso espírito, quando observamos o universo, despertando aquele sentido de admiração e estupor, que está na base da intuição religiosa.

Encontramo-lo entre os maiores representantes do pensamento filosófico e científico. Tanto nos surpreende a contemplação "do encantador aparecimento do sol, dos planetas e dos cometas" [85], como o de um simples raio de luz, que se comporta

"como um ser inteligente" [94]. Onde vêm estas ordens e estas leis que governam o universo, a não ser de uma mente proporcional a tão maravilhoso efeito?

1. A Inteligência e a Vida

É no mundo dos seres vivos que a presença operante de uma inteligência se torna mais evidente, quase palpável, e é por isso que nos detemos de um modo especial sobre este assunto.

Os seres vivos mostram que são capazes de agir "para uma finalidade que, em última análise, é a conservação da própria espécie. Ora, agir com uma finalidade, significa estar em condições de "projetar" a própria finalidade, de percebê-la como o bem e de propô-la como um objetivo; significa ainda estar em condições de escolher os meios mais idôneos para conseguí-la.

Pois bem, só a inteligência é capaz de formular projetos, isto é, de imaginar realidades ainda não existentes para serem construídas; só a inteligência é capaz, entre tantas outras soluções possíveis, de escolher a mais apropriada para alcançar o objetivo determinado. A experiência nos ensina que, quanto mais uma pessoa é inteligente, mais sabe agir deste modo. E a experiência nos ensina também que os seres vivos agem movidos por objetivos determinados.

Comecemos pelos animais. Eles sabem procurar o alimento, e o alimento mais apropriado para suas exigências; sabem defender-se, como sabem caçar com astúcia, aproveitando-se dos lados fracos do adversário ou das situações favoráveis do ambiente. Sabem, às vezes, modificar o mesmo ambiente natural a seu favor. Sabem que devem acoplar-se em certos períodos do ano, para que os filhotes nasçam nas estações mais favoráveis. Sabem construir para si e para os filhos ninhos, tocas, covas etc.. O comportamento dos animais superiores manifesta-se de tal modo que a linguagem comum os supõe inteligentes. Com efeito, dizemos que o cão é mais inteligente do que o ganso e que a raposa é mais esperta do que a galinha.

Mas serão os animais "realmente" dotados de inteligência? Devemos responder que não. Se fossem, seriam capazes de propor a si mesmos metas sempre mais elevadas e complexas, e de procurar meios sempre mais aperfeiçoados para conseguí-las, como o homem faz há milênios. Os animais, ao invés, permanecem parados nos mesmos gestos e nas mesmas atitudes de

sempre. Agem inteligentemente, mas sem saber por que e, portanto, sem inteligência no verdadeiro sentido.

Este fato torna-se ainda mais evidente, se descermos ao mundo dos animais inferiores e dos insetos. Como se pode falar de inteligência, de capacidade de cálculo, de organização e de previsão numa formiga ou numa abelha? Contudo, as abelhas constroem os alvéolos segundo um esquema que utiliza ao máximo o espaço com a menor quantidade de material; comunicam-se, por meio de "danças", dando a posição da presença de alimento e a que distância se encontra da colmeia; acumulam reservas de alimento em previsão de um acontecimento futuro, o inverno, que a maior parte delas nunca conheceu, etc.. Onde vem esta acuidade, este cálculo, esta capacidade de previsão dos insetos? É isto que deixa admirado o grande entomólogo Jean Henri Fabre, e que o leva a invocar a "inteligência que ordenou cada uma das coisas" [92].

Todos sabemos, por exemplo, que muitos insetos, ao procurar o alimento numa flor, realizam a fecundação desta flor, mas ninguém pode pensar seriamente que o façam consciente e voluntariamente, isto é, que saibam que estão garantindo a fecundação da planta e assegurando assim o alimento para a sua descendência. Onde vem, então, esta admirável coordenação, esta estrita colaboração entre o mundo animal e vegetal?

E o mundo vegetal não parece também provido de inteligência? Quem ensina à semente que está germinando a endereçar as raízes para baixo e a haste para o alto? A semente parece saber o que deve fazer para poder crescer e desenvolver-se. Por isso, atunda as raízes para baixo, onde o terreno é mais úmido e pode fornecer mais água e mais sais, e lança a haste para o alto, em direção à luz, da qual todo vegetal tem absoluta necessidade. Mas quem, por isso, pode afirmar que as sementes são inteligentes?

E as flores que atraem os insetos com seu perfume e com suas cores, são também inteligentes? Sabem que precisam dos insetos para serem fecundadas? É perante espetáculos deste tipo que Galileu explicava: "Esta é apenas uma obra particular entre as innumeráveis que a natureza faz, e nela apenas se conhece uma infinita sabedoria, de tal modo que se pode concluir que a sabedoria divina deve ser infinitas vezes infinita" [83].

O agir em vista de uma finalidade, além disso, não é uma característica própria só do ser vivo tomado em sua totalidade, mas

também nas partes que o compõem. Um vegetal, e mais ainda um animal, é composto por muitos órgãos diferentes, cada um dos quais tem uma tarefa específica a desenvolver. E é exatamente esta finalidade a ser atingida que caracteriza os órgãos: em sua formação: o olho é feito de certo modo **para** poder ver; o ouvido **para** poder ouvir; o estômago **para** poder digerir, etc..

Mais ainda: as diferentes operações que eles cumpram são admiravelmente coordenadas entre si. A simples digestão, por exemplo, comporta uma grande quantidade de reações químicas, nas quais intervêm, no momento exato, fatores diversos (saliva, pepsina, ácido clorídico, bilis, suco pancreático, etc.), produzidos por órgãos diferentes (boca, estômago, pâncreas, fígado, etc.), cada um dos quais cumpre sua função em estreita relação com os outros e em vista de um fim comum. "A existência de uma finalidade no organismo é inegável - afirma Alexis Carrel. Tudo acontece como se cada órgão conhecesse as necessidades presentes e futuras do conjunto, e se modificasse de acordo com elas".

Todo ser vivo se mostra, portanto, dotado de inteligência, e isto a todos os níveis: do organismo em seu conjunto, aos aparelhos, a cada um dos órgãos e tecidos, descendo até ao elemento base da vida: a célula.

"A célula - diz Wintrebert - em sua origem deve ser considerada, na coordenação físico-química das propriedades que lhe são comunicadas, como o modelo de uma sociedade perfeita organizada desde o seu nascimento... A inteligência é inerente à estrutura dissimétrica da macromolécula" [99].

A inteligência, portanto, é inerente à vida, mas como pensar que uma planta, um estômago ou uma célula sejam inteligentes "por si mesmos"? Neste caso acontece o mesmo que com uma calculadora eletrônica. Vendo realizar operações inteligentes, perguntamos: Como é possível que circuitos elétricos, fitas magnéticas e transistores sejam inteligentes?

A resposta que damos é que a inteligência está na calculadora, mas não é **da** calculadora. Ela não a possui "por si mesma", ou seja, de modo consciente. De fato, não é capaz de questionar-se e de pôr em dúvida, não sabe tomar iniciativa nem realizar mudanças. Recebeu a capacidade de cálculo do projetista e do programador que a prepararam de modo a poder exercê-la, segundo modalidades e âmbitos bem definidos.

De modo semelhante, podemos dizer que a inteligência que existe e opera na vida está **no** ser vivo, sem ser **do** ser vivo. A

única explicação possível desta "inteligência inconsciente" [99] dos seres vivos é que ela procede de uma inteligência consciente, isto é, de uma mente ordenadora superior, proporcionada a toda a inteligência que existe no mundo.

Falamos de uma "mente", porque em todo o universo, a única "sede própria" de uma inteligência consciente, a única realidade que conhecemos capaz de operações inteligentes em sentido próprio, é a mente humana. Essa mente ordenadora do mundo deverá, portanto, ter "ao menos" as características que são peculiares da mente humana consciente: isto é, será pessoal e livre. Além disso, ela não deverá depender de nenhuma outra inteligência superior, porque, neste caso, o problema seria somente deslocado, mas não resolvido. Com efeito, uma série de mentes ordenadoras, por sua vez ordenadas, não daria a explicação última e suficiente da ordem do mundo, do mesmo modo que uma série de causas segundas não explicaria sua existência. Ela será, portanto, uma inteligência infinita.

Por último, ela deverá coincidir com o Princípio primeiro que está na origem do mundo, pois a ordem, a inteligência, o pensamento, são intrínsecos ao mundo. Nada existe que não traga em si o rastro de uma ordem inteligente, nem sequer o mais simples raio de luz [94]. Isto significa que esta ordem não é algo de acessório à realidade criada, mas é um elemento constitutivo, sem o qual a criação não seria o que é. Por isso, é necessário admitir "uma causa inteligente para a existência de um mundo no qual a inteligência se manifesta por toda parte" [89]. Existe, portanto, uma inteligência ordenadora do mundo, não ordenada e não limitada por nenhuma outra inteligência superior, uma inteligência infinita e, como tal, única, que se identifica com o princípio primeiro de todas as coisas, e que chamamos de Deus.

2. A Vida e o Acaso

A primeira objeção contra o que se disse, está na afirmação de que a ordem que governa o mundo, e que nos parece obra de um pensamento superior, não é, ao invés, senão o resultado de uma "feliz combinação", e que a mesma vida nada mais é do que a consequência de uma série de "casos felizes". Dado que a matéria é eterna, afirma-se, houve todo o tempo necessário para que se verificassem as combinações físicas e químicas adequadas a produzir a atual organização do mundo, e até mesmo a vida.

Todos sabem que se um jogador de azar tenta sempre o mesmo número, mais cedo ou mais tarde, acertará. Evidentemente, quanto mais aumentam as tentativas, mais aumentam as possibilidades de sucesso. Há um cálculo matemático, chamado de probabilidade, por meio do qual se pode saber quantas probabilidades existem para que, postas certas premissas, um determinado número ou determinada combinação de números possa sair.

Ora, afirma-se, em um número limitado de anos teria havido todo o tempo necessário para que se verificasse, por acaso, aquela particular combinação química capaz de produzir a primeira forma de vida. Daí para diante, a vida ter-se-ia desenvolvido, sempre por acaso, até chegar a todas as espécies hoje existentes. Não seria necessário, portanto, recorrer a uma mente ordenadora. Não só a ordem do mundo inorgânico, mas também a vida e seu desenvolvimento se explicaria com o "acaso".

Que dizer desta hipótese?

Partamos dos dados da ciência. A base de toda a forma de vida é constituída pelas moléculas de **proteína**, chamadas **macromoléculas**, por sua particular grandeza. Cada uma delas contém de 300 a 1.000 **aminoácidos** (moléculas compostas de carbono e de azoto), que podem ser de diversos gêneros (até 18 tipos), e ser dispostos em ordem diferente. Dessa disposição e das diferentes qualidades dos aminoácidos que a compõem, depende a natureza específica de cada proteína.

A possibilidade de que os aminoácidos têm de dar lugar a diferentes combinações é enorme, dado seu elevado número e sua variedade, enquanto que só uma determinada estrutura, uma exata disposição dos aminoácidos no interior da macromolécula está em condições de produzir uma proteína específica. Com efeito, "ainda que os aminoácidos permaneçam no mesmo número e na mesma natureza, podem de sua união resultar macromoléculas muito variadas, apenas ocupando lugares diferentes". Ora, prossegue o biólogo marxista Marcel Prenant, se pensarmos que apenas uma molécula de proteína de albumina (uma das mais simples) contém mais ou menos 300 aminoácidos de uma dezena de tipos diferentes, "compreende-se como a proteína, com a mesma grandeza de moléculas, e exatamente a mesma composição química global, possa ter tantas estruturas diferentes que se exprimem com uma sequência de centenas de zeros" [100]. Trata-se de um número inimaginável. Para fazer uma com-

paração, exclarece Prenant, basta pensar que "uma dona de casa que deve colocar dez convidados ao redor de uma mesa de dez pratos, pode fazê-lo ao seu gosto, em 3.628.800 modos diversos".

Se as probabilidades que, por acaso, uma dezena de pessoas se disponha ao redor de uma mesa, em determinada ordem, é de uma para 3.628.800, a probabilidade de que os aminoácidos de uma proteína se disponham por acaso na ordem requerida para constituir a sua natureza específica é, praticamente, nula. Além disso, segundo Pierre Lecomte du Noüy, teriam faltado a quantidade de matéria e o tempo necessário para que tal possibilidade pudesse verificar-se em nosso globo [101].

Mas a proteína ainda não é a vida. A vida nasce com o surgir da **célula**, ou seja, de um micro-organismo capaz de integrar uma multidão de proteínas diferentes, e do qual fazem parte também lípidos, açúcares, vitaminas, etc.. Ora, sempre segundo Lecomte du Noüy, pensar que a célula tenha podido aparecer "em função de simples jogo do acaso", significa "colocar um pseudo-problema", porque as combinações possíveis são "de tal modo numerosas que, mesmo simplificando-as arbitrariamente ao extremo...", as cifras obtidas superariam qualquer limite. Recalcitrantes num desses milagres do tipo dos macacos datilógrafos²², que se exprimem com uma probabilidade da ordem de 10.^{-2000.000.000.000.000}. Se para escrever este número todo, nos servíssemos de livros de dimensões médias, com menos de um milhão de caracteres cada um, seria necessário imprimir dois milhões desses livros, todos cheios de zeros, exceto o algarismo 1 no fim da última página do último volume" [102]. E isto, para a formação de apenas uma célula viva.

Tudo isto torna absurda a hipótese de uma vida nascida por acaso. É significativo o fato de que também a ciência oficial soviética negue a explicação casual da vida. O célebre biólogo Alexander Oparin, que foi diretor do Instituto Bioquímico da Academia das Ciências da União Soviética, afirma que recorrer a uma tortuosa combinação química para explicar a origem da vida significa afastar-se "de uma solução científica do problema". Para

²² - É o milagre de um macaco que fizesse a composição de uma página de texto com sentido, batendo ao acaso nas teclas de uma máquina de escrever. "É absolutamente improvável que nas soluções primitivas dos compostos orgânicos, onde se desenvolvia um grande número de reações químicas, se formasse casualmente a globina do boi, por exemplo, ou qualquer outra proteína. Seria como se em uma caixa de tipos de uma tipografia, jogada para o ar, se recomposesse sozinha e em uma coleção completa das obras de Shakespeare" (A. J. Oparin, *A Origem da Vida na Terra*, Einaudi - Turim).

ele, "invocar o acaso para explicar a origem dos seres vivos, equivale a renunciar a dar essa explicação", pelo contrário, é simplesmente "idiotice".

3. A Vida é Inteligência

Negar-se tão nitidamente a recorrer ao acaso para explicar a vida, não procede apenas da absoluta impossibilidade de se obter, por meio de combinações, uma ordem tão complexa, mas mais ainda do fato de poder dizer que o ser vivo é "constituído" por essa ordem. Com efeito, afirma Oparin, "se se preparasse uma solução ou uma mistura artificial desses compostos (que constituem a matéria viva), não se obteriam as manifestações que se notam, na matéria viva, pois faltaria exatamente aquela organização de que essas manifestações dependem" [103].

A vida não é, pois, fornecida pela "base material", de que é composto o ser vivo, mas pela estrutura racional que preside a todas as operações que nele se realizam, isto é, pela particular "estrutura que caracteriza a vida" [104]. É esta "organização" das reações químicas, que se realizam "numa sucessão rigorosa, segundo uma determinada ligação" e num "sistema de cadeias harmônicas e estáveis" [103], que constitui o ser vivo enquanto tal.

Por outro lado, esta estrutura racional "é em definitivo a sua única realidade permanente. Com efeito, a matéria da qual os seres vivos são constituídos, está sempre, em todos os graus, em contínua renovação; persiste somente a estrutura". Basta pensar, por exemplo, que no organismo humano do adulto, a cada dia, nascem e morrem mais ou menos 500 bilhões de células, para compreender como o que caracteriza o ser vivo e faz dele um sujeito, uma realidade permanente no tempo, não é a matéria bruta que o compõe, que continuamente se renova, mas a ordem dos processos vitais, a estrutura racional que preside a cada mudança da mesma matéria.

Portanto, se a vida em sua mais íntima essência é capacidade de desenvolver determinadas funções, segundo modelos lógicos, é racionalidade ou, de acordo com a feliz expressão de Claude Bernard, é ideia criadora que se desenvolve e se manifesta através da organização" [105], fazer depender a vida do acaso, explicá-la com ele, não é só ir contra o cálculo das probabilidades, mas é também uma contradição nos termos, um não-senso, um

absurdo. É como querer explicar uma qualidade com a sua negação: a ordem com a desordem, o racional com o irracional. A explicação do acaso, portanto, não "explica" nada. Ela pode ser considerada, no máximo, uma declaração pura e simples de ignorância sobre a origem da vida.

Descartada a explicação do acaso, resta a dada pelos estudos dos de inspiração marxista. Para eles, a vida não teria surgido do acaso, mas necessariamente, "durante o processo de evolução da matéria, a um certo ponto de seu desenvolvimento", como "resultado de determinadas leis biológicas", "leis novas" [106], "de ordem superior", que surgiram durante o processo de origem da vida" [107].

"Embora fracamente fundamentada", comenta Kahane, esta interpretação dos fatos "tem o merecimento de afastar o acaso e colocar a necessidade no centro dos fenômenos da vida".

Mas, ela é, por sua vez, inaceitável. Baseia-se na pretensão marxista de que a matéria não só é auto-suficiente e necessária, mas também inteligente, capaz de organizar-se "por si" e de "criar" as leis do próprio desenvolvimento. Isto é, ela seria uma realidade divina em crescimento, que neste ato de crescimento teria dado lugar também à vida.

A crítica a esta teoria já foi feita. Atribuir à matéria propriedades divinas que ela não tem, entre outras a inteligência, é uma falsidade, e, portanto, explicar a ordem e a vida recorrendo a elas, equivale a não explicar nada. Somente uma inteligência distinta do mundo, pessoal e livre, está em grau de o fazer.

IV. O PROBLEMA DE DEUS E A CIÊNCIA

Encontramos cientistas que creem em Deus e cientistas que não creem, e frequentemente se tem a impressão de que uns e outros invocam a ciência em favor de suas convicções.

É então espontânea a pergunta: Que relação existe entre a ciência e o problema de Deus, e o que se pode dizer sobre isso?

1. A História

Para dizer a verdade, as relações entre ciências e filosofia, e entre ciências e fé cristã, nem sempre foram as melhores e as

mais claras. Para tentar entendê-las, é necessário voltar à história do passado.

É preciso lembrar, antes de tudo, que a ciência, no sentido moderno do termo, é uma disciplina nascida em tempos relativamente recentes, e que, na antiguidade, toram a filosofia antes, e a teologia depois, que tentaram resolver os problemas que hoje são de domínio da ciência.

Durante a Idade Média, período cristão de modo especial, foi a Bíblia, lida à luz da filosofia grega, considerada como única fonte de todo conhecimento, também do conhecimento do mundo físico. É uma atitude de espírito que poderíamos chamar de **teologismo**, pois considera a reflexão teológica sobre a revelação cristã como mestra indiscutível em todo campo do cognoscível. Pensemos em Dante: a autoridade divina da Bíblia e a autoridade humana de Aristóteles são para ele o critério de toda a verdade.

Mas com o fim do séc. XIV, surge um novo modo de enfrentar o estudo da natureza, fundado unicamente na observação empírica dos fatos. É partindo do concreto que se chega às "leis", sempre susceptíveis de revisões e de aperfeiçoamento, que permitem dar uma interpretação racional e unitária aos mesmos fatos.

Leonardo da Vinci (1452-1519), foi o precursor deste novo método de pesquisa, para o qual o estudo dos fenômenos naturais deve ser conduzido somente por meio da "experiência" e da "máxima certeza da matemática" [108]. Depois dele, foi a vez de Copérnico (1473-1543) para a astronomia, de Agrícola (1494-1555) para a mineralogia, de Paracelso (1493-1541) e de Serveto (1511-1553) para a medicina, de Galileu (1564-1642) para a astrofísica, e de muitos e muitos outros que se dedicaram ao estudo do mundo físico com espírito e método novos, fundando a disciplina que tomará o nome de **ciência**, e que tenderá a tornar-se cada vez mais autônoma em relação à filosofia e à teologia.

Naturalmente, uma revolução cultural desta natureza não podia realizar-se sem suscitar contras e oposições, seja porque enfrentava a preguia mental e os interesses de muitos, seja porque naquela tempo ainda não estavam claros os limites entre filosofia e teologia, de uma parte, e pesquisa científica de outra.

Todos conhecem a famosa condenação do Santo Ofício contra Galileu, acusado de contradizer o ensino da Bíblia, pelo fato de colocar o Sol e não a Terra, no centro do nosso sistema planetário. Mas talvez poucos saibam que cem anos depois, um cientista rigoroso como Newton, ainda recorria a uma intervenção

direta de Deus para explicar o fenômeno das "rotações diurnas dos planetas" e da "gravitação universal" [109]

Estes são dois exemplos típicos daquele teologismo de que falamos, isto é, daquela atitude que desconhece o limite exato entre ciências e fé, e que tende a explicar os fenômenos naturais recorrendo à religião, ou, de qualquer modo, a princípios e conceitos estranhos à observação empírica dos fatos.

Manzoni, em seu romance, retratou com admirável ironia essa mentalidade no personagem dom Ferrante. Ele era, diz Manzoni, um aristotélico, e como tal, estava convencido de que "**in rerum natura** (na natureza das coisas) só existem dois gêneros de coisas: substâncias e acidentes". Ora, o "contágio" da peste que naquele tempo grassava em Milão e de cujas causas muito se discutia, não era para ele senão uma "ilusão", enquanto, segundo as normas de seu aristotelismo, não estava nem na categoria de "substância", nem na de "acidente". O contágio, portanto, não existia, pelo simples motivo que **não podia** existir. É verdade que, de fato, o povo morria em grande número, com os sintomas de um mesmo mal; no entanto, a causa do fenômeno não devia ser procurada, para dom Ferrante, num contágio epidêmico, mas "naquela fatal encontro de Saturno com Júpiter!" Baseado nestes lindos argumentos - conclui Manzoni - não tomou nenhuma precaução contra a peste. Esta o atingiu. Ele foi para a cama, para morrer, como um herói de Metastásio, resmungando contra as estrelas".

A sátira do católico Manzoni mostra-nos como os tempos tinham mudado em relação a Galileu e a Newton. Na segunda metade de Setecentos, de fato, o método científico tornara-se cada vez mais exigente e rigoroso, afastando todo tipo de ingerência de outras disciplinas, enquanto as descobertas da ciência tendiam a dar uma visão mais dinâmica do universo. O mundo que uma vez se acreditava ter saído das mãos de Deus como se apresentava hoje aos nossos olhos, revelava-se, ao invés, fruto de uma longa e profunda evolução, e era nela que a ciência procurava a resposta a seus problemas.

Se a isto se acrescentar o entusiasmo despertado pelas sempre novas conquistas científicas, poder-se-á entender como a situação estava amadurecida para uma reviravolta das posições. Assim, se Newton invoca a intervenção de Deus para explicar fenômenos físicos, pouco mais de um século depois, Marx invoca a teoria da

evolução de Darwin, que propriamente não era ateu [110], para dar uma confirmação "científica" a seu ateísmo.

A teoria da evolução era vista por ele como um "golpe mortal" na "teologia", ou seja, na interpretação finalista dos fenômenos biológicos. A evolução da vida por seleção natural era para Marx a prova de que a vida não é movida por uma inteligência superior. Por isso, a hipótese de Deus tornava-se inútil.

Os teóricos deste novo rumo do pensamento foram os filósofos **positivistas**, entre os quais se destacam Auguste Comte (1798-1857), John Stuart Mill (1806-1873) e Herbert Spencer (1830-1903). Para eles, o único conhecimento verdadeiro é "positivo", ou seja, o conhecimento empírico, fundado nos dados dos sentidos e elaborado com o método científico.

Postas estas premissas, a filosofia coincide na prática com a ciência, que se torna assim a única guia do homem na descoberta da verdade, e tende a re-criar ao redor de si a unidade espiritual e intelectual realizada na Idade Média ao redor da religião. É a queda definitiva do teologismo e a plena afirmação do **cientismo**. Se, para o primeiro, tudo devia ser julgado e resolvido à luz da fé, para o segundo, tudo deve ser julgado e resolvido à luz da ciência.

Trata-se de uma reação, e as reações, como se sabe, não são sempre melhores do que o erro contra que reagem.

Assim, da invasão da religião no campo da ciência, passou-se à invasão oposta. Afirmou-se que além do conhecimento científico, não há conhecimento verdadeiro e certo, e dado que Deus não pode ser objeto de conhecimento científico, porque não pode ser percebido pelos sentidos, nem submetido a medições matemáticas, conclui-se que Deus não existe.

Estas idéias, amadurecidas nos ambientes filosóficos positivistas foram logo difundidas no meio do povo pelos cientistas-filósofos de pouco escrípulo e de grande sucesso, por aqueles "amadores", como os definia Liebig, "que de seus passeios aos confins da ciência pretendem ter o direito de explicar perante o povo ignorante e crédulo a verdadeira origem do mundo e da vida... E o povo crédulo e ignorante - concluiu Liebig - acredita nele e não nos cientistas".

Surgiu assim, e se difundiu o "cientismo popular", visão mítica da ciência, que levou ao descrédito tudo o que não fosse "científico", começando pela religião.

E de fato é somente da ciência e da técnica que muitos homens de nosso tempo esperam a solução de todos os problemas.

Mas trata-se de um grande erro de perspectiva, porque, na realidade, não há ciência capaz de nos dizer qual é o sentido da existência: não há ciência que nos ensine porque devemos enfrentar, com coragem, as provações e os sacrifícios da vida, e por fim, a morte; não há ciência que saiba responder-nos porque devemos comportar-nos com moralidade, e qual é o nosso verdadeiro bem além do útil imediato.

O pensamento e a cultura contemporânea, perdendo de vista a Deus, perderam seu fundamento [111]. A ciência, tornada objeto de culto supersticioso, segundo as previsões de Kierkegaard [112], tomou o lugar da filosofia e da religião e, instrumentalizada por homens sem escrúpulos, terminou tornando-se meio de libertação, mas de manipulação das massas [113].

Como infelizmente acontece com frequência, o que se ganhou de um lado foi perdido do outro. Enquanto o progresso científico prestou enormes serviços à humanidade, a mentalidade positivista, que dele surgiu, trouxe a perda de alguns grandes e insubstituíveis valores.

2. Os Limites da Ciência

Ao término desta visão retrospectiva, estamos em condições de dar uma resposta ao problema que tínhamos colocado no começo: a ciência tem algo a dizer a respeito de Deus?

Antes de tudo, é claro que a ciência não pode provar que Deus existe. O cientista ocupa-se unicamente com os dados concretos da experiência, e sua explicação dos fatos deve, portanto, parar nas causas segundas, isto é, naquelas causas que permanecem no âmbito daquilo que pode ser observado e experimentado. "As causas primeiras estão além de sua competência - afirma Claude Bernard - e nunca devem preocupá-lo [114].

A ciência, exatamente pelos limites de campo e de método que adotou, é incompetente para resolver o problema de Deus, que é a causa primeira, e isto, evidentemente, quer em sentido positivo como negativo. Com efeito, se não se pode afirmar a Deus cientificamente, também não se pode negá-lo cientificamente.

O problema da explicação última das coisas não é de competência da ciência, mas da filosofia, ou seja, da reflexão racional pura, que se constrói sobre os dados fornecidos pela experiência, para superar seus limites e chegar a uma interpretação geral da realidade, mais ampla e mais profunda do que a da ciência.

O ateísmo dos cientistas nasce, portanto, de uma atitude de auto-suficiência, isto é, da negação de tudo o que não entra no âmbito da ciência. Eles argumentam mais ou menos assim: "Se Deus não serve como hipótese científica, então não serve; se Deus nada tem a ver com os problemas científicos, que são os problemas reais e concretos, então é inútil: o que quer dizer que não existe".

Felizmente nem todos os cientistas sofrem dessa "dormação profissional", como já vimos! A este respeito é válido o que dizia, há quatro séculos, Francisco Bacon: não é verdade que muita ciência leva o homem ao ateísmo, mas é verdade o contrário. Com efeito, se "o homem que considera uma a uma as causas segundas, às vezes corre o risco de limitar-se a elas e não ir além", como acontece ao cientista positivista, aquele ao invés que "vai além", e que, com mente de filósofo, "considera como essas causas são coligadas e concatenadas entre si, é obrigado a recorrer a uma Providência e a uma Causa primeira" [76].

Bacon, que foi um dos mais ilustres precursores da ciência moderna, lembra que podem existir diversos "níveis" de explicação de um fenômeno, e que a ciência, pelos limites que lhe são próprios, não atinge o nível mais profundo. Ela se esforça por esclarecer "como" acontecem os fenômenos naturais, por descrever por meio de que processos, em quais condições, sob o impulso de que forças eles podem ser produzidos, mas não explica sua razão última e suficiente, porque não pode sair dos limites do mundo empírico. E enquanto não se transpõem esses limites, não se consegue obter a verdadeira explicação da existência e da ordem do mundo.

O pensamento grego já conhecia bem a diferença entre "descrever" e "explicar", entre deter-se nas causas segundas e subir à Causa primeira.

No diálogo platônico "O Fedro", Sócrates critica Anaxágoras porque, tendo admitido a existência de uma inteligência ordenadora do universo, não recorre a ela quando deve explicar as leis pelas quais o mundo é governado, mas prefere apelar para o ar, o éter, água, etc., ou seja, somente para as causas segundas. Assim, ele procede como quem, depois de ter dito que Sócrates "tudo o que faz o faz com a mente", querendo explicar como é que ele atualmente se encontra em Atenas, recorre ao fato que o seu corpo é composto de ossos, nervos e músculos, e que é pelo movimento desses órgãos que se encontra em Atenas. Ora,

prossigue Sócrates, isto significa não "preocupar-se absolutamente em dizer quais são as causas verdadeiras e próprias, ou seja, pelo fato que aos atenienses pareceu bem voltar-se contra mim, também me pareceu bem continuar sentado aqui, e julguei meu dever não ir embora, e enfrentar a pena que eles tenham decretado contra mim, seja qual for".

Os ossos, os músculos e os nervos são as causas segundas, isto é, são as "condições" que permitiram a Sócrates permanecer em Atenas, afrontando, impávido, o processo e a condenação, mas não são a sua verdadeira "razão". "Se alguém diz - prossigue o filósofo - que, sem ter estas coisas, ossos, nervos e tudo o que tenho, não seria capaz de fazer aquilo que me parece que devo fazer, está certo, ele está dizendo a verdade; mas dizer que estas coisas são a causa pela qual eu faço o que faço, isso na verdade é o mais grosseiro e insensato modo de falar. E significa ser incapaz de discernir que uma coisa é a causa verdadeira e própria, outra coisa é o meio sem o qual a causa jamais poderá ser causa".

Trata-se de uma colocação de extrema importância. E é significativo que, depois de vinte séculos, um cientista do calibre de Claude Bernard tenha retomado a distinção entre **causa** e **condição** [114], entre o **porquê** e o **como**, para esclarecer que a ciência é competente somente para responder aos **como** e não aos **porquê**, que pode estudar e esclarecer só as causas segundas dos fenômenos, mas não pode ir além.

Isto quer dizer que, limitar-se, como o positivista, somente às respostas da ciência, equivale a reduzir o próprio horizonte mental, equivale a fechar antecipadamente a si mesmo a possibilidade de compreender o verdadeiro **porquê** do mundo e de nós mesmos.

3. A Contribuição da Ciência

Embora a ciência não tenha competência para enfrentar e resolver o problema de Deus, poderão suas descobertas oferecer material útil para a reflexão filosófica? Em outras palavras, podem os dados da ciência contemporânea constituir um válido ponto de partida para enquadrar em termos modernos a contingência e a ordem do mundo?

Procuraremos responder a esta pergunta, acenando a dois temas que se relacionam com o problema de Deus: a idade do mundo e a evolução da vida.

a) A idade do mundo

É um dado da experiência imediata que nada do que nos circunda é eterno e que nós mesmos somos destinados a morrer. Poderíamos, no entanto, supor que a humanidade, ou a vida, ou o mundo, tomados em seu conjunto, tenham sempre existido e que sejam destinados a existir para sempre. O que nos diz a ciência a este respeito?

A ciência informa²² que o homem apareceu apenas há 500.000 anos, e que a vida em nosso planeta não remonta a mais de um bilhão de anos. O mesmo globo terrestre não existiu sempre: ele tem aproximadamente quatro bilhões e meio de anos. Assim também as estrelas que os antigos julgavam eternas, não existiram sempre²³. A idade das galáxias, deduzida da constante de Hubble, está entre as 5 e 50 bilhões de anos. Se o mundo, portanto, tem uma idade, não é eterno.

Além disso, ele tende a envelhecer. Sabemos que o calor e a luminosidade das estrelas derivam das reações termo-nucleares que ocorrem em seu interior, reações que transformam o hidrogênio em hélio [115], e em elementos de peso atômico sempre maiores (sódio, magnésio, silício, ferro, etc.). Ora, essa transformação não é reversível, o que significa que do hélio e de outros elementos pesados não se volta mais ao hidrogênio primitivo. Assim, "quando todo o hidrogênio se transforma em hélio, o astro se apaga" [115]. Desta forma, as estrelas mais antigas, já quase completamente esgotadas das reservas de material carburante, não voltarão mais a ter a cor e a luminosidade de uma vez.

No mundo, portanto, não só tudo teve começo, como também

²² - Dados extraídos da *"Encyclopédia da Ciência e da Técnica"*, Mondadori, Milão 1963.

²³ - "A energia produzida pelas estrelas é gerada convertendo em hélio suas reservas de hidrogênio. Na hipótese de um tempo infinito, as estrelas já teriam consumido todo o hidrogênio, e se teriam apagado" (P. Coudenc *A Expansão do Universo* - Presses Universitaires de France - Paris)

tudo se dirige a "um fim"; tudo envelhece e se encaminha para a morte.

O mundo não se apresenta, assim, como uma realidade eterna e imutável. Ele não gira perenemente sobre si, permanecendo o mesmo, mas transformando-se, movendo-se numa direção que não permite retorno.

Uma confirmação deste fato é dada pela descoberta que se fez de que o universo está em contínua expansão. Examinando no espectroscópio a luz que nos chega das galáxias, notou-se que as listras visíveis estão sempre deslocadas para o vermelho (ondas longas), e que este deslocamento é tanto maior quanto mais distante está a galáxia observada.

A explicação do fenômeno deve ser procurada no "efeito Doppler". Segundo ele, se uma fonte acústica ou luminosa estiver em movimento, a frequência das ondas é maior quando a nascente se aproxima do observador, menor quando se afasta dele. É o que acontece com o apito de um trem ou a sirene de uma ambulância, que são mais agudos quando o meio se aproxima e mais graves quando se afasta.

O deslocamento das listras visíveis para o vermelho mostra que as galáxias se afastam umas das outras, de forma que o universo tende constantemente a expandir-se e tem, por assim dizer, a estrutura de sua idade. Ele é comparável a uma nuvem de fumaça que se dilata, na qual todas as partículas se afastam contemporaneamente umas das outras. Parece, portanto, certo que o universo tenha começado a sua história "a partir de um estado concentrado da matéria", isto é, de um momento que pode ser considerado como "origem do tempo em sentido matemático", isto significa que "não pode ter existido desde um tempo infinito no passado, ao menos sob o regime das leis e da natureza como nós as conhecemos" [116].

Na verdade, há quem objete que **este nosso mundo** está em expansão e teve um início, mas que, um dia, a esta expansão poderá suceder uma contração, à qual seguirá uma ulterior expansão, e assim por diante. O início de nosso mundo, portanto, seria um estágio intermediário, um "pescoco" entre uma expansão e outra.

²⁴ - "Se colocarmos perante os olhos o big-bang (a explosão que deu início à expansão do universo) e o progressivo envelhecimento das estrelas, das proto-estrelas aos buracos negros, teremos idéia de um Universo que pode ser comparada a uma máquina que se gasta e chega a um fim." (G. Borghi, *Se quiséssemos enxergar*, Jaka Book, Milão)

Trata-se de uma hipótese gratuita, não fundamentada em nenhum dado positivo e que encontra dificuldades no plano científico [117]. É, contudo, uma hipótese possível. A ciência chega até aqui e não pode ir além. Ela estuda e interpreta o nosso mundo, aquele em que vivemos, mas não pode dizer-nos se antes dele existiram ou não outros mundos, dos quais o nosso poderia derivar.

Entretanto, dos dados oferecidos pela ciência, emerge uma importante conclusão de natureza filosófica, e é que este nosso mundo não tem as características da eternidade e da necessidade, porque teve um início e vai rumo a um fim. Se é o único mundo que existiu, ou se deriva de um ou mais mundos preexistentes que também tiveram um início e um fim, para o filósofo é totalmente indiferente. Prolongar a cadeia do contingente e das causas causadas não significa dar uma explicação última e suficiente do mundo, como já se disse.

A ciência confirma, pois, o dado imediato da experiência, segundo o qual o mundo é contingente, e isto não só em cada um dos elementos que o compõem, mas também em sua totalidade.

b) A evolução biológica

A vida não existiu sempre sobre a terra, nem sempre existiu como é hoje em dia. Houve um tempo remoto, mais de um bilhão de anos atrás, em que a vida não existia. Ela apareceu só em determinado momento, e apareceu "como uma qualidade nova", como uma "nova forma de existência da matéria"²⁸, dirigida por "leis novas", [106-107], as leis biológicas. Há, portanto, na vida, algo de radicalmente novo, há, como observa Lecomte du Noüy, um "início absoluto" [102]. A matéria viva, capaz de nutrir-se, renovar-se e reproduzir-se é muito diferente da de um cristal.

Mais ainda: no decorrer dos milênios, a vida foi se desenvolvendo em formas cada vez mais perfeitas, de acordo com um plano unitário que poderíamos definir como "da complexidade crescente". Do vírus à ameoba, da flor ao inseto, do peixe ao mamífero e deste ao homem, foi todo um crescimento de vida numa "evolução" para formas sempre novas e superiores, de

²⁸ - A vida não existiu sempre. O estudo das propriedades características dos seres vivos... demonstra que a vida é uma forma de existência da matéria, que apareceu como uma etapa determinada na evolução da matéria" (A.J. Opain já citado)

modo que a vida de hoje é muito mais variada e complexa do que a de uns milhões de anos atrás.

A ciência, portanto, coloca-nos perante um mundo em crescimento, com dois grandes saltos de qualidade: o nascimento da vida e o do pensamento. Ainda que alguém quisesse negar um início ao universo, não poderia negar estes dois inícios indiscutíveis, cuja explicação constitui um problema. Trata-se de esclarecer como nasceu o ser-vivo do não-vivo, o consciente do não-consciente, o mais evoluído do menos evoluído.

O fato constitui um problema, porque contradiz um dado certo de experiência, isto é, que do "menos", e somente em virtude deste "menos", nunca nasce o "mais". De fato, de uma montanha pode surgir uma pedra, mas de uma pedra, não pode nascer uma montanha.

A vida, além disso, desenvolveu-se segundo um plano unitário. Onde colocar, na multiplicidade da matéria primordial, entre os bilhões de átomos de hidrogênio ou de carbono, de que parece que tudo teve início, este único princípio organizador do desenvolvimento do cosmos e da vida?

A solução marxista que consideramos a matéria um ente suficiente, necessário e inteligente, ou seja, na prática, uma realidade divina, em contínuo crescimento, já se viu que é insustentável.

Nem adianta afirmar que a vida e o pensamento estavam presentes na matéria bruta, desde a eternidade, "em estado potencial", como a planta está presente na semente e o pintinho no ovo. Neste caso, a semente já está viva, sendo que, por sua vez, a recebeu de uma planta que existia antes dela. A semente não "cria" nada de novo, simplesmente transmite a vida na mesma medida em que a recebeu.

Quando, ao invés, se fala da primeira aparição da vida e do pensamento, a questão é muito diferente. Não há repetição, prolongamento no tempo de uma realidade preexistente, mas início de uma realidade nova. O que significa, portanto, além da simples expressão verbal, dizer que a vida e o pensamento estavam "potencialmente" presentes na matéria primigênia? Quer dizer que já existiam uma dezena de bilhões de anos atrás, de algum modo, nos átomos de hidrogênio e de carbono? Se tivessem existido naquele tempo, existiriam ainda hoje. Quem, no entanto, ousaria afirmar que o átomo de hidrogênio contém uma, ainda que mínima, centelha de vida e de inteligência?

Se não quisermos abandonar-nos a hipóteses fantasiosas, devemos admitir que o surgimento da vida, e seu desenvolvimento coerente e unitário para formas sempre mais elevadas, até o aparecimento do pensamento, só se explica admitindo um Ser que sempre tenha tido em si mesmo tudo o que, no decurso dos milênios, apareceu sobre nosso planeta, inclusive a vida e o pensamento.

O fato, portanto, de o mundo evoluir e a vida se desenvolver não elimina a existência de Deus, mas a confirma. Essa evolução, que revela uma contínua "ascensão" da matéria e da vida, uma contínua passagem do menos ao mais, com dois "inícios" fundamentais, o do primeiro ser vivo e o do primeiro ser pensante, somente se explica admitindo-se que Alguém opera constantemente o mundo, produzindo realidades novas, que antes não existiam, isto é, "criando". Se a ciência tem algo a dizer, ela diz que a criação não apareceu de uma vez para sempre, mas que o mundo está em regime de criação contínua e inacabada.

A evolução do mundo e da vida não é, portanto, um "golpe mortal" contra a idéia de uma Mente criadora e ordenadora do universo, como queria Marx, mas destrói somente a idéia de uma criação concluída, uma vez por todas. O aparecimento, diante de nossos olhos, de novas e mais elevadas formas de existência é, ao invés, uma confirmação de que deve existir um Princípio criador e ordenador do universo, sem o qual este nascimento do novo e do mais perfeito seria inexplicável.

Hoje como ontem, e talvez mais do que ontem, o homem que contempla o mundo com olhos livres de preconceitos, deve ex-claimar com Santo Agostinho: "Eis que o céu e a terra existem; gritam que foram criados; estão, com efeito, sujeitos a mudanças e variações. Tudo o que não foi criado e que existe, nada tem em si que não existisse antes, como acontece, ao invés, com as coisas mutáveis e variáveis. Também elas gritam que não se criaram a si mesmas"; "Existimos porque fomos criadas. Nada éramos antes de existir, para que pudéssemos criar-nos a nós mesmas". E o que dizem é evidentíssimo. "Sim, ó Senhor, foste tu que criaste estas criaturas: elas, que são belas, porque tu és belo; elas, que são boas, porque tu és bom; elas, que existem, porque és tu que existes!"

V. O MISTÉRIO DA NATUREZA DIVINA

Comprovada a existência de Deus, a nossa curiosidade não está plenamente satisfeita. Falta entender como Ele deve ser concebido em sua essência, e em que modo ele se relaciona conosco.

O homem, com efeito, está muito interessado em saber como é e como age este criador do mundo, e pergunta-se deve concebê-lo como indiferente aos acontecimentos humanos ou como interessado neles, como juiz severo ou pai indulgente, etc.,.

Ao problema da natureza de Deus e de sua relação com o mundo ligam-se ainda muitas outras perguntas, que habitualmente os cristãos se põem em campo religioso.

Alguns, por exemplo, perguntam por que Deus esperou tanto para mandar-nos o Salvador, deixando a humanidade nas trevas da ignorância e do pecado por milênios. Outros se admiram que a salvação deva passar pelo sofrimento e a cruz, quando ao invés o homem tende à felicidade e à alegria. Outros ainda perguntam como é que Deus, que é bondade infinita, condena os pecadores ao inferno e, antes ainda, porque faz nascer certos homens, sabendo já, antecipadamente, que serão condenados.

A estas, como a muitas outras perguntas semelhantes, pode-se tentar dar uma resposta, enfrentando o problema da natureza de Deus. Mas o que é que conhecemos sobre a natureza de Deus?

1. O Conhecimento Analógico de Deus

Em primeiro lugar, deve-se dizer que não conhecemos a Deus "diretamente", ou seja, por meio de uma experiência ou uma intuição imediata de sua essência. Conhecemos, diretamente, só a nós mesmos e ao mundo que nos circunda. Tudo o que supera este limite, e portanto também Deus, só podemos conhecê-lo indiretamente.

No caso de Deus, já se viu que o alcançamos refletindo sobre a existência e a ordem do mundo. Se existe um mundo contínuo e ordenado, dizemos que deve haver uma causa adequada, e a essa causa nós chamamos Deus.

Ora, se Ele é a causa da criação, deduzimos também que deve ter em si mesmo, pelo menos, as mesmas perfeições que há nos seres criados. De fato, ninguém pode dar o que não tem: um cão não pode falar, como uma árvore não pode latir. Por isso, a

existência e a ordem do mundo não só afirmam que existe um Criador, mas nos dizem algo também de sua essência.

Se o mundo é um *ser*, Deus será a plenitude do *ser*; se no mundo há vida e pensamento, Deus será a plenitude da vida e do pensamento. Enfim, se no mundo existem perfeições, elas se encontrarão também em Deus, princípio e autor de todas as coisas. Diz a Bíblia: "Pela grandeza e beleza das criaturas, por analogia, se conhece o seu Criador" (Sab 13,5). É por este caminho que podemos ter uma idéia daquilo que Deus é, ou seja: sabedoria, bondade, verdade, justiça, beleza, etc.,

Fazendo isso, porém, não devemos esquecer que Deus é "necessário", enquanto tudo o que conhecemos é "contingente"; que Deus é "absoluto", isto é, livre de qualquer condicionamento, enquanto tudo o que conhecemos é "relativo" e condicionado; que Deus é "Criador", enquanto tudo o que conhecemos é "criado". Numa palavra, que Deus é infinito no *ser* e, portanto, em toda perfeição, enquanto o que conhecemos tem uma perfeição finita.

Evidentemente, essa realidade é radicalmente diferente de todas as outras. Deus "é", como "é" uma pedra, um animal ou um homem. Mas como estas realidades criadas "são" de modo diferente uma da outra (o homem é vivo e inteligente; a pedra não é nem viva nem inteligente), assim Deus "é" e é vivo e inteligente, mas deve *ser* num modo completamente diferente do modo que nós *somos*.

Se, ao falarmos de Deus, podemos servir-nos de conceitos tirados da experiência do mundo sensível, devemos sempre lembrar-nos de que eles se aplicam a Deus "alegoricamente", como dizia Newton [65], isto é, em modo bem diferente de como se aplicam às criaturas.

Já entre as realidades criadas, uma mesma perfeição pode apresentar-se em modalidades e níveis diferentes. A inteligência, por exemplo, realiza-se de um modo diferente numa célula, numa planta, num cão e num homem. Somente este último pode ser chamado realmente inteligente, e vimos, todavia, que cada tipo de vida pode ser considerado, "de algum modo", inteligente.

Quando dizemos que a célula e o homem são inteligentes, usamos o mesmo termo para indicar que são em parte iguais e em parte diferentes. Percebemos na célula a presença de uma certa racionalidade, um comportamento que, de algum modo, tem semelhanças *analógicas* com um *ser pensante*, e a chamamos de inteligente. Mas com isso não queremos afirmar que ela possui

uma mente como a do homem, sabendo muito bem que o "modo" como o homem é inteligente é muito diferente do "modo" como a célula é inteligente.

Com um processo semelhante, afirmamos que Deus é inteligente, porque está na origem de toda a inteligência que se encontra no mundo, inclusive a nossa, mas seria errado pensar que ele é inteligente "como" nós o somos. A sua inteligência deve ser radicalmente diferente da nossa. Trata-se, com efeito, de uma inteligência infinita, e entre o finito e o infinito... a distância é infinita.

Conhecer a essência de Deus por meio da criação significa, portanto, atribuir-lhe toda perfeição presente no mundo, porém, sem os limites que são próprios da criatura. E é exatamente na negação do limite, expressa pelo conceito de *infinito*, que melhor se manifesta a transcendência divina, ou seja, o que é específico de Deus, aquilo que o caracteriza e o distingue de qualquer outra realidade.

Falando-se em Deus, nunca se chegará a insistir suficientemente sobre este seu atributo. Sendo *infinito*, ele não pode ser compreendido (captado) por nossa mente que é finita e limitada e, por isso, é *misterioso*; não pode ser descrito pelas nossas palavras e, por isso, é *inefável* (não se pode falar adequadamente sobre ele). A sua íntima essência nos escapa²⁷ e é "superior atudo o que podemos compreender a seu respeito". Se compreendêsemos adequadamente a Deus e pudéssemos falar convenientemente sobre ele, estaríamos à sua altura, nós mesmos Deus.

Para conhecer adequadamente, com efeito, é necessário, ao menos, estar no mesmo nível. Somente um homem, nesta terra, está em grau de conhecer adequadamente outro homem. Um cão, para darmos um exemplo de criatura que está muito próxima de nós, poderá conhecer muitos aspectos de um homem, como o cheiro, a voz, os hábitos, etc., mas não poderá compreender aquilo que nele é propriamente humano, como, por exemplo, a sua inteligência e a sua moralidade, porque transcendem o mundo de uma pura animalidade, no qual o cão se acha circunscrito. De modo

²⁷ - A existência de Deus pode ser provada claramente, e é objeto da razão humana, mas tentar explicar e provar com a razão os mistérios de sua natureza, é vã tentativa (c. Berkeley, *Alcifrão, diálogo VII* - Zanichelli - Bolonha)

semelhante, o homem não pode conhecer o que é próprio e exclusivo de Deus, a sua essência íntima, porque ela o supera e está além de seu alcance.

Assim, no momento em que nossa inteligência alcança Deus, realiza o máximo de suas possibilidades, mas deve também tomar consciência de seus limites.

2. A Representação Antropomórfica de Deus

Se não podemos conhecer adequadamente a Deus com a inteligência, tanto menos podemos representá-lo com a fantasia. Esta é uma dificuldade muito sentida pelo homem comum, que desejaria poder fantasiar sobre Deus, e que desconfia de quem lhe fala de um Deus misterioso, como se o recurso ao mistério fosse uma escapatória ou um engano. E contudo, estamos circundados pelo mistério!

A própria natureza está cheia de mistérios, e toda vez que queremos compreendê-la, ela nos coloca realidades que não conseguimos representar com a imaginação.

Lecomte du Noüy observa que muitos "não acreditam em Deus por serem incapazes de imaginá-lo. Esquecem, contudo, que esta incapacidade não é, por si, uma prova de não-existência, pois acreditam firmemente no elétron". Isto é, numa realidade física não facilmente "imaginável". E como imaginar o "quanta elementar de ação" que, segundo Planck que o descobriu, "quase não tem intuitibilidade"? Da mesma forma, podemos acaso imaginar um espaço de quatro dimensões, como é exigido pela teoria da relatividade de Einstein? Podemos concebê-lo só intelectualmente, e fazemo-lo porque é necessário em vista da necessidade de explicar fenômenos físicos comprovados. Assim Deus pode ser concebido intelectualmente, mas não imaginado, e é afirmado para explicar fatos comprovados, como a existência da ordem do mundo.

De fato, por ser o homem o único ser inteligente e pessoal que conhecemos, admitido este Deus pessoal e inteligente, somos instintivamente levados a imaginá-lo conforme nosso modelo, como se fosse um "super-homem", isto é, um ser mais forte, mais inteligente e mais sábio do que nós, mas feito à nossa maneira e com nosso modo de pensar, sentir, amar, etc.. Esta tendência ao **antropomorfismo**, isto é, à representação de Deus em forma

humana, não é característica somente do homem primitivo, mas é encontrada também no homem de hoje, e está na origem de muitos falsos problemas.

Sempre que alguém se pergunta, por exemplo, por que Deus faz nascer um homem prevendo uma vida cheia de dores, ou que irá perder-se eternamente, esquece que Deus, por estar acima de todo limite, está também fora do tempo e do espaço, que para ele não existe o "antes" e o "depois", e que, por isso, não **pre-ve**, mas **vê** tudo numa presença eterna²¹. É uma maneira de conhecer que não podemos absolutamente imaginar, por estar além de toda a nossa experiência, mas é a ela que devemos recorrer para compreender todos os problemas a respeito da **pre-ciência** divina que, no fundo, não passam de **falsos** problemas. Como Deus conhece as coisas criadas, nós não sabemos, e é perigoso fantasiar a respeito, usando conceitos tirados da nossa experiência.

Semelhante resposta pode ser dada também a quem pergunta sobre a racionalidade do orar, quando se quer com isso influenciar a vontade de Deus, exigindo que o Senhor do mundo se coloque ao nosso serviço. Afinal, para que rezar, sabendo que Deus já sabe tudo quanto precisamos, mesmo antes que lhe peçamos?

Trata-se de uma antiga objeção, que o próprio Jesus conheceu e empregou para esclarecer o verdadeiro sentido da oração. "Ao orarem - diz ele - não gastem palavras demais como os pagãos, que pensam ser ouvidos por força das palavras. Não sejam como eles, pois o vosso Pai conhece as coisas de que vocês precisam antes de lhe pedirem" (Mt 6,7-8).

E então, por que rezar? A resposta nos é dada pelo próprio Jesus, ao ensinar-nos o Pai Nosso (Mt 6,9-13). Ele nos convida a dirigimo-nos ao Pai dizendo "Seja santificado o teu nome, venha o teu reino, seja feita a tua vontade". Não devemos, portanto, rezar para informar a um Deus distante de nossas dificuldades [118], segundo uma concepção infantil ainda demasiadamente difundida, mas devemos rezar para adorá-lo, louvá-lo e agradecer-lhe, e para renovar nossa adesão a ele, nosso único verdadeiro bem [119].

Também a oração de súplica, com a qual "pedimos algo", encontra sua justificativa no fato que, ao pedir, nos reconhecemos criaturas dependentes de Deus e a ele devedores de todo bem,

²¹ - "O intelecto divino contempla como presente desde toda a eternidade o que acontece no decorrer do tempo". S. Tomás de Aquino, "Summa Contra Gentiles".

reafirmando nossa confiança na sua paternal providência. Apresentando a Deus nossas necessidades, mantemos um contato com ele, ao mesmo tempo de dependência e confiança, e sentimos que vivemos na sua presença, reafirmamos nossa incondicional confiança nele, e assim, mesmo "pedindo", podemos realisar aquela íntima união com a Divindade que é a essência de qualquer oração.

Não é Deus, portanto, que precisa de nossas orações a fim de organizar-se, mas somos nós que precisamos rezar para nos colocar em comunhão com ele.

Superar o antropomorfismo significa também compreender que a infinita transcendência de Deus não nos permite pedir-lhe explicações sobre seu agir.

Muitos, de fato, perguntam por que Deus opera nessa ou naquela maneira, como se se tratasse de um colega, desconfiados da bondade de seu agir. Mas para compreender adequadamente os "porquês" de Deus, deveriam ser Deus eles próprios. Podemos encontrar, é verdade, razões de conveniência, motivos de oportunidade para o agir de Deus, conquanto que não se pretenda, com isso, dar explicações corretas e apropriadas.

Assim, quando nos perguntamos por que o Verbo de Deus esperou tanto para encarnar em Jesus de Nazaré, podemos supor que tenha sido para permitir à humanidade alcançar o necessário desenvolvimento mental e moral necessário para compreender e acolher o Evangelho. Da mesma forma, quando nos perguntamos por que a salvação cristã tenha que passar pelo caminho da cruz, podemos responder que esta é uma consequência da lei do amor. Para abrir-nos ao bem, para abrir-nos a Deus e aos outros, devemos superar nosso egoísmo, e isso comporta sempre um sofrimento. A aceitação da cruz é, de fato, conforme a palavra de Jesus (Jo 15, 13), a expressão mais alta do verdadeiro amor. Por fim, se nos perguntamos por que Deus, bondade infinita, condena ao inferno os pecadores, podemos afirmar que o inferno não é uma invenção de Deus, e sim produto do homem, que constrói diariamente seu inferno, seu ódio a Deus e ao bem, que a morte tornará completamente evidente e definitivo.

Estes exemplos podem ajudar-nos a compreender como muitas dificuldades surgem por má interpretação dos problemas, que se tornam menos obscuros quando os colocamos de maneira correta. Contudo, algo obscuro permanece no que diz respeito a Deus, devido à sua transcendência.

Não podemos explicar convenientemente a ação de Deus por não ser possível medi-la com o nosso metro. Visto que nossas idéias dependem da experiência que adquirimos em contato com o mundo, que é um dos tantos mundos possíveis, e que reflete parcialmente a infinita perfeição do Criador.

3. O Problema do Mal

A esta altura, torna-se necessário enfrentar a que é normalmente considerada a maior dificuldade no caminho para Deus, isto é, o problema do mal. Por que existem o mal e o mal no mundo? De onde se originam? De que maneira conciliá-los com a existência de um Deus onipotente e bom.

Antes de mais nada, devemos adiantar que este problema, parte de outro maior que é o mistério de Deus e seu agir, não tira o valor dos argumentos que comprovam a existência de Deus. Assim como a casa, embora desairumada e decadente, supõe a existência de um projetista, também o mundo, embora imperfeito, requer a existência de um Criador.

Após estas colocações, poderíamos tentar compreender, ao menos em parte, por que existe o mal no mundo.

Para alguns males, como por exemplo as guerras, as injustiças, etc., fruto da obra do homem, a resposta é fácil. Estes males têm sua origem em nós mesmos, no abuso da nossa liberdade, em outras palavras, no pecado, companheiro inseparável dos acontecimentos humanos.

Mas existem males que não dependem de nós: doenças e morte, inundações e terremotos, seca e fome, etc., que nos mostram a criação como imperfeita e, especialmente quando nos atingem, levam-nos a perguntar-nos por que Deus criou semelhante mundo.

A vida, se por um lado nos deixa admirados, com sua beleza, sua infinita variedade de formas, a maravilhosa inteligência que a rege, por outro nos escandaliza. Ela, de fato, é constantemente perseguida por inúmeras doenças, sempre ameaçada pela fome e, por fim, caminha inexoravelmente para a morte.

Mais ainda: cada ser vivo concorre com outro para sobreviver. As árvores do mato lutam para conseguir o espaço vital da terra e da luz, enquanto os animais se alimentam destruindo outros seres vivos. Os herbívoros destroem os vegetais, enquanto os

carnívoros devoraram outros animais. A vida, dominada pela lei do mais forte, mostra-se, portanto, violenta e cruel, e parece até contradizer a idéia de um Deus bom e amante das criaturas. O que dizer a respeito?

Uma primeira tentativa de resposta consiste em distinguir a vida em seu conjunto, dados indivíduos. Considerando o conjunto da vida, observa Jean Baptiste Lamarck, tudo parece perfeitamente harmonioso. Contudo, acrescentava ele, "a parte individual, devendo necessariamente mudar e cessar de existir para que nasça outra, tem interesses contrários ao todo; e, racionando em cima disso, pode-se ter impressão de que tudo está malfeito". O fenômeno da vida pode ser considerado, portanto, seja do ponto de vista geral e autônomo, seja do ponto de vista particular e interessado.

Sob o primeiro ponto de vista, vê-se o porquê da morte: de outra forma não haveria lugar para novas gerações. Entende-se também porque as diferentes espécies de animais e vegetais tenham que limitar-se mutuamente: de outra forma não seria possível manter o equilíbrio ecológico que permite à vida manter toda a sua riqueza e variedade, em todas as formas, impedindo que uma prevaleça sobre outra.

Visto que a vida se alimenta "consumindo" substâncias, que para os animais são sempre substâncias vivas, é necessário manter o equilíbrio entre as diversas formas de vida, para garantir a sobrevivência do todo. Sem vegetais não haveria alimento para os herbívoros, sem animais não haveria alimento para os carnívoros, e sem carnívoros, os herbívoros se desenvolveriam de tal forma que destruiriam por completo a vida vegetal e, assim, também a si mesmos.

Existe uma harmonia inegável no conjunto da vida, que implica no sacrifício da parte em benefício do todo. Claro, "se uma parte começa a raciocinar", querendo julgar tudo sob o próprio ponto de vista, pode-se "ter a impressão de que tudo está malfeito". O grande erro, fundamental, está exatamente em colocar-se como centro do universo.

Criatura nenhuma, nem o homem, está no centro do mundo, como não o está nosso planeta, contrariamente ao que se pensava, com ingênua presunção, em outros tempos.

O homem, este "animal pensante", deve aceitar-se criatura e, mesmo procurando com inteligência e perseverança construir em

volta de si um mundo o mais possível conforme às suas exigências, nunca deve esquecer que é parte de uma imensa construção, não feita por ele e nem em vista dele, e que não pode modificar que em medida mínima. Deve compreender que não é o ponto de referência de toda a realidade, em outras palavras, que não é Deus.

Muitas das dificuldades apresentadas, nascem da tentação de julgar tudo do nosso ponto de vista, incluindo Deus. Mas julgar a Deus significa fazer-se Deus.

Reencontramos aqui, no plano da vida concreta, a tendência do homem em tornar-se deus, coisa que o ateísmo positivo tornou explícita e sustentou no plano teórico, o que não passa de absurda e funesta presunção.

Embora sem querer julgar a Deus, pode-se perguntar se não teria sido possível um mundo sem os pesados condicionamentos do atual, sem a dor, sem que a vida tivesse que desenvolver-se prejudicando outra vida, etc..

Claro que Deus, teoricamente, poderia ter criado um mundo totalmente diferente do atual, sem nossos átomos, nossas moléculas, nossas células e sem estas nossas leis da natureza.

Mas qualquer mundo tivesse criado, teria sido necessariamente composto por "criaturas". E qualquer realidade criada deve ser marcada pelo limite, só pode ter uma perfeição finita, senão seria divina.

Quem projeta um automóvel, por exemplo, tem mil diferentes exigências a cumprir e coordenar. O carro ideal deve ser, ao mesmo tempo, leve e sólido, veloz e seguro, econômico e confortável, etc.. São propriedades que, às vezes, se excluem mutuamente, e não podem estar todas concentradas em um só modelo.

Da mesma forma, podemos dizer que Deus, quaisquer mundos tivesse criado, não poderia tê-los criado a não ser com perfeição limitada, carregados de condicionamentos pesados. Caso contrário, teria que criar **outro ele mesmo**, o que é impossível, pois ele, por natureza, é incriado e único.

Claro, a vida poderia também não ser tão variada, e assim as espécies não estariam competindo entre si; poderiam não gerar outra vida, e assim os velhos não teriam que ceder o lugar aos jovens; poderiam não ter necessidade de alimento, e assim não teriam necessidade de suprir outras vidas, etc., mas assim teríamos uma vida... "mineral", isto é, não mais vida. Os minerais,

de fato, não adoecem, não morrem e não precisam de alimento, às custas de outros.

A beleza, a variedade, o dinamismo da vida tem um preço, sem o qual a vida não existiria: a morte e dor. Sem morte não haveria espaço para nova vida, assim como não haveria vida sem a dor.

É a dor, com efeito, que recorda ao vivente que existem perigos para ele: o estímulo dolorido da fome leva-o a procurar alimento; sem dor, arriscaríamos acordar certa manhã... com os pés queimados, como Pinóquio!

Afinal de contas, a dor não é que o preço do prazer. Quem, à semelhança do mineral, não sofre, não pode sequer ter prazer, enquanto que quem tem prazer deve, às vezes, sofrer, ao menos quando sua faculdade do prazer está impedida ou ameaçada. Quanto mais a gente sobe na escala dos seres, mais se abrem os espaços do sofrimento. Do vegetal ao animal, e deste ao homem, mais a criatura é perfeita, mais é capaz de alegria, mas também de dor.

No homem o sofrimento é consciente. Saber, como notava Buda, que doença, velhice e morte estão à espera de cada um de nós, provoca perturbação. Mas é esta a situação de um "animal pensante". Enquanto animal pertence ao mundo das "coisas", como ser pensante ao das "pessoas"; como animal é submetido às leis férreas da matéria, como ser pensante tende a superá-las num esforço para atingir o mais perfeito, o infinitamente perfeito, Deus, por quem é fascinado e atraído.

O problema do mal e da dor, no fundo, não é que o problema do limite criatural sofrido por um animal consciente que, enquanto consciente, suporta a contragosto os condicionamentos da própria animalidade.

Admitir a Deus, como vimos, é admitir a própria finitude, que tem no mal e na dor a expressão mais evidente. Quem se coloca no centro do mundo achará que o mundo é malfeito, pois não roda em volta dele, enquanto que, quem aceita com serena humildade a própria condição de criatura, embora vendo todas as limitações do mundo, constatará que ele é digno de admiração e, da admiração pelo criado, chegará à admiração pelo Criador.

O caminho que conduz a Deus não é apenas um fato da mente, mas também do coração. Se o coração não for simples e humilde, não permitirá que a inteligência faça um julgamento sereno de si mesmo e do mundo, impedindo de chegar a Deus.

4. A Luz da Revelação

Após aceitar tudo isso, apresenta-se ao cristão outra dificuldade. Desde criança, de fato, o cristão ouviu dizer que Deus é bom, que nos ama como um pai e que cuida de cada um de nós. Por isso se escandaliza perante o sofrimento, achando que se Deus fosse realmente pai, não deixaria seu filho sofrer tanto. De que maneira conciliar a experiência da paternidade de Deus com a da dor?

Diante desta dificuldade, é preciso dizer que a paternidade de Deus não é uma verdade da razão, mas da fé, ou seja, que não se trata de algo evidente, mas de um mistério em que "cremos" pela palavra de Cristo.

Jesus, de fato, pelos dons particulares da sua humanidade misteriosamente unida à Pessoa divina do Verbo, sabia que Deus é bom, que é o único a merecer este título (Mc 10, 18), e que, por isso, é digno de toda confiança. Tal confiança no Pai nunca o deixou, nem mesmo quando começou a prever seu trágico fim (Mc 8, 31-33 e par.; 9, 30-32 e par.; 10, 32-34 e par.), nem no horto das oliveiras, onde continuou a invocá-lo com o nome carinhoso de "pai" (Mc 14, 36), nem no momento da morte na cruz (Lc 23, 46). E este confiante abandono foi premiado. Por ele, diz São Paulo, "Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo outro nome; para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre nos céus, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame que Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus Pai" (Fl 2, 9-11).

Baseados na convicção e experiência de Jesus, e de Maria, a dócil e humilde serva do Senhor (Lc 1, 38), dos santos, que pela confiança em Deus souberam realizar obras admiráveis e autênticos milagres, proclamamos nossa "fé" num Deus, pai amoroso e providente.

O cristão acredita que "nada se perde do sofrimento, mas que tudo é transformado em bênção", acredita que não há sofrimento suportado em união a Cristo que não seja transformado em alegria, muitas vezes ainda nesta vida, e sempre após a morte. Por isso ele louva e agradece ao Pai mesmo "quando a vida se torna um caminho obscuro", mesmo "quando o coração está oprimido, quando a alma está nas trevas" [120] e, como Francisco de Assis, pode chegar a sentir que somente na tribulação está a "perfeita alegria".

É claro que não estamos mais na linha do raciocínio puro, pois, seguindo a escola de Jesus, demos um salto para a fé.

A té na palavra de Cristo, a té na divina revelação, permittem-nos conhecer muitas verdades sobre Deus e nós mesmos, verdades que superam o conhecimento natural e podem orientar e enriquecer nossa vida religiosa.

Evidentemente, a verdade revelada não pode eliminar o mistério que envolve a natureza divina, pois também a linguagem da revelação será sempre inadequada e imperfeita. A Bíblia também usa imagens antropomórficas para nos falar de Deus. Nem é possível agir de outra forma, querendo expressar-se em termos acessíveis e tocar as cordas do sentimento. Os conceitos filosóficos abstratos não estão ao alcance da maioria das pessoas e nem falam ao coração.

A revelação, atribuindo a Deus a imagem antropomórfica de "Pai", mostra-nos o que a pura razão não poderia dizer-nos, isto é, que Deus nos ama e cuida de nós, e o faz com uma linguagem capaz de suscitar respostas afetivas bem diferentes do que poderia fazer a idéia do "Um" de Plotino[75] ou do "Motor Imóvel" de Aristóteles[74].

Perante a imagem bíblica do Pai celeste não devemos nunca esquecer que Deus não é pai no nosso sentido, assim **como** não é pessoa **como** nós o somos. Sua maneira de ser pai e pessoa transcende inteiramente a nossa, ao ponto que estes conceitos, tomados demasiadamente ao pé da letra, perigam enganar-nos e apresentar-nos uma visão distorcida.

A Bíblia procura, muitas vezes, reafirmar a transcendência divina e dizer-nos que Deus não é um homem (Nm 23,19) e que o homem não pode confrontar-se com ele (Ez 28,2). De fato, "todas as nações não são nada diante dele" (Is 40,17), e o mesmo universo, com ele comparado, é "como pó sobre a balança, como gota de orvalho da manhã caída sobre a terra" (Sb 11,22). Nada se lhe pode comparar porque não é igual a ninguém (Is 40,18,25; 44,7), sendo "o primeiro e o último" (Is 44,6), "Alfa e Omega" (Ap 1,8), e existindo "desde sempre e para sempre" (Sl 9,2). Diferente no ser, ele é diferente também no operar: seus pensamentos não são os nossos, seus caminhos não são os nossos (Is 55,8). Por isso ele é "um Deus escondido" (Is 45,15), que habita numa luz inacessível" (1 Tm 6,16), e que ninguém nunca viu (Jo 1,18; 1 Jo 4,12), nem poderá nunca ver (Ex 33,20).

Diante destas colocações, que excluem qualquer mal-entendido, o antropomorfismo bíblico aparece em seu verdadeiro valor didático. Como traduzir de maneira fácil a idéia de que Deus é amor, a não ser apresentando-o como pai, sempre disposto a perdoar (Lc 15,20ss), como mãe amorosa (Slr 4,11), ou como esposo perdidamente apaixonado pela esposa? (Jer 3,1,6-7; Is 22,5).

São imagens que podemos usar nós também, para falar de Deus ou com Deus. É preciso, porém, relembrar sempre que se trata de imagens, de metáforas, de alegorias, e que não se pode partir delas para objetar a respeito da natureza e do agir de Deus.

Quanto mais refletimos sobre Deus, tanto mais somos levados a dar um valor relativo às representações que dele fazemos, deixando-nos penetrar do sentido de nossos limites e da transcendência dele.

É o que sentia São Paulo quando, escrevendo aos romanos, exclamava: "Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Quão imperscrutáveis são os seus juízos e inacessíveis os seus caminhos! De fato, quem por acaso conheceu o pensamento do Senhor? Quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu algo por primeiro, para receber em troca? Pois dele, por ele e para ele existem todas as coisas" (Rm 11,33-36).

CONCLUSÃO

O primeiro dado que conseguimos levantar é a inconsistência teórica do ateísmo positivo. Se a isto se acrescenta a falência prática da sua atuação, encontramos suficientes motivações para tranquilizar quem acredita, subtraindo-o a possíveis sentimentos de inferioridade. Quem acredita não tem motivo de sentir-se inferior a ninguém. Isto é confirmado por pensadores e cientistas do mais alto gabarito que acreditaram em Deus. Mesmo respaldando a todos, e sem nenhuma alívea, quem acredita pode, de cabeça erguida, manifestar a própria convicção.

Além disso, saber que a religião não é só fruto de intuição do coração, mas também do exercício da razão, dá forças a quem acredita na esperança de estabelecer um diálogo proveitoso com aqueles que não acreditam, mas procuram a verdade com coraçaõ reito e mente serena. O diálogo com o mundo moderno só

pode ser construído a partir da razão, não sendo mais a fé em Jesus Cristo patrimônio comum da nossa civilização.

Existe, por fim, outro serviço que a razão pode oferecer à religião, e é de preservá-la de possíveis formas de decadência. A religião, também, como qualquer outra expressão do homem, está sujeita à degradação. A religiosidade mágica e supersticiosa não é feita para elevar a humanidade, mas para torná-la mais facilmente sujeita a espertos aproveitadores.

O aspecto positivo do ateísmo moderno, reconhecido também pelo Vaticano II (*Gaudium et spes*, nº 19), consiste em ter estimulado os que acreditam a uma séria autocrítica. É preciso, de fato, reconhecer que a imagem de Deus, assim como aparece no Evangelho, foi submetida ao longo dos séculos a inegável alteração. Na mente de muitos fiéis, assim como nos lábios de muitos pregadores, reapareceu a imagem do Deus do Antigo Testamento, mais patrão do que pai, mais juiz do que salvador, quando não reaparece o antigo politeísmo pagão sob forma de culto aos santos.

Uma clara e iluminada idéia de Deus e de seu relacionamento conosco é a melhor resposta, de quem acredita, ao desafio do ateísmo contemporâneo.

Deus que, na rude intuição do homem primitivo, aparece como ser terrível, às vezes esquivo, a ser aplacado, e que ao raciocínio abstrato do filósofo, se apresenta como absoluta e misteriosa transcendência, assume, à luz do Evangelho, a fisionomia de um pai bom, solícito com a promoção e o crescimento do homem.

Esta idéia de Deus pode dar gosto e um significado positivo à vida, pode tornar-se motivo de equilíbrio e conforto em momentos difíceis, pode oferecer a esperança de uma felicidade e de um bem que não pode ser atingido por nós neste mundo.

textos e
documentos

capítulo primeiro

A negação de Deus

O Materialismo Histórico

1 A produção das idéias, das representações da consciência, está, antes de tudo, entrelaçada diretamente com a atividade material e as relações materiais dos homens, linguagem da vida real. As representações e os pensamentos, a música espiritual dos homens aparecem também aqui como emanção direta de seu comportamento material. Isto vale também para a produção espiritual, como ela se manifesta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo.

São os homens os produtores de suas representações, idéias etc., mas os homens reais, operantes, condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelas relações que lhes correspondem.

...A moral, portanto, a religião, a metafísica e qualquer outra forma ideológica, e as formas de consciência que lhes correspondem, não conservam mais que a aparência da autonomia. Elas não têm história, não se desenvolvem. São os homens que desenvolvem sua produção material, e suas relações materiais transformam, juntamente com esta realidade própria, também seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência.

(K. Marx - F. Engels, A IDEOLOGIA ALEMÃ)

2 Os homens, na produção social de sua existência, entram em relações determinadas, necessárias, independentemente de sua vontade, relações de produção que correspondem a determinado grau de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, ou seja, a base real sobre que se ergue uma sobre-estrutura jurídica e política, à qual correspondem formas determinadas da consciência social. O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político e espiritual da vida. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência.

(K. Marx, CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, Prefácio, em K. Marx - F. Engels, OBRAS ESCOLHIDAS)

A crítica da religião

3 O atributo fundamental de Deus, ou seja, do próprio ser objetivado, um ser estranho e inconcebível, é, na visão do homem, a autonomia, a individualidade, ou - para usarmos uma expressão ainda mais abstrata - a personalidade.

... Todos os predicados, todos os atributos divinos, já que pertencem a um ser pessoal, portanto diferente, distinto do homem e dotado de uma existência autônoma, parecem atributos efetivamente diferentes dos do homem, não obstante sua fundamental e essencial identidade com os atributos humanos.

(L. Feuerbach, A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO)

A essência secreta da religião é a unidade do ser divino e do ser humano; mas a forma da religião, ou seja, sua natureza aparente, manifesta, é a sua distinção: quer dizer, Deus é o ser humano, mas é conhecido como um outro ser. Pois bem, o amor revela a essência secreta da religião, a fé, por sua vez, fixa a religião em sua forma conhecida. O amor identifica o homem com Deus e Deus com o homem, unindo, portanto, os homens entre si. Até separa Deus do homem e, portanto, também o homem do homem. Deus, de fato, nada mais é que o conceito da espécie, da humanidade, expressa em forma mística. É por isso que a separação entre Deus e o homem é a separação entre o homem e seu semelhante, a abolição do vínculo comum.

(Ibidem)

4 O fundamento da crítica religiosa é: o homem faz a religião, e não a religião o homem. A religião, de fato, é o conhecimento e a consciência do homem que ainda não adquiriu, ou perdeu de novo, a si mesmo. Mas o homem não é um ser abstrato, isolado do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Este Estado, esta sociedade, produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, exatamente porque eles são um mundo de cabeça para baixo. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, sua questão de honra, espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua razão fundamental de conservação e justificação. É ela a realização fantástica da essência humana, já que a essência humana não possui uma realidade verdadeira. A luta contra a religião é, portanto, indiretamente, a luta contra aquele mundo do qual a religião é o aroma espiritual.

A miséria religiosa exprime quer a miséria real quer o protesto contra a miséria real. A religião é o gemido do oprimido, o sentimento de um mundo sem coração, e também o espírito de uma condição privada de espiritualidade. Ela é o ópio do povo.

Eliminar a religião enquanto felicidade ilusória do povo, é condição para sua verdadeira felicidade. A necessidade de renunciar às ilusões acerca da própria

condição, é a necessidade de renunciar a uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, portanto, na origem, a crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é a auréola.

(K. Marx, CRÍTICA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL, introdução, em OBRAS ESCOLHIDAS)

- 5 A religião já não constitui para nós o fundamento, e sim apenas o fenômeno da limitação mundana. É por isso que nós explicamos a submissão religiosa dos cidadãos livres com sua submissão terrena. Nós achamos que eles deveriam livrar-se de sua limitação religiosa, para poderem livrar-se de seus limites terrenos.

(K. Marx, SOBRE A QUESTÃO EBRALÇA, em OBRAS ESCOLHIDAS)

- 6 Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte, etc. são apenas particulares maneiras da produção, seguidas por sua lei geral.

A efetiva eliminação da propriedade privada, como apropriação da vida humana, é, por conseguinte, efetiva eliminação de toda a alienação, portanto, a conversão do homem da religião, da família, do Estado etc. à sua existência humana, ou seja, social.

(K. Marx, MANUSCRITOS ECONÔMICOS-FILOSÓFICOS, de 1844, em K. Marx, OBRAS FILOSÓFICAS DA JUVENTUDE)

A família

- 7 Abolição da economia separada é inseparável da abolição da família, isto é claro.

K. Marx - F. Engels, A IDEOLOGIA ALEMÃ

Abolição da família! Até os mais avançados entre os radicais se escandalizam com tão ignominiosa intenção dos comunistas.

Sobre que está baseada a família de hoje, a família burguesa? Sobre o capital, sobre o lucro privado. Em seu pleno desenvolvimento, a família hoje existe só para a burguesia; mas ela encontra seu complemento na forçada falta de família dos proletários e na prostituição pública.

A família do burguês cairá naturalmente com a falta deste complemento, e ambas desaparecerão com o desaparecimento do capital.

... Vocês, comunistas, quereis o uso comunitário das mulheres, grita-nos em coro toda a burguesia.

O burguês vê na própria mulher um simples instrumento de produção. E é sente que os instrumentos de produção devem ser explorados em comum e,

naturalmente, não pode deixar de pensar que o mesmo fim comunitário atingirá também as mulheres.

Ele não imagina que se trata exatamente de abolir a posição das mulheres como simples instrumentos de produção.

Por outro lado, nada mais ridículo que o moralíssimo argumento de nossos burgueses com a suposta comunitarização oficial das mulheres no comunismo. Os comunistas não precisam de introduzir o uso comunitário das mulheres: ele sempre existiu.

Os nossos burgueses, não satisfeitos de seus proletários - para não falar da prostituição oficial - encontram um de seus principais deleites em seduzir mutuamente suas mulheres.

O matrimônio burguês é, na realidade, o uso comunitário das mulheres. O máximo que se poderia reprovar nos comunistas seria o quererem substituir o uso comum das mulheres, tipocriticamente escondido, pelo uso oficial, aberto. Compreende-se facilmente que, abolindo as atuais relações de produção, desapareça também o uso comunitário das mulheres que dele deriva, ou seja, a prostituição oficial e não oficial.

(K. Marx - F. Engels, MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA)

O fim da Sociedade Burguesa

- 8 À medida que diminui o número dos magnatas do capital que usurpam e monopolizam todas as vantagens deste processo de transformação, se engrandece e se fortifica a miséria, o sofrimento, a escravidão, a degeneração, a exploração da classe operária, mas ela aguçá, ao mesmo tempo, seu sentido de rebelião, e alarga suas alas, dota-se de uma disciplina, de uma unidade e uma organização, graças ao mesmo mecanismo do processo de produção capitalista. O monopólio do capital torna-se um obstáculo ao progresso das formas de produção, nascidas com ele e sob ele. A concentração dos meios de produção e a socialização do trabalho chegam a um ponto em que entram em contradição com sua roupagem capitalista. Bate a última hora da propriedade privada capitalista. Os exploradores são expropriados.

(K. Marx - O CAPITAL)

- 9 A condição essencial da existência e do domínio da classe burguesa está no acúmulo da riqueza nas mãos dos particulares, na formação e no aumento do capital; condição para que se forme o capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si. O progresso da indústria, do qual a burguesia é o agente involuntário e passivo, substitui o isolamento dos operários, resultado da concorrência, com sua união revolucionária mediante a associação. O desenvolvimento da grande indústria

tira dos pés da burguesia o mesmo terreno sobre o qual ela produz e se apropria dos produtos. Ela cria especialmente seus covões. Seu ocaso e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.

(K. Marx - F. Engels, MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA, em OBRAS ESCOLHIDAS)

Uma Revolução Radical

10 Mas - dirá alguém - não há dúvida que as idéias religiosas, morais, filosóficas, jurídicas, etc. se foram modificando na caminhada da evolução histórica; a religião, a moral, a filosofia, a política, o direito, porém, sempre se mantiveram em todas estas mudanças. Existem, além disso, verdades eternas, como a liberdade, a justiça, etc. que são comuns a todas as situações sociais. O comunismo, ao contrário, abole as verdades eternas, abole a religião, a moral, em vez de dar-lhes uma forma nova, e assim contradiz toda a evolução histórica acontecida até agora.

A que se reduz esta acusação? A história de toda a sociedade aconteceu no meio dos antagonismos de classe, que assumiram formas diversas nas diversas épocas.

Mas seja qual for a forma assumida por tais antagonismos, a exploração de uma parte da sociedade por outra parte é fato comum a todos os séculos decorridos. Não é maravilha nenhuma, portanto, se a consciência social de todos os séculos, não obstante todas as variedades e diversidades, se dê em certas formas comuns, em formas de consciência que se dissolvem completamente apenas com o completo desaparecimento do antagonismo das classes.

A revolução comunista é a mais radical ruptura com as relações tradicionais de propriedade; ninguém se admite, portanto, se no decorrer de seu desenvolvimento, se dá a mais radical ruptura com as idéias tradicionais.

(Ibidem)

A Sociedade Comunista

11 Na sociedade comunista, em que não há uma esfera de atividade exclusiva para cada um, mas cada um pode aperfeiçoar-se em qualquer ramo a seu bel-prazer, a sociedade regula a produção geral, e assim me possibilita fazer hoje esta coisa, amanhã aquela, demanhã ir caçar, após o meio-dia pescar, à tarde cuidar dos animais, depois do almoço criticar, assim, como me apetecer, e sem tornar-me caçador, nem pescador, nem pastor, nem crítico.

(K. Marx - F. Engels, A IDEOLOGIA ALEMÃ)

Em todo o caso, numa organização comunista da sociedade, acaba a

exclusividade do artista... em determinada arte, tornando-o exclusivamente um pintor, um escultor etc.; nomes que, por si, exprimem suficientemente a limitação de seu desenvolvimento profissional e sua dependência da divisão do trabalho. Numa sociedade comunista não existem pintores, mas ao máximo homens que, entre outras coisas, também pintam.

(Ibidem)

12 Numa fase mais elevada da sociedade comunista, quando desaparecer a subordinação servil dos indivíduos à divisão do trabalho, e portanto também o contraste entre trabalho intelectual e corporal; quando o trabalho deixar de ser apenas meio de vida, e sim também primeira necessidade da vida, quando, graças ao desenvolvimento geral dos indivíduos, crescerem também as forças produtivas e todas as fontes de riquezas sociais jorrarem plenamente, só então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser superado, e a sociedade poderá escrever em suas bandeiras: "Cada um conforme suas capacidades; a cada um conforme suas necessidades".

(K. Marx, CRÍTICA DO PROGRAMA DE GÖTTA)

O Fim da Religião

13 Uma religião nada mais é que o fantástico reflexo, na cabeça dos homens, daqueles poderes externos que dominam sua existência quotidiana, reflexo no qual os poderes externos assumem as formas de poderes supra-terrenos.

... Mas nós temos visto frequentemente que na sociedade burguesa atual os burgueses são dominados, como se de força estranha se tratasse, pelas relações econômicas criadas por eles mesmos e pelos meios de produção por eles mesmos produzidos.

... A economia burguesa não pode, sequer de forma geral, impedir a crise, nem dar garantias a cada capitalista contra as perdas, os maus devedores e as falências, e nem oferecer garantias a cada operário contra o desemprego e a miséria. Costuma dizer-se: o homem propõe e deus (ou seja, o domínio exterior ao modo de produção capitalista) dispõe. O simples conhecimento, embora chegue muito mais longe e seja muito mais profundo que o conhecimento da economia burguesa, não é suficiente para submeter as forças sociais ao domínio da sociedade. Para isso, é necessária, antes de tudo, uma ação social. Quando esta ação acontece, quando a sociedade, mediante a tomada de posse e uso planificado de todos os meios de produção se tiver libertado, e a todos os seus membros, da submissão em que são mantidos atualmente por estes meios de produção, produzidos por eles mesmos, mas que se erguem à sua frente como prepotente força estranha, quando, portanto, o homem não apenas propõe, mas também dispõe, então sim desaparecerá a última força estranha que hoje tem

ainda seu reflexo na religião e, conseqüentemente, desaparecerá também o mesmo reflexo religioso, pela simples razão que não haverá mais nada para espelhar.

(F. Engels, ANTIDUHRING)

A Deus pela Natureza

- 14 Que o homem contemple, portanto, a natureza por completo, em sua alta e plena majestade, ataste seu olhar dos objetos mesquinhos que o cercam. Contemple esta luz fulgurante, colocada como luz eterna para iluminar o universo, veja a terra como um ponto, em comparação com a enorme volta que este astro descreve, maravilhe-se ao pensar que esta imensa volta não é mais que um pequeníssimo ponto se comparada à que percorrem os astros girando no firmamento. Mas se nossa vista pára aqui, nossa imaginação vai além, ela cansará de imaginar antes que a natureza cansa de dar. O total do mundo visível não é mais que um ponto imperceptível do amplo seio da natureza. Nenhuma ideia chega perto. Temos por onde inflar nossos conceitos para além dos espaços imagináveis: partimos apenas átomos, comparando com a realidade das coisas. É uma esfera cujo centro está em toda a parte, e a circunferência em lugar nenhum.

Além do mais, e este é o caráter mais sensível da onipotência de Deus, a nossa imaginação perde-se neste pensamento.

(B. Pascal - PENSAMENTOS)

- 15 Quando, saindo da Pensão, se atravessa a Ponte Negra, e se caminha por campos áridos que se estendem ao longo da praia, após um quarto de milha em direção ao Norte chega-se a um ponto panorâmico, ou seja, ao Gijbjerg. Este ângulo sempre esteve entre os meus preferidos. E quando eu me encontrava lá, numa tarde tranquila, quando o mar, em gravidade calma mas profunda, entocava seu canto, quando o olhar não mirava mais o tênue véio da imensa superfície e o mar não tinha por limite senão o céu, e o céu só tinha o mar... frequentemente eu via surgir dos tumultos e vir ao meu encontro os meus caros mortos, ou melhor, parecia que já não fossem mortos. No meio deles eu sentia-me bem: um verdadeiro repouso entre seus braços, como se também eu me sentisse sem corpo, livre com eles em um éter superior. E eis que o grito rouco da galvoita me sacode...

Enquanto ficava assim, sozinho e abandonado, o ímpeto do mar e a violência das ondas me recordavam meu nula, e por outro lado o voo seguro das aves me recordava a palavra de Cristo que "sequer um passarinho cai no chão sem a vontade do Pai celeste" (Mt 10,29), eu experimentava a minha grandeza e a minha pequenez, e estes dois poderes, o orgulho e a humildade, misturavam-se em mim harmoniosamente. Feliz o homem que pode gozar desta união em

cada momento da vida.

... Deste lugar eu vi o mar increspá-se com a brisa leve e brincar com a areia; vi as cristas espumantes sacudindo toda superfície como uma rajada de neve, e percebi o rumorejar surdo da tempestade dando início a seus estíditos assobios; aqui, deste lugar, eu vi, por assim dizer, o princípio e o fim do mundo, espetáculo que verdadeiramente impõe silêncio.

... Aqui o homem avança com a majestade de senhor da natureza; sente que também nela algo de mais alto se apresenta, em cuja presença é forçoso inclinar-se, sente necessidade de abandonar-se ao poder que tudo governa.

(S. Kierkegaard, DIÁRIO)

- 16 Grande é o Senhor nosso e grande é seu poder e sua sabedoria infinita. Louvai-o, ó Céus, louvai-o Sol, Lua e Planetas; usai todos os sentidos para compreender, todas as línguas para exaltar o vosso Criador, louvai-o vós, harmonias celestes, louvai-o vós, testemunhas das harmonias manifestas; louva também tu, minha alma, ao teu Criador e Senhor, enquanto viveres, realmente dele, por ele e nele estão todas as coisas, tanto as que ignoramos completamente quanto as que conhecemos em mínima parte, já que o mais está ainda além de nossa compreensão. A ele o louvor, a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

(J. Kepler, ARMONICES MUNDI)

- 17 Dificilmente encontrareis um espírito profundamente devotado à ciência que não tenha um sentimento religioso muito próprio. Trata-se, todavia, de uma religiosidade diferente da que tem um homem simples. Para este, Deus é um ser em que se busca a bondade e de quem se teme o castigo; é a sublimação de um sentimento semelhante ao que nutre uma criança por seu pai; um ser com o qual se estabelece, por assim dizer, um relacionamento pessoal, por mais respeitoso que seja.

O cientista, ao contrário, é penetrado pelo sentido da causalidade universal. O futuro, para ele, é igualmente necessário e determinado pelo passado, e sua moral nada tem de divino, sendo um fato puramente humano. Seu sentimento religioso assume a forma do espanto estático perante a harmonia das leis da natureza, revelando uma inteligência de tal maneira superior que, confrontado com ela, qualquer pensamento e ação dos homens parece um reflexo absolutamente insignificante. Este sentimento é o princípio que o guia em sua vida e seu trabalho, na medida em que ele pode elevar-se para além da escravidão de seus desejos egoístas. Tal sentimento é certamente bastante próximo do sentimento experimentado pelos espíritos religiosos de todos os tempos.

(A. Einstein, RELIGIÃO E CIÊNCIA EM IDÉIAS E OPINIÕES)

Fora uma noite de insônia. Pela manhã levantei cedo, vesti-me, peguei num livro para ler e fui para a praia... tirei os tamancos de madeira e afundei com prazer os pés nus na areia que ainda conservava a frescura e a humidade da noite. Sentei-me, aberto o livro, comecei a ler. O soltépido acariciava-me os membros, dando-me uma sensação de bem-estar físico. Do mar, a poucos passos, vinha um ventinho trazendo para as narinas seu cheiro salgado. Tirei os olhos do livro e olhei ao redor: quanta paz! Não eram ainda sete horas, a cidadezinha continuava dormindo; a praia estava deserta, pois não havia ainda iniciado a limpeza local; o mar calmo, azul escuro, estava tão limpo que deixava ver perfeitamente seu fundo. Em volta havia tanta beleza que eu sentia o coração inundado. Apertei os joelhos com os braços, apoiei neles o queixo e fixei o mar: nunca como naquele dia me pareceu tão belo, e nunca como naquele dia percebi que amava tanto a natureza que me rodeava, e mais ainda. Aquela que a criou e ao qual pertence. Imerso na contemplação, havia perdido a noção do tempo: não saberia dizer há quanto tempo estava naquela posição. E que importância poderíamos ter, eu e aqueles poucos momentos, perante tanta grandeza?

Senti-me imensamente pequeno. Passos, um nome: chamavam por mim. Quebrou-se o encanto, mas Deus, ainda que por breves minutos, havia estado comigo, perto de mim, tão perto: dentro de mim. Eu tinha 15 anos.

(G. Nosenço. A VIDA RELIGIOSA DO ADOLESCENTE)

Certa manhã de verão, ao acordar, vi um raio de sol penetrando pela janela de meu quarto e iluminando minha cama. Senti repentina necessidade de me levantar, de correr para abrir as vidraças e admirar as belezas infinitas da natureza. Todas as belezas que se apresentavam a meu olhar ... levaram-me a dirigir meu pensamento reverente para Deus que cria todas aquelas coisas e as governava maravilhosamente. Fui invadido por um desejo de rezar, e daquela vez rezei com todo o coração, saboreando toda a beleza da oração dirigida ao Supremo Senhor de todas as coisas.

(ibidem)

Certa manhã, bem cedo, entrei no mar, em uma barca, em companhia de meu pai, com macacão e arma de caça submarina, tentando trazer algum peixe. Levado pela curiosidade, coloquei a máscara de oxigênio e cai na água. Após a primeira impressão, olhei em volta para admirar a nova paisagem que poucos certamente puderam admirar. Lá em baixo, as algas marinhas mexem-se lentamente, enquanto os peixes, perturbados, escapam em todas as direções. A minha alma recebeu um inesperado sobressalto, e meu pensamento correu para Deus criador daquelas belezas escondidas. Senti a alma inundada de paz e de amizade, e daquele fundo de mar subiu a Deus o meu louvor.

(ibidem)

Tinha 15 anos e encontrava-me nas montanhas para passar minhas férias.

Foi lá que experimentei uma das mais fortes emoções religiosas. Após o meio-dia, um sacerdote por quem eu sentia fortíssima amizade, por sua juventude, seu amor ao esporte e ao alpinismo, veio chamar-me. Seguindo sua proposta, preparamo-nos para atingir um alto cume, do qual era possível admirar um grande panorama de montanha. Durante a caminhada falamos de montanhas, de esquis, de cordas, de destiladores alpinos, de botas de montanha e coisas parecidas. De repente, não sei porquê, começamos a falar de Deus. Eu estava passando por uma grande crise, a crise de todos os adolescentes, de dúvidas sobre a existência de Deus. A conversa encaminhou-se para o tema de como se pode chegar à certeza de que Deus existe. Chegara a um ponto muito interessante, quando um montanhês que nos avistara correu para chamar o sacerdote, dizendo-lhe que sua presença era necessária no leito de um velhinho que estava muito doente. Meu companheiro me deixou e eu segui sozinho. Cheguei ao cume quando o sol estava prestes a pôr-se. Um espetáculo maravilhoso perante meus olhos: em volta uma infinidade de cumes e de neve, em cima o céu azul com uma ou outra nuvenzinha, lá em baixo distante, um grande disco vermelho que incendiava todo o horizonte. À minha volta, o ar estava saturado daquele perfume que exalava da enxada cortada há pouco. Um falção voava bem alto. E foi o falção que neste panorama mais me atraiu. Fixei-o sobrevoando os abismos, e senti-me invadido por estranhíssimas sensações de nova doçura. Senti-me com a cabeça entre as mãos, pensei demoradamente nas belezas da natureza, na grandeza de seu Criador... A convicção profunda da existência de Deus trouxe-me viva necessidade de rezar e, com a oração, louvar ao Senhor. Estava alônto. Aquela paisagem havia falado ao meu coração e havia destruído todas as dúvidas sobre a existência de Deus.

(ibidem)

Numa tarde de verão, apenas chegado ao campo, encostei-me na varanda. Repentinamente, uma onda de calma e de serenidade invadiu minha alma... À distância, as colinas do Lácio sumiam no entardecer; o céu coberto de pequenas nuvens estava vermelho cor de fogo. À minha direita, na fachada de uma igreja, descobri a pintura de uma Nossa Senhora com o Menino Jesus no colo... Meu espírito foi como que atraído por alguém, por Aquela que com um aceno, melhor, sem nenhum aceno, cria o mundo do nada. Não consigo descrever em poucas palavras, e talvez sequer com muitas, o que experimentei. Posso apenas dizer que, sem dar conta, sem saber como, encontrei-me de joelhos, com as mãos juntas, rezando a Deus.

(ibidem)

O senhor Daumer, perante a tragédia histórica que se aproxima

ameaçadora, refugia-se na pressuposta natureza, ou seja, no imbecil idílio rural, e apregoa o culto à mulher, para desmascarar a própria feminil resignação.

O culto à natureza do senhor Daumer é, por outro lado, de espécie toda particular. Conseguiu superar na escala reacionária até o cristianismo. Ele procura restaurar, em forma modernizada, a velha religião natural pré-cristã. Assim, chega apenas a um arrazoado vazio sobre a natureza.

O culto à natureza limita-se, como vemos, aos passeios domingueiros do interiorano que exprime sua infantil admiração pelo fato de o cuco pôr os ovos em ninho que não é seu, ou as lágrimas terem por finalidade manter húmida a superfície do olho etc., que declama para seu filho, santamente arrepiado, a "Ode à Primavera" de Klopstock. É claro que não trata da ciência moderna da natureza que, aliada à indústria moderna, revoluciona toda a natureza, pondo um fim, junto com outras infantilidades, também à infantil atitude do homem perante a natureza.

(K. Marx na resenha ao livro de G. Daumer
A RELIGIÃO NA NOVA IDADE DO MUNDO)

A Falência do Cristianismo

20 "Os pagãos, sim, os pagãos!" O bravo Bastiat, e ainda antes dele o peripicaz MacCulloch, descobriu que eles viviam absolutamente fora quer da economia política, quer do espírito cristão.

...A escravidão de alguém, por exemplo, é justificada por eles como meio para o completo desenvolvimento de outrem. Mas para apregoar a escravidão das massas, para tornar "eminent spinners", "extensive sausage makers" e "influential shoe black dealers" os grosseiros e semi-cultos "parvenus", faltava-lhes o específico sentimento da caridade cristã.

(K. Marx, O CAPITAL)

21 O homem consegue emancipar-se da religião tirando-a do direito público e confinando-a no direito privado. Ela não é mais o espírito do Estado, onde o homem - mesmo se de forma limitada, sob forma particular e em esfera específica - se comporta como espécie, em comunidade com outros homens; ela tornou-se o espírito da sociedade civil (sociedade burguesa), da esfera do egoísmo, do bellum omnium contra omnes (da guerra de todos contra todos). Ela já não é a essência da comunidade, mas a essência da distinção. Ela tornou-se a expressão da separação do homem da sua comunidade, de si e dos outros homens, o que ela era originariamente. Ela ainda é apenas o reconhecimento abstrato do absurdo particular, do capricho privado, do arbitrio.

(K. Marx, SOBRE A QUESTÃO EBRANCA)

22 "Tais condições" (de exploração dos operários), explica o senhor presidente do Consistório, "um Estado cristão pode suportá-las, deve corrigi-las".

Sim, com absurdas infantilidades sobre os deveres de solidariedade social, com imaginários excessos e inaceitáveis letras de câmbio a cargo de deus pai, filho e companhia.

"Até o talatário igualmente enfadonho sobre o comunismo poderia ser poupado", pensa o nosso atentíssimo senhor conselheiro consistorial, "se acontecesse apenas que quem tem a vocação desenvolvesse os princípios sociais do cristianismo, pois então os comunistas depressa silenciariam".

Os princípios sociais do cristianismo tiveram 1.800 anos para desenvolver-se, e não precisam de ulterior desenvolvimento da parte dos conselheiros consistoriais prussianos.

Os princípios sociais cristãos justificaram a antiga escravidão, exaltaram a servidão da gleba medieval e declararam-se dispostos a defender a opressão do proletariado, em caso de urgente necessidade, se bem que com expressão de certa maneira piedosa.

Os princípios sociais do cristianismo pregam a necessidade de uma classe dominante e de uma oprimida, e têm pela última apenas o piedoso desejo de que a primeira queira ser caridosa.

Os princípios sociais do cristianismo nivelam, de forma digna dos conselheiros consistoriais, todas as infâmias no céu, e justificam assim a continuidade destas infâmias na terra.

Os princípios sociais do cristianismo pregam a vilania, o desprezo de si mesmos, a humilhação, a servidão, a humildade, ou seja, todas as qualidades dos canalhas, e o proletariado, que não quer ser tratado como canalha, precisa muito mais da própria coragem, da consciência de si, de seu orgulho e espírito de independência, do que de pão.

Os princípios sociais do cristianismo são dissimuladores, e o proletariado é revolucionário.

...O Evangelho recomenda, além disso, muitas coisas, entre as quais a casta,ção, como princípio da reforma social (Mateus 25)

(K. Marx, O COMUNISMO DE "RHEINISCHER BEOBACHTER")

23 A mesma miséria humana, a infinita abjeção (que deve necessariamente receber esmolas) deve necessariamente servir de jogo à aristocracia do dinheiro e da cultura, como satisfação do próprio egoísmo, como excitação à própria arrogância, como divertimento.

As muitas associações alemãs de beneficência, as muitas sociedades de beneficência francesas, as numerosas donquichotescas beneficências da Inglaterra, os concertos, os bailes, os espetáculos, os almoços para os pobres, até

as coletas públicas para os pobres, não têm outro significado. Portanto, até a beneficência está há muito tempo organizada como diversão.

(K.Marx - F. Engels, A SAGRADA FAMÍLIA)

O "Socialismo Real"

24

Bao Fouwang deu a seguinte descrição de uma sessão de "luta".

"É uma invenção chinesa especial que combina a intimidação, a humilhação e um autêntico esgotamento. Descrita em poucas palavras, é o sistematismo intelectual de uma pessoa feito por muitas, às vezes até milhares, sem que a vítima tenha possibilidade de se defender, sequer com a verdade.

...Atrás de tudo isto, está um sistema com uma base lógica... Um homem deve confessar antes de ser punido, embora sua condenação tenha sido decidida antecipadamente.

Se uma denúncia leva a uma "luta", é de interesse da vítima sujeitar-se a ela imediatamente, pois não existe limite de tempo, pode continuar indefinidamente, se os que dirigem o jogo sentem que não existe ainda arrependimento suficiente. Como em todas as outras técnicas não físicas de interrogatório, a finalidade é levar a vítima a aceitar qualquer julgamento em relação a si. É por isso que uma luta raramente se decide com rapidez; seria demasiado fácil. No início, mesmo se a vítima diz a verdade ou admite vilmente todas as acusações que lhe são feitas, suas palavras são recebidas com insultos e gritos de contradição. É cercada por rostos que a escarnecem, a odeiam, lhe gritam nos ouvidos, lhe cospem; punhos são agitados bem perto, e tudo o que a vítima diz é catalogado como mentira. No fim do dia é levada para um quarto, fechada à chave, é-lhe dada alguma comida e deixada com a promessa de que no dia seguinte será ainda pior.

...Após dois ou três dias, a vítima começa a inventar pecados que nunca cometeu, esperando que uma confirmação suficientemente monstruosa lhe possa valer uma suspensão. Depois de uma semana de "luta", está disposta a tudo".

(Anistia Internacional, CHINA)

25

Edward Kuznetsov escrevia em 1971 que em dois períodos como prisioneiro nas colônias de Mordóvia, havia assistido a muitos destes incidentes:

"Assisti algumas vezes a alguns dos casos mais incríveis de auto-mutilação. Vi prisioneiros engolir quantidades enormes de pregos e de arame farpado; vi engolir termômetros de mercúrio, sopeiras metálicas (após serem quebradas em pedaços "comestíveis"), tabuleiros de xadrez, facas e numerosos outros objetos análogos; vi prisioneiros coser a boca e os olhos com fio de algodão ou de ferro; coser fios de algodão no corpo, ou pregar os testículos a uma cama, engolir um prego entortado como anzol e depois atar esse anzol à porta com um fio, de modo que a porta não possa ser aberta sem puxar o "peixe".

(Anistia Internacional, PRISIONEIRIOS DE CONSCIÊNCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA)

26

Elenco de 20 altos expoentes do partido comunista soviético, vítimas dos expurgos estalinistas.

Bukarin N.I. (1888-1938). Diretor do Pravda de 1918 a 1929; membro do Politburo desde 1924 e presidente do Komintern desde 1926.

De 1934 a 1937 é diretor de Javesta. Processado e fuzilado.

Cibbar V.J. (1881-1941). Membro do Comitê Central de 1922, presidente do Conselho dos comissários do povo ucraniano de 1923 a 1932, e membro do Politburo desde 1935. Desapareceu em 1938, supõe-se que morreu na cadeia, em 1941.

Egorov A.I. (1883-1941). Chefe do estado maior da Armada Vermelha em 1931, um dos primeiros cinco marechais da URSS. Desapareceu em 1937. Data oficial da morte: 1941.

Gamarnik J.B. (1894-1937). Membro do Comitê Central desde 1927 e chefe da Administração política da Armada Vermelha desde 1929. Suicidou-se durante o "grande expurgo" (1936-1938)

Jakir J.E. (1896-1937). General comandante do distrito militar ucraniano desde 1926. Membro do Comitê Central e do Politburo ucraniano. Fuzilado.

Kamenev L.B. (1883-1936). Íntimo colaborador de Lênin e de Stálin. Presidente do Soviet de Moscou e membro do Politburo de 1919 a 1926. Com Zinoviev e Stálin conduziu o País depois da morte de Lênin. Ministro plenipotenciário na Itália em 1927. Em 1932 foi confinado na Sibéria. Em 1936 foi processado e fuzilado.

Krestinskij N.W. (1883-1938). Comissário do povo nas finanças e um dos secretários do Comitê Central. Embaixador em Berlim em 1921. Processado e fuzilado.

Mackovskij S.V. (1883-1936). Comandante do distrito militar dos Urais. Em 1925 exerceu cargo diretivo no setor econômico. Processado e fuzilado.

Muralov N.I. (1877-1937). Um dos fundadores da Armada Vermelha. Em 1921 foi comandante do distrito militar de Moscou, e em 1924 Comandante na Armada Vermelha no distrito cáucaso-norte. Processado e fuzilado.

Ordzhonikidze G.K. (1886-1937). Membro do Politburgo desde 1930, e comissário da Indústria pesada desde 1932. Amigo e confidente de Stálin. Constatório aos "expurgos", foi obrigado por Stálin a suicidar-se.

Rakovskij K.G. (1873-1941). Membro do Comitê Central desde 1919 e embaixador em Paris em 1924. Em 1934 é processado e condenado a 15 anos de trabalhos forçados. Morreu em um lager.

Rudzutak J.E. (1887-1938). Membro do Comitê Central a partir de 1920; em 1923 é um dos secretários do Comitê. Membro do Politburgo desde 1927. Processado e fuzilado.

Rykon A.I. (1881-1938). Comissário do povo para os Assuntos Internos, e presidente do Conselho dos comissários do povo de 1924 a 1929. Fuzilado.

Sedov L.L. (1906-1938). Filho de Trotski e seu colaborador direto. Mandado assassinar em Paris.

Smirnov I.N. (1880-1936). Membro do Conselho revolucionário de guerra, e depois da Revolução, membro do Soviet revolucionário oriental e presidente do Comitê siberiano. Processado e fuzilado.

Sokolnikov G.J. (1888-1939). Comissário do povo nas Finanças de 1922 a 1926. Embaixador em Londres de 1927 a 1933, e depois vice-comissário para Assuntos Estrangeiros. Processado e condenado a 10 anos de reclusão, morreu na cadeia.

Tomskij M.P. (1880-1936). Membro do Comitê Central desde 1919, e primeiro presidente dos sindicatos soviéticos. Membro do Politburgo desde 1922. Envolvido nos grandes expurgos, fugiu ao processo com o suicídio.

Trotski L.D. (1879-1940). Revolucionário da primeira hora e próximo colaborador de Lênin. Foi Comissário para os Assuntos Estrangeiros no primeiro governo revolucionário, e em seguida comissário para a Guerra. Como tal organizou a nova Armada Vermelha, que levou à vitória na guerra civil. Entrou em atrito com Stálin por motivos políticos, sendo primeiro exilado e depois expulso da URSS (1922). Morreu assassinado por um agente de Stálin na Cidade do México.

Tukhaevskij M.N. (1893-1937). Vice-Chefe do Estado Maior desde 1924, e Chefe do Estado Maior da Armada Vermelha de 1926 a 1928. Vice-Comissário do

povo para a guerra de 1931 a 1936. Processado e fuzilado.

Zinoviev G.E. (1883-1936). Membro do Politburgo desde 1919 e presidente do Comitê até 1926. Juntamente com Kamenev e Stálin conduziu o país depois da morte de Lênin. Processado e fuzilado.

27 Elenco de oito altos dirigentes do aparelho repressor soviético, por sua vez "reprimidos".

Abakumov V.S. (1897-1954). Secretário de Stálin, chefe da contra-espionagem militar e ministro da Segurança do Estado de 1946 a 1952. Processado e fuzilado.

Bakaeu L.P. (1887-1936). Durante a Revolução foi secretário do Soviet de Pitsgrad. Em 1919-1920 foi alto funcionário da CECA (um dos nomes da Polícia política, mais tarde KGB). Fuzilado.

Béria L.P. (1899-1953). Membro do Comitê Central desde 1934. Chefe da NKVD (depois KGB) desde 1938. Membro do Politburgo desde 1946. Processado e fuzilado.

Ezov N.I. (1894-1939?). Secretário do Comitê Central e membro executivo do Comitê desde 1935. De 1936 a 1938 é chefe da NKVD, onde dirigiu o "grande expurgo" contra os dirigentes do partido. Destituído do cargo em 1938, em 1939 desapareceu para sempre.

Jagoda G.G. (1891-1938). Alto funcionário da CECA desde 1920 e vice-chefe da NKVD desde 1924. Foi chefe de 1934 a 1936. Processado e fuzilado.

Krylenko N.V. (1885-1938?). Promotor público desde 1918 nos tribunais militares e desde 1922 na Corte Suprema. Em 1936 foi comissário do povo na Justiça. Preso em 1937, morre no cárcere provavelmente em 1938.

Lacis M.J. (1888-1937). De 1918 a 1921 é diretor dos órgãos da CECA. Eliminado.

Unslentli. (1879-1938). A partir de 1921 é vice-presidente da CECA e um dos secretários do Comitê Central. Fuzilado.

28 Elenco de dez altos expoentes comunistas chineses depurados ou condenados a duras penas.

Chang Chun-Chiao (1912-...). Jornalista, figura de primeiro plano da "revolução cultural". Depurado em outubro de 1976, logo depois da morte de Mao Tse-Tung, processado como membro da "gang dos quatro" e condenado à morte, com a suspensão da pena por dois anos, em janeiro de 1981.

Chen Po-Ta (1904-...). Ideólogo e publicitário, foi secretário de Mao, fundador da revista "Bandeira Vermelha", vice-presidente da Academia de Ciências chinesa. Esteve entre os expoentes máximos da "revolução cultural" e entre os compiladores do "livro vermelho" de Mao. Depurado depois da morte de Mao e processado com a "gang dos quatro", foi condenado a 18 anos de reclusão.

Chiang Ching (1914-...). Atriz, terceira mulher de Mao desde 1939, diretora da sessão cinematográfica de propaganda do partido. Esteve entre os fundadores e os defensores mais aguerçados da "revolução cultural". Depurada após a morte do marido, foi processada como membro da "gang dos quatro" e condenada à morte, com a suspensão da pena por dois anos.

Kao Kang (1895-1955). Organizador da guerrilha comunista na China setentrional, foi colaborador militar de Mao, comissário político do exército militar para o Nordeste, no seio do Comitê Central, além de vice-presidente do governo central e membro do Conselho militar revolucionário. Acusado de traição em 1955, foi expulso do partido e, segundo fontes oficiais, matou-se.

Lin Piao (1907-1971). Foi um dos promotores da insurreição de que surgiu o exército vermelho, do qual foi um dos mais hábeis oficiais. Comandou importantes ações militares durante a "longa marcha" e esteve entre os principais artífices da vitória militar contra Chang-Kai-shek. Ministro da Defesa durante a "revolução cultural", foi nomeado vice-presidente do partido e escolhido como sucessor de Mao. Sumiu no outono de 1971. Segundo fontes oficiais, teria morrido num acidente aéreo enquanto tentava fugir para a URSS, após a tentativa falhada de matar Mao para tomar o poder.

Lin Shao-Chi (1900-1974). Ativista sindical. Presidente da Federação dos sindicatos chineses e vice-presidente da Federação mundial. Vice-Presidente da República em sua fundação, tornou-se presidente em 1958. Em 1959 foi designado para suceder a Mao. Entrou em choque com Mao, e foi obrigado duas vezes a fazer "autocrítica" e privado de toda a espécie de cargo. Foi enviado a uma comunidade agrícola para ser "reeducado", e aí encontrou a morte.

Teng To (1911-1967). Jornalista, diretor do "Quotidiano do Povo", presidente da Associação dos jornalistas chineses e diretor da "Primeira Linha". Por

discordar de Mao, foi obrigado, durante a "revolução cultural", à "autocrítica" e, por fim, expurgado. Pouco depois suicidou-se.

Wang Hung-Wen (1935-...). Foi operário em Xangai. Durante a "revolução cultural" fez carreira rápida. Secretário do Partido em Xangai e depois vice-presidente do Comitê Central. Expurgado depois da morte de Mao, foi processado como membro da "gang dos quatro" e condenado à prisão perpétua.

Wu Han (1909-1967). Estudioso e professor de história, foi vice-Prefeito de Pequim e ocupou cargos de direção em diversas instituições culturais. Opositor da "revolução cultural", foi-lhe imposta a "auto-crítica", e em seguida enviado a uma comunidade agrícola para ser "reeducado". Parece que se suicidou.

Yao Wen-Wuan (1928-...). Literato e escritor. Foi um dos promotores da "revolução cultural" o que lhe abriu caminho para a chefia do Comitê revolucionário de Xangai e diretor do "Quotidiano do Povo". Após a morte de Mao, como membro da "gang dos quatro", é condenado a 20 anos de reclusão.

Os "Direitos do Homem"

29

Constatamos antes, de mais nada, que os chamados **direitos do homem**, os **droits de l'homme**, distintos dos **droits du citoyen**, nada mais são que os direitos do membro da sociedade civil (burguesa), ou seja, do homem egoísta, do homem separado do homem e da comunidade.

... A liberdade é, portanto, o direito de fazer e exercer tudo o que não prejudica os outros. O limite dentro do qual cada um pode movimentar-se sem danos aos outros, é estabelecido em lei, como a divisão entre dois campos é estabelecida por meio de um marco. Trata-se da liberdade do homem enquanto mônade isolada e voltada para si mesma.

... O direito do homem à propriedade privada é, portanto, o direito de gozar arbitrariamente, sem olhar para os outros homens, independentemente da sociedade, da própria riqueza e de dispor dela: o direito do egoísmo. Esta liberdade individual, e a utilização da mesma, constituem o fundamento da sociedade civil.

... A segurança é o mais alto conceito social da sociedade civil, o conceito de polícia, ou seja, a sociedade como um todo existe unicamente para garantir a cada um de seus membros a conservação de sua pessoa, de seus direitos e de sua propriedade. ... Por causa do conceito de segurança, a sociedade não ultrapassa seu egoísmo. A segurança é sobretudo o **seguro** do próprio egoísmo.

Nenhum dos chamados direitos do homem ultrapassa, portanto, o homem egoísta, o homem enquanto membro da sociedade civil, ou seja, indivíduo

... Vocês, portanto, que precisam de mudança em vossas condições materiais a fim de que possam desenvolver-se moralmente, precisam de trabalhar menos para poder consagrar algumas horas de vosso dia ao progresso de vossa alma, precisam de uma paga pelo trabalho que vos deixe em situação de juntar economias, de ter tranquilidade sobre o futuro, de purificar-vos, acima de tudo, de sentimentos de reação, de todo o ímpeto de vingança, de todo o pensamento de injustiça sobre quem foi injusto com vocês. Devem procurá-la como **meio**, não como **fim**; procurá-la como um **dever**, não unicamente como um **direito**; procurá-la para serem **melhores**, não unicamente para serem **materiais**mente felizes. Se assim não for, qual a diferença entre vocês e os vossos tiranos?

(G. Mazzini, OS DEVERES DO HOMEM)

31

Foi demonstrado ao senhor Bauer que esta "live humanidade" e seu "reconhecimento" nada mais são que o reconhecimento do indivíduo egoísta, burguês, e do movimento desentrelaçado dos elementos espirituais e materiais que constituem o conteúdo de sua situação de vida, o conteúdo da vida civil moderna; foi demonstrado que os direitos do homem não libertam o homem da religião, mas lhe dão a liberdade religiosa, não o libertam da propriedade, mas lhe dão a liberdade de propriedade, não o libertam da mesquinhez do lucro, mas concedem-lhe a liberdade da atividade dirigida ao lucro.

Já foi demonstrado que o reconhecimento dos direitos do homem por parte do Estado moderno, não tem um significado diferente do reconhecimento da escravidão por parte do Estado antigo. Ou seja: como o Estado antigo tinha por base natural a escravidão, assim o Estado moderno tem por base natural a sociedade civil, o homem da sociedade civil, ou seja, o homem independente, unido ao outro homem apenas pelo nó do interesse particular e da necessidade natural, inconsciente, escravo do trabalho em vista do lucro, escravo quer da necessidade egoísta própria, quer da necessidade egoísta dos outros.

(K. Marx - F. Engels - A SAGRADA FAMÍLIA)

Marx e o Amor Cristão

32

O amor humano universal, como é pregado pelo cristianismo originário, por muitos considerado a realização do comunismo, é verdadeiramente uma tonte de que jorram as idéias estimuladoras das reformas sociais. É sabido que os primeiros esforços de emancipação social, e muitos dos esforços mais recentes, tiveram um acento cristão e religioso; pregava-se também o reino do amor contra a realidade má e o ódio. Como princípio, a coisa pode funcionar. Mas quando a experiência ensina que este amor não foi eficaz em 1800 anos, que ele não conseguiu mudar as relações sociais, nem fundar seu reino, a conclusão evidente

150

é que este amor não pôde vencer o ódio, não tem a força necessária para impor as reformas sociais. É um amor que se perde em frases sentimentais, que não renovam as condições reais existentes; ele debilita o homem com um mingau quente de sentimento com que o nutre. Mas a necessidade da aos homens a força; quem deve ajudar-se, ajuda-se sozinho. As condições reais, portanto, deste mundo, o áspero contraste na sociedade de hoje entre capital e trabalho, entre a burguesia e o proletariado como emergem na forma mais evoluída, são a outra fonte jorrando vigorosamente da concepção socialista, da aspiração pelas reformas sociais.

Estas condições gritam-nos: "As coisas não podem continuar assim, e nós mesmos, nós homens, devemos mudá-las".

Esta é a necessidade da aos esforços para o socialismo difusão e prosélitos, e ela abrirá passagem para as reformas socialistas, antes do amor; que floresce em todos os corações sensíveis.

(K. Marx - F. Engels, ANTI-KRIEGE)

Kriege troca a luta pela sociedade comunista pela "busca daquele grande espírito da Comunidade "que ele deixa espumar da taça bela e cheia da comunhão" e "lamber" como o Espírito Santo "do olho do irmão".

"Este Espírito precisa só de ser reconhecido para reunir todos os homens no amor". Parece este resultado metafísico a seguinte troca do Comunismo com a Comunhão: "O Espírito que domina o mundo, o Espírito que comanda a tempestade e o temporal (iii), o Espírito que cura os cegos e leprosos, o Espírito que impõe a todos os homens beber de um vinho" (nós preferimos de espécies múltiplas) "e de comer de seu pão (os comunistas franceses e ingleses têm pretensões maiores)". "O Espírito que está eternamente em todo o lugar, este é o espírito da comunidade". Se este "Espírito" é "eterno e presente em todo o lugar" não se compreende realmente como, segundo Kriege, a propriedade privada tenha podido existir durante tanto tempo.

Mas é claro. Ele não era reconhecido e era, portanto, "eterno presente em todo lugar" apenas em sua própria imaginação.

Kriege, pois, prega aqui, em nome do comunismo, a "velha fantasia religiosa e filosófica alemã, que contrasta frontalmente com o Comunismo. A té, a té no "Espírito Santo da comunidade", é a última coisa a ser desejada para a realização do Comunismo.

(ibidem)

Compreende-se facilmente que a meliosidade do amor de Kriege e sua antítese de egoísmo nada mais são que as pomposas revelações de um sentimento sempre mais e mais saturado de religião. Ele procura propor novamente ao homem, sob o rótulo do Comunismo, a completa abnegação que o Cristão-

151

nismo requer dos homens.

... "Não temos por acaso razão", diz ele também, "de levar a sério o desejo do coração religioso há muito contido e de começar a lutar em nome dos pobres, dos infelizes, dos abandonados para a realização final do lindo reino do amor fraterno? "Ele aceita, portanto, a luta para satisfazer seriamente a necessidade não do coração verdadeiro profano, mas do coração religioso: não do coração aviltado pela necessidade, mas do coração inchado por fantasias beatas.

Ele mostra assim, imediatamente, seu "coração religioso", pois ele desce em nome dos "pobres", dá a entender, evidentemente, que ele mesmo não precisa do comunismo, que entra na luta simplesmente para imolar-se com generosidade, com abnegação, com espírito de sacrifício pelos pobres, os infelizes, e os abandonados que dele precisam.

(Ibidem)

A religião de Krieger mostra seu ponto central no seguinte trecho: "Temos ainda algo mais para fazer, além de cuidar de nossa mesquinha existência: nós pertencemos à humanidade... Com este nauseabundo servilismo a uma "humanidade" distinta e separada do "indivíduo", e que é para ele, portanto, uma ficção metafísica e também religiosa, com esta humilhação de escravos, mesquinha ao sumo grau, acaba esta religião, como acaba qualquer outra.

Tal doutrina, pregando a delícia da humilhação e do desprezo de si mesmo, é absolutamente apta para bravos monges, mas jamais para os homens enérgicos, e menos ainda em tempo de luta. Falta só que estes monges corajosos dêem prova suficiente de que são capazes de castigar seu "mesquinho indivíduo" e, por conseguinte, sua confiança no poder de procriar da "Humanidade".

(Ibidem)

A Moral Marxista

33 O comunismo é simplesmente incompreensível para o nosso santo (Stirner), já que os comunistas não detêm nem o egoísmo contra a abnegação, nem a abnegação contra o egoísmo, e não aceitam teoricamente esta oposição... pelo contrário, demonstram sua origem material, unida à qual ela desaparece por si mesma. Os comunistas não pregam nenhuma moral... Não impõem aos homens imperativos morais; amaldiçoam uns aos outros, não sejam egoístas, etc.; eles, ao contrário, sabem muito bem que, em determinadas condições, o egoísmo, bem como a abnegação, é uma forma necessária para a afirmação dos indivíduos.

(K. Marx - F. Engels, A IDEOLOGIA ALEMÃ)

34 Nós repelimos toda a pretensão de impor-nos qualquer dogmática moral como lei ética eterna, definitiva, inultrável no futuro, com o pretexto de que

também o mundo moral tem seus princípios permanentes, que estão acima da história e das diferenças entre os povos.

Afirmamos, em vez, que toda a teoria moral que até agora existiu é, em última análise, o resultado da condição econômica da sociedade daquele tempo. E como a sociedade até agora se movimentou no plano dos antagonismos de classe, assim a moral sempre foi uma moral de classe; ou justificou o domínio e os interesses da classe dominante, ou, uma vez suficientemente forte, a classe oprimida representou a revolta contra este domínio e os interesses futuros dos oprimidos.

(F. Engels, ANTIDUHRING)

35 Mas existe uma moral comunista? Existe uma ética comunista? Existe, sim. Frequentemente as coisas são apresentadas como se nós não tivéssemos uma moral nossa, e muitas vezes a burguesia nos acusa, a nós comunistas, de negar toda a moral. Este é o meio para falsear os conceitos, para jogar poeira nos olhos dos operários e dos camponeses.

Em que sentido nós negamos a moral, negamos a ética? Negamos a moral pregada pelos burgueses, a deduzida dos mandamentos de Deus. A propósito, declaramos, naturalmente, que não acreditamos em Deus, e sabemos muito bem que era o cetero, eram os proprietários latifundiários, era a burguesia, quem talava em nome de Deus para fazer triunfar seus interesses de exploradores. Ou então, em vez de deduzir esta ética dos mandamentos da moral, dos mandamentos de Deus, eles deduziram-na de frases idealistas ou semi-idealistas que se reduziam sempre a qualquer coisa de muito semelhante aos mandamentos de Deus.

Nós negamos todas estas morais que são buscadas numa concepção extra-humana, fora das classes. Dizemos que são um engano, trapaça, esgotamento do crânio dos operários e dos camponeses, no interesse dos proprietários e dos capitalistas.

Dizemos que a nossa ética depende em tudo e por tudo dos interesses da luta de classe do proletariado. A nossa ética brota dos interesses da luta de classe do proletariado.

... Para nós não existe uma moralidade fora da sociedade humana. Seria um engano. Para nós a moralidade depende dos interesses da luta de classe do proletariado.

... A luta de classe continua e é nosso dever subordinar todos os interesses a esta luta. E a nossa moral comunista subordinamo-la a este dever. Nós dizemos: a moral é o que serve para destruir a velha sociedade explorada e para reunir todos os trabalhadores em volta do proletariado, que está criando a nova sociedade dos comunistas.

... Quando se fala de moral, nós dizemos: para um comunista, a moral está toda nesta disciplina compacta e solidária com a luta de massa consciente contra

os exploradores. Não acreditamos na moral eterna e desmascaramos toda a espécie de fábulas enganosas sobre a moral.

(V.I. Lênin, OS DEVERES DAS ASSOCIAÇÕES JUVENIS)

- 36 O Bolchevismo retomou e continuou a luta contra o partido que expressava mais que qualquer outro as tendências do revolucionarismo pequeno-burguês, ou seja, contra o partido dos "socialistas-revolucionários"... que admitia o terror individual, os atentados, que nós marxistas combatíamos destemidamente. Nós, é evidente, rejeitávamos o terrorismo individual apenas por motivos práticos, enquanto as pessoas capazes de condenar "por princípio" o terrorismo da grande Revolução Francesa, ou o terrorismo em geral de um partido revolucionário... esta gente já havia sido coberta de ridículo e de vergonha por Plekhanov em 1900-1903, quando Plekhanov era um marxista e um revolucionário.

(V.I. Lênin, o EXTREMISMO, DOENÇA INFANTIL DO COMUNISMO)

- 37 Como estabelecer, no quadro da vida política do nosso povo, se as nossas palavras e os nossos atos são certos ou errados?
...É certo... o que favorece o fortalecimento da ditadura democrática popular... o que favorece o fortalecimento do centralismo democrático... o que favorece o fortalecimento da direção do Partido comunista.

(Mao Tse-Tung, O LIVRO DOS GUARDAS VERMELHOS)

Cada companheiro deve ter presente que, para um comunista, o critério mais alto do julgamento é a medida em que suas palavras e ações correspondem aos interesses supremos do povo.

(ibidem)

O comunista deve estar sempre pronto para defender firmemente a verdade, pois a verdade sempre concorda com os interesses do povo.

(ibidem)

- 38 Recordo bem as discussões com meu companheiro A.V. Lunacharski dos grupos marxistas, em minha juventude... Eu defendia com ardor implacável a existência da verdade e do bem como valores ideais, independentes da luta de classe e do ambiente: ou seja, rebelava-me a completa subordinação da filosofia e da ética à luta revolucionária de classe. Afirmava que eram a verdade e a justiça que determinavam minha atitude revolucionária perante a realidade social, e não eram elas as determinadas.

Lunacharski defendia, por sua vez, que a defesa da verdade desinteressada, da independência do intelecto, do direito de opinião pessoal era contrária ao

marxismo, e que este exigia a subordinação da idéia, da verdade e da justiça à luta revolucionária de classe. Também Plekhanov me dizia que não se pode ser marxistas quando, como eu, se professava uma filosofia idealista independente.

...A verdade não se revela ao indivíduo... revela-se na luta revolucionária do proletariado e serve para a sua vitória. A verdade, mesmo quando se refere a fatos indiscutíveis, torna-se mentira quando é obstáculo à vitória da revolução proletária, e vice-versa, a mentira pode tornar-se um momento dialético necessário da luta do proletariado.

(N.A. Berdiaev, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE DO HOMEM)

O Absoluto Marxista

- 39 A razão, de fato, não pode guiar a ação sem ter critérios como referência. E eles são dados pelo mito da história. Esta, marcada pela luta de classe, tem um sentido e sempre um caminho determinado. Ela marcha necessariamente, embora não sem o esforço ativo e consciente dos homens, para a sociedade socialista que a classe messiânica do Proletariado tem o dever de efetivar com sua ação revolucionária. Existe, assim, identidade entre História e verdade. Para fazer a verdade e estar na verdade, é suficiente para o Proletariado tomar consciência da necessidade da própria ação, "cientificamente" conhecida, graças ao "materialismo histórico". Mas tal tomada de consciência pode dar-se só onde o Proletariado existe em estado "consciente e organizado", ou seja, no partido comunista.

O critério da verdade é, portanto, a mesma ação do partido, carregador da História. Notamos antes de tudo que, aderir a tal critério, representa um verdadeiro ato de fé. Onde estão, realmente, os dados para a observação científica, a evidência ou a prova da verdade desta ação? História com mediação do Partido é um ídolo.

(G. Collier, DISCUSSÃO em "ATEÍSMO CONTEMPORÂNEO")

- 40 O Partido é nosso apoio em cada passo. Quando as coisas correm mal, ele sempre vem em nossa ajuda. Quando conseguimos fazer algo de bom, o partido convida-nos a ir em frente, a não parar no lugar.

...Agradeço cordialmente ao partido, agradeço por sua ajuda, suas atenções, seus cuidados. Agradeço ao governo soviético. Devo muito a Nikita Serguéiev Khrushchev.

Quando sentes que deves ser mais enérgico, mais ardoroso, mais submisso aos princípios, então lembra a energia, o ardor, a fidelidade aos princípios, a tenacidade de Khrushchev. Obrigado a ele.

(Pravda, 11 - XII - 1960)

Como boa mãe, o partido preocupa-se, incansavelmente, com o povo; como uma boa mãe, o partido vela continuamente por nós, sempre pronto a vir em nossa ajuda, quando não sabemos como comportar-nos, quando erramos.

(Pravda, 19 - III - 1963)

41 O Partido comunista é o partido político que representa o proletariado. Fora da emancipação do proletariado, o Partido não tem importância alguma nem outra finalidade própria.

A emancipação do proletariado, todavia, exigirá forçosamente a emancipação da humanidade no seu todo.

O critério para julgar o grau de fidelidade ao Partido, à revolução, à causa comunista, consiste em ver se um membro do Partido pode ou não subordinar, em modo absoluto e incondicionado, o próprio interesse pessoal ao interesse do Partido, em qualquer circunstância.

Em todo o momento, em toda a ocasião, um membro do Partido comunista deve ter presente o interesse do Partido em seu todo, e colocar o interesse do Partido acima de seus problemas e de seu interesse pessoal. Para os membros do Partido, o princípio mais importante é que o interesse do Partido é o interesse supremo.

... Sacrificar o interesse pessoal, sacrificá-lo mesmo às custas da vida sem a mais leve hesitação, e até com um sentimento de orgulho pela causada Partido, pela libertação da classe operária e da nação, pela emancipação da humanidade, é a mais alta manifestação da moral do comunismo.

(Liu Shao-Chi, PARA SER UM BOM COMUNISTA)

42 Ambos, o inquisidor e seu prisioneiro (Mackovskij) estavam de acordo: todos os bolcheviques deviam submeter sua vontade e suas idéias à vontade e à idéia do partido; estavam de acordo em reconhecer que era preciso permanecer no partido mesmo que isso exigisse a desonra, ou a morte com desonra, se fosse para consolidar o poder soviético.

... O velho revolucionário, restituído à originária consciência bolchevique, inclinou-se totalmente à vontade do partido. Foi esta a sua última e trágica batalha, travada em nome daqueles princípios que sempre se esforçara por cumprir, dando-lhes mais importância que à própria vida.

... Diante do partido, como depois diante do tribunal que o julgara, Mackovskij libertou-se de todo o preconceito individual e reconheceu-se abolutamente culpado.

... Tão longe o levou a fé cristã na no Outubro, no partido e nos fins pretendidos. Não houve, portanto, pusillanimidade em sua rendição, mas consciência lúcida, mantida até à auto-destruição total.

(P.L. Contessi, OS PROCESSOS DE MOSCOW)

43 Esta gente ainda não deu conta, ela que a propósito e, frequentemente, a propósito, fala de valores espirituais, que o socialismo é exatamente a religião que deve matar o cristianismo. Religião no sentido que também ele é uma fé, que tem os seus místicos e os seus praticantes; religião porque substituiu, nas consciências, o Deus transcendental dos católicos, pela confiança no homem e em suas melhores energias, como única realidade espiritual. O nosso evangelho é a filosofia moderna, caros amigos do Savonarola, aquela que prescinde da hipótese de Deus na visão do universo, aquela que só na história coloca seu fundamento, na história, de quem nós somos as criaturas quanto ao passado, e os criadores quanto ao futuro. Os nossos mestres vulgarizaram esta filosofia, assumiram-na como guia de nossos destinos, e ensinaram-nos com lógica cerrada que o povo, de que tanto vocês falam, é uma abstração sociológica, que a caridade significa esmola, e não se dá esmola aos fortes, aos conquistadores, que o amor e a fraternidade devem significar apenas solidariedade de classe, se quiserem ser fecundos em resultados. Os socialistas, o proletariado, não são uns intelfezes, uns mendigos, uns deserraizados, como imagina a fantasia democrática cristã. São audazes trabalhadores de um novo edifício social, de uma nova civilização, que não pedem ajuda ou piedade a ninguém, já que têm a certeza de vencer por suas próprias energias. A nossa não é uma doutrina de escravos revoltosos, é uma doutrina de dominadores que, na fadiga de cada dia, preparam as armas para o domínio do mundo.

(A. Gramsci, SOTTO LA MOLE)

O Dogmatismo Marxista

44 Em 1969, Gennadi Shimanov, um cristão ortodoxo, foi mandado para o hospital psiquiátrico Kashtchenko de Moscou, para ser submetido a exame psiquiátrico. Segundo o relato de Shimanov, o psiquiatra que o examinou, doutor German Shafiran, deu a entender claramente durante a visita que Shimanov estava sendo examinado por causa de suas opiniões religiosas, e a cena altura lhe disse:

"Veja, Gennadi Mikhailovich... Tudo aquilo que acabou de nos dizer, confirma nossa opinião de que na raiz de vossa "conversão" está a doença. É natural que você pessoalmente não possa entender isto, mas deve confiar em nós: nós somos especialistas.

Se você tivesse crescido em uma família religiosa, ou tivesse vivido no Ocidente, então sim, neste caso poderíamos julgar sua religiosidade de modo diferente... Mas você cresceu numa família de não-crentes...

Trata-se de uma pessoa culta. Posso até admitir que você entenda realmente mais que eu de filosofia e religião... E eis que, de repente... pat! você é religioso! É realmente muito esquisito... e coloca-se a interrogação se já na

juventude não se desenvolveu em você um processo anormal que sucessivamente o levou à religião!"

(Anistia Internacional, PRISIONEIRO DE CONSCIÊNCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA)

Tendo ido visitá-lo ao manicômio, a irmã de Ginnov perguntou à doutora que cuidava dele em que consistia a doença do irmão. "Mas acredita em Deus - foi a resposta - e como pode uma pessoa normal acreditar em Deus?"

(Autores Diversos, OS TESTEMUNHOS DO TRIBUNAL SAKHAROW SOBRE A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM NA UNIÃO SOVIÉTICA)

45 Escritores, pintores, atores, pedagogos, estudiosos de ciências humanas vivem sob uma pressão ideológica tão monstruosa que é de causar maravilha se a arte e as ciências humanas ainda não desapareceram em nosso país. O efeito dos mesmos fatores anti-intelectuais sobre as ciências exatas e sobre a técnica é mais indireto, mas não menos destruidor. O confronto entre os resultados científicos, técnicos e econômicos na URSS e no exterior falam claramente. Já escrevi sobre isso outras vezes.

Não é por acaso que em nosso País, por longos anos, não puderam desenvolver-se normalmente os promissores movimentos científicos em biologia e cibernética, enquanto floresciam vigorosamente uma demagogia aberta, a ignorância, a charlatanice. Não é por acaso que todas as grandes descobertas científicas e técnicas dos últimos tempos, a criação da mecânica quântica, a descoberta de novas partículas elementares, da cisão do urânio, dos antibióticos e da maioria dos novos medicamentos de alta eficácia, a invenção do transistor, das calculadoras eletrônicas, do laser, a seleção de novas espécies e a alta produção em fitologia, a descoberta de outros componentes da "revolução verde", a criação de uma nova tecnologia na agricultura, na indústria e na construção, não aconteceram em nosso País.

(A. Sakharov, O MEU PAÍS E O MUNDO)

46 A liberdade de consciência burguesa nada mais é que a tolerância de todos os gêneros possíveis de consciência religiosa, enquanto que o partido operário tende a libertar a consciência do estupefaciente religioso.

(V.F. Kirichenko, A LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA NA URSS)

Deve-se distinguir entre a interpretação proletária e a interpretação burguesa da liberdade de consciência. A exigência do partido exprime-se na libertação da consciência de todos os trabalhadores do estupefaciente religioso e em criar as condições que impeçam a difusão das idéias religiosas.

(Autores Diversos, A RELIGIÃO E A IGREJA - antologia)

47 "Liberdade de Consciência!" Se neste período de Kulturkampf se quisesse recordar ao liberalismo suas velhas palavras de ordem, isto poderia ser feito só desta forma: Cada um deve poder satisfazer tanto suas necessidades religiosas quanto suas necessidades naturais, sem que a polícia meta o nariz. Mas o partido operário deveria também nesta ocasião expressar sua convicção de que a "liberdade de consciência" burguesa nada mais é que a tolerância de toda a espécie de liberdade de consciência religiosa, e o partido operário tenta, ao contrário, libertar as consciências do fantasma da religião.

(K.Marx, CRÍTICA DO PROGRAMA DE GOTHA)

A Legislação Religiosa na URSS

Regulamento do Comitê executivo central panrusso e do Conselho dos Comissários do povo da RSFSR (República Socialista Federativa Soviética da Rússia), de 8 de abril de 1929 com as emendas e os anexos do Decreto do Presídio do Soviet Supremo da RSFSR de 23 de junho de 1975

(...)

3) A sociedade religiosa é uma associação local de cidadãos crentes que atingiram a idade de 18 anos, que pertencem ao mesmo culto, confissão, endereço ou seita, e que em número não inferior a 20 pessoas, se associam para satisfazer em comum suas exigências religiosas. Aos cidadãos que, por causa do pequeno número, não podem formar uma sociedade religiosa, é concedido o direito de constituir um grupo de crentes.

4) A sociedade religiosa ou o grupo de crentes podem iniciar sua atividade só depois da decisão de registrar a sociedade ou grupo de crentes tomada pelo Conselho para assuntos religiosos junto ao Conselho dos ministros da URSS.

A decisão sobre o mérito do registro de uma sociedade religiosa ou de um grupo de crentes, ou sobre o mérito da abertura de um edifício de oração é adotada pelo Conselho para assuntos religiosos junto ao Conselho dos ministros da URSS, sob proposta dos Conselhos dos ministros das repúblicas autônomas, das Comissões executivas dos Soviet dos deputados dos trabalhadores dos territórios, das regiões, das cidades (Moscou e Leningrado)

5) Para o registro de uma sociedade religiosa, os fundadores, em número não inferior a 20 pessoas, apresentam um pedido ao Comitê executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores, distrital ou municipal.

O Comitê executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores distrital ou municipal envia o pedido recebido dos crentes, juntamente com as próprias conclusões, ao Conselho dos ministros da república autônoma, ao Comitê

executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores do território, da região, das cidades (cidade de Moscou e Leningrado).

7) O Conselho dos ministros da república autônoma, o Conselho executivo do Soviet dos deputados... (etc) recebido o material relativo ao registro da sociedade religiosa ou do grupo de crentes, tem um mês para exame, e o envia com o próprio parecer ao Conselho para assuntos religiosos junto ao conselho de ministros da URSS, para a decisão.

O Conselho para os assuntos religiosos junto ao Conselho dos ministros da URSS, depois de examinar os papéis relativos ao registro da sociedade ou do grupo de crentes, toma uma decisão, pelo registro ou pela negação do registro da sociedade religiosa ou do grupo de crentes, e lhes passa a comunicação.

10) Para satisfazer as próprias necessidades religiosas, os crentes que constituíam uma sociedade religiosa podem receber, em base a uma decisão do Conselho para os assuntos religiosos junto ao Conselho dos ministros da URSS, um especial edifício em uso gratuito...

Além disso, os crentes que constituíam uma sociedade religiosa ou um grupo de crentes, podem dispor para reuniões de oração também de outros locais colocados à sua disposição... a título de aluguel.

... Toda sociedade ou grupo de crentes pode dispor de um só local de oração.

12) As reuniões gerais das sociedades religiosas ou dos grupos de crentes (excluídas as de oração) têm lugar após autorização do Comité executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores, distrital ou municipal.

13) Para a imediata execução das funções relativas à administração e à utilização dos bens para o culto... as associações religiosas elegem entre os próprios membros, com voto aberto, os órgãos executivos.

14) Compete aos órgãos registradores o direito de recusar singulas pessoas entre os membros que compõem o órgão executivo da sociedade religiosa ou do grupo de crentes.

17) É proibido às associações religiosas:

- a) criar fundos de ajuda mútua, cooperativas, associações de produção e, em geral, utilizar os bens de que dispõem para qualquer outra finalidade que não seja a de satisfazer as necessidades religiosas;
- b) prestar assistência material aos próprios membros;
- c) organizar quer reuniões de oração ou outras destinadas de modo

especial às crianças, aos jovens, e às mulheres, quer reuniões comuns bíblicas, literárias, para trabalhos manuais, para ensino da religião e semelhantes, grupos, círculos, sessões, como também organizar excursões e jogos para crianças, abrir bibliotecas e salas de leitura, organizar sanatórios e assistência médica.

Nos edifícios e nos locais de oração, podem ser guardados só os livros necessários para a celebração do respectivo culto.

18) Não é permitido o ensino de qualquer doutrina religiosa nas instituições de ensino. (...).

19) O âmbito da atividade dos ministros do culto, dos pregadores religiosos, dos professores etc, é limitado ao domicílio dos membros da associação religiosa por eles atendida, e ao lugar em que está situada a respectiva casa de oração. (...)

20) As sociedades religiosas e os grupos de crentes podem organizar congressos e conferências religiosas somente com a autorização, caso por caso, do conselho para os assuntos religiosos junto ao Conselho dos ministros da URSS. (...)

25) Os bens necessários ao exercício do culto, quer entregues tendo por base os contratos dos crentes que constituíam a sociedade religiosa, quer os adquiridos novamente pelos crentes ou oferecidos por eles para as necessidades do culto, são nacionalizados.

36) A transmissão de um edifício de culto que se encontra em uso dos crentes para outros fins (fechamento do edifício de oração) é admitida exclusivamente sob decisão do conselho para os assuntos religiosos junto ao Conselho dos ministros da URSS, sob proposta do Conselho dos ministros da República autônoma, do Comité executivo do Soviet dos deputados... (etc) no caso em que tal edifício seja necessário para fins sociais ou estatais. Tal decisão é comunicada aos crentes que compõem a sociedade religiosa.

43) As associações religiosas podem ser privadas do registro se violarem a legislação sobre os cultos (...)

57) Nos edifícios para o culto (...) as reuniões de oração dos crentes, reuniões em grupos ou em sociedades religiosas, decorrem sem notificação aos órgãos do poder, sem autorização destes.

Nos locais não propriamente adaptados a tais fins, as reuniões de oração dos crentes decorrem com a notificação ao Comité executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores, rural nas localidades rurais, e do Comité executivo

do Soviet dos deputados dos trabalhadores, distrital ou municipal, nas localidades urbanas.

58) Em nenhuma das instituições e empresas estatais, sociais, cooperativas, é permitida a celebração de qualquer rito religioso ou de cerimônia de culto de qualquer espécie, bem como exposição de qualquer objeto de culto.

A presente proibição não se estende à celebração de funções religiosas e de culto em lugares adequadamente isolados nos hospitais e nos locais de reclusão, a pedido de moribundos ou de doentes graves, bem como à celebração de funções religiosas nos cemitérios e nos crematórios.

59) As proibições religiosas e a celebração de ritos e cerimônias religiosas a céu aberto, e também nos apartamentos e nas casas dos crentes, são permitidas só mediante especial autorização a ser pedida, vez por vez, ao Comitê executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores, distrital ou municipal. (...)

A celebração de ritos religiosos e de culto em apartamentos e nas casas dos crentes a pedido de moribundos ou doentes graves, pode ser feita sem a autorização ou a notificação ao Comitê executivo do Soviet dos deputados dos trabalhadores, municipal ou distrital.

64) A vigilância sobre a atividade das associações religiosas, bem como sobre a conservação do edifício e dos bens para o culto entregues para uso com base em contrato, é confiada aos órgãos de registro; nas localidades rurais tal vigilância é confiada também aos Soviet rurais.

(G. Godevillia, AS COMUNIDADES RELIGIOSAS NA URSS)

A Práxis anti-religiosa na URSS

49

(...) Por que, quando quero batizar meu filho na igreja, devo antes apresentar o passaporte? Por quais exigências canônicas o Patriarca de Moscou precisa de registrar as almas dos batizados? É de ficar espantados com a torça de alma dos pais e por sua inconsciente resistência espiritual, herdada da noite dos séculos, com que suportam este registro traíçoeiro, depois do qual sofrem perseguições no local de trabalho e são publicamente ridicularizados pelos ignorantes. Mas aqui se esgota também a coragem moral; com o batismo das crianças termina também a participação dos filhos na vida da Igreja; outros caminhos para a educação na fé estão hermeticamente fechados; não podem prestar serviço nas celebrações litúrgicas, por vezes não podem fazer a comu-

1) - Trata-se de um passaporte para uso interno, exigido para deslocar-se de uma região para outra.

nhão, ou simplesmente estar presente na igreja. Não é reconhecido o direito de continuar na fé dos pais, o direito dos pais de educar os filhos segundo as próprias convicções.

... Já se passaram seis anos, desde que isto foi dito em alta voz², e o que mudou? Para cada igreja aberta ao culto, 20 são demolidas ou desmontadas, e outras 20 estão caindo ou são profanadas. Não há espetáculo mais dilacerante que estes esqueletos, relíquias de passados e de armazenadores. Quantos lugares habitados quando têm uma igreja no raio de 100 e até 200 Km? Completamente sem igrejas ficaram as nossas regiões setentrionais, berço do espírito russo desde a antiguidade e, ao que parece, é este o futuro da Rússia mais fria.

Todas as tentativas feitas por animadores, benfiteiros, testantes, para restituir mesmo a mais pequena igreja, são bloqueadas pelas leis unilaterais da chamada separação.

Já não ousamos sequer pedir para que seja concedido o uso de sinos. Mas, por que foi a Rússia privada de sua antiga honra, de sua melhor voz? Mas por que falar de igrejas quando entre nós não é possível encontrar um Evangelho? O Evangelho é-nos trazido do estrangeiro, como antigamente os nossos pregadores o levaram a Indigirka³.

Seis anos se passaram. Conseguiu a igreja a mais pequena concessão? Como antes, o Soviet para os assuntos da religião segura em mãos, secretamente, todos os ofícios eclesiais, nomeia os sacerdotes e os bispos, (até as pessoas mais escandalosas, para tornar mais fácil escarnecer e destruir a igreja). A igreja é guiada de forma ditatorial pelos ateus: espetáculo nunca visto em 2.000 anos! Aos ateus é confiada também o controle de todas as finanças eclesiais e o uso das ofertas, ou seja, daqueles centésimos oferecidos por mãos devotas. Com gestos magnânimos, todavia, são doados a fundos estranhos até cinco milhões de rublos⁴ enquanto os pobres são escorraçados do sagrado da igreja e uma paróquia pobre não tem meios para consertar o teto em mau estado. Os sacerdotes não gozam de nenhum direito em sua paróquia, pois só lhes é permitido o serviço litúrgico, e este só no interior da igreja; para visitar um doente ou ir ao cemitério, devem pedir autorização à administração municipal. (...)

(A. Solientisn, Trechos da CARTA AO PATRIARCA DE MOSCOW, PIMEN)

2) - Refere-se à Carta aberta ao Patriarca de Moscou, dos sacerdotes ortodoxos N. Esilman e G. Jakmin, de 13/12/1965.

3) - Região da Sibéria norte-oriental

4) - Refere-se aos donativos feitos pela Igreja ortodoxa russa em favor do Fundo soviético de Paz.

A Propaganda do Ateísmo na URSS

50 A nossa propaganda inclui, necessariamente, também a propaganda do ateísmo.

(V.I. Lênin, SOCIALISMO E RELIGIÃO)

Nós devemos lutar contra a religião, este é o abecê de todo o materialismo, é portanto do marxismo. Mas o marxismo não é um materialismo que se limite ao abecê. O marxismo vai além. Ele diz: é preciso saber lutar contra a religião, e portanto é preciso explicar materialisticamente a origem da fé e da religião das massas.

(V.I. Lênin, A ATITUDE DO PARTIDO OPERÁRIO COM A RELIGIÃO)

Esta revista (*Sob a bandeira do marxismo*) deve ser o órgão do ateísmo militante.

...É, portanto, absolutamente essencial, para completar o trabalho dos organismos estatais, para corrigir e animá-lo, que a revista, que se propõe ser o órgão do materialismo militante, lidere uma propaganda e uma luta incansável pelo ateísmo.

(V.I. Lênin, SOBRE O SIGNIFICADO DO MATERIALISMO MILITANTE)

51 Nós fazemos propaganda e faremos propaganda contra os preconceitos religiosos.

...Nós conservamos... o direito de cada cidadão de lutar, com os meios da convivência, da propaganda e da agitação contra a religião. O partido não pode ser neutro acerca da religião; ele conduzirá a propaganda contra os preconceitos religiosos... pois este é um dos meios seguros para acabar com a influência do clero reacionário.

(I.V. Stálin, QUESTÕES DO LENINISMO)

Nada de neutralidade acerca da religião. Contra os propagandistas de absurdos religiosos, contra os eclesiásticos que envenenam as massas trabalhadoras, o partido não pode que continuar a guerra.

(I.V. Stálin, PRAVDA, 21/6/1935)

52 A educação comunista pressupõe a libertação das consciências dos preconceitos religiosos e das superstições que ainda impedem alguns cidadãos soviéticos de poder desenvolver completamente suas capacidades criadoras. É importante um sistema meditado e harmonioso de educação científico-atéica que penetre em todas as estratificações da população e impeça a difusão de convicções religiosas, sobretudo entre os jovens e as crianças.

(N.S. Khrushchev, DISCURSO PROGRAMÁTICO AO XXI CONGRESSO DO PCUS)

Pertence também aos últimos tempos de Khrushchev o célebre "Relatório Ilichev", de que damos alguns trechos.

A formação da concepção científica do mundo não é possível sem uma luta contra as formas de sobrevivência do passado. Não podemos, não temos o direito de esperar que as sobrevivências desapareçam por si... O dever de educar para a concepção científica do mundo é um dos empenhos mais importantes. Para cumprir este dever, é preciso antes de tudo desenvolver, por todos os meios, a educação atéica... O nosso partido, fiel aos princípios de Lênin, sempre impôs libertar completamente as consciências dos homens soviéticos das sobrevivências do regime passado, e portanto também dos preconceitos religiosos. Sob qualquer aspecto, qualquer que seja a forma de se apresentar, a ideologia religiosa é estranha à nossa sociedade.

(RELATÓRIO ILICHEV, à Comissão Ideológica do Comitê Central do PCUS, 25/1/1963)

A Vida Religiosa na URSS

O cintilar de distantes estrelas projetava uma diferente luz na curva da estrada. A estrada contornava o Monte das Oliveiras; lá em baixo, corria o Cedron.

O prado terminava no meio.
Atrás começava a Via Láctea.
Envelhecidas, as oliveiras prateadas tentavam no ar passos para longe.

Lá em baixo estava um hortó, uma propriedade. Deixados os discípulos do outro lado do muro, disse-lhes: "A minha alma está triste até à morte, fical aqui e vigiai comigo".
E renunciou sem resistência, como as coisas recebidas em empréstimo, à onipotência e ao milagre, e foi então como os mortais, como nós.

O espaço da noite agora parecia
a terra do aniquilamento e da inexistência.
A amplidão do universo desabitada,
e só o horto um lugar capaz de vida.

E olhando aquela escuridão profunda,
vazia, sem princípio e fim,
para que aquele cálice de morte longe dele passasse,
em suor de sangue rezou a seu pai.

Suavizado pela oração o espasmo mortal,
voltou ao outro lado da cerca.
Por terra os discípulos, vencidos pelo sono,
jaziam na erva ao longo da estrada.

Acordou-os: "O Senhor vos escolheu
para viver nos meus dias,
e eis-vos desabados como rochas.
A hora do filho do homem chegou.
Ele se entregará nas mãos dos pecadores".

Havia apenas falado e, quem sabe de onde,
eis uma multidão de servos, uma turba de escravos,
luzes, espadas e, diante de todos, Judas
com o beijo da traição sobre os lábios.

Pedro enfrentou com a espada os capangas
e a orelha de um deles cortou.
Mas escuta: "Não é com espada que se resolve a questão,
coloca a tua espada no lugar, homem.

Pensas talvez que meu pai não poderia
amar-me com legiões aliadas, aos milhões?
E então, incapazes de torcer-me um cabelo,
os inimigos seriam dispersados sem deixar rastro.

Mas o livro da vida chegou à página
mais preciosa de qualquer outra coisa sagrada.
Agora deve cumprir-se o que foi escrito;
deixa, portanto que se cumpra. Amém.

O decorrer dos séculos, como vês, é como uma parábola,
e pode pegar fogo em plena corrida.

Em nome de sua terrível grandeza,
descerei ao atálide entre violentos tormentos.

Descerei ao atálide e no terceiro dia ressuscitarei,
e, como as jangadas descem os rios,
no juízo, por mim, como balsas em caravana,
atujirão da obscuridade os séculos".

(B.L. Pasternak, O HORTO DO GETSÊMANI)

Como é fácil viver contigo, Senhor!
Como é fácil crer em Ti!
Quando o meu intelecto confuso
se retira ou me falha,

quando os homens mais inteligentes
não vêm para além desta noite,
e não sabem o que fazer amanhã,
Tu me concedes a clara certeza
de que existes e te preocupas
pois não são barrados

todos os caminhos que levam ao bem.

Sobre a crista da glória terrena,
eu olho para trás estupefato
a medir a estrada percorrida
do desespero até este ponto,
onde me foi concedido

comunicar à Humanidade
um reflexo de teus raios.

Concede-me o necessário
para continuar a refleti-los.
E pelo que não consigo fazer
sei que tu destinaste outros
para realizá-lo.

(A. Solzenitsin, ORAÇÃO)

Deus não vive nos campos,
nos cantos, como dizem os estultos;
Encontra-lo em toda a parte.

É ele que santifica o teto,
os trens da cozinha, e preside nos portais.
Nos campos existe Deus em abundância:

está no sábado, na sopa fervente,
rodeia no fogo quase apagado,
pisca-me o olho como um cúmplice.

Ele guarda as hortas,
dá a moça como mulher ao lenhador,
diverte-se a brincar
com o caçador, espantando os patos.
Poder observar tudo isto,
escutando os assobios do outono,
é a única felicidade ainda concebida
ao céu, nos campos.

(I. Brodski, POESIA)

Quando sobes aos cumes azuis
onde se toca o céu com a mão,
quando lá em baixo no canal profundo
escutas o canto perene do rio,
quando um passarinho esvoaça no céu,
quando um rebanho trepa para o monte,
gostarias de rezar à própria terra,
mesmo se na vida nunca rezaste.

Quando descorinhas ao longe, sobre o mar,
a esfera do sol reduzindo a luz,
quando à noite parece que se acende
o enorme estopim de uma lanterna,
quando o sol mergulha no mar
e ao meio o cortam as águas,
gostarias de inclinar a fronte em oração,
mesmo se na vida nunca rezaste?
Quando te encontras com velhos pensativos
- na velhice as mãos são trêmulas -
quando vês uma mãe amamentar
sempre temes todo de novo.
Tudo o que há no céu anil e na terra
tu gostarias de apertar... numa oração silenciosa,
mas o suspiro te aperta a garganta
mesmo se na vida nunca rezaste!

(R. Gamzatov, POESIA)

Louvado seja o Senhor por todas as coisas,
a sua humildade e a sua providência.
Louvado o seu amor por todas as coisas,
louvada a sua longa paciência.

Louvado o Senhor que perdoa as culpas,
concede sucessos e aflições.
Louvado o Senhor que estabeleceu
que vivêssemos tempos fatais.

Louvai o Senhor, penas e adversidades,
alegrias serenas e dores,
males que afligem a vida,
que tornam o coração mais humilde.

Louvai o Senhor que nos ajuda, cansados,
a caminho da meta ambicionada.
Louvado Ele que acende no coração
o anseio à verdade e à paz.

Louvado o Senhor pelas cruzes que pesam,
pela ajuda que concilia na luta interior,
pela tranquilidade e o fogo que experimentam.
Por todas as coisas, louvado seja o Senhor.

(L. Ryzhova, POESIA)

Senhor, como é lindo o teu mundo e como é perfeito em cada fio de erva,
em cada flor e em cada folhinha!

Que coisa terrível a presença de tantos loucos no universo!

Como é terrível, como é injusto que estes loucos estabeleçam "alvos" para
conseguir os quais acham válido destruir a vida que os cerca! Até para as mais
pobres das camponesas é evidente que tudo isso é inadmissível. Pois bem,
homens e mulheres que se acham civilizados, não chegam a dar conta. Os
comunistas chineses afirmam que são marxistas. Mas acham que destruir-se
mutuamente seja coisa não só possível para os seres humanos, mas até ne-
cessária. Em um prato de balança estão o mal e a loucura. No outro a inteligência,
o progresso, a fraternidade e a humanidade. A paz do mundo está ligada a este
equilíbrio infernal, e conosco, a nossa geração, os nossos filhos, a nossa época.
Todos devemos acreditar no poder do Justo e da Boa Vontade. Parece-me que
nos nossos tempos a fé em Deus significa fé no bem e em seu triunfo final sobre
o mal. Aos 35 anos, quando já havia visto e compreendido algo da vida em que

desde a infância havia sido educada no ateísmo e no materialismo - acabei por fazer parte da fila dos que não podem viver sem Deus. E estou feliz por isto ter acontecido comigo.

(S. Ailiuieva (Stálin), MEMÓRIAS)

59 Os preconceitos religiosos conservam-se tenazmente na consciência de parte notável da população.

(Sindicatos Soviéticos, 1958, nº 17)

Os preconceitos religiosos e a superstição, não obstante todas as vitórias do ateísmo, têm entre nós larga difusão.

(Kommunist, 1958, nº 17)

Desgraçadamente, uma parte considerável dos trabalhadores continua a acreditar em Deus, ou então duvida de sua existência.

(Agitador, 1963, nº 15)

Não se deve perder a noção da medida e da realidade. Em nosso país, os crentes são milhões, enquanto os fanáticos religiosos que merecem ser cortados de nossa sociedade são poucos.

([Nankai Religião - Ciência e Religião], 1965, nº 6)

Uma parte da população ainda continua prisioneira da religião "condicionada por uma série de fatores gnoseológicos, sociais, emocionais e psicológicos, apoiada pela atividade do clero e alimentada pela propaganda imperialista".

(Pravda, 12-1-1967)

Não, a religião não é, afinal, tão inócua em nossos dias. Ela não arranca a pele, como alguém pensa, mas por vezes tenta até passar ao ataque. É por isso que nos preocupa a atitude conciliadora de alguns comunistas para com os preconceitos religiosos.

(Pravda, 18-4-1968)

Uma parte da população soviética está sob a influência da religião.

(Questões do Ateísmo Científico, 1978, nº 2)

As organizações religiosas e os singulos crentes, especulando sobre os sentimentos nacionais, tentam reforçar a própria influência.

(ibidem)

60 As sobrevivências religiosas conservam-se em notável parte de nossa

170

juventude.

(Nauka i Zigu (Ciência e Vida) 1959)

São conhecidos bastantes casos de jovens nascidos sob o governo soviético que depois caíram, vítimas da influência religiosa.

(ibidem)

Muitos fatos testemunham a presença do espírito religioso em parte da juventude, e até um revigoramento de tais sentimentos.

(Kommunist, 1958 nº 12)

Em certa parte da juventude soviética, nota-se hoje uma atitude conciliadora e até interessada para com a religião, suas idéias e seus atributos.

(Questões de Filosofia, 1972 nº 3)

Um ateísmo não demonstrado

61

Para estabelecer o absurdo de uma hipótese, é preciso demonstrar, ou que ela encerra uma contradição interna, ou que contradiz uma tese verdadeira. Demonstrações assim são frequentes nas ciências racionais, na matemática, por exemplo. No âmbito das ciências de observação e das ciências experimentais, pode-se pensar que uma hipótese acerca da natureza ou das propriedades de um corpo esteja excluída porque contradiz uma lei cientificamente estabelecida; mas não se vê como poderia a ciência provar a não-existência de um ser qualquer. Como poderia o zoólogo demonstrar a impossibilidade de uma espécie animal de que se faz menção na mitologia assíria ou grega?

...Não se compreende absolutamente como poderia a metafísica eliminar positivamente a hipótese de "Deus". Sem dúvida a metafísica, embora baseada em certa experiência real, é uma ciência racional por excelência e, portanto, pode-se pensar que ela comporta demonstrações **ab absurdo**: é isso, exatamente. Mas como demonstrar que a hipótese "Deus" é absurda?

Suponhamos que não se encontre nenhum nexo satisfatório para provar que o mundo da nossa experiência é um mundo causado; chegaríamos a uma conclusão agnóstica e a hipótese de "Deus" pareceria gratuita, mas de forma nenhuma absurda. Para estabelecer que a hipótese é absurda, seria preciso demonstrar que a explicação teísta implica numa contradição interna, ou que contradiz uma lei metafísica certa. Mas não consta que algum metafísico já tenha, alguma vez, conseguido dar semelhante demonstração.

(F. Van Steenberghe, COMO SABEMOS QUE DEUS EXISTE?)

171

O Ateísmo ligadal do jovem Marx

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e Deus era o Verbo, e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vemos a sua glória". Lindo e inocente pensamento! Greta, por uma concatenação de idéias, foi mais longe e acreditou que o Verbo habitasse nas coxas: como Terísia, em Shakespeare, afirma que Ajax tem os intestinos na cabeça, e o intelecto no ventre, ela, Greta e não Ajax, está convencida e o assimila, como Verbo tornado carne, ela vê nas coxas a sua emblemática expressão, ela via a sua glória, e decidiu... lavá-las.

(K. Marx, ESCORPIÃO E FELIZ)

A quem deseja adquirir uma idéia intuitiva e não abstrata da mesma, não me refiro à Heleia grega e sequer à Lucrécia romana, e sim à Santíssima Trindade, não posso aconselhar nada melhor que sonhar nada, até que adormeça, mas ao contrário, de vigiar no Senhor e de examinar atentamente este período, visto que nele está encerrado o conceito claro. Levantemo-nos até sua altura, que dista uns degraus do lugar em que nos encontramos, e que pára no ar como uma nuvem, e apresentar-se-nos-á o gigantesco "não", aproximemo-nos de seu meio e nos maravilharemos pelo enorme "nada", quando descendermos em sua profundidade, ambos se reconciliarão ainda harmoniosamente no não, que se nos apresentará em frente com uma flamejante, ereta e audaz escrita.

"Não", "nada", "não",

este é o conceito intuitivo da Santíssima Trindade

(ibidem)

Marx e o problema da criação

63 Um ente só se acha independente quando se segura sobre os próprios pés, e segura-se sobre os próprios pés quando deve a própria existência a si mesmo.

Um homem que vive graças a outro, considera-se um ser dependente. Mas eu vivo completamente graças a outro quando não só lhe devo a conservação da minha vida, mas também quando ele é a fonte da minha vida; e a minha vida tem necessariamente um tal fundamento fora de si quando ela não é minha própria criação. A criação é, portanto, uma representação muito difícil de expulsar da consciência popular.

A subsistência por obra própria da natureza e do homem é inconcebível, pois contradiz todas as evidências da vida prática.

A criação da terra recebeu um potente golpe da geognosia, ou seja, da ciência que descreve a formação da terra, a transformação geológica, como um processo de geração espontânea. A *generatio aequivoca* (geração espontânea) é a única refutação prática da teoria criacionista.

Ora, sinceramente, é fácil dizer ao singulo indivíduo o que já disse Aristóteles: tu és gerado por teu pai e tua mãe, portanto a união de dois seres

humanos, um ato gerador de homem, produziu o homem em ti. Vês, portanto, que o homem é devedor de sua existência, também fisicamente, ao homem. Tu não deves, portanto, ter presente apenas um dos dois aspectos, o progresso ao

infinito pelo qual perguntas depois quem gerou meu pai, e quem gerou seu avô etc. Tu deves também ter presente o movimento circular que é visível naquele progresso, segundo qual o homem na geração repete a si mesmo, e, portanto, o homem continua sempre como sujeito. Mas tu me responderás: suposto este movimento circular, permita-me que avance e chegue sempre mais além, até que me pergunte: quem gerou o primeiro homem e a natureza em geral? Eu posso apenas responder-te que a tua mesma pergunta é um produto da abstração. Pergunta a ti mesmo como chegaste àquela pergunta; pergunta-te se a tua pergunta não provém de um ponto de vista a que não posso responder, pois é abstrato. Interroga-te se aquele progresso como tal suscita um pensamento racional. Quando te interrogas sobre a criação da natureza e do homem, tu fazes, portanto, uma abstração, do homem e da natureza. Tu coloca-los como não-existentes e exiges, todavia, que eu os demonstre existentes. Agora eu digo-te: renuncia à tua abstração, e renuncia também à pergunta; ou então, se queres manter a tua abstração, sê coerente, e se pensando no homem e na natureza como não-existentes, pensa, pensa também em ti mesmo como não-existente, pois também tu és natureza e homem. Não penses, não questiones, pois apenas penses e te questionas, o teu abstrair da existência e do homem não tem mais sentido. Ou tu és egoísta a tal ponto que reduces tudo a nada e queres tu ainda ser?

Podes replicar: eu não quero o aniquilamento da natureza etc.; eu te interrogo acerca do teu ato de origem, como interrogo o anatómico acerca da formação dos ossos etc.

Mas visto que para o homem socialista, toda a chamada história universal nada mais é que a geração do homem do trabalho humano, o devir da natureza para o homem, assim ele tem a prova evidente, irresistível, de seu nascimento de si mesmo, de seu processo de origem. Já que se tornou, praticamente, sensível e visível a *essencialidade* do homem e da natureza, e se tornou praticamente sensível e visível o homem para o homem como existência natural e a natureza para o homem como existência humana, torna-se praticamente impossível a questão de um ser *estranho*, de um ente acima da natureza e do homem, questão que implica admitir a inessencialidade da natureza e do homem.

(K. Marx: MANUSCRITOS ECONÔMICOS-FILOSÓFICOS DE 1844)

O porquê da negação

64 Todos os que acabam por aceitar, ou mesmo só tolerar, a construção de Deus, cospem sobre si mesmos da maneira mais vergonhosa. Não se ocupam,

pois, com "ações", mas ficam só contemplando e gozando para si mesmos, e assim "contemplam" exaltamente as faces e as facetas mais toscas, mas ídlicas, mais servis do próprio "eu", divinizadas, porém, por este construtivismo de Deus.

Vista por um ângulo social e não privado, qualquer construção de Deus nada mais significa que narcisismo de um estúpido burguesismo e inconsistente filisteísmo, de um frenético cuspir no próprio eu de filisteus e pequenos burgueses "desesperados" e "cansados".

(V.I. Lênin, CARTA a A.M. GORKIJ)

65

Antes de mais nada, nós não precisamos de imprimir sobre o que é verdadeiramente humano a marca do "divino", para termos certeza de sua grandeza e magnificência.

...A pergunta até hoje foi: O que é Deus? e a filosofia alemã resolveu o problema neste sentido: Deus é o homem. Para resolver o enigma do nosso tempo, basta que o homem reconheça a si mesmo, meça com seu metro todas as situações da vida, julgue em função de si mesmo, organize, segundo as exigências da própria natureza, um mundo verdadeiramente humano.

(F. Engels, DIE LAGE ENGLANDS)

66

Perante Deus! Mas este Deus está morto! Homens superiores, este Deus era o vosso mais grave perigo. Desde que ele jaz no túmulo, vocês ressuscitaram de verdade. Só agora chegará a grande tarde, só agora o homem superior se tornará patrão! Entenderam estas palavras, irmãos! Vocês estão maravilhados: o vosso coração sofre vertigens? Abre-se, aqui, o abismo? Rosna, aqui, contra vocês, o cão do inferno? Pois bem! Coragem! Homens superiores! Só agora o mundo parará o futuro dos homens. Deus morreu: agora nós queremos que viva o super-homem.

(F. Nietzsche, ASSIM FALOU ZARATHUSTRA)

Deus é uma suposição: mas eu quero que vosso supor não vá além dos confins da vossa vontade criadora.

Poderíeis, por acaso, criar um deus? Não me falem de deuses, portanto! Certamente, poderíeis criar o super-homem.

...Mas, para que lhes abra todo o meu coração, amigos: se existissem deuses, como poderia eu suportar não ser deus! Não existem deuses, portanto.

(Ibidem)

Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos!

... Não é grande demais, para nós, a grandeza desta ação? Não devemos nós mesmos tornar-nos deuses, para, pelo menos, aparecer dignos dela? Nunca houve ação maior: todos os que virão depois de nós, perenciarão, por forças desta ação,

174

a uma história mais alta que todas as histórias até hoje.

(F. Nietzsche, A ALEGRE CIÊNCIA)

67

JÚPITER. Eu te criei e criei todas as coisas: olha, vê estas planetas que giram em ordem, sem bater um no outro: fui eu que regularmente seu percurso, segundo a justiça. Vê a harmonia das esferas, este imenso canto mineral de graças que repercutiu nos quatro cantos do céu. Graças a mim as espécies perpetuam-se, eu ordenei que um homem gere sempre um homem, e que o filho de um cão seja um cão, graças a mim a doce língua das marés vem lambê-la areia, e a minha respiração guia em volta da terra as nuvens amareladas de pólen. Tu não estás em tua casa, intruso, tu estás no mundo como a lasca na carne, como o caçador furtivo no parque senhoril: por que o mundo é bem: criei-o segundo a minha vontade e eu sou o Bem. Mas tu, tu fizeste o mal, e as coisas te acusam com suas vozes petrificadas.

...E o mal de que te orgulhas, de que te chamas autor, o que é se não um reflexo do ser, um subterfúgio, uma imagem enganosa cuja existência é sustentada pelo Bem?

Entra em ti mesmo, Orestes: o universo não te dá razão, e tu és um ácaro no universo. Entra na natureza, filho desnaturalado: reconhece a tua culpa, detesta-a, arranca-a de ti, como um dente cariado e fétido. Ou esperas que o mar se retraia diante de ti, que as fontes sequem em teu caminho, que as pedras e as rochas escapem debaixo de teus pés e que a terra se eslarinhe sob os teus passos?

ORESTES. Pois que se eslarinhe! Que as rochas me condenem e as plantas murchem à minha passagem: o teu universo todo não bastará para me dizer que estou errado. Tu és o rei dos Deuses, Júpiter, o rei das pedras e das estrelas, o rei das ondas do mar. Mas não és o rei dos homens.

JÚPITER. Eu não sou o teu rei, larva obscena. Quem afinal, te criou?

ORESTES. Tu. Mas não devias ter me criado livre.

(J.P. Sartre, AS MOSCAS)

As consequências de uma negação

68

No decorrer dos últimos 30 anos, vieram consultar-me indivíduos vindos de todos os países da terra.

...Entre todos os meus clientes que haviam ultrapassado os 35 anos, não encontrei um só cujo problema não fosse, em última análise, o de encontrar uma visão religiosa da vida. É razoável afirmar que cada um deles adoeceu porque havia perdido o que as religiões vivas de todos os tempos deram a seus

175

seguidores e que nenhum deles estará realmente curado se não depois de haver
readquirido esta visão religiosa.

(C.G. Jung, O HOMEM MODERNO EM BUSCA DE UMA ALMA)

Quando Deus não é reconhecido, desenvolvem-se os desejos egoístas, e
deste egoísmo nasce a doença (mental)

(C.G. Jung, O SEGREDO DE UMA FLOR DOURADA)

capítulo segundo

A afirmação de Deus

A Intuição dos místicos

69

Tu que estás acima de nós,

Tu que és um de nós,

Tu que estás

também em nós,

que todos possam ver-te também em mim,

que eu possa preparar o caminho para ti,

que eu possa dar graças por tudo o que um dia me acontecer.

Que eu não possa esquecer nisto as necessidades dos outros.

Segura-me no teu amor,

assim como queres que todos permaneçam no meu.

Que tudo neste meu ser possa voltar-se para a tua glória,

e consiga eu nunca desesperar

Já que estou sob a tua mão,

e em ti estás toda a força e bondade.

(DAG HAMMARSKJÖLD - 1905 - 1961, Secretário Geral da ONU de 1953 a
1961, morto durante uma missão de paz no Zaire).

Amar a vida e a humanidade com o amor de Deus,

em vista da possibilidade infinita,

atender como ele,

avaliar como ele,

sem julgar,

obedecer à ordem quando ela chega

sem olhar nunca para trás:

então ele pode servir-se de ti,

então, talvez, ele se sirva de ti.

E mesmo quando não o fizer, pois bem, na sua mão,

cada hora tem um sentido,
tem elevação e brilho, paz e consistência.
"Crie em Deus" nesta perspectiva é criar em si mesmo.

(ibidem)

70 Existe uma misteriosa força, indelével, que penetra todas as coisas. Sinto-a, mesmo se não a vejo. É esta força invisível que se faz sentir e desafia, porém, qualquer demonstração, pois é tão diferente de tudo aquilo que percebo com os sentidos. Transcende os sentidos. Mas até certo ponto é possível demonstrar a existência de Deus com a razão.

Percebo obscuramente que, enquanto tudo a meu redor muda e se move sempre, sob todas estas mudanças existe uma força vivente, imutável, que mantém tudo unido, cria, dissolve, e recria. Esta força ou espírito informador é Deus. E já que nada daquilo que vejo simplesmente com os sentidos pode persistir ou persistirá, só Ele é.

Esta força é benévola ou malévolia? Vejo-a exclusivamente benévola, pois vejo que no meio da morte persiste a vida, no meio da mentira persiste a verdade, no meio das trevas persiste a luz. Deduzo daí que Deus é Vida, Verdade, Luz. É amor.

(MAHATMA GANDHI - 1869 - 1948)

Não é possível nenhuma pesquisa sem alguma hipótese de trabalho. Se não concedemos nada, não encontramos nada. Desde o início, o mundo, incluídos os sábios e os estultos, caminhou com o pressuposto que, se nós existimos, Deus existe, e se Deus não existe, nós não existimos. E já que a fé em Deus coexiste com o gênero humano, a existência de Deus é considerada um fato mais definido que a existência do sol. Esta fé resolveu muitos enigmas da vida. Suavizou a nossa miséria. Sustentou-nos na vida, é o nosso único conforto na morte. A mesma busca da verdade torna-se interessante e válida graças a esta fé. Mas a busca da verdade é busca de Deus. A Verdade é Deus. Deus é, porque a verdade é. Começamos a busca porque acreditamos que a verdade existe, e pode ser encontrada com uma diligente busca e a metódica observação das conclusões e experimentadas leis da pesquisa. A história não registra nenhuma falência de tal pesquisa. Até os ateus, que pretendiam não crer em Deus, criaram na verdade. O seu distorção consistiu em dar a Deus um nome diferente, mas não um nome novo. Os seus nomes formam uma legião. Verdade é a coroação de todos.

(ibidem)

O Pensamento dos Filósofos

ANASSÁGORAS (499-428 a.C.)

71 Todas as outras (coisas) fazem parte de um todo, enquanto que o intelecto é algo sem limites, autocrata, não está misturado com nada, mas é só, ele em si mesmo.

...Visto que é a mais sutil de todas as coisas e a mais pura, tem o conhecimento completo de tudo e o maior domínio; e em tudo o que tem vida, o maior e o menor, sobre tudo o intelecto tem poder.

...E as coisas que se misturam, se separaram e se dividem, todas o intelecto conheceu. E qualquer (coisa) que devia existir, que existiu e agora não mais, e todas as que agora existem e existirão, a todas o intelecto ordenou, mesmo esta rotação em que giram agora os astros, o sol, a lua, o ar, o éter.

(Fragmentos do livro da natureza)

SÓCRATES (469-399 a.C.)

72 SÓCRATES. Não conseguimos compreender por que certas coisas foram feitas, enquanto outras têm claramente um fim: das duas, quais julgas obras do acaso e quais da inteligência?

ARISTODEMO. Sem dúvida, as que têm uma finalidade são obra da inteligência.

SÓCRATES. E quem desde o princípio criou os homens não te parece que foi para um bem determinado fim que lhes deu os órgãos com que dão conta de todas as coisas, os olhos para ver o que se pode ver, os ouvidos para ouvir o que se pode ouvir? Que utilidade teriam os cheiros se não nos tivessem sido dadas as narinas?

Poderíamos sentir o doce ou o amargo... se não nos tivesse sido dada a língua, capaz de distinguir tais coisas?... E o tato de o ouvido receber bem as vozes e nunca se encher; os dentes da frente de todos os homens vivos serem aptos para cortar, os molares para triturar... e a boca, com a qual os seres vivos ingerem o que desejam, estar perto dos olhos e debaixo das narinas... tudo isto é feito de forma tão providencial, duvidas, porventura, que seja obra do acaso ou de uma inteligência?

ARISTODEMO. Não, certamente, por Zeus, responde, para quem vês dessa forma, tal se apresenta sem falta como devido à atividade de um artífice sábio e amigos dos homens.

(Xenofonte, os Memoráveis de Sócrates)

PLATÃO (427-347 a.C.)

73

O que nasce, nasce necessariamente de uma causa; é impossível que algo nasça sem nascer de alguma coisa.

... Todo o céu, ou o mundo, ou qualquer outro nome que se queira dar-lhe, é preciso ver, antes de mais nada, se isso sempre existiu, se não teve nunca nascimento, ou se nasceu, se teve um princípio. Nasceu, pois é visível e palpável, e tem corpo; e todas as coisas assim são sensíveis, e as coisas sensíveis estão sujeitas à opinião; já que são apanhadas pelos sentidos; já que vimos como elas ficam, e nascem, e o que nasceu, nasceu necessariamente de uma causa. Quem seja, porém, o autor e o pai do universo, é difícil de encontrar, e se for encontrado, é impossível torná-lo conhecido de cada um.

(O Timeu)

Digamos pois por qual razão deu origem ao nascer, quem deu origem a este universo. Ele era bom, e em quem é bom não existe inveja por coisa nenhuma. Livre de tal mal, quis que todas as coisas se gerassem na medida do possível semelhantes a ele: todo aquele que aceita ser este o princípio fundamental do nascimento do universo, acreditando nos sábios, estará na verdade. Tendo a divindade deliberado que tudo fosse bom, nada fosse mau, na medida do possível, pegou na massa do visível que não ficava parada, mas se movia sem regra nem ordem, da desordem levou-a à ordem, julgando isto absolutamente melhor que aquilo... A razão, portanto, nos obriga a dizer que este mundo é de fato um animal vivo e inteligente, obra da providência divina.

(ibidem)

ARISTÓTELES (384-322 a.C.)

74

Há algo que sempre se move, com um movimento incessante, e tal movimento é circular. Isto vê-se não só com o raciocínio, mas também com os sentidos. Dizemos, por conseguinte, que o primeiro céu é eterno. Mas, nesse caso, existe também algo que o move. E visto que aquele primeiro céu serve de intermediário, sendo movido e movendo-se também, assim existe alguma coisa que move sem ser movida, eterna, que nada mais é que substância e ato.

...Se, portanto, algo é movido, isto pode dar-se também diversamente; assim, se o primeiro movimento e a atividade pela qual os céus são movidos é a translação, eles, por isso mesmo, podem acontecer diversamente, mesmo se não em vista da substância, em vista do lugar. Pelo contrário, se existe alguma coisa que se move sem ser ela mesma movida, e está em ato, este não pode ser absolutamente de modo diferente do que é: a primeira mudança, de fato, é a translação e desta, a primeira é a circular; a qual é o efeito daquele motor.

Ele é, portanto, necessariamente, e, enquanto necessariamente, é beatamente, e é assim princípio de tudo.

180

...Assim, portanto, é o princípio de que tudo depende, o céu e a natureza. E a sua vida é tal também para nós, é a mais excelente (o conhecer), salvo que a nós é concedida só por breve tempo. Ele goza sempre (para nós seria impossível), pois para ele a atividade é também um prazer. E é por isso que nos dá grande prazer o vigiar, o sentir, o pensar, e por causa dele, o esperar e o recordar. O ato da inteligência que existe por si mesma, tem como objeto o que é ótimo para si mesmo; e aquela que mais que todas é tal, o que é tal mais que todos os objetos.

...Se, portanto, Deus está eternamente naquela feliz condição em que nós nos encontramos por vezes, então é coisa maravilhosa, mas se é uma condição ainda superior, será mais maravilhosa ainda. Pois bem, assim Ele é. E é também, vivo, pois o ato de entender é vida, e Ele é aquele ato: aquele ato que, sendo por si mesmo, é Nele vida eterna e eterna. Nós afirmamos que Deus é ser vivo e eterno perfeito, de tal forma que a Ele pertence uma vida contínua e uma existência eterna. E isto é Deus.

...Que, portanto, existe uma substância eterna e imóvel, e separada dos seres sensíveis, é manifestado pelo que dissemos. Mostrou-se com isso também que esta substância não pode ter nenhuma grandeza, mas é sem partes e indivisível.

Move por tempo infinito: ora, nada que é limitado possui uma potência infinita.

...Foi mostrado portanto, claramente, porque o é assim o Ser divino.

(A Metafísica)

PLOTINO (204-270)

75

O UNO, além de ser um entre os seres, precede-os todos. O que é, propriamente? Potência de todos os seres: se ela não existisse, não existiria nem a totalidade dos seres, e sequer o Espírito. Mas o que está acima da vida é causa da vida:... é exatamente como se brotasse de uma fonte. Pensa numa fonte que não tenha outro princípio que ela mesma, que dê de si mesma a todos os rios, sem nunca esgotar-se.

(Enéades)

Como aquele que eleva o olhar para o céu, vê o cintilar dos astros, medita em seu criador e pergunta por ele, assim também aquele que tem a visão do mundo inteligível e nele fixa o olhar admirado, deve perguntar por seu criador.

(ibidem)

181

FRANCIS BACON (1561-1626)

76 Alguns usam afirmar que ciência em excesso leva o homem ao ateísmo, enquanto que a ignorância das causas segundas faria nascer a devoção pela causa primeira. A eles eu lembraria de boa vontade a afirmação de João: "Deus precisa, por acaso, ou ficaria grato, com a nossa mentira?" (Jo 13,7). É evidente que em linha geral Deus opera na natureza só mediante as causas segundas. *Querer convencer do contrário significaria querer dar glória a Deus por meio da mentira, seria nada menos que oferecer ao autor de toda a verdade a hostia impura da mentira.* Ao contrário, está mais que provado pela experiência que se algum conhecimento filosófico superficial pode porventura suscitar certa tendência ao ateísmo, um conhecimento mais aprofundado reconduz certamente à religião. A razão é a seguinte: se alguém começa a estudar filosofia, encontra antes de mais as causas segundas que são acessíveis aos sentidos: se se agarra a elas e nelas pára, é possível que perca de vista a Causa primeira. Se, ao contrário, ele continuar, considerando embora a dependência, a série, a concatenação de todas, estas causas, e também o conjunto das obras da Providência, não terá dificuldades em crer, para usar a linguagem poética da mitologia, que o anel mais alto desta cadeia natural está preso ao pé do trono de Júpiter.

(De augmentis scientiarum)

Prefiro acreditar em todas as lendas que se encontram nas vidas dos santos, no Alcorão e no Talmud, que acreditar que o universo não é governado por uma inteligência. Deus nunca fez milagres para convencer um ateu, já que suas obras ordinárias são suficientes para convencer de sua existência. Se é verdade que um pouco de filosofia induz o homem ao ateísmo, é também verdade que um conhecimento mais aprofundado da natureza encaminha-o para a religião.

A razão é esta: o homem que considera singularmente as causas segundas, corre o risco de limitar-se a elas e não ir além; quando, ao contrário, considera como estas causas estão coligadas e concatenadas entre si, é obrigado a recorrer a uma Providência e a uma Causa primeira.

... Ninguém nega Deus, se não tiver algum interesse em que Deus não exista. E, sem dúvida, nada prova melhor que o ateísmo é afirmado apenas com os lábios, e não com o coração, que a mania que têm todos os ateus de falar sempre de sua opinião. Esta mania mostra bastante claramente que procuram tranquilizar de todas as formas a si mesmos, pedindo a aprovação dos outros.

(Essays civil and moral)

RENÉ DESCARTES (1596-1650)

77 Refletindo sobre o fato de que eu duvidava, e que claramente via ser maior perfeição o conhecer que o duvidar, pelo que o meu ser não era de todo perfeito,

182

propus-me buscar de onde havia aprendido a pensar em algo de mais perfeito que eu; e conheci com evidência que deveria ser de uma natureza realmente mais perfeita que eu.

Sobre os pensamentos que se referem às muitas e variadas coisas fora de mim, como o céu, a terra, a luz, o calor e muitas outras, não me preocupava muito em saber de onde me haviam chegado. Já que, não notando neles nada que parecesse torná-los superiores a mim, podia pensar que, se verdadeiros, dependiam de mim, pois minha natureza tinha alguma perfeição; se taisos, me chegassem do nada, ou seja, estivessem em mim pelo que em mim havia de taloso.

Mas o mesmo não podia ser para a idéia de um ser mais perfeito que o meu, pois fazê-la derivar do nada era coisa claramente impossível, por outro lado, visto que queria que o mais perfeito dependa do menos perfeito é o mesmo que do nada querer tirar alguma coisa, eu não podia tirar essa idéia sequer de mim mesmo.

Ela, portanto, devia ter sido colocada em mim por uma natureza realmente mais perfeita que eu, e tal, que tivesse em si todas as perfeições de que eu podia ter alguma idéia, ou seja, para dizer tudo numa palavra só, por Deus. .

(Discurso do Método)

78

JOHN LOCKE (1632-1704)

A percepção externa e a percepção interna revelam-nos, portanto, a existência das coisas corpóreas atualmente presentes aos nossos sentidos, e a existência de nós mesmos. A existência de Deus, ao invés, não pode ser descoberta a não ser via raciocínio.

...Mas em compensação, não existe raciocínio mais claro e evidente para persuadir um homem de bom senso e em boa fé, pois basta partir da existência de nós mesmos para nos convenceremos que Deus existe. Dizendo, de fato, que Deus existe, nós queremos dizer que existe uma causa primeira de todas as coisas, desde a eternidade. E visto que cada um é para si mesmo algo que existe atualmente, e que entende, aquela causa primeira deve ser inteligente; se não, como poderia um quid não inteligente produzir um ser inteligente? Existe, portanto, um ser eterno, onipotente, inteligente.

...Não seria preciso dizer mais nada.

...Mas já que alguns quiseram defender o ateísmo, em nome do dogma "ex nihilo nihil fit" (com nada, nada se faz), vamos parar para escutar as razões. Chegam em primeiro lugar os que afirmam que foi a matéria que produziu todas as coisas, também as que pensam. Suponhamos, pois, que desde a eternidade existia uma certa matéria.

... Mas por mais sutil que se considere essa matéria... por mais mutações

183

que o moto nela possa produzir, ela não produzirá nunca o pensamento, pois o pensar é coisa totalmente diferente do mecanismo. Além do mais, elas talam da matéria como se ela fosse um único ser: mas a matéria é multiplicidade e infinidade de partes. Pelo que, se se quisesse supor que a matéria é o primeiro ser eterno que produziu todas as coisas, na realidade teríamos não um ser eterno, mas infinitos. E dessa forma a ordem da natureza seria inexplicável, pois ela exige uma causa única inteligente.

(Ensaio sobre o intelecto humano)

GOTTFRIED WILHELM LEIBNIZ (1646-1716)

79 Deus é a razão primeira das coisas: de fato as coisas limitadas, como são todas as que nós vemos e experimentamos, são contingentes, e não têm em si nada que torne necessária sua existência: assim é claro que a matéria, o tempo e o espaço, compactos e homogêneos em si mesmos, e indiferentes a tudo, poderiam receber formas e movimentos realmente diferentes, e em outra ordem. É preciso, portanto, buscar a razão da existência do mundo, que é todo o conjunto das coisas contingentes; e é preciso procurá-la na substância que carrega consigo a causa de sua existência, e que, portanto, é necessária e eterna. É preciso, além disso, que aquela causa seja inteligente, pois, sendo contingente o mundo que existe, e sendo infinitos outros mundos igualmente possíveis, e pretendendo a existência, por assim dizer, com o mesmo direito daquele, é necessário que a causa do mundo tenha tido presente, ou como referência, todos aqueles mundos possíveis, para determinar um. Tal referência ou relação de uma substância existente com simples possibilidades não pode ser senão o intelecto com as idéias que tem sobre elas; e o fato de determinar uma, não pode ser senão o ato da vontade que escolhe. O poder daquela substância, pois, torna a vontade eficaz. O poder tende para o ser; a sabedoria ou intelecto para o verdadeiro; a vontade para o bem.

Aquela causa inteligente, além disso, deve ser infinita em todas as formas, e absolutamente perfeita no poder, na sabedoria e na bondade, pois ela tende para tudo o que é possível. E dado que tudo é conexo, não se pode admitir mais que uma. Seu intelecto é a fonte das essências; a sua vontade é a origem das existências.

Eis, em poucas palavras, a prova de um Deus único com as suas perfeições, e eis, por seu meio, a origem das coisas.

(Teodícea)

JOÃO BATISTA VICO (1668-1744)

80 A esta simples e franca observação feita sobre as coisas de todo o gênero
184

humano... dir-se-ia certamente ser esta a grande cidade das nações fundada e governada por Deus.

...Trata-se do universo dos povos, ordenado com tais ordens e seguro com tais leis, que por seus próprios desgastes adquire aquelas formas de Estados com as quais unicamente pode conservar-se em toda a parte e durar perpetuamente. E não devemos dizer que isto é conselho de uma sabedoria sobre-humana? Não é ela que, sem forças de leis... mas fazendo uso dos mesmos costumes dos homens... divinamente a regula e conduz?

Já que também os homens fizeram este mundo de nações... mas ele é este mundo, saído sem dúvida de uma mente muitas vezes diferente e por vezes absolutamente contrária e sempre superior a esses fins particulares que esses homens se haviam proposto: quais fins restritos, tornados meios para servir a fins mais amplos, usou-se sempre para conservar a geração humana nesta terra.

...Mas também a providência, por ordem das coisas civis que nestes livros foi raciocinada, faz-se abertamente sentir nestas três direções... ou seja, que todos os sábios admiram, veneram, e desejam unir-se à sabedoria infinita de Deus.

Em resumo, de tudo o que foi raciocinado nesta obra, dá para finalmente concluir que esta ciência acarreta indivisivelmente consigo o estudo da piedade e que, se não se é piedoso, não se pode realmente ser sábio. *

JORGE BERKELEY (1685-1753)

(A Ciência Nova)

81 Se considerarmos com atenção a regularidade, a ordem, a concatenação constante das coisas naturais, a magnificência, a beleza e a perfeição surpreendentes das partes maiores da criação e a fina precisão das mais pequenas, e também a harmonia e a co-relação exata de tudo... se considerarmos, digo, atentamente todas estas coisas e, ao mesmo tempo, observarmos o significado e o valor dos atributos: Uno, Eterno, infinitamente Sábio, Bom e Perfeito, veremos claramente que elas pertencem ao mencionado Espírito - produz tudo em cada coisa - e pelo qual existem todas as coisas. É evidente, portanto, que Deus é conhecido com tanta certeza e imediatamente, como qualquer outra mente ou espírito diferentes de nós mesmos. Podemos até afirmar que a existência de Deus é percebida com muita maior evidência que a existência dos homens, pois os efeitos da natureza são infinitamente mais numerosos e notáveis que os que podem ser atribuídos a agentes humanos.

5 - Filósofo da história. Vico argumenta em favor de Deus partindo da presença de uma providência na história.

...É claro, portanto, que não pode existir nada de mais evidente, para quem quer que seja capaz da mínima reflexão, que a existência de Deus, ou seja, de um espírito que está intimamente presente em nossas mentes e que produz nelas todas as várias idéias ou sensações que continuamente nos impressionam e de que nós dependemos absoluta e inteiramente: - em que vivemos, nos movemos e temos o nosso ser - (At 17,28). Que a descoberta desta grande verdade, tão próxima e óbvia para a mente, não possa ser atingida que pela razão de tão poucos, é um triste exemplo da estupidez e da distração dos homens, que, embora cercados por tão claras manifestações da Divindade, são tão pouco impressionados por elas que se diria estarem ofuscados por luz demais.

(*Princípios do conhecimento humano*)

EMANUEL KANT (1724-1804)

82 Não é possível considerar a estrutura do universo sem reconhecer a excelência da ordem com que ele foi preparado, e a inequívoca marca da mão de Deus na perfeição de suas relações. A razão, após haver contemplado e admirado semelhante beleza e excelência, indigna-se exatamente pelo descaramento dos tolos que ousam atribuir tudo isto ao acaso e a uma feliz coincidência. Foi a Suma Sabedoria que traçou o plano e o Poder infinito que o atuou, senão seria impossível encontrar na composição do universo tantas interações convergentes para um único fim.

(*Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels*)

Kant, todavia, na "Crítica da Razão Pura" (1781) afirma que "esta prova (físico-teológica) é sempre digna de ser mencionada com respeito. É a mais antiga, a mais clara e a mais idônea para a comum razão humana" e para a razão "é suficiente um olhar nas maravilhas da natureza e na majestade do universo, para que se sinta aliviada, de grandeza em grandeza, até à suprema, e de tudo o que é condicionado à sua condição, até ao criador supremo e incondicionado". Assim prossegue: "Em todo o caso, embora não haja nada em contrário a este procedimento em ordem à sua racionalidade e utilidade, e preferindo até recomendá-lo e lamentá-lo, não por isso podemos endossar as pretensões propostas por este gênero de prova a uma certeza apodítica e a uma aprovação isenta de concessões gratuitas e de apoios externos".

(*Crítica da Razão Pura*)

Duas coisas enchem a alma de admiração e de veneração sempre novas e em crescimento, quanto mais vezes e mais longamente se reflete nelas: o céu estrelado em cima de mim e a lei moral dentro de mim.

(*Crítica da Razão Pura*)

O Pensamento dos cientistas

GALILEU GALILEI (1564-1642)*

83 SÁGREDO. Entre os homens, sr. Simplicio, está o poder de operar que não é participado igualmente por todos: e não há dúvidas que o poder de um imperador é muito maior que o poder de uma pessoa particular; mas quer esta quer aquela são nada em comparação com a onipotência divina. Entre os homens há alguns que entendem melhor de agricultura que muitos outros; mas saber plantar uma vara de videira em uma cova, que é que tem a ver com fazê-la criar raízes, atrair o alimento, dele escolher esta parte boa para formar as folhas, para formar as gavinhas, aquela outra para os cachos, estruira para a uva e ainda uma outra para o bagaço, que são, afinal, obras da sapientíssima natureza? Esta é umasó obra particular das inúmeras que faz a natureza, e nela só, já se conhece uma sabedoria infinita, de tal forma que se pode concluir ser a sabedoria divina infinitas vezes infinita.

...SALVIATI. Digo que o intelecto humano entende algumas (proposições inteligíveis) não perfeitamente, e tem delas tão absoluta certeza, quanta possa ter a mesma natureza; e tais são as ciências matemáticas puras, ou seja, a geometria e a aritmética, das quais o intelecto divino conhece bem mais infinitas proposições, pois as conhece todas, mas por aquelas poucas entendidas pelo intelecto humano, creio que o conhecimento iguala o divino na certeza objetiva, pois chega a compreender a necessidade, acima da qual parece que não pode existir certeza maior.

...Quanto à verdade de que nos dão conhecimento as demonstrações matemáticas, ela é a mesma que conhece a sabedoria divina, mas é preciso ter presente que o modo com o qual Deus conhece as infinitas proposições, de que nós conhecemos apenas algumas, é sumamente mais excelente que o nosso, que procede com discursos e com passagens de conclusão em conclusão, enquanto que o Seu é de simples intuição.

... Pois bem, estas passagens que nosso intelecto faz com tempo, passo a passo, o intelecto divino, como uma luz, percorre em um instante, o que é o mesmo que dizer que as tem sempre presentes. Concluo, portanto, que o nosso entendimento, quanto ao modo e quanto à multidão de coisas entendidas, é

5 - Astrônomo, matemático e físico. Dever-se a ele, entre outras coisas, o enunciado da lei da queda dos graves, a construção do primeiro telescópio, com que descobriu os satélites de Júpiter e as manchas solares, e a defesa e divulgação entre seus contemporâneos da teoria heliocêntrica de Copérnico. É considerado o fundador do moderno método científico.

superado pelo divino a distância infinita, mas não vou aviltá-lo de tal forma que o jogue absolutamente nulo; pelo contrário, quando considero quantas e quão maravilhosas coisas foram entendidas, investigadas e operadas pelos homens, muito claramente eu conheço e entendo que a mente humana é obra de Deus, e das mais excelentes.

(Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo)

Se eu perguntar a Frimondo de quem é obra o sol, a lua, as estrelas, sua disposição e movimento, penso que me responderá que são criaturas de Deus, e se perguntado quem criou a Sagrada Escritura, sei que responderá que foi o Espírito Santo, ou seja Deus. O mundo, portanto, são as obras, e a Escritura são as palavras do mesmo Deus.

(Carta a E. Diocletii)

JOÃO KEPLER (1571-1630)

84

Até aqui proclamei a obra de Deus criador. Agora, finalmente, após haver tirado as mãos e os olhos das demonstrações e havê-los levantado para o céu, não me resta que orar, devo e suplicante, ao Pai da luz.

Ó Senhor e Criador, que com a luz da Natureza promoves em nós o desejo da graça para transferir-nos, por seu meio, para a luz da glória, te agradeço porque me alegraste no estudo de tua criação, e eu exulte na contemplação da obra de tuas mãos. E agora levei a cabo a obra da minha profissão, usando tantas forças do engenho quantas me deste; revelei aos homens que vão ler a glória de tuas obras, o que a pequenez de minha mente pôde compreender de sua infirmitude. Tive a alma aberta para filosofar corretamente; se algo de indigno de teus desígnios foi por mim produzido, vemte nascido e nutrido na lama dos pecados, inspira-me o que queres que os homens saibam, a fim de que me corrija. Perdoa-me se fui levado à temeridade pela admirável beleza das tuas obras, ou se procurei a minha glória junto aos homens, enquanto prosseguia na obra destinada só à tua glória. Manso e misericordioso, perdoa-me. Dignate, enfim, fazer com que as demonstrações desta tua glória sirvam também para a salvação das almas e não sejam de obstáculo de forma alguma.

(Armonices Mundi)

7 - Astrônomo que enunciou as leis relativas ao movimento dos planetas, calculando suas trajetórias elípticas. Foi o primeiro a intuir a lei da gravidade universal que posteriormente foi claramente formulada por Newton.

ISAAC NEWTON (1642-1727)

85

Esta afinadíssima conexão do sol, dos planetas e dos cometas não pode surgir sem o desígnio e o poder de um ser inteligente e poderoso. E se as estrelas fixas são centros de análogos sistemas, todos eles construídos com um desenho idêntico, estarão sujeitos ao poder do Uno, sobretudo por ser a luz das estrelas fixas da mesma natureza da luz do sol, e todos os sistemas enviam a luz para todos os outros.

E para que os sistemas das estrelas fixas não caiam, por causa da gravidade exercida, reciprocamente, um sobre o outro, ele mesmo criou uma distância imensa entre eles. Ele governa todas as coisas não como alma do mundo, mas como o senhor do universo. E por causa de seu domínio, costuma ser chamado de senhor Deus *panokrator* (onipotente).

... E do verdadeiro domínio resulta que o verdadeiro Deus é vivo, inteligente e potente; e das restantes perfeições resulta que é sumo ou sumamente perfeito. É eterno e infinito, onipotente e onisciente, dura desde a eternidade para a eternidade, desde o infinito está presente no infinito: rege todas as coisas e conhece todas as coisas que existem ou podem existir. Não é a eternidade ou a infirmitude, mas é eterno e infinito; não é a duração e o espaço, mas dura e está toda a parte, constitui a duração e o espaço. Visto que cada partícula do espaço existe sempre, e cada momento indivisível da duração está em toda a parte, certamente o artifício e o senhor de todas as coisas existirá sempre e em toda a parte.

... Dos corpos vemos somente as formas e as cores, escutamos somente os sons, tocamos só as superfícies externas, cheiramos só os odores e degostamos os sabores; mas não conhecemos as últimas substâncias com nenhum sentido, com nenhum ato de reflexão; e, muito menos, temos uma idéia da substância de Deus. Conhecemo-lo apenas por meio de suas propriedades e seus atributos, pela sapientíssima e ótima estrutura das coisas e pelas causas finais.

... A total variedade das coisas criadas, por lugares e por tempos, pode ser criada somente pelas idéias e pela vontade de um ser necessariamente existente. Por alegoria diz-se, de fato, que Deus vê, ouve, fala, ri, ama, odeia, deseja, dá, segura, goza, zanga-se, combate, constrói, funda, fabrica. Realmente, todas as idéias acerca de Deus, derivam na totalidade, por semelhança das coisas humanas, não com certeza perfeitas, mas sem dúvida semelhantes.

(Principios matemáticos da filosofia natural)

8 - Matemático, idealizou o cálculo infinitesimal (independentemente de Leibniz). Formulou a lei da gravitação universal e é o fundador da mecânica clássica.

JOÃO BATISTA LAMARCK (1744-1829)*

86

Se considerarmos, como foi dito em outro lugar, a diversidade de formas, de massas, de grandeza e de caracteres de que a natureza guarneceu seus produtos, se considerarmos a variedade dos órgãos e de faculdades com que ela enriqueceu os seres a quem deu vida, não se pode evitar a admiração pelos infinitos recursos com que o Autor supremo a cumulou quando, para atingir seus fins, a fez existir.

(*Preâmbulo ao curso do ano X, em OBRAS*)

Foi dito com razão, pelo menos acerca das ciências, que a admiração é filha da ignorância: pois bem, encontremo-nos exatamente, no momento de usar esta reconhecida verdade pois, se existe algo de verdadeiramente admirável, esta é certamente a natureza, o que a natureza encerra, o que a natureza pode fazer. Quando se reconhece que a mesma natureza não é que um estado de coisas que não pode dar a si mesma a existência, ou melhor, não é que um instrumento, devemos então dirigir toda a nossa admiração e toda a nossa veneração para seu Sublime Autor.

... Como disse, é certo que o poder que fez os animais, tê-los tais quais eles existem, equipou-os com suas faculdades particulares, dotou-os de uma organização para produzi-los. Pois bem, a observação nos autoriza a afirmar que este poder é a Natureza, que, por sua vez, é o produto da vontade do Ente supremo, que a fez assim, como ela é.

(*História Natural dos Invertebrados*)

ALEXANDRE VOLTA (1745-1827)*

87

Não sei quem possa duvidar da minha sinceridade e constância, nesta Religião que professo, que é a Religião Católica, Apostólica, Romana, em que nasci e fui criado, e na qual me mantive sempre, tanto interior como exteriormente. É certo que talhei, infelizmente, acerca das boas obras de cristão católico, e me tornei réu de muitas culpas: mas por graça especial do Senhor, nunca talhei na fé pelo que me diz a consciência. Se aquelas culpas e minhas desordens deram, por ventura, lugar e ocasião a alguém para supor que existe em mim alguma incredulidade, a título de reparação e para todo o bom fim declaro

9 - Naturalista - Foi o primeiro a enunciar a teoria de evolução das espécies animais.

10 - Físico. Descobriu a eletricidade dinâmica e inventou a "pilha" que permitiu, pela primeira vez, produzir artificialmente uma corrente elétrica.

190

a esse alguém e a qualquer outra pessoa, e estou pronto a declarar em qualquer encontro e a qualquer custo, que sempre tive e tenho por única, verdadeira e inalterável esta Santa Religião Católica, agradecendo sem fim ao bom Deus por haver-me dado tal fé, na qual me proponho firmemente querer viver e morrer, com a viva esperança de conseguir a vida eterna. Reconheço-a como um dom de Deus, com uma fé sobrenatural; mas não descuidei dos meios, mesmo humanos, para mais e mais confirmar-me nela, limpar qualquer espécie de dúvida que pudesse surgir e tentarme, estudando-a atentamente em seus fundamentos, buscando na leitura de livros, quer apoloéticos quer contrários, as razões pró e contra; assim apareceram os argumentos mais válidos, que a tornam credibilíssima até por exigências naturais, de tal forma que toda a mente não perversida por vícios e por paixões, toda a alma bem constituída, não pode que abraçá-la e amá-la.

Possa este protesto, que me é pedido, e que eu de boa-vontade deixo por escrito o assinado por minha mão, demonstrável como se queira e a quem quer que seja, pois non erubesco Evangelium (não me envergonho do Evangelho), produzir algum bom fruto.

(*Carta ao Cônego G. Ciceri, em 6/1/1815*)

ANDRÉ MARIA AMPÈRE (1775-1836)*

88

Poderá o homem conhecer Deus antes de conhecer o mundo e o pensamento, que se manifestam a ele, em princípio, por meio da sensibilidade, da atividade e da consciência?

Não será a ordem maravilhosa que lhe revela a inteligência e o poder infinitos? Dois caminhos levam o homem a Deus: antes de tudo esta mesma ordem, em que tudo está previsto, mas não por aqueles seres que a ele devem a própria conservação; em segundo lugar, a necessidade de uma causa para tudo o que existe, e de uma causa inteligente para a existência de um mundo em que a inteligência se manifesta em toda a parte. Mas este conhecimento conduz o homem a um conhecimento muito imperfeito dos atributos de seu Criador, dos deveres que Ele exige do homem e do fim para o qual o criou. Foi por isso necessário que Deus suprisse a fraqueza da mente humana, abrindo-lhe, por meio da revelação, um segundo caminho que o conduzisse a Ele.

(*Ensaio sobre a filosofia das ciências*)

11 - Físico, matemático, químico. Conhecido pelos estudos sobre a eletromecânica e pela formação de uma teoria científica sobre o magnetismo.

191

Para desenvolver as provas da existência de Deus, extraídas da contemplação do universo, é preciso conhecer o mesmo universo. Para não unir a provas irrefutáveis, raciocínios baseados em erros evidentes, como os que se encontram em trabalhos escritos em épocas em que as ciências eram apenas nascidas, ou então por homens que não as conheciam.

(ibidem)

MIGUEL FARADAY (1791-1867) ¹²

A nossa filosofia, embora imperfeita, faz-nos reconhecer em cada partícula da matéria um centro de forças que irradiam a distância infinita, unem mundos e sóis, ficando inalteradas em seu ser. Em volta desta mesma partícula, vemos agrupadas as forças de todos os vários fenômenos da natureza: o calor, o frio, o vento, o temporal, os incêndios, o fulgor instantâneo do relâmpago, a firmeza da rocha e da montanha, a grande mobilidade do oceano com suas vagas gigantescoas que todos os dias abraçam o globo, as ondas das correntes e das torrentes, as nuvens esplêndidas, o macio orvalho, a chuva fecundadora, a cooperação harmoniosa de todas as forças da natureza, até que a molécula é levada mais para o alto, de acordo com a poderosa finalidade estabelecida por ela, e cumpre sua parte no dom da mesma vida.

Por isso a nossa filosofia, fazendo-nos conhecer estas coisas, deveria levar-nos a pensar n'Aquela que as fez, pois uma autoridade muito superior a quem fala destas obras, declarou que, quanto dele é invisível, é claramente visto desde a criação do mundo, sendo compreensíveis, graças às coisas que são feitas, até Seu eterno poder e Divindade.

(*Conclusão de um ciclo de lições no Royal Institution - 1847*)

Não posso ter dúvidas: está chegando em nossa época uma estupefação descoberta nos conhecimentos naturais. (que é também) descoberta da sabedoria e do poder de Deus na criação. E nós não só podemos esperar assisti-la, mas também honrar-nos de contribuir para chegar à vitória sobre a presente ignorância.

(idem - 1849)

JUSTUS VON LIEBIG (1803-1873) ¹³

O que verdadeiramente sempre me angustiava era a circunstância de não poder descobrir por que os meus estudos faziam efeito tão lentamente.

12 - Físico, estudioso do eletromagnetismo. Enunciou as leis fundamentais da eletroíse e construiu a primeira máquina dinamo-elétrica.

13 - Químico, especialista em química orgânica. Foi o primeiro a aplicar a química à agricultura (adubos), à fisiologia e à patologia.

... Finalmente, há três anos, havendo subornado pouco a pouco os fatos a nova prova, descobri o mistério. Estava em falta com a sabedoria do Criador, e sofria justamente o castigo: queria melhorar sua obra, e acreditava, em minha cegueira, que na cadeia admirável das leis, em que a vida está ligada à superfície da terra e lá manida sempre fresca, fosse esquecido aquele anel que eu, vermezinho miserável e impotente, queria suprir.

... O álcool, pensava eu, é preciso torná-lo insolúvel, se não a chuva leva o emborral. Mas não sabia ainda que a terra o fixa quando sua solução entra em contacto com ela... e isso acontece porque o sumo Fator fornece aos fragmentos desta crosta o poder de atrair e fixar todos os elementos necessários à nutrição das plantas.

(*Die Chemie in ihrer Anwendung auf Agrikultur und Physiologie*)

LUIS PASTEUR (1822-1895) ¹⁴

91 Além deste arco estrelado o que existe? Novos céus estrelados. Que seja! E mais além ainda? O espírito humano, empurrado por uma força irresistível não deixará nunca de interrogar-se: - Que existe do outro lado? Quer parar no tempo e no espaço? No ponto em que pára, existe só uma grandeza finita, apenas maior que todas as que a precederam, e apenas começa a examiná-la, volta a perguntar implacável, sem que ele possa fazer calar o grito de sua curiosidade. De nada adianta responder: mais além existem espaços, tempos, grandeza sem limites. Ninguém compreende estas palavras.

Aquele que proclama a existência do infinito, e ninguém pode fugir disso, acumula nesta afirmação mais sobrenaturalidade do que a existente em todos os milagres de todas as religiões; visto que a noção de infinito tem a dupla característica de impor-se e ser conjuntamente incompreensível. Quando esta noção torna conta do intelecto não nos resta que dobrar-nos.

(*Discurso pronunciado em 27/4/1882 por ocasião de sua eleição a membro da Academia da França*).

JEAN HENRI FABRE (1825-1915) ¹⁵

92 O acaso! Refúgio cômodo. Eu sacudo os ombros quando escuto que ele é chamado para explicar a gênese de um instinto complexo quanto o das escólas.

(*lembranças entomológicas*)

14 - Químico. Pai da microbiologia e iniciador da vacinação anti-bacteriana.

15 - Naturalista. Foi o primeiro grande estudioso da vida dos insetos.

Na indústria animal manifesta-se uma tendência à realização do necessário com despesas mínimas; o inseto afirma-nos a seu modo a economia da força.

...Sabem o que fazem? Quem ousa declarar o mesmo para a abelha atarefada com seu problema transcendente. E os outros, na rusticidade de sua arte, não sabem mais que isso. Entre eles, nenhum cálculo, nenhuma pré-mediação, mas obediência cega à lei da harmonia geral. (Ibidem)

Este verme (a larva do Capricórnio ou Cerambycido), tão pobre de atitudes sensoriais, com sua presciência, faz-nos refletir de forma especial. Sabe que o futuro inseto não será capaz de abrir caminho através do carvalho, e pensa em preparar-lhe uma saída por sua conta e risco. Sabe que o Cerambycido, em sua característica de rígido couraçado, seria incapaz de se virar para atingir o orifício da cela, e tem o cuidado de adormecer no sono de nina com a cabeça voltada para a porta. Sabe que as carnes da nina são terras, e alcatifa o quarto com algodão. Conhece a provável incursão do madeiro durante o lento trabalho de transformação; e para criar uma barreira aos seus comelmentos, armazena no estômago uma papinha de calcário. Conhece o futuro com uma clara visão: melhor dizendo, age como se o conhecesse. De onde tira pois os motivos de suas ações? Não certamente da experiência dos sentidos. Que sabe ele do que se passa lá fora? Repetimos: o que pode saber um pedaço de intestino. E este ser sem sentidos nos espanta! (Ibidem)

WILLIAM THOMSON - Lord Kelvin - (1824-1907) **

93 Um pensamento que se apóia exclusivamente nas leis da mecânica, indica um tempo em que a terra leve que ser desabitada, e nos ensina também que os nossos corpos, precisamente como todos os viventes, plantas, bestas e fósseis são formas orgânicas da matéria pela qual a ciência não pode produzir outro princípio que a vontade de um criador; verdade esta para a qual a história geológica da terra oferece uma rica quantidade de argumentos.

(Mathematical and physical papers by Sir William Thomson)

Temos em toda a parte provas esmagadoras de uma finalidade sábia e benigna que governa: e se algumas dificuldades metafísicas ou científicas nos escapam por longo tempo, não obstante isso aquela finalidade impõe-se-nos com força irresistível, mostrando a influência de uma vontade livre na criação, e ensinando-nos que todos os seres vivos dependem de um Criador continuamente operante.

(Relatório do 41º encontro da Associação
Brasileira para o avanço da ciência)

16 - Físico e matemático, formulador do segundo princípio da termodinâmica.

194

94 MAX PLANCK (1858-1947) **

Quando um raio luminoso de uma estrela brilhante chega ao olho do observador, se a estrela não está exatamente na vertical, ao zênite, seu caminho apresentará uma curvatura mais ou menos complicada, por causa das diversas refrações nas diversas camadas do ar. Esta curvatura é plenamente determinada pela simples lei seguinte: entre todos os caminhos que conduzem da estrela ao olho do observador, conta-se sempre exatamente aquele em que demora menos tempo, tendo em atenção as diversas velocidades de propagação nas diferentes camadas do ar. Os raios que compõem o raio luminoso, comportam-se, portanto, como um ser inteligente. Eles, entre todas as curvas possíveis que se lhes oferecem, escolhem sempre a que os leva mais rapidamente ao término. Esta lei é passível de uma grande generalização.

...Não é nenhum espanto que a descoberta desta lei, chamada a princípio da mínima ação, da qual mais tarde recebeu o nome também o **quantum elementar** de ação, tenha locupletado de entusiasmo o seu autor, Leibniz, bem como, logo depois, Maupertius, que nisto foi um sucessor de Leibniz, pois estes cientistas acreditavam ter encontrado nela um sinal tangível do poder de uma mente suprema, dominadora onipotente da natureza.

... Devemos concluir dizendo que, segundo tudo o que a ciência exata da natureza nos ensina, uma determinada legalidade domina sobre todo o âmbito da natureza, e nela nós homens, sobre nosso minúsculo planeta, recitamos apenas uma pequeníssima parte, diáfana. Esta legalidade é independente da existência de uma humanidade pensante, e não obstante, por quanto pode ser absolutamente percebida pelos nossos sentidos, permite uma formulação que corresponde a um agir finalístico.

Ela, portanto, representa uma disposição racional do mundo, a que a natureza e a humanidade estão sujeitas.

... Religião e ciência encontram-se na questão da existência e da natureza de um poder supremo, que governa o mundo. Pelo menos até certo grau, podem ser comparadas entre si as respostas que ambas dão. Como vimos, elas não estão de forma alguma em contradição entre si, mas ecoam em uníssono garantindo, em primeiro lugar, que existe uma ordem racional do mundo, independentemente dos homens, e que, em segundo lugar, a natureza desta ordem do mundo não é, nunca, diretamente cognoscível, mas pode ser afirmada só indiretamente, ou então suscitada. A religião serve-se, para isso, de seus próprios símbolos, a ciência exata da natureza de suas modais baseadas nas percepções dos sentidos. Nada,

17 - Físico teórico, Prêmio Nobel da Física em 1918, formulador da teoria dos "quanta elementares de ação" (unidades elementares de energia) que marcou uma reviravolta na física contemporânea

195

portanto, nos impede - pelo contrário, a nossa inclinação intelectual que tende a uma concepção unitária do mundo - de identificar entre si os dois poderes operantes sobre tudo, embora cheios de mistério, o ordenamento do mundo da ciência e o Deus da religião.

... Em qualquer direção e por mais longe que possamos ver, não encontramos em nenhum lugar uma contradição entre religião e ciência, pelo contrário, temos pleno acordo exatamente nos pontos neurálgicos. Religião e ciência não se excluem, como alguns hoje crêem ou temem, mas se completam e se condicionam, mutuamente. E a prova mais imediata da compatibilidade entre religião e ciência, até para uma consideração crítica radical, é representada pelo fato histórico de que os maiores cientistas de todos os tempos, homens como Kepler, Newton, Leibniz, eram penetrados de profunda religiosidade. No início de nossa época cultural, os cultores da ciência e os guardas da religião estavam até juntos na mesma pessoa. A mais antiga ciência aplicada, a medicina, estava nas mãos dos padres, e os trabalhos de pesquisa científica, ainda na Idade Média, eram desenvolvidos sobretudo nas celas dos monges. Mais tarde, com a progressiva refinação e a ramificação da cultura, os caminhos se separaram pouco a pouco, e de forma mais nítida, correspondendo à diversidade das tarefas sorvidas por religião e ciência.

Realmente, como o saber e o poder não podem ser substituídos por uma concepção sentimental do mundo, assim também a correta posição perante as questões morais não pode ser adquirida por puro conhecimento racional. Mas os dois caminhos não divergem, mas andam paralelamente, e encontram-se a uma distância infinita na mesma finalidade.

Para bem compreender isto, não há meio melhor que o cuidado contínuo para conhecer sempre mais profundamente a natureza e os deveres, de uma parte, do conhecimento científico, de outra, da fé religiosa. Assim resultará, sempre, com maior clareza, que embora os métodos sejam diferentes - pois a ciência trabalha prevalentemente com a razão, a religião prevalentemente com o sentimento - o sentido do trabalho e a direção do progresso concordam perfeitamente entre si.

É a luta incessantemente prolongada e nunca enfraquecida contra o ceticismo e contra o dogmatismo, contra a incredulidade e contra a superstição, que religião e ciência conduzem juntas; e a palavra de ordem direita nessa luta ecoa há tempos inmemoráveis, e para todo o sempre: Para o alto, para Deus!

(Religião e Ciência)

ALEXIS CARREL (1873-1944) ¹⁸

95 Para nós, homens do Ocidente, a razão parece muito superior à intuição. Nós preferimos de longe a inteligência ao sentimento. A ciência brilha, enquanto a religião se apaga. Seguimos Descartes e abandonamos Pascal.

Assim procuramos, antes de tudo, desenvolver em nós a inteligência. Quanto às

196

atividades não intelectuais do Espírito, como o sentido moral, o sentido estético, e sobretudo o sentido do sagrado, descuidamo-los quase completamente. A atrofia destas atividades fundamentais faz do homem moderno um ser espiritualmente cego. Esta enfermidade não lhe permite ser um bom elemento constitutivo da sociedade. À má qualidade do indivíduo deve ser atribuído o desastre de nossa sociedade. Na realidade, o elemento espiritual revela-se tão indispensável ao sucesso na vida quanto o elemento intelectual e material. É urgente, portanto, resuscitar em nós as atividades mentais, que, bem mais que a inteligência, dão força à personalidade. A mais ignorada destas atividades é o sentido do sagrado, ou seja, o sentido religioso.

(A Oração)

A oração apresenta-se essencialmente como uma tensão do espírito em direção ao substrato imaterial do mundo. Em geral, ela consiste em um lamento, em um grito de angústia, em um pedido de socorro. Por vezes torna-se uma contemplação serena do princípio imane e transcendente de todas as coisas. Pode-se defini-la também como uma elevação da alma a Deus. Como ato de amor e de adoração para com Aquele de que vem esta maravilha que é a vida. Na realidade, a oração representa o esforço do homem para comunicar-se com um ser invisível, criador de tudo o "que existe, suprema sabedoria, força, beleza, pai e salvador de cada um de nós".

(Ibidem)

Por meio da oração, o homem chega a Deus e Deus entra nele. Orar apresenta-se como coisa indispensável para o nosso desenvolvimento total. Não devemos ver a oração como um ato ao qual se entregam só os fracos de espírito, os mendigos, os velhacos. "É vergonhoso rezar", escrevia Nietzsche.

Na realidade, rezar não é mais vergonhoso de quanto seja vergonhoso beber ou respirar. O homem precisa de Deus como precisa de água e de oxigênio.

Juntamente com a intuição, com o sentido moral, com o sentido estético e à luz da inteligência, o sentido do sagrado faz com que a personalidade possa desabrochar plenamente.

(Ibidem)

GUILHERME MARCONI (1874-1937) ¹⁹

96

Tenho a honra de anunciar que daqui a poucos instantes o Sumo Pontífice Pio XI inaugurará a estação de rádio do Estado da Cidade do Vaticano. As ondas

18 - Cirurgião, fisiólogo, Prêmio Nobel de 1912 para a Medicina e iniciador da cirurgia dos transplantes.

19 - Físico, inventor do rádio e pioneiro dos estudos sobre a televisão.

197

elétricas levarão, através dos espaços, a sua palavra da paz e de bênção. Durante aproximadamente vinte séculos, o Pontífice romano fez escutar as palavras do seu divino magistério no mundo; mas esta é a primeira vez que sua viva voz pode ser escutada simultaneamente em toda a superfície da terra. Com a ajuda de Deus, que tantas misteriosas forças da natureza coloca à disposição da humanidade, pude preparar este instrumento que levará aos fiéis de todo o mundo a satisfação de ouvir a voz do Santo Padre.

(Discurso pronunciado à Rádio Vaticana por ocasião de sua inauguração, em 12/2/1931)

ALBERT EINSTEIN (1879-1955) ²⁰

97 Embora seja verdade que os resultados científicos são absolutamente independentes das considerações religiosas e morais, aqueles homens, todavia, a que devemos as grandes conquistas criadoras da ciência foram todos eles penetrados pela convicção verdadeiramente religiosa de que este nosso universo é algo perfeito, algo que pode ser conhecido por meio do esforço racional. Se esta convicção não tivesse suscitado fortes emoções e se aqueles homens em suas buscas para atingir o conhecimento não tivessem sido inspirados pelo "Amor Dei intellectualis" (pelo Amor intelectual de Deus), de Espinoza, dificilmente teriam sido capazes daquela incansável devoção que, única, permite ao homem conseguir suas maiores conquistas.

(Religião e Ciência, inconciliáveis?)

O senhor admira-se por eu considerar a inteligibilidade do mundo (na medida em que se pode falar de tal inteligibilidade) como um milagre ou um mistério permanente.

Certamente, **a priori**, poder-se-ia esperar encontrar um mundo cádico, de forma alguma acessível ao pensamento. Poder-se-ia (melhor, dever-se-ia) esperar um mundo submetido a alguma lei só e unicamente na medida em que nós possamos intervir com nossa inteligência ordenadora. Tal ordem seria comparável à enumeração alfabética das palavras de uma determinada língua. Mas o tipo de ordem criada, por exemplo, pela teoria da gravidade de Newton, é totalmente diversa. Embora os axiomas da teoria sejam elaborados pelo homem, o sucesso de tal empreitada pressupõe um elevado grau de ordem no mundo objetivo, que **a priori**,

não poderíamos de forma alguma esperar. É este o "milagre" que se impõe com maior força, na medida em que progredim os nossos conhecimentos. Aqui está o ponto fraco dos positivistas e dos ateus por profissão, que se sentem felizes não somente por crearem ter libertado, com êxito total, o mundo dos deuses, mas de tê-lo também "despojado dos milagres".

(Carta a M. Solovine, 30/3/1952)

WERNHER VON BRAUN (1912-1977) ²¹

98

Como já disse, na origem da ciência está a curiosidade. Desde os tempos imemoriais, sempre existiram homens e mulheres que sentiram o desejo ardente de conhecer o que existe sob as rochas, além das colinas, do outro lado dos oceanos. Esta gente indômita quer agora conhecer o que faz operar um átomo, por que processo se reproduz a vida, qual é a história geológica da Lua.

Mas é também verdade que não existiria uma única grande conquista na história da humanidade sem a fé. Todo o homem que se esforça para levar a termo alguma coisa, precisa de um certo grau de fé em si mesmo.

E cada vez que ele enfrenta uma tarefa que requer mais força moral do que ele pode dispor com seus limitados recursos mentais e espirituais, ele precisa de fé em Deus.

Mas muita gente encontra as Igrejas, esses velhos baluartes da fé, tratadas malignamente pelos furiosos ataques de trezentos anos de ceticismo científico. O que levou muita gente a pensar que ciência e religião são incompatíveis, que "conhecer" e "crer" não podem viver lado a lado.

Nada mais distante da verdade. Ciência e religião não são antagônicas, pelo contrário, são irmãs. Enquanto a ciência procura aprender mais acerca da criação, a religião procura entender melhor o Criador. Enquanto, por meio da ciência, o homem procura dominar as forças da natureza que o cercam, por meio da religião ele procura dominar as forças da natureza que estão nele.

Alguns dizem que a ciência foi incapaz de provar a existência de Deus. Eles admitem que muitos dos milagres do mundo que nos cerca são difíceis de entender, e não negam que o universo, como o vê a ciência moderna, é realmente uma coisa muito mais fantástica, na criação, do que poderia conceber o homem medieval. Mas ainda acham, já que a ciência ofereceu tantas respostas, que brevemente chegará o dia em que seremos capazes de entender até as leis fundamentais da natureza sem recorrer a uma Proposta Divina. Desatiam a ciência a provar a existência de Deus. Mas será que devemos acender uma vela para ver o sol?

20 - Físico teórico, formulador da teoria da relatividade que revolucionou a interpretação do mundo físico.

21 - Pioneiro da missilística. Projetista dos mísseis Júpiter e Vanguard, com os quais teve início a exploração espacial americana, e de Saturno, que levou os primeiros homens à Lua.

Muitos homens inteligentes e de boa fé, dizem que não podem visualizar Deus.

Pois bem, e pode um físico visualizar um elétron. O elétron é materialmente inconcebível e, todavia, tão perfeitamente conhecido pelos seus efeitos, que o usamos para iluminar as nossas cidades, guiar aviões nos céus noturnos e elevar as medições mais apuradas. Que estranho raciocínio faz com que certos físicos aceitem como real o inconcebível elétron, quando recusam aceitar a realidade de Deus baseado no fato de não poderem entender? Temo que eles, embora realmente não entendam sequer o elétron, estejam prontos a aceitá-lo por terem conseguido construir com ele um modelo mecânico bastante desajeitado, tomado por empréstimo de uma experiência bastante limitada e feita em outros campos, enquanto que não saberiam como começar a construir um modelo de Deus.

Paradoxo, a idéia de um ser criado não é concebível sem invocar a necessidade de Deus. Não se pode explicar a lei e a ordem do universo sem concluir que atrás de tudo isso deve existir uma Proposta Divina.

Tenho esperança de que, avançando sempre mais em nossos conhecimentos sobre a natureza por meio da ciência, não só chegaremos a resultados universalmente aceitos, mas também a um apanhado universalmente aceito de modelos éticos para o comportamento humano.

No mundo à nossa volta podemos descobrir as evidentes manifestações do plano divino do Criador. Podemos ver a vontade da espécie de viver e propagar-se. Admiramos o dom do amor. E tomamo-nos conscientes de nossa pequenez frente às poderosas forças existentes em escala galáctica e frente à intrínseca, intencional ordem da natureza, que doia uma minúscula e toca semente de capacidade para tornar-se uma esplêndida flor. Quanto melhor compreendemos a complexidade do universo e de todos os seus meandros, mais razão temos para nos maravilhar perante a criação de Deus.

(Discurso na entrega dos graus acadêmicos no Belmont Abbey College - 1972)

Inteligência e Vida

Desde sua origem, a célula deve ser considerada, na coordenação físico-química das propriedades que lhe são comunicadas, como o modelo de uma sociedade perfeitamente organizada desde seu nascimento, e cujas admiráveis realizações evolutivas acentuam a intervenção de uma inteligência incomparável, sempre vitoriosa sobre o ambiente. O espírito da matéria vivente não é uma qualidade adquirida por via evolutiva, e sim a propriedade primeira e fundamental mais importante da vida. A inteligência é inerente à estrutura dissimétrica da macromolécula.

(P. Wintrebert, O Vivo Criador de sua Evolução)

A inteligência física e química do ser vivo, embora sendo inconsciente, não pode passar inobservada. Basta pensar no que ele faz. Vive de seu ambiente e dele tira sua energia, suporta o ambiente, mas também dispõe dele, não somente adaptando-se às suas exigências, mas conquistando-o e utilizando-o para os próprios fins. Não faz com ele senão trocas vantajosas, não escolhe nele senão elementos que lhe convêm. Nela há, portanto, muito espírito. Dizer que este espírito é imanente, espiritual, nada resolve, pois o espírito é obrigado, se quiser realizar-se, a passar pelo elemento material. Este tem leis próprias, e essas é que importam. Deus não as fez para transgredi-las; e é infantil, por parte dos espiritualistas, considerar somente a violação milagrosa destas leis como prova da intervenção celeste ⁽²⁰⁾. A matéria viva é maravilhosa para a inteligência inconscientemente. A realidade dá prova disso.

(Ibidem)

22 - Temos aqui um típico exemplo de incompreensão entre ciência e fé, devido à falta de conhecimento da teologia cristã por parte dos homens de ciência. Bastaria ler, acerca do milagre, esta página de um grande "espiritualista" como Santo Agostinho.

"O milagre com que Nosso Senhor Jesus Cristo transformou a água em vinho, não surpreende, se considerarmos que foi Deus a fazê-lo. De fato, quem no banquete das núpcias fez aparecer o vinho nas seis ânforas que havia feito encher de água (Jo 2,6-11) é o mesmo que a cada ano faz isso nas vidéiras. O que os servos haviam colocado nas ânforas, foi mudado para vinho por obra do Senhor, como por obra do mesmo Senhor se transforma em vinho o que cai das nuvens. Se isto não nos deixa admirados, é porque acontece regularmente, cada dia: a regularidade com que isto acontece impede nosso espanto. Mas este fato mereceria maior consideração do que o acontecido dentro das ânforas cheias de água. Como é possível, realmente, observar os recursos que Deus emprega para reger e governar este mundo, sem ficarmos admirados e como que derrotados por tantos prodígios? Que maravilha, por exemplo, e qual apreensão experimenta quem considera a potência de um grão de qualquer semente!

Mas visto que os homens, preocupados com outras coisas, desleixam a consideração das obras de Deus, Deus reservou-se o direito de fazer alguma coisa extraordinária para sacudir os homens de seu torpor e chamá-los a seu culto com novas maravilhas. Ressuscita um morto, e todos ficam espantados; e todos os dias nascem tantos e ninguém faz caso. Mas se considerarmos atentamente, é maior milagre criar o que não existia que ressuscitar o que já existia".

(S.to Agostinho, Comentário ao Evangelho de S. João).

A vida e o acaso

100

No tempo de Engels, os químicos como Liebig julgavam que o número das proteínas distintas fosse bastante restrito. Mas hoje contamos um grande número, sabe-se que suas moléculas, sempre muito mais volumosas que as do açúcar, das gorduras e dos corpos minerais, são do tipo hoje chamado de macromoléculas, que têm em cada caso particular uma forma característica - globular, alongada ou também fibrosa - e que são formadas pela união química de numerosas moléculas de aminoácidos. Do número e da natureza delas, de sua posição relativa às macromoléculas, dependem as propriedades da proteína considerada. Ora, mesmo se os aminoácidos continuam no mesmo número, na mesma natureza, podem dar com sua união macromoléculas muito variadas, apenas ocupando lugares diferentes. Consideremos, por exemplo, uma proteína que, como a da clara do ovo, tenha uma molécula por volta de 2.000 vezes maior que uma molécula de água. Ela corresponderia ao reagrupamento de aproximadamente 300 aminoácidos, que poderiam reagrupar-se, por exemplo, a uma dezena de tipos diferentes. Recordemos, então, que em virtude das leis matemáticas das permutações, uma dona de casa que deve sentar dez convidadas a uma mesa de dez talheres, pode fazê-lo, a seu critério, de 3.628.800 modos diferentes; compreende-se assim como a proteína, com o mesmo tamanho da molécula, e exatamente a mesma composição química global, possa ter tantas estruturas diferentes que se expressam com 1 seguido de centenas de zeros.

Mas, entre as proteínas, as variações referem-se também à grandeza das macromoléculas, sua forma geral, o número total de aminoácidos e o número dos aminoácidos de cada natureza.

(M. Prenant, *Biologia e Marxismo*)

101

As moléculas elementares dos organismos vivos são todas elas caracterizadas por uma assimetria muito importante. Ora, como vimos, a assimetria pode ser expressa com um número compreendido entre 0,5 e 1. O número 1 corresponde à dissimetria máxima (no exemplo dos grãosinhos negros e brancos, todos os grãosinhos brancos de um lado e todos os negros de outro); e o número 0,5 à máxima simetria, a mais provável, ou seja, igual número de grãosinhos brancos e negros em cada parte. As flutuações mais prováveis agrupam-se em volta do grau de simetria 0,5.

Estes cálculos foram efetuados por C. Eug. Guye para uma molécula de grau dissimétrico 0,9, no caso em que m (metade dos átomos que a constituem) seja igual a 1,00, e supondo, para simplificar muito o problema, que os átomos pertencem só a duas espécies. Existiriam, então, 2.000 átomos ao todo. Supondo que seu peso atômico (outra simplificação) seja igual a 10, o peso molecular é de 20.000, número inferior ao das proteínas mais simples (34.500). O número de moléculas por centímetro cúbico é de $3 \cdot 10^{12}$ (difundidas no grau médio de concentração das

proteínas nos líquidos, existiriam, aproximadamente $3 \cdot 10^{12}$ e a probabilidade de que apareça uma configuração de grau dissimétrico 0,9 seria $2,02 \cdot 10^{32}$.

Para que tal probabilidade se realizasse, seria preciso um volume de matéria que supere toda a imaginação: o volume de uma esfera com um diâmetro tão grande que a luz demoraria 10^{32} anos para percorrê-la, ou seja, infinitamente maior que todo o universo, incluindo as galáxias mais distantes (mais que um sexilhão de sextilhões de vezes maior).

A probabilidade de que sob o efeito da agitação térmica se forme uma só molécula de dissimetria elevada, é praticamente nula. De fato, supondo 500 trilhões de combinações por segundo (5×10^{14}), encontramos que o tempo necessário para que se forme "em média" uma tal molécula dissimétrica 0,9 em um volume material igual ao do globo terrestre, é de aproximadamente 10^{32} bilhões de anos.

É bom recordar que a idade da terra desde o início do arrefecimento é certamente inferior a 2 bilhões de anos, ou seja, a $2 \cdot 10^9$, e que este "incidente" com certeza se verificou no primeiro bilhão de anos; existem, de fato, razões válidas para acreditar que a vida exista em nosso globo há um bilhão de anos.

(P. Lecomte du Nouÿ, *O Homem perante a Ciência*)

102

Entre o estado molecular submetido à agitação térmica desordenada e o que podemos chamar de estado protoplástico, existe um imenso buraco sobre o qual a nossa ignorância é completa. É inútil querer aplicar as regras do cálculo das probabilidades aos fenômenos celulares internos, pois não obtemos que números sem significado. Vimos que este cálculo aplicado a um fenômeno relativamente simples, ou seja, a produção de uma só molécula, já leva a consequências absurdas, se não acontecer uma causa ignorada, um anti-caso.

Formular o problema nos seguintes termos: Que probabilidades existem quando as proteínas se formaram para que, em base ao único jogo do acaso, aparescesse uma célula, é pôr-se um pseudo-problema. Até prova em contrário, de fato, o problema não é homogêneo. E se fosse homogêneo, ou seja, se conviesse apenas elementos computáveis da mesma natureza, seu número seria totalmente grande e as configurações talmente numerosas que, mesmo simplificando-as ao extremo arbitrariamente - como fizemos para os grãosinhos brancos e pretos - os números obtidos superariam qualquer limite. Cairíamos em um daqueles milagres do tipo dos macacos dactilógrafos, que se expressam com uma probabilidade da ordem de $10^{-2.000.000.000.000}$. Se para escrever inteiramente este número nos servíssemos de livros de dimensões médias, com não menos de 1 milhão de caracteres cada um, seria preciso imprimir dois milhões de livros, totalmente cheios de zeros, exceto o algarismo 1, no final da última página do último volume!

Mas inicialmente não havia só uma célula, mas bilhões de células. Admitir que, uma vez formada a primeira célula por acaso, a segunda deveria acontecer por partenogênese, e assim a terceira e a quarta, como na formação da blástula,

significaria admitir a aparição *ex nihilo* de um processo temporal, sistemático e cíclico, que não pode exprimir-se em termos de cálculo das probabilidades. Seria um "início absoluto". Ora, no estado atual da matemática, os símbolos utilizados pelo cálculo permitem apenas uma avaliação da probabilidade do aparecimento de um estado determinado, considerado estatisticamente. Introduzindo, por sua vez, um processo cinético, colocamo-nos na impossibilidade de explicar a criação das células recorrendo unicamente ao acaso. A probabilidade, se pudesse ser calculada, de que foram produzidas por acaso bilhões de células, idênticas ou não, daria um número infinitamente mais pequeno que o mencionado acima.

Flutuações deste gênero são suficientes para derrubar todo o cálculo das probabilidades em casos semelhantes.

É muito mais simples dizer que até hoje não fomos capazes de dar uma explicação científica da vida e de seu aparecimento na superfície do globo.

(P. Lecomte Du Nouy, *O Homem perante a Ciência*)

A base da vida

Devemos destacar a grande complexidade e a variedade dos fatores que determinam a organização temporal da matéria viva e dos fatores por cujo efeito as reações químicas não acontecem de forma arbitrária e caótica, mas com uma sucessão rigorosa, segundo uma determinada conexão, característica daquele tal substrato biológico. Naturalmente, as propriedades químicas dos compostos que constituem a matéria viva, e formam a base material dela, são o fator essencial de todas estas manifestações. A notável variedade destes compostos e suas grandes capacidades reagentes determinam a possibilidade de variadas transformações químicas. Se preparássemos uma solução ou uma mistura artificial de tais compostos, não obteríamos aquelas manifestações que se observam, por sua vez, na matéria viva, pois faltaria exatamente aquela organização de que tais manifestações dependem: notaríamos, neste caso, só um grande número de singulares processos, seguindo-se uns aos outros e entrelaçando-se muito irregularmente, e não um sistema de cadeias harmônicas e estáveis.

(A.J. Oparin - *A Origem da vida na Terra*).

Esta pequena massa de substância viva (a célula) é muito complexa do ponto de vista químico. Proteínas e núcleo-proteínas desempenham nela um papel essencial.

...Mas também outros corpos são indispensáveis: gorduras, açúcares, sais, água, etc. Todos estes produtos agem quimicamente uns sobre os outros e sobre os constituintes do ambiente circunstante, e o conjunto das reações dá lugar ao movimento da matéria que caracteriza a vida. Se, porém, nós misturamos em um recipiente, de forma tão complexa quanto quisermos, as proteínas e os diversos

produtos necessários, não teremos a matéria viva, contrariamente ao sonho dos biólogos do século passado: nesta misturada, as reações químicas serão desordenadas e brutais, e rapidamente pararão, em vez de continuar renovando-se. Isso porque nós, reproduzindo a composição química, não reproduzimos a estrutura que caracteriza a vida sob suas formas bem determinadas.

(M. Prenant, *Biologia e Marxismo*)

A máquina viva não é caracterizada pela natureza de suas propriedades físico-químicas, por mais complexas que sejam, mas pela criação desta mesma máquina que se forma sob nossos olhos, nas condições que lhe são próprias, e segundo uma exata ideia que exprime a natureza do ser vivo e a mesma essência da vida.

Quando um pintinho se forma em um ovo, não é a formação de um corpo animal, entendido como agrupamento de elementos químicos, que caracteriza essencialmente a força vital. Este agrupamento acontece por virtude das leis que governam as propriedades físico-químicas da matéria. O que, pelo contrário, é essencial no âmbito da vida, e que não pertence nem à química nem a nenhuma outra coisa, é a ideia diretora desta evolução vital. Em cada gérmen vivo existe uma ideia criadora, que se desenvolve e se manifesta através da organização. Durante toda a duração, o ser vivo fica sob a influência desta mesma força vital criadora, e a morte chega quando ela não pode mais realizar-se. Aqui, como em toda a parte, tudo brota da ideia que é a única que cria e dirige; os meios da manifestação físico-química, comuns a todos os fenômenos da natureza, ficam desordenadamente confusos, como os caracteres do alfabeto em uma caixa, onde uma força vai procurá-los para expressar os sentimentos mais variados. É sempre esta mesma ideia vital que conserva o ser, reconstituindo as partes vivas desorganizadas pelo exercício e pelas doenças.

(C. Bernard, *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*)

As leis da vida

Este rápido olhar demonstra de que maneira se deu o desenvolvimento das substâncias orgânicas, e como suas propriedades, inicialmente simples e elementares, foram passo a passo complicando-se segundo novas leis, de uma ordem sempre mais elevada.

...Com o aumento destas moléculas e de seus complexos, surgiram pouco a pouco novas propriedades, e as relações químico-orgânicas de certa forma simples, foram substituídas por novas leis químico-cólicas.

...Mas para o aparecimento dos seres vivos primitivos, estas leis não eram ainda suficientes... Deveriam, neste caso, intervir leis de caráter biológico.

(A.J. Oparin, *A Origem da Vida na Terra*)

107

Pelo efeito, portanto, da concentração de substâncias orgânicas em determinados pontos do espaço e do aparecimento de sistemas coloidais, como as gotas de amoníaco, criaram-se leis de ordem superior, que determinaram também o desenvolvimento sucessivo da matéria orgânica organizada. Graças a estas leis... criou-se uma organização bem definida na matéria viva. O surgimento desta organização não era a consequência de simples acaso, como supuseram muitos autores.

(ibidem)

Os organismos mais simples, os seres vivos primitivos, surgiram, portanto, após um longo desenvolvimento de sistemas coloidais que se haviam, a certa altura, separado das soluções aquosas de substâncias orgânicas. Esta nova forma de existência da matéria pôde-se tornar somente seguindo leis biológicas que surgiram durante o processo da origem da vida.

(ibidem)

O Conhecimento Científico

108

Parece-me que as ciências que não nasceram da experiência são vãs e cheias de erros.

...As verdadeiras ciências são as que a experiência fez penetrar pelos sentidos, pondo a calar a língua dos iligantes, e que não alimentam de sonho os seus investigadores, mas sempre avançam sucessivamente sobre os primeiros verdadeiros e conhecidos princípios, e com verdadeiras sequências, até ao fim: como é demonstrado nas primeiras matemáticas.

(Leonardo da Vinci, *Pensamentos Filosóficos e Científicos*)

Nenhuma investigação humana se pode chamar de verdadeira ciência se não passa por demonstrações matemáticas.

(ibidem)

Quem censura a suma certeza da matemática, alimenta-se de confusão e nunca fará calar as contradições das ciências sofistas com as quais se aprende uma eterna gítnaria.

(ibidem)

O Teologismo

109

Na minha precedente (parte), mostrei que as diuturnas rotações dos planetas não poderiam derivar da gravidade, mas exigiam uma intervenção divina que as iniciasse. E embora a gravidade pudesse conferir aos planetas um movimento de

206

descida em direção ao Sol, ou diretamente ou com uma pequena inclinação, os movimentos transversais com que giram nas respectivas órbitas, todavia, precisavam da intervenção divina para que iniciassem segundo as tangentes de suas órbitas.

(I. Newton, *Carta a R. Bentley*)

É inconcebível que a inanimada, bruta matéria, sem a mediação de alguma outra coisa que não seja material, operasse e influísse sobre outra matéria sem reciproco contacto, como deveria ser se a gravitação universal, no sentido de Epicuro, fosse essencial e inerente a ela.

Essa é uma razão para eu desejar que não atribuam a mim a gravidade inata. Que a gravidade devesse ser inata, inerente e essencial à matéria, assim como um corpo pode agir sobre outro à distância, através de um vácuo, sem a mediação de nada mais, mediante e através do que sua ação e força pode ser transmitida de um a outro, é para mim um absurdo tal que julgo que quem possui uma competente faculdade de pensamento nas disciplinas filosóficas, não pode de jeito nenhum nele cair. A gravidade deve ser causada por um agente que age constantemente de acordo com determinadas leis, mas deixei ao juízo dos meus leitores estabelecer se este agente é material ou imaterial (para ele é Deus)

(ibidem)

As opiniões religiosas de Darwin

110

Autores da mais alta autoridade parecem plenamente satisfeitos com a hipótese de que cada espécie foi criada independentemente. No meu parecer, pelo que sabemos das leis impostas à matéria pelo Criador, ajusta-se melhor a hipótese de que a produção e extinção dos habitantes passados e presentes do globo sejam devidas a causas secundárias, como as que determinam o nascimento e a morte do indivíduo.

... Existe algo de grandioso nesta concepção da vida, com os seus diferentes poderes, originariamente impressos pelo Criador e em poucas formas, em uma forma só, e no facto de que, enquanto o nosso planeta continuou a girar conforme a imutável lei da gravidade, de tão simples início evoluíram e continuam evoluindo inumeráveis formas, belíssimas e maravilhosas.

(C. Darwin, *A Origem das espécies*)

Outro argumento a favor da existência de Deus, conexo com a razão mais que com o sentimento e, no meu entender, muito importante, é a extrema dificuldade, quase impossibilidade, de conceber o universo, imenso e maravilhoso, e o homem, com sua capacidade de olhar para o passado e para o futuro, como o resultado de um mero acaso ou de uma cega necessidade. Este pensamento me obriga a

207

recorrer a uma Causa Primeira dotada de inteligência em certo modo análoga à do homem; e mereço assim o nome de teísta.

Esta conclusão, pelo que recordo, estava bem enraizada na minha mente no tempo em que escrevi *A ORIGEM DAS ESPÉCIES*, mas em seguida, depois de muitos altos e baixos, foi gradualmente entaquescendo.

... O mistério do princípio do universo é insolúvel para nós e, portanto, pelo que me diz respeito, limito-me a declarar-me agnóstico.

(Darwin, *Antropologia*)

A crise do pensamento contemporâneo

111 No secular processo, do séc. XVI ao positivismo, a filosofia não nega ainda um fundamento absoluto ao pensamento, mas procura dar-lhe um novo, uma vez que renunciou ao fundamento do pensamento tradicional. Tal fundamento, aceita a autonomia do Saber, não pode ser que o homem mesmo. Isto explica porque ora se absolutiza a Arte, ora a Filosofia, ora a Ciência, ou seja, sempre um valor humano, um valor que o homem produz com suas forças apenas. Mas é evidente que é absolutização do um valor humano é sempre verbal e é arbitrária, pois tudo o que é humano é sempre relativo: o homem não pode absolutamente fundar a si mesmo. Dai o suceder-se de tantos absolutos, substituindo-se mutuamente.

Desmoriçados todos os mitos, também o da ciência, desmoriçada a confiança no homem sem reconquistar Deus, o saber fica sem fundamento. A filosofia contemporânea é a manifestação e o produto desta crise: a filosofia que não tem e que procura desesperadamente um fundamento. Deste ponto de vista, o pensamento contemporâneo é a crise e a dissolução do pensamento moderno; e visto que é filho deste último, tal dissolução é auto-dissolução.

(M.F. Sciacca, *A Filosofia Moderna de Kant aos nossos dias: o positivismo*)

O Cientismo

112 A ciência ntural é a ciência mais presunçosa de todas e, reparei bem, o é, exatamente, como rebelião a Deus (*Nota*: Que se possa encontrar algum naturalista verdadeiramente humilde e piedoso, é outra coisa. Eu levo em conta toda a classe que se faz forte pelas ciências naturais), arrogante por suas experiências, a que a natureza obedece, e orgulhosa por seus cálculos e previsões etc. Assim ela, ou quer liquidar com Deus completamente, como algo supérfluo, substituindo-o pelas leis naturais, que (após os incomparáveis progressos conseguidos) em perfeita submissão, devem obedecer à ciência, ao homem portanto, de tal forma que o homem, afinal, se torna Deus; ou então obrigará Deus a um tal mal-estar com suas próprias leis, que em tal situação, se assim se pode falar, sequer o Diabo acataria ser Deus.

A luta entre Deus e o "homem" culminaria provavelmente no "homem" entronizado atrás das ciências naturais: o que talvez seja o caminho da história futura, quando o cristianismo se livrar das ilusões, e tivermos uma multidão de homens que fará das ciências naturais a sua religião.

(S. Kierkegaard, *Diário*)

113

A superstição da ciência, cujo prestígio, segundo a tradição de todas as superstições, é devido em grande parte à ignorância das massas, não pode impedir ao homem livre de pensar livremente.

Considerada como alavanca social, a ciência é um instrumento ideal. E está na moda: escutamos dizer que um pugilista ou um jogador de ténis é mais científico que outro. Ao fascínio das coisas da inteligência, a ciência une também o do mistério. Para a imensa maioria do público hoje, o laboratório do cientista não é substancialmente diferente do laboratório do alquimista. Quando nele recebem visitas, tem-se a impressão de que procuram o crocodilo empalhado pendurado no teto. É sempre fácil enganar as pessoas quando elas não têm nenhum meio de defesa. Para o homem médio, a linguagem científica é algo de incompreensível. Os mesmos cientistas nem sempre estão de acordo. Mas, quanto menos percebemos, mais facilmente nos deixamos convencer. A passagem da esfera intelectual à sentimental acontece com grande facilidade, sem que o ouvinte dê conta. A ocasião era fascinante, para que certo número de indivíduos sem escrúpulos, seguido por um grande número de ingênuos, não aproveitasse para fazer dizer à ciência o que, sentimentalmente, lhes agradava ou podia, eventualmente, servir-lhes. A Ciência não podia defender-se.

É exatamente por isso que a crise atual é uma crise moral: porque é devida à mentira... Mas será pedir muito querer eliminar a mentira? "A palavra foi dada ao homem para esconder o pensamento". E o homem não pára nunca de falar.

(P. Lecomte du Nouy, *O Homem perante a Ciência*)

A Competência da Ciência

114 A ciência não chega às causas primeiras, e a primeira causa da vida nos escapará como todas as outras. Para estudar e explicar o mecanismo da vida, não precisamos de conhecer em sua essência a força criadora da matéria viva, como não é necessário chegar ao princípio criador da matéria mineral para compreender as suas propriedades.

(C. Bernard, *Fisiologia Geral*)

Não se devem locar as causas pelas condições: isto é tudo. A matéria não é nunca causa de nada; é somente condição, e isto se diz das funções nos corpos inorgânicos como nos vivos. O cientista pode buscar o determinismo das

funções só em suas condições, e estas têm o papel de causas próximas. As causas primeiras estão fora de sua competência e não devem nunca preocupá-lo.

(Ibidem)

A natureza do nosso espírito leva-nos a procurar a íntima substância e o porquê das coisas. Nisto nós miramos além da meta que nos é dado atingir, visto que a experiência nos ensina bem cedo que não podemos ir além do como, ou seja, da causa próxima ou das condições da existência dos fenômenos.

... Quando encontramos a causa próxima de um fenômeno, determinando as condições e as simples circunstâncias em que se manifesta, chegamos à meta científica que não podemos superar.

(C. Bernard, *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*)

Um mundo que envelhece

115 Sabe-se, desde 1938, que a energia (das estrelas) deriva da transformação do hidrogênio em hélio, no decorrer de um ciclo de transformação chamado ciclo de Bethe. O hidrogênio não é apenas o elemento do qual todos os outros receberam sua existência, mas é também o combustível das estrelas. Em um bilhão de anos, o Sol converte em hélio uma quantidade de hidrogênio igual a, aproximadamente, a centésima parte de sua massa total.

... Quando todo o hidrogênio, ou pelo menos a fração disponível, estiver convertida em hélio, o astro apagará.

(P. Conderc, *A Expansão do Universo*)

Um mundo que se expande

116

Explicamos a expansão do Universo, em consequência da qual a distância entre duas galáxias duplica em 1.300 milhões de anos. Se revertermos o processo para descobrir o que aconteceu no passado, encontramos que as galáxias devem ter estado amontoadas juntas em um espaço relativamente pequeno, em um tempo entre 10^4 a 10^{10} anos atrás. Esta é só uma entre as muitas formas com que as recentes pesquisas chegaram à conclusão de que o universo não pode ter existido desde tempos infinitos no passado, pelo menos sob o regime das leis da natureza, como as conhecemos; deve ter existido um início da ordem cósmica atual.

... Estas diversas avaliações convergem para a conclusão de que existiu uma época remota, aproximadamente 10^4 a 10^{10} anos atrás, além da qual o cosmos, se existia, existia em forma totalmente diferente da que nós o conhecemos: e isto representa o último limite da ciência.

(E. Whittaker, *Espaço e Espírito*)

210

117

Alguém sugeriu a idéia de que, após a expansão, o Universo volte a condensar-se e a aquecer até uma dezena de bilhões de graus, temperatura em que as partículas pesadas que se haviam formado "evaporariam" de novo em hidrogênio, recomegando o ciclo. Mas também esta é uma hipótese ilusória, pois a 10 bilhões de graus poderiam talvez evaporar as partículas pesadas, mas não se recuperaria a notável quantidade de energia dissipada com nêutrons, de maneira que Universos cíclicos desta natureza poderiam ser reformados um número finito de vezes, e depois seria de novo o fim.

(C. Borghi "Se volessimo verdeci chiaro")

A oração

118

Para conseguir esta vida feliz, a mesma verdadeira Vida em pessoa nos ensinou a rezar, não com muitas palavras, como se fôssemos mais facilmente ouvidos, quanto mais prolixos formos. Na oração, de fato, dirigimo-nos àquele que, como diz o mesmo Senhor, já conhece aquilo que nos é necessário. Devemos porém refletir que a ele não importa tanto a manifestação de nosso desejo, o que ele conhece muito bem, e sim que a manifestação de nosso desejo se faça viva em nós mediante o pedido, para que possamos obter o que ele já está disposto a conceder-nos.

(S. Agostinho, *Carta a Proba*)

Nós precisamos de palavras para trazer-nos à mente e considerar o que pedimos, mas não acreditamos dever informar com elas o Senhor, ou dobrá-lo às nossas vontades.

Quando dizemos, portanto "sanctificado seja o vosso nome", estimulamos nós mesmos a desejar que o seu nome, que é sempre santo, seja tido como santo também junto aos homens, isto é, não seja desprezado. O que faz bem não a Deus, mas aos homens.

Quando dizemos "Venha a nós o vosso reino" que, queiramos ou não certamente vivá, estimulamos a nossa aspiração por aquele reino, para que venha para nós, e mereçamos reinar nele.

Quando dizemos "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu", pedimos a graça da obediência, para que sua vontade seja cumprida em nós, como no céu é executada pelos anjos.

(Ibidem)

119

Em sua forma mais elevada, a oração deixa de ser uma petição. O homem diz ao Senhor de todas as coisas que o ama, que lhe agradece por seus dons, que está pronto para cumprir sua vontade, qualquer que seja.

A oração torna-se contemplação.

Um velho camponês estava sentado, sozinho, no último banco da Igreja vazia.

211

- "Que espera?" - perguntaram-lhe. "Eu olho para ele - respondeu - e ele olha para mim".

(A. Carrel, *A Oração*)

O devoto ingênuo pensa que a coisa principal da oração, o ponto a que sobrepuja é preciso entender, é que Deus escute o que ele pede. No sentido eterno da verdade, todavia, as coisas são totalmente ao contrário. A verdadeira situação de oração não é quando Deus está a escutar o que nós lhe pedimos, mas quando o orante persevera e ora até que seja ele que escuta, que escuta o que Deus quer.

O orante imediato precisa de muitas palavras, e é por isso, afinal, que quando reza é tão exigente; o verdadeiro orante está puramente escutando.

(S. Kierkegaard, *Diário*)

120

Senhor nosso Deus! A ti grita o homem no dia da tribulação (Sal. 17,7), a ti ele agradece no dia da alegria. Oh, como é belo agradecer, quando um homem compreende que os seus são os dons bons e perfeitos. (Tt. 1,17) quando o mesmo coração de carne capta, se a mesma racionalidade terrena consente com rapidez. Mas é mais gratificante ainda quando a vida se torna um discurso obscuro, mais gratificante ainda quando o coração está oprimido, quando a alma está em trevas, quando a razão se torna traidora na ambiguidade e a memória enganadora no esquecimento, quando o amor próprio, altonilo, treme de horror, quando a prudência faz oposição - se não como ato de desafio, como de desânimo - mais gratificante então é agradecer a Deus. Pois aquele que assim agradece, ama a Deus, ouça dizer-lhe: "O tu, onisciente, ó Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo!" (Jo 21,17)

(*Ibidem*)

BIBLIOGRAFIA

- A. DIVERSOS - Atetismo Contemporâneo - SEI - Turim 1969-70
- A. DIVERSOS - A Oração de Solientisin e as vozes clandestinas na Rússia - JPL - Milão - 1971
- A. DIVERSOS - A Primavera de Moscou - Jaca Book-Milão - 1979
- A. DIVERSOS - Os testemunhos do Tribunal Sakharov sobre a violação dos direitos do homem na União Soviética - A casa de Matrona - Milão-1976
- A. DIVERSOS - O florescimento cristão na URSS - A casa de Matrona - Milão - 1977
- A. DIVERSOS - Samizdat: crônica de uma vida nova na URSS - Mimep - Milão - 1974
- A. DIVERSOS - Terra Nova sob a estrela vermelha - Jaca Book - Milão - 1979
- A. DIVERSOS - Tribunal Sakharov, segundo ato - A casa de Matrona - Milão - 1979
- AHELE J. - O Cristianismo desinteressado-se pela Ciência? Fayard - Paris - 1960
- ANISTA INTERNAC. - China - Ed. Studio - Tesi - 1979
- ANISTA INTERNAC. - Prisioneiros de Consciência na União Soviética - Sugarco - Milão - 1976
- ANISTA INTERNAC. - União Soviética - Ed. Studio Tesi - 1980
- AMPERE A.M. - Obras - UTET - Turim 1969
- ANWANDER A. - A Religião e as Religiões - Ed. Paulinas Alba - 1967
- ARISTÓTELES - A Metafísica - Laterza - Bari - 1928
- BACON F. - As Obras de Lord Bacon - W. Ball - Londres - 1838
- BERDIAEV N.A. - O Sentido da História - Jaca Book - Milão 1971
- BERDIAEV N.A. - Escravidão e Liberdade do Homem - Ed. di Comunità - Milão - 1952
- BERKELEY J. - Alcitrão - Zanichelli - Bolonha - 1963
- BERKELEY J. - Princípios do Conhecimento Humano - Capelli - Bolonha - 1925

- BERNARD C. - *Fisiologia Geral - Hachette - Paris - 1872*
 BERNARD C. - *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental - J.B. Baillière - Paris - 1965*
- BHAGAVAD GITA - *Carabba - Lanciano - 1922*
 BOCCASSINO R. - *Etnologia Religiosa - SEI - Turim - 1958*
 BOTTO O. - *Buda e o Budismo - Ed. Esperienze - Fossano - 1974*
 BORGHI C. - *Se quiséssemos ver claramente - Jaca Book - Milão - 1976*
- CÂNONE BUDISTA - *UTET - Turim - 1968*
 CARREL A. - *A Oração - Morcelliana - Brescia - 1949*
 CARREL A. - *O Homem, esse desconhecido - Bompiani - Milão - 1969*
- CODEVILLA G. - *As Comunidades Religiosas na URSS - A Casa de Matrona - Milão - 1978*
 CODEVILLA G. - *Estado e Igreja na União Soviética - Jaca Book - Milão - 1972*
 COFFY R. - *O Deus dos Ateus - Ed. Paulinas - Modena - 1969*
- CONFÚCIO E MENCIO - *Os Quatro Livros - Bocca - Milão - 1945*
 CONTESSI P.L. - *Os Processos de Moscou - Il Mulino - Bolonha - 1970*
 COUDERC P. - *A Expansão do Universo - Presses Universitaires de France - Paris - 1950*
 Crônica da Igreja Católica na Lituânia - *A Casa de Matrona - Milão - 1976*
- DARWIN C. - *Autobiografia - Einaudi - Turim - 1962*
 DARWIN C. - *A Origem das Espécies - Einaudi - Turim - 1959*
- DESCARTES A. - *Discurso do Método - Laterza - Bari - 1971*
 DOGININ P.D. - *Introdução a Karl Marx - Città Nuova - Roma - 1972*
- DUDKO D. - *Párcos em Moscou - Mimeo - Milão - 1976*
 EINSTEIN A. - *Como vejo o Mundo - Nova Fronteira - Rio de Janeiro - 1979*
- EINSTEIN A. - *Idéias e Opiniões - Schwarz - Milão - 1958*
 ENGELS F. - *Antidühring - Pinascia - Roma - 1950*
 Estatuto do Partido Comunista da União Soviética - *Ed. Riuniti Roma - 1962*
- FABRE J.H. - *Lembranças Entomológicas - Sonzogno - Milão - 1922*
- FABRO C. - *História da Filosofia - Coletti - Roma - 1954*
 FEUERBACH L. - *A Essência do Cristianismo - Papyrus - Campinas*
- FEUERBACH L. - *Samtliche Werke - G. Holzboog - Stuttgart - 1960*
 FREUD S. - *Cartas - Boringhieri - Turim - 1960*
 GALILEI G. - *As obras - Barbera - Florença - 1933*
 GANDHI M.K. - *Antigas como as Montanhas - Ed. di Comunità - Milão - 1970*
- GELIN A. - *As Idéias Dominantes do Antigo Testamento - Ed. Paulinas - Roma - 1961*
 GHEDDO P. - *Camboja, revolução sem amor - SEI - Turim - 1976*
- GILARDI E. - *A Escolha de Deus - Elle Di Ci Leumann - Turim - 1977*
 JOÃO XXIII - *Cartas à Família - Ed. de História e Literatura - Roma - 1968*
- GOLLWITZER H. - *A Crítica marxista da religião e da te cristã - Morcelliana - Brescia - 1970*
- GRAMSCI A. - *A Nova Ordem - Einaudi - Turim - 1954*
 GRAMSCI A. - *Cadernos do Cárcere - Einaudi - Turim - 1975*
- GRAMSCI A. - *Sotto la mole - Einaudi - Turim - 1960*
 GURIAN W. - *Introdução ao Comunismo - Cappelli-Bologna - 1962*
- HAMMARSKJOLD D. - *Linha da Vida - Rizzoli - Milão - 1966*
 HAMPSON N. - *História e cultura do Iluminismo - Laterza - Bari - 1969*
- HEISENBERG W. - *Schritte über Grenzen - Piper - Múnaco - 1973*
- OS DISCURSOS DE BUDA - *Laterza - Bari - 1921*
 O Alcorão - *UTET - Turim - 1967*
- HINOS DE ATHARVA - *Veda - Zanichelli - Bolonha - 1933*
 HINOS DE RIG-VEDA - *Zanichelli - Bolonha - 1931*
 OS PRÉ-SOCRÁTICOS - *Laterza - Bari - 1969*
- JAKUNIN G. - *Presente e futuro da Igreja na URSS - A Casa de Matrona - Milão - 1980*
- JONES B. - *A Vida e as cartas de Faraday - Longmans Green and Co. - Londres - 1970*
- KANT E. - *Crítica da Razão Pura - UTET - Turim - 1967*

KANT E. - Obras de Kant - *Reiner* - *Berlim* - 1910
 KANT E. - Escritos Morais - *UTET* - *Turim* - 1970
 KEPLER J. - Armonices Mundi - *Ed. Joannes Plancus - Linci* - (Áustria) - 1619
 KIERKEGAARD S. - Diário - *Morcelliana* - *Bréscia* - 1948
 KNELLER C.L. - O Cristianismo e os naturalistas modernos - *Queriniana* - *Bréscia* - 1906
 LAMARCK J.B. - Obras - *UTET* - *Turim* - 1969
 LAMARCK J.B. - Philosophie Zoologique - *Savy* - *Paris* - 1873
 LAO-TSE - Tao-te-King - *Laterza* - *Bari* - 1947
 LECOMTE DU NOÛY - O Homem perante a Ciência-Fiammarion *Paris* - 1946
 LECOMTE DU NOÛY - O Homem e seu Destino - *La Colombe* *Paris* - 1948
 LEIBNIZ G.W. - Obras Várias - *Laterza* - *Bari* - 1912
 LÉNIN V.I. - Obras Escolhidas - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1970
 LÉNIN V.I. - Acerca da Religião - *Rinascita* - *Roma* - 1949
 LENOBLE R. - As origens do pensamento científico moderno - *Laterza* - *Bari* - 1976
 LEONARDO DA VINCI - Pensamentos filosóficos e científicos *Signorelli* - *Roma* - 1970
 LÉVI STRAUSS C. - Raça e História - *Einaudi* - *Turim* - 1971
 LOCKE J. - Ensaio sobre o intelecto humano - *Vallechi* - *Florença* - 1924
 MAO-TSE-TUNG - O livro dos guardas vermelhos - *Feltrinelli* - *Milão* - 1969
 MARTIN A. - Rússia, Fé e Realidade - *SEI* - *Turim* - 1970
 MARTINI A. - Artes, ofícios e té na Roma dos Papas *Cappelli* - *Bologna* - 1965
 MARX K. - Crítica do programa de Gottha - *Ed. Linguas Estrangeiras* - *Moscou* - 1947
 MARX K. - O Capital - *Guanabara* - *Rio de Janeiro*
 MARX K. - As lutas de classe na França de 1840 e 1850 - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1962
 MARX K. - Miséria da Filosofia - *Rinascita* - *Roma* - 1950
 MARX K. - Obras filosóficas da juventude - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1971

MARX K. - História das teorias económicas - *Einaudi* - *Turim* - 1958
 MARX K. - ENGELS F. - Carteggio - *Rinascita* - *Roma* - 1951
 MARX K. - ENGELS F. - A Sagrada Família - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1967
 MARX K. - ENGELS F. - A Ideologia Alemã - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1972
 MARX K. - ENGELS F. - MEW - *Dietz Verlag* - 1961
 MARX K. - ENGELS F. - Obras de Marx e Engels - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1973
 MARX K. - ENGELS F. - Obras Escolhidas - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1969
 MAZZINI G. - Os Deveres do Homem - *A Nova Itália* - *Florença* - 1927
 MONACHINO V. - A caridade cristã em Roma - *Cappelli* - *Bolonha* - 1968
 NEWTON I. - Antologia - *Paravia* - *Turim* - 1963
 NIETZSCHE F. - Obras de Nietzsche - *Adelphi* - *Milão* - 1965
 NOSENKO G. - A vida religiosa do adolescente - *AVE* - *Roma* - 1945
 OLGIATI F. - Carlo Marx - *Vita e Pensiero* - *Milão* - 1948
 OPARIN A.J. - A origem da vida na Terra - *Einaudi* - *Turim* - 1956
 OPARIN A.J. - FESENKOV V. - O Universo - *Ed. Riuniti* - *Roma* - 1961
 PARINETTO L. - Karl Marx - *Sobre a Religião* - *La Nuova Italia* - *Florença* - 1980
 PASCAL B. - Pensamentos - *SEI* - *Turim* - 1966
 PASTERNAK B.L. - O Doutor Zivago - *Feltrinelli* - *Milão* - 1958
 PASTEUR L. - Obras - *UTET* - *Turim* - 1972
 PELLICANI L. - Gramsci e a questão comunista - *Vallechi* - *Florença* - 1976
 PERICO G. - O comunista deve renunciar à sua fé - *Centro de Estudos Sociais* - *Milão* - 1953
 PETTAZZONI R. - O Ser Supremo nas religiões primitivas - *Einaudi* - *Turim* - 1957
 PLANCK M. - Ciência, Filosofia e Religião - *F.lli Fabri* - *Milão* - 1973
 PLATÃO - O Fedro - *Laterza* - *Bari* - 1966
 PLATÃO - O Timeu - *Novíssima Ed.* - *Perugia*
 PLOTINO - Enéades - *Laterza* - *Bari* - 1948

REGELSON L. -	A tragédia da Igreja Russa - A casa de Matrona - Milão - 1979
RUSSEL B. -	A História das idéias do séc. XIX - Mondadori - Milão - 1961
RÚSSIA CRISTÃ -	Revista bimensal - Milão
SAFAREVIC I.R. -	A legislação religiosa na URSS - Ed. Paulinas - Roma - 1976
SAKHAROV A.I. -	O meu país e o mundo - Bompiani - Milão - 1975
SARTRE J.P. -	Obras - Bompiani - Milão - 1974
SCHMIEDER G. -	A posição das associações religiosas no direito soviético - Ed. Ragno - Roma - 1948
SILÃO I. -	Saída de segurança - Longanesi - Milão - 1979
SOLJENÍTSIN A. -	O Arquipélago de Gulag - Record - Rio de Janeiro
SOLJENÍTSIN A. -	O Carvalho e o Vireio - Mondadori - Milão - 1975
SOLJENÍTSIN A. -	Um mundo em cacos - A casa da Matrona - Milano - 1978
TRESMONTANT C. -	A existência de Deus, hoje - Ed. Paulinas - Modena - 1971
TUCCI G. -	O Budismo - Guanabara - Rio de Janeiro
VALENTINOV N. -	Meus cobquios com Lenin - Il Saggiatore Milão - 1969
VAN STEENBERGHEN F. -	Como sabemos que Deus existe? Ed. Paulinas - Modena - 1968
VICO G.B. -	A Nova Ciência - Laterza - Bari - 1928
VLADIMIROV L. -	Rússia sem calar nada - Ed. Paulinas - Roma - 1976
XENOFONTE -	Os memoriais de Sócrates - CEDAM - Pádua - 1961
WHITTAKER E. -	Espaço e Espírito - Ed. Paulinas - Roma 1958
WINTREBERT P. -	Le Vivant Créateur de son évolution - Masson - Paris - 1962
WITHE V. -	Deus e o Inconsciente - Ed. Corsia del Servi - Milão - 1957

Índice Geral

Capítulo Primeiro - A NEGAÇÃO DE DEUS

Introdução	5
I. O ATEISMO MARXISTA	8
1. O Materialismo Histórico	8
1. A Inspiração Hegeliana	8
2. A Inversão de Hegel	9
3. Base Real e Superestrutura	10
2. Deus e a Religião	11
1. A Religião segundo Feuerbach	11
2. Alienação Religiosa e Alienação Social	12
3. O Ópio do Povo	13
4. A Superação da Religião	14
5. O Advento da Sociedade Socialista	15
II. CRÍTICA DO ATEISMO MARXISTA	18
1. A Comparação com os Fatos	18
1. A Religião como Fato Consolador	18
a) A religião não nasce só da necessidade	18
b) Não sempre a religião pressupõe	20
2. As Religiões como Fato Alienante	21
a) A Doutrina do Cristianismo	22
b) Cristianismo: religião do egoísmo?	24
c) As Igrejas da Santa Aliança	25
d) Cristianismo: religião do amor	26
e) Cristianismo à luz do materialismo histórico	32
3. O Humanismo Atenu à Prova	34
a) O socialismo real	36
- Os crimes de opinião	36
- A administração da justiça	37
- O sistema de detenção	40
- Clima geral de crueldade	42
- Tradição russa ou novidade soviética?	44
b) As raízes ideológicas do socialismo real	46
- Os direitos do homem "egosta"	46
- A violência revolucionária	49
- A moral	52
- O absoluto	54

- A utopia	58
4. A Religião na União Soviética	60
a) Os limites impostos à vida religiosa	60
- A lei	61
- A prática administrativa	63
b) A propaganda do ateísmo	67
c) A persistência da religião	68
2. Os Erros Teóricos	70
1. O Enfoque Geral	71
2. A Crítica da Religião	73
a) Projeção	73
b) Ópio do Povo	74
c) Reflexo	75
3. O Ateísmo	76
III. RAIZ DO ATEÍSMO POSITIVO	78
1. Deus e o Homem	78
2. Um Orgulho Louco e Destruidor	82

Capítulo Segundo - A AFIRMAÇÃO DE DEUS

I. O CONSENSO DOS POVOS E DOS SÁBIOS	85
1. As Afirmações dos Sábios	86
2. O Valor de um Consenso	89
II. A EXISTÊNCIA DO MUNDO	91
1. Um Mundo Contingente	91
2. Um Mundo Eterno?	93
3. Um Mundo Divino?	93
III. A ORDEM DO MUNDO	95
1. A Inteligência e a Vida	96
2. A Vida e o Acaso	99
3. A Vida é Inteligência	102
IV. O PROBLEMA DE DEUS E A CIÊNCIA	103
1. A História	103
2. Os Limites da Ciência	107
3. A Contribuição da Ciência	109
a) A idade do mundo	110
b) A evolução biológica	112
V. O MISTÉRIO DA NATUREZA DIVINA	115
1. O Conhecimento Analógico de Deus	115
2. A Representação Antropomórfica de Deus	118
3. O Problema do Mal	121
4. A Luz da Revelação	125
CONCLUSÃO	127

TEXTOS E DOCUMENTOS

Capítulo 1º - A Negação de Deus

O Materialismo Histórico	129
A Crítica da Religião	130
A Família	131
O Fim da Sociedade Burguesa	132
Uma Revolução Radical	133
A Sociedade Comunista	134
O Fim da Religião	134
A Deus pela Natureza	135
A Falência do Cristianismo	136
O "Socialismo Real"	140
Os "Direitos do Homem"	142
Marx e o Amor Cristão	147
A Moral Marxista	150
O Absoluto Marxista	152
O Dogmatismo Marxista	155
A Legislação Religiosa na URSS	157
A Prática anti-Religiosa na URSS	159
A Propaganda do Ateísmo na URSS	162
A Vida Religiosa na URSS	164
O Ateísmo não Demonstrado	165
O Ateísmo Figadal do Jovem Marx	171
Marx e o Problema da Criação	172
O Porquê da Negação	172
As Consequências de uma Negação	173
Capítulo 2º - A Afirmção de Deus	175
A Intuição dos Místicos	177
O Pensamento dos Filósofos	177
O Pensamento dos Cientistas	179
Inteligência e Vida	187
A Vida e o Acaso	200
A Base da Vida	202
As Leis da Vida	204
O Conhecimento Científico	205
As Opiniões Religiosas de Darwin	206
A Crise do Pensamento Contemporâneo	207
O Cientismo	208
A Competência da Ciência	208
Um Mundo que Envelhece	209
Um Mundo que se Expande	210
A Oração	210